



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIOAMBIENTAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

**MIGRANTES: TRAJETÓRIAS ESPACIAIS DOS SUJEITOS ARRAIANOS –
1989 A 2025**

DOMINGOS DA COSTA RODRIGUES

**2026
Goiânia-Goiás**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☐ Dissertação ☒ Tese ☐ Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Domingos da Costa Rodrigues

3. Título do trabalho

“MIGRANTES: TRAJETÓRIAS ESPACIAIS DOS SUJEITOS ARRAIANOS - 1989 A 2025”

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

- a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);
 - b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.
- O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Domingos Da Costa Rodrigues, Discente**, em 15/06/2026, às 15:03, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Eguimar Felício Chaveiro, Professor do Magistério Superior**, em 15/06/2026, às 15:10, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6260553** e o código CRC **8E60D73C**.

DOMINGOS DA COSTA RODRIGUES

**MIGRANTES: TRAJETÓRIAS ESPACIAIS DOS SUJEITOS ARRAIANOS –
1989 A 2025**

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Socioambientais – IESA da Universidade Federal de Goiás, como requisito para a obtenção do título de Doutor em Geografia.

Área de concentração: Natureza e Produção do Espaço

Linha de pesquisa: Dinâmica Socioespacial

Orientador: Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro

2026
Goiânia-Goiás

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Rodrigues, Domingos da Costa
MIGRANTES: TRAJETÓRIAS ESPACIAIS DOS SUJEITOS
ARRAIANOS – 1989 A 2025 [manuscrito] / Domingos da Costa Rodrigues. -
2026.

CCXXXVIII, 238 f.:

Orientador: Prof. Dr. Eguimar Felício Chaveiro
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Instituto de
Estudos Socioambientais (IESA), Programa de Pós-Graduação em Geografia,
Goiânia, 2026.

Anexo.

Apêndice.

Bibliografia.

Inclui: siglas, mapas, tabelas, grafico, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Migração Interna. 2. Arraias. 3. Arraianos. 4. Cartas de Vida. 5.

Autoetnografia.

I. Chaveiro , Eguimar Felício , orient. II. Título.

CDU 911.3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS
ATA DE DEFESA DE TESE

Ata nº 32/2026 da sessão de Defesa de Tese de **Domingos da Costa Rodrigues** que confere o título de Doutor em **em Geografia**, na área de concentração em **Natureza e Produção do Espaço**.

Aos **dez dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e seis**, a partir das **08:00 horas**, **por meio de videoconferência** realizou-se a sessão pública de Defesa de Tese intitulada **“MIGRANTES: TRAJETÓRIAS ESPACIAIS DOS SUJEITOS ARRAIANOS - 1989 A 2025”**. Os trabalhos foram instalados pelo Orientador, Professor Doutor **Eguimar Felício Chaveiro (PPGEO/IESA)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora **Ana Carolina de Oliveira Marques (UFPB - departamento de Geociências)**, membro titular externo; Professor Doutor **Fernando Uhlmann Soares (Instituto Federal Goiano - Campus Rio Verde)**, membro titular externo; Professor Doutor **Valdir Specian (Universidade Estadual de Goiás - Unidade de Iporá)**, membro titular externo; Professor Doutor **Ronan Eustáquio Borges (PPGEO/IESA)**, membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do **trabalho**. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta a fim de concluir o julgamento da Tese tendo sido o candidato **aprovado** pelos seus membros. Proclamados os resultados pelo Professor Doutor **Eguimar Felício Chaveiro (PPGEO/IESA)**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos **dez dias do mês de junho do ano de dois mil e vinte e seis**.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Eguimar Felício Chaveiro, Professor do Magistério Superior**, em 11/06/2026, às 15:37, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ronan Eustáquio Borges, Professor do Magistério Superior**, em 12/06/2026, às 09:49, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **ANA CAROLINA DE OLIVEIRA MARQUES, Usuário Externo**, em 12/06/2026, às 10:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **VALDIR SPECIAN, Usuário Externo**, em 12/06/2026, às 10:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **FERNANDO UHLMANN SOARES, Usuário Externo**, em 12/06/2026, às 11:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **6218711** e o código CRC **832CBE4A**.

Referência: Processo nº 23070.025898/2026-48

SEI nº 621871

Aos arraianos, andejos, migrantes, quilombolas de corpo e memória. Aos que partiram. Aos que ficaram. Aos que voltaram. Aos que ainda sonham em voltar. A todos os que carregam o Cerrado na saudade e o chão na bagagem. Estas páginas são para vocês. Porque esta tese, no fundo, é apenas um retorno, um reconhecimento, um agradecimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os meus professores que, ao longo destas quatro décadas, se dedicaram a mim, ao meu aprendizado, ao meu crescimento. Não foram apenas aulas. Foram encontros. Foram generosidades. Foram mãos estendidas nos momentos em que eu mais precisava.

Com vocês, aprendi a sonhar e que os sonhos exigem corpo, tempo, suor e persistência. Aprendi que nada vem fácil. Aprendi que o aprendizado é um caminho lento, cheio de recomeços, e acima de tudo é infinito.

Aprendi que, na vida, ninguém é bom sozinho. Que toda conquista carrega a assinatura invisível de muitos. Aprendi que temos que celebrar as vitórias, porque a luta não pode apagar a alegria. Aprendi que podemos chorar ao longo da caminhada, que o choro não é fraqueza, é sobrevivência. Aprendi que o caminho quase sempre é duro e difícil de percorrer, mas que a dureza, quando compartilhada, se torna suportável.

Aprendi que, às vezes, caímos. O chão é frio e o silêncio, pesado. Mas aprendi também que o conhecimento, quando é sólido, quando é construído com generosidade, com escuta, com afeto, nos ajuda a levantar. A reerguer e a construir mais um pedacinho da nossa cartografia existencial.

Se hoje cheguei a esta tese, há muito de cada um de vocês aqui. Meus professores. Meus mestres. Não os da titulação apenas, mas os da vida: os que me ensinaram a gingar, os que me ensinaram a ler nas entrelinhas do Cerrado, os que me ensinaram que a geografia se aprende com o corpo e com o outro.

A vocês, minha gratidão sem fim!

MIGRANTES: TRAJETÓRIAS ESPACIAIS DOS SUJEITOS ARRAIANOS – 1989 A 2025

Quando Ponciá Vivêncio resolveu sair do povoado em que nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias. De ver a terra dos negros coberta de plantações, cuidadas pelas mulheres e crianças, pois os homens gastavam a vida trabalhando nas terras dos senhores, e, depois, a maior parte das colheitas serem entregues aos coronéis. Cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer a todos os dias. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova. E, avançando sobre o futuro, Ponciá partiu no trem do outro dia, pois tão cedo a máquina não voltaria ao povoado. Nem tempo de se despedir do irmão teve. E agora, ali deitada de olhos arregalados, penetrados no nada, perguntava se valera a pena ter deixado a sua terra. O que acontecera com os sonhos tão certos de uma vida melhor? Não eram somente sonhos, eram certezas! Certezas que haviam sido esvaziadas no momento em que perdera o contato com os seus. E agora feito morta-viva, vivia.

Conceição Evaristo (2022)

RESUMO

Esta tese investiga o fenômeno da migração dos sujeitos sociais do município de Arraias, sudeste do Tocantins, no período posterior à emancipação do estado (1989-2025). Partindo da pergunta “por que os arraianos sempre migram?”, a pesquisa propõe como tese central a migração é uma condição estrutural da existência arraiana, não por um destino biológico, mas porque o território onde nasce foi historicamente constituído à margem dos centros de dinamismo econômico do Centro-Oeste (Goiânia, Brasília e Palmas na região norte), com isolamento geográfico, pobreza estrutural, concentração de renda e ausência de serviços especializados de saúde e educação superior. A metodologia articula pesquisa-ação, análise de conteúdo de Bardin (2016), cartas de vida de cinco migrantes e questionário aplicado a 140 respondentes, além de uma travessia autoetnográfica de 639 quilômetros de bicicleta entre Goiânia e Arraias. Os resultados confirmam que a migração arraiana é multifatorial, majoritariamente bem-sucedida em termos de mobilidade social ascendente, mas é também contraditória, e que as redes socioafetivas são centrais. A tese dialoga com Milton Santos, confirmando suas intuições estruturais e acrescentando camadas subjetivas e afetivas.

Palavras-chave: migração interna; Arraias; arraianos; cartas de vida; redes socioafetivas; autoetnografia.

ABSTRACT

This thesis investigates the migration phenomenon of social subjects from the municipality of Arraias, in southeastern Tocantins, during the period following the state's emancipation (1989-2025). Starting from the question "why do the people of Arraias always migrate?", the research proposes as its central thesis that migration is a structural condition of Arraiano existence — not due to a biological destiny, but because the territory where they are born was historically constituted on the margins of the economic dynamism centers of Brazil's Central-West region (Goiânia, Brasília, and Palmas to the north), characterized by geographic isolation, structural poverty, income concentration, and a lack of specialized health services and higher education. The methodology combines action research, Bardin's content analysis (2016), life letters from five migrants, a questionnaire applied to 140 respondents, and an autoethnographic crossing of 639 kilometers by bicycle between Goiânia and Arraias. The results confirm that Arraiano migration is multifactorial, largely successful in terms of upward social mobility, but also contradictory, and that socio-affective networks are central. The thesis dialogues with Milton Santos, confirming his structural insights while adding subjective and affective layers.

Keywords: internal migration; Arraias; arraianos; life letters; socio-affective networks; autoethnography.

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização do Território Arraiano

Mapa 2 – Localização do território arraiano em 1872

Mapa 3 – Eixos Rodoviários BR 153 e GO 118, Conexões a Arraias em 1988

Mapa 4 – Dispersão de arraianos conforme os respondentes do questionário

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Jogo do Paralelo 13 contra o Aliança – Aniversário de 23 anos do Aliança - 22/04/2023

Figura 2 – Reencontro de amigos de infância migrantes arraianos – 22/04/2023

Figura 3 – Abraço fraterno entre dois compadres, migrantes, arraianos, que jogam em times diferentes do município de Arraias – Paralelo 13 X Aliança

Figura 4 – Migrante arraiano e técnico do Paralelo 13

Figura 5 – Migrante arraiano e presidente do Paralelo 13

Figura 6 – Migrante arraiana e diretora de comunicação do Paralelo 13 – preparação para o evento encontro de arraianos em Goiânia – 54 anos do Paralelo 13

Figura 7 – Organização coletiva de viagem de confraternização de migrantes arraianos retornando a Arraias

Figura 8 – Saída de Goiânia

Figura 9 – T 7 - Goiânia - GO

Figura 10 – Café em frente ao Hospital Araujo Jorge

Figura 11 – Plantação de milho às margens da rodovia 060

Figura 12 – Concerto da bicicleta em Abadiânia-GO

Figura 13 – Nascer do Sol em Abadiânia-GO

Figura 14 – Os urubus e eu às margens da BR 060

Figura 15 – Pastagem às margens da rodovia GO 118

Figura 16 – Apoio da viagem às margens da rodovia 060

Figura 17 – Estacionamento da Polícia Rodoviária Federal às margens da rodovia 060

Figura 18 – Distrito Federal às margens da rodovia 060

Figura 19 – Posto Flamingo às margens da rodovia 060

Figura 20 – Saída de Planaltina às margens da rodovia 060

Figura 21 – Monumento da bicicleta atropelada às margens da rodovia 060

Figura 22 – Divisa Distrito Federal / Goiás rodovia GO 118

Figura 23 – Galpão às margens da rodovia GO 118

Figura 24 – Primeiro encontro com arraianos às margens da rodovia GO 118

Figura 25 – Posto Policial às margens da rodovia GO 118

Figura 26 – Lanchonete Portugal às margens da rodovia GO 118

Figura 27 – Almoço com amigos arraianos às margens da rodovia GO 118

Figura 28 – Entrada de Alto Paraíso rodovia GO 118

Figura 29 – Serra do Pouso Alto às margens da rodovia GO 118

Figura 30 – Paralelo 14 às margens da rodovia GO 118

Figura 31 – Unidade Básica de Saúde quilombola às margens da rodovia GO 118

Figura 32 – Rodovia GO 118, vista em direção a Monte Alegre

Figura 33 – Monte Alegre, Goiás

Figura 34 – Placa de indicação de distância até Arraias na rodovia GO 118

Figura 35 – Saída de Campos Belos às margens da rodovia GO 118

Figura 36 – Monumento à passagem da Coluna Preste, entrada no Estado do Tocantins pela TO 050

Figura 37 – TO 050 em direção a Arraias

Figura 38 – Entrada de Arraias às margens da rodovia TO 050

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Distribuição das famílias por faixa de renda em Arraias (IBGE 2010)

Gráfico 2 – Faixa etária dos respondentes

Gráfico 3 – Sexo dos respondentes

Gráfico 4 – Identificação racial dos respondentes

Gráfico 5 – Escolaridade dos respondentes

Gráfico 6 – Ano de migração dos respondentes

Gráfico 7 – Situação financeira da família no ano da migração

Gráfico 8 – Localização do bairro onde reside atualmente

Gráfico 9 – Apoio recebido ao chegar ao destino

Gráfico 10 – Influência da comunidade de arraianos na escolha do destino

Gráfico 11 – Facilidade de adaptação proporcionada pela comunidade de arraianos

Gráfico 12 – Faixa de renda mensal atual

Gráfico 13 – Avaliação da situação profissional e econômica atual em comparação com Arraias

Gráfico 14 – Avaliação das relações sociais no destino em comparação com Arraias

Gráfico 15 – Reconstrução de rede de apoio no destino

Gráfico 16 – Avaliação da qualidade de vida atual em comparação com Arraias

Gráfico 17 – Recepção e aceitação pelos habitantes locais

Gráfico 18 – Associação da migração à condição de vida atual

Gráfico 19 – Quantidade de municípios resididos antes do estabelecimento atual

Gráfico 20 – Vontade ou planos de retorno a Arraias

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Infraestrutura reservada ao território destinado a Goiás e ao Tocantins na época da fragmentação

Tabela 2 – Pontos positivos da vida fora de Arraias – Categorização das respostas abertas (Pergunta 21)

Tabela 3 – Pontos negativos da vida fora de Arraias – Categorização das respostas abertas (Pergunta 21)

Tabela 4 – Síntese da experiência de vida fora de Arraias – Categorização das respostas abertas (Pergunta 22)

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BR – Rodovia Federal

CEU – Casa do Estudante Universitário (UnB)

CF – Constituição Federal

CMB – Colégio Militar de Brasília

CENOG – Casa do Estudante do Norte Goiano

CONORTE – Comissão de Estudos dos Problemas do Norte de Goiás

DF – Distrito Federal

FECOART – Feira de Arte e Cultura do Tocantins

GO – Goiás

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

PDC-GO – Partido Democrata Cristão de Goiás

PIB – Produto Interno Bruto

PNUD – Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PPGEO – Programa de Pós-Graduação em Geografia

PRF – Polícia Rodoviária Federal

PSP – Partido Social Progressista

RU – Restaurante Universitário (UnB)

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TO – Tocantins

UDR – União Democrática Ruralista

UFG – Universidade Federal de Goiás

UFT – Universidade Federal do Tocantins

UnB – Universidade de Brasília

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS	8
SEÇÃO 1	13
1.1 ENTRE AS PEGADAS E OS HORIZONTES: O FENÔMENO DA MIGRAÇÃO NO SUDESTE DO TOCANTINS.....	13
1.2 Desdobramentos territoriais: Entendendo a divisão de Goiás e a criação do território do Tocantins na perspectiva de Arraias.....	17
1.2.1 Rumo ao Norte.....	17
1.2.2 Norte e Sul se movimentam.....	23
1.2.3 A Fronteira e o Norte.....	26
1.2.4 Surge um novo Território.....	30
SEÇÃO 2	44
A CONTRADIÇÃO QUE GERA MOVIMENTO: AS TEORIAS DE MIGRAÇÃO PAVIMENTANDO O CAMINHO.....	44
2.1 As Raízes que se Entrelaçam: Espaço, Território e Lugar	44
2.2 Mobilidade em Ação: As Bases Teóricas da Migração	57
SEÇÃO 3	67
SEÇÃO 3	68
NAS TRILHAS DA PESQUISA: CAMINHOS METODOLÓGICOS NA INVESTIGAÇÃO DA MIGRAÇÃO ARRAIANA.....	68
3.1 Pavimentando o Caminho: As Cartas de Vidas	69
3.2 Solidificando o Caminho: O Questionário	76
3.3 Declaração de uso de Inteligência Artificial	79
SEÇÃO 4	81
.....	81
SEÇÃO 4	82
O QUE MOVE O ARRAIANO, NOTAS DE UMA TRAVESSIA.....	82
4.1 Onde o menino encontra o andejo: os primeiros quilômetros de volta.	84
4.2 Entre as satélites e o Plano Piloto: Brasília, o lugar onde aprendi a ficar	112
4.3 Nascer para migrar, voltar para escrever: o pesquisador reencontra Arraias ...	127
SEÇÃO 5	161
NAScer PARA MIGRAR, VIVER PARA CONTAR: ANÁLISES DAS TRAVESSIAS ARRAIANAS.....	161
5.1 Escutas e memórias: as cartas de vida dos migrantes	162
5.1.1 Categorizando as Cartas de Vidas	163

5.1.2 Análise conclusiva das cartas de vida.....	170
5.2 – Vozes em números: o perfil e as trajetórias dos migrantes arraianos	173
5.2.1 – Os rostos por trás dos números: análise descritiva das respostas	177
5.2.2 Análise conclusiva do questionário.....	205
5.2.3 – Diálogo entre os dados e a teoria: sínteses necessárias	209
5.3 – Ser para migrar, voltar para escrever: conclusões e considerações finais	213
5.3.2 – Conclusões: uma resposta à tese	214
5.3.2 – Considerações finais: limites, contribuições e perguntas que ficam.....	220
REFERÊNCIAS.....	228
APÊNDICE A – ROTEIRO DA CARTA DE VIDA	235
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO Trajetórias Espaciais dos Sujeitos Arraianos.....	237

Quando vim da minha terra,
se é que vim da minha terra
a correnteza do rio
me sussurrou vagamente
que eu havia de quedar
lá donde me despedia.

Os morros, empalidecidos
no entrecerrar-se da tarde,
pareciam me dizer
que não se pode voltar,
porque tudo é consequência
de um certo nascer ali.

Quando vim da minha terra,
não vim, perdi-me no espaço,
na ilusão de ter saído.
Ai de mim, nunca saí.

**Carlos Drummond de Andrade –
A Ilusão do Migrante**

SEÇÃO 1



SEÇÃO 1

1.1 ENTRE AS PEGADAS E OS HORIZONTES: O FENÔMENO DA MIGRAÇÃO NO SUDESTE DO TOCANTINS

Arraias. Quase trezentos anos. Alguns dizem ser a cidade das colinas. Outros afirmam ser a cidade mais alta do Estado do Tocantins. Uma cidade negra, como eu. Uma pergunta brota: por que os arraianos sempre migram? Seriam como os elefantes do noroeste desértico do Mali, na África, que chegam a percorrer uma jornada de 1200 km em busca de água e comida? A migração desses paquidermes ocorre anualmente, iniciando em um ponto e retornando ao mesmo ponto. Embora Arraias esteja localizada no centro do bioma-território do Cerrado, caracterizado por uma estação seca e outra chuvosa bem definida, bastante assemelhado à savana africana, não é por esse motivo que o arraiano migra. Além disso, ainda diferindo dos elefantes, os arraianos não retornam ao ponto de partida ao fim do ciclo da seca.

Começo a considerar que o mais adequado para se analisar o fenômeno da migração em Arraias seja o que Milton Santos definiu em 1999, quando afirmou que, em consequência do fato de que mercadorias, dinheiro, imagens e ideias possuem sua própria movimentação, a mobilidade é uma regra. Como essa movimentação não garante que todos os locais receberão as mesmas estruturas – bens e serviços acessíveis a todos –, surge a necessidade de migrar, como uma decisão consciente decorrente da observação do não acesso às condições de sua permanência. Ficaremos, então, sob a égide da batuta do mestre Milton Santos para continuar o nosso prólogo.

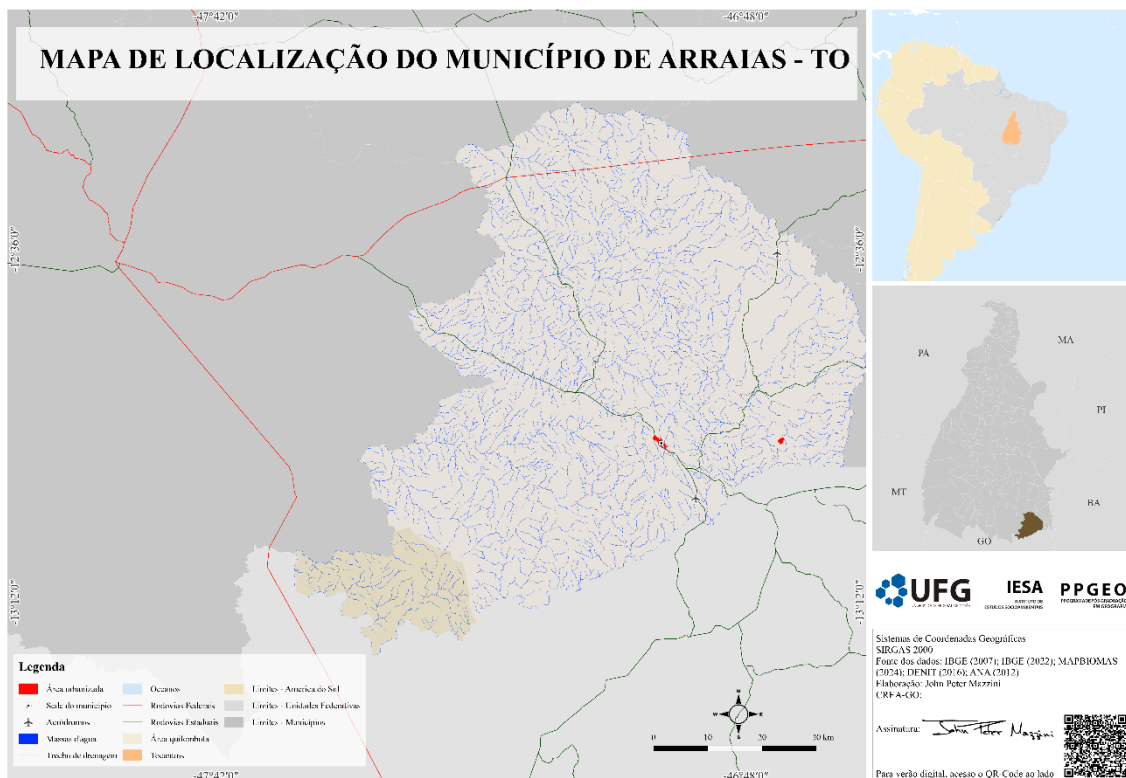
Retomemos a nossa pergunta inicial: **Por que, na formação histórica e na constituição recente, os arraianos sempre migram?** Olhando assim, sem uma contextualização, parece uma questão esvaziada de sentido. De onde se tirou a ideia de que a totalidade dos nascidos em Arraias, em um dado momento da vida, migram para outro lugar? Esclareço. Sou de Arraias, sou migrante. Ou seja, por uma coincidência do destino, participo do cotidiano vivido pelos sujeitos arraianos. É desse viver cotidianamente, do ser afetado pelo olhar, que surge a tese empírica deste trabalho: **o sujeito arraiano é historicamente constituído**

para migrar , ou seja, ao se vincular o processo migratório do arraiano à constituição histórica do município, considerando-se a sua posição geográfica marcada pela distância dos centros de pujança econômica da região Centro-Oeste – a saber, Goiânia, Brasília e Palmas na região norte – e a sua localização numa região de pouco dinamismo econômico, pode-se dizer que a migração apresenta-se como uma condição estrutural da existência arraiana.

É dentro da realidade histórica e social da sociedade arraiana, conjugada com a simbiose migratória em formato de trampolim, que foram definidas as perguntas norteadoras da pesquisa: a) por que a população de Arraias vem diminuindo ao longo de quatro décadas consecutivas?; b) o processo migratório é um fator preponderante para essa diminuição da população?; c) quais são as características dessa população migratória de Arraias e quais os motivos da sua diáspora?; d) quais foram os caminhos idealizados e percorridos e com que realidade se depararam?

Nos últimos anos, a população do município de Arraias tem sofrido uma diminuição sistemática, um fenômeno sintomático que pode ser atribuído a uma variedade de fatores. Um dos principais elementos contribuintes para essa retração é o processo contínuo de migração das famílias ao longo de várias gerações. Essa tendência indica uma dinâmica em que as famílias deixam a região em busca de melhores oportunidades ou condições de vida em outros lugares. É crucial notar que a situação de vulnerabilidade social parece desempenhar um papel significativo como um catalisador desse processo migratório, um aspecto que será melhor abordado no decorrer deste estudo.

Mapa 1 – Localização do Território Arraiano



O trabalho propõe a investigar e relatar os motivos por trás dessa migração, buscando entender mais profundamente as características dos sujeitos migrantes, suas trajetórias individuais, aspirações e realidades. Compreender esses aspectos pode fornecer elementos valiosos sobre os impactos desse processo não apenas nos próprios migrantes, mas também na sociedade e na região em geral.

É notável que, dada a proximidade geográfica e o dinamismo econômico, cidades como Brasília, Goiânia e Palmas emergem como destinos urbanos mais procurados por esses migrantes. Essas áreas urbanas oferecem estruturas e oportunidades que parecem atrair os habitantes de Arraias, incluindo acesso a empregos, melhor qualidade de vida e uma gama ampla de bens de consumo. Este estudo pretende, portanto, examinar mais de perto a relação entre os arraianos e essas capitais do Cerrado, buscando compreender os laços que se estabelecem entre essas comunidades.

Ao explorar a dinâmica entre Arraias e essas capitais urbanas, será

possível elucidar os padrões e tendências subjacentes ao processo migratório. Além disso, analisar como os migrantes se integram nessas novas cidades e como isso afeta tanto a região de origem quanto o destino pode oferecer dados importantes para as políticas públicas e estratégias de desenvolvimento regional.

A migração não é apenas um fenômeno individual, mas também um processo que molda a sociedade e a economia de uma região. Portanto, este estudo se propõe a examinar não apenas os aspectos individuais e familiares da migração, mas também seus efeitos mais amplos e sistêmicos.

Ao compreender melhor os motivos e consequências da migração de Arraias para outras áreas, será possível desenvolver políticas e programas mais eficazes para lidar com esse fenômeno. Além disso, uma análise aprofundada dessa questão pode fornecer esclarecimentos valiosos para a promoção do desenvolvimento sustentável e inclusivo tanto em Arraias quanto nas áreas urbanas vizinhas.

O estudo dessas dinâmicas migratórias também pode contribuir para uma compreensão ampla das mudanças sociais e econômicas que estão ocorrendo não apenas em Arraias, mas em toda a região do sudeste tocantinense. Isso pode ajudar na formulação de políticas mais abrangentes e eficazes para enfrentar os desafios associados à migração e ao desenvolvimento regional.

Com isso, visando contribuir com o estudo da migração interna no sudeste do Estado do Tocantins, sob o olhar do sujeito migrante e suas particularidades, surge o objetivo deste trabalho, que é: **evidenciar o fenômeno da migração no sudeste do Tocantins, tendo como recorte geográfico a município de Arraias, após a desmembramento do estado, em 1989, caracterizando os sujeitos, seus motivos, suas trajetórias, seus sonhos e suas realidades.**

A fim de alcançar o objetivo geral da pesquisa, delineamos os seguintes objetivos específicos:

1. Identificar a ocorrência do processo migratório no município de Arraias – Tocantins;
2. Compreender as causas/motivações desse processo migratório;
3. caracterizar os sujeitos ativos desse processo migratório;
4. Identificar as consequências desse processo migratório para os

sujeitos que o vivenciam e para a região de influxo.

1.2 Desdobramentos territoriais: Entendendo a divisão de Goiás e a criação do território do Tocantins na perspectiva de Arraiais

Para compreender o migrante arraiano após o surgimento do estado do Tocantins é necessário, anteriormente, entender as causas da separação do norte do estado de Goiás. Para tanto, é imprescindível analisar as diferentes etapas da ocupação e colonização da região norte goiana, distinguindo-se, de um lado, o processo material de ocupação do Cerrado goiano e, de outro, o movimento de institucionalização do Estado vinculado ao bandeirantismo. Do ponto de vista da ocupação material do território, pode-se dividir o processo em quatro fases distintas: a mineração do ouro no século XVIII, que impulsionou o a colonização inicial da área; as divergências entre o norte e o sul de Goiás, que refletiam interesses e demandas políticas e econômicas distintas; os esforços empreendidos para o desenvolvimento específico do norte goiano, visando atenuar desigualdades regionais e promover o crescimento local; e, por fim, as condições socioeconômicas enfrentadas pela população do norte de Goiás, que influenciaram diretamente os anseios por autonomia e representação política própria. Já o processo de institucionalização do Estado, marcado pela ação das bandeiras, pela criação de vilas, comarcas e pela posterior divisão do território, instituiu as bases político-administrativas sobre as quais a ocupação material se deu, sem se confundir inteiramente com ela. Essas duas dimensões, embora articuladas, precisam ser analisadas em suas especificidades para que se compreenda a complexidade da formação territorial arraiana e, conseqüentemente, os condicionantes históricos da migração na região.

1.2.1 Rumo ao Norte

A colonização do norte de Goiás teve seu impulso inicial graças à exploração de minas de ouro no século XVIII, marcando o início do desenvolvimento econômico e do assentamento populacional na região. Essa corrida ao ouro não apenas atraiu a atenção de aventureiros em busca de

fortuna, mas também incentivou a migração de pessoas em busca de oportunidades econômicas.

Com o tempo, mesmo diante das disparidades geográficas e temporais, este território foi integrado à rota comercial devido à atividade mineradora, tornando-se um ponto crucial na economia regional e nacional. A presença de veios auríferos estimulou a formação de pequenos núcleos urbanos e atraiu investimentos em infraestrutura, como estradas e comunicações, que contribuíram para a consolidação da ocupação da região. Além disso, cabe ressaltar que a exploração aurífera nessa região foi sustentada em grande parte pelo trabalho escravo, com milhares de africanos sendo brutalmente capturados e levados à força para as minas, enfrentando condições desumanas de trabalho e vivência.

Essa exploração, além de deixar marcas profundas na história da região, contribuiu para moldar as relações sociais e econômicas durante esse período. Assim, a mineração do ouro não apenas marcou o início da colonização do norte goiano, mas também deixou um legado duradouro que influenciou profundamente sua trajetória histórica e sua identidade cultural.

Segundo Bertran (1978), a ocupação efetiva do estado de Goiás teve início em 1725, com a chegada dos bandeirantes à região do Rio Vermelho. Foi nesse contexto que ocorreu a descoberta das primeiras minas de ouro, conhecidas como "Minas de Goyazes", e simultaneamente, foram encontradas jazidas de ouro na área do Alto Tocantins, que foram chamadas de "Minas do Tocantins". Esses eventos foram fundamentais para desencadear um período de intensa atividade exploratória e de colonização na região, marcando o surgimento de um novo território brasileiro, posteriormente denominado Goiás.

O surgimento do município de Arraias está intrinsecamente ligado a descoberta do ouro em Goiás, conforme descrito por Palacín e Moraes (1989). A descoberta do ouro impulsionou o povoamento de diferentes áreas ao redor do vasto território da capitania. Gonçalves (2016) corrobora com esta visão e amplia ao afirmar que a chamada Minas de Goyazes foi responsável por criação de cidades; desenvolvimento étnico; criação dos tropeiros e do gado; organização das classes sociais; envolvimento geopolítico e geração de

violência.

Com a descoberta das "Minas de Goyazes e Tocantins", surgiram os primeiros povoamentos em três zonas distintas (Palacín e Moraes, 1989). A primeira estava localizada no centro-sul, onde arraiais se desenvolveram ao longo da rota que levava a São Paulo, sendo Vila Boa um dos principais pontos de referência. A segunda zona de destaque encontrava-se na "região do Tocantins", especialmente no alto Tocantins, caracterizada pela intensa atividade mineradora e considerada uma das áreas com maior densidade de mineração na região. Por fim, emerge o verdadeiro norte da Capitania de Goiás (que mais tarde se tornaria o Estado do Tocantins), abrangendo uma vasta área entre o rio Tocantins e o sertão da Bahia, onde se desenvolveram importantes localidades como Arraias, São Félix, Cavalcante, Natividade e Porto Real.

crucial, resultando em uma menor conexão com a terra em comparação com as regiões dedicadas à plantação de cana-de-açúcar. Além disso, na atividade mineradora, era comum encontrar tanto senhores de escravos quanto exploradores individuais, conhecidos como faiscadores, que geralmente não dispunham de grandes recursos (Palacín; Moraes, 1989). Essa diversidade de atores refletia a complexidade e a dinâmica da economia da região durante esse período.

A descoberta do ouro em Goiás desencadeou uma série de ações por parte da coroa portuguesa, que buscou implementar medidas para exercer maior controle sobre a exploração aurífera na região. Inicialmente, em 1737, a coroa proibiu a navegação no Rio Tocantins e aumentou significativamente a tributação sobre o ouro. No entanto, apesar dessas medidas, o contrabando do metal precioso prosperou de forma exorbitante. Conforme ressaltado por Palacín (1994) e Bertran (1978), a pretensão da coroa em controlar a vasta fronteira em expansão revelou-se inócua.

De acordo com Feitosa (2011), as extensas distâncias e os desafios logísticos enfrentados nas regiões mineradoras propiciaram o surgimento de atividades complementares, como a pecuária e a agricultura de autoconsumo. Em meio à busca incessante por recursos minerais, essas práticas agrícolas forneciam uma fonte vital de alimentação e sustento para os habitantes locais. Além disso, a pecuária desempenhava um papel importante no suprimento de carne e outros produtos derivados, enquanto a agricultura de autoconsumo garantia uma fonte estável de alimentos básicos. Essas atividades, muitas vezes realizadas de forma rudimentar e adaptada às condições locais, desempenhavam um papel fundamental na economia e na sobrevivência das comunidades nas regiões de mineração.

No entanto, de acordo com as análises de Barbosa (1998), Parente (2003) e Feitosa (2011), esse período inicial da mineração no final do século XVIII foi breve e logo entrou em declínio, resultando em uma significativa estagnação econômica na região. Com isso, a pecuária e a agricultura de autoconsumo emergiram como as principais fontes de sustento no norte de Goiás. A dependência dessas atividades tradicionais não apenas limitou o crescimento

econômico, mas também restringiu o progresso social e o bem-estar da região, deixando-a à margem das melhorias experimentadas por outras regiões do país. Essa situação refletiu não somente na economia local, mas também nas condições de vida e nas oportunidades de desenvolvimento para os habitantes da região.

Funes (1986) amplia a análise ao afirmar que as razões para a retração da atividade mineradora, no final do século XVIII, em Goiás são essencialmente as mesmas observadas em outras áreas do Brasil. Estas incluem a imposição de pesadas tributações, a escassez de capital disponível para investimentos, a persistência de métodos rudimentares de exploração mineral e o esgotamento das reservas mais acessíveis. Com a retração da mineração no final do século XVIII, as atividades secundárias, como a agricultura e a pecuária de autoconsumo, emergiram como as principais fontes de sustento na região norte da capitania.

Estevam (1997) destaca que a retração da extração de ouro no final do século XVIII foi ainda mais rápido e acentuado na área que hoje compreende o estado do Tocantins, resultando em uma considerável diminuição no fluxo migratório para essa região. Isso levou os habitantes remanescentes a desenvolverem suas próprias estratégias de sobrevivência e resistência, adaptando-se às novas realidades locais.

Em Arraias, os desdobramentos após a retração da mineração de ouro no final do século XVIII não foram distintos. Os remanescentes, confrontados com a transformação do panorama econômico, viram-se compelidos a forjar suas próprias estratégias de existência e resistência, adaptando-se às novas dinâmicas regionais. Nesse processo de adaptação, infelizmente, persistem características negativas enraizadas na história, como o mandonismo, o coronelismo e a desigualdade na distribuição de terras e renda, típicas de lugares com um passado marcado pela escravidão.

É relevante notar que, segundo dados do IBGE do censo de 2022, aproximadamente 15,3% da população de Arraias é composta por quilombolas. Esta estatística ressalta a presença significativa e a contribuição histórica dessas comunidades para a construção da identidade e da trajetória do município.

Assim, ao refletir sobre esta primeira fase da história do Tocantins e sua correlação com a história de Arraias, é imprescindível reconhecer não apenas os avanços e conquistas, mas também os desafios persistentes que moldaram e continuam a influenciar a realidade socioeconômica e cultural da região. Este capítulo da história nos lembra da importância de compreender e confrontar os legados do passado, enquanto buscamos entender o presente para melhor planejar o futuro do município de Arraias.

1.2.2 Norte e Sul se movimentam

Os movimentos separatistas que agitaram as regiões norte e sul de Goiás, culminando na formação do território do Tocantins, e suas interconexões com o município de Arraias, representam um capítulo marcante na história da região. Segundo Bertran (1978), o embrião dessas tensões remonta à proibição da navegação pelo Rio Tocantins em 1737, uma medida destinada a conter o contrabando de ouro. Essa restrição desencadeou um processo de distanciamento entre o norte de Goiás e o restante da região, aproximando-o de Belém e, notavelmente, da rota do Rio São Francisco. É por meio dessa rota que a pecuária emerge como atividade econômica no norte da capitania goiana, ao oferecer suas vastas pastagens naturais para pecuaristas oriundos de Pernambuco e Bahia. Essa interação econômica não apenas deu base de sustentação para a região após a retração da mineração do ouro no final do século XVIII, mas também contribuiu para a formação de identidades culturais distintas ao longo do tempo.

Essa ligação histórica com a rota do Rio São Francisco lança luz sobre a formação identitária e cultural do povo arraiano. Mais do que divergir da identidade com o Sul Goiano, a história e cultura desta região se entrelaçam intimamente com Barreiras, na Bahia, situada às margens Rio Grande e afluente do Rio São Francisco. Essa proximidade geográfica e histórica influenciou profundamente a identidade arraiana, moldando suas práticas culturais, tradições e formas de vida.

Para Palacín (1990), um dos principais motivos que geraram a dissidência entre o norte e o sul de Goiás foi a introdução do imposto de capitação em 1735.

Este imposto estabelecia uma taxa elevada na compra de escravos, que o sul impunha aos mineradores do norte da capitania. Desde então, essa disparidade criou uma clara divisão entre as duas regiões. Como resultado, suas interações se limitavam principalmente a questões administrativas pontuais. O norte de Goiás era visto como uma área remota e de difícil acesso. Conforme observado por Estevam (1997), esse cenário alimentou um sentimento generalizado de desconsideração política e abandono administrativo entre a população do norte da capitania.

Por essa razão, conforme destacado por Cavalcante (2004), em 1809 foi promulgada uma divisão administrativa que fragmentou a capitania de Goiás em duas comarcas distintas: a do norte, iniciada a parti do paralelo 13, ou seja iniciada a contar do território arraiano, sob a jurisdição do Desembargador Joaquim Teotônio Segurado, foi denominada Comarca de São João de Duas Barras, tendo sua capital estabelecida na confluência dos rios Tocantins e Araguaia. Esta medida, como apontado por Cavalcante (1999), visava potencializar o desenvolvimento do norte de Goiás através do estímulo ao comércio com o Pará. Por outro lado, a comarca de Goiás ficou sob o comando do Capitão General Manoel Inácio Sampaio.

No entanto, a decisão de estabelecer a sede da capitania do norte com o objetivo de fomentar relações com o Pará revelou-se um obstáculo ao progresso da região. Como resultado, em 1814, surgiu a necessidade de criar uma nova sede administrativa para a comarca do norte, conforme apontado por Cavalcante (2002), denominada Barra de São João da Palma, atualmente denominado município de Paranã, às margens da confluência dos Rios Palmas e Paranã. Esse redirecionamento político colocou o centro administrativo do norte de Goiás em contato direto com o território arraiano, promovendo relações mais estreitas em termos econômicos, culturais e identitários.

As iniciativas do Ouvidor Teotônio Segurado para preservar a autonomia do norte em relação ao sul da capitania de Goiás mostraram-se tênues e foram anuladas quando ele foi convocado a Portugal para assumir o cargo de deputado constituinte. Essa mudança enfraqueceu os separatistas, e em 1823 (PALACÍN; MORAES, 1989), a província foi reintegrada sob o governo unificado da junta

sulista. No entanto, o processo de unificação não se deu sem resistência e descontentamento por parte de certos setores da população local. A reintegração trouxe consigo uma série de desafios políticos e sociais que moldaram a trajetória futura da região.

Com a reunificação em Arraias, tornou-se evidente que pouca mudança havia ocorrido na realidade local. A estagnação econômica persistia, acentuando-se com a retração da atividade aurífera no final do século XVIII, enquanto a falta de infraestrutura básica de comunicação e transporte continuava a ser um obstáculo significativo. A população, desiludida, continuava a expressar um profundo sentimento de abandono, alimentando uma sensação de desconexão desoladora que permeou a comunidade arraiana por décadas. Essa persistente condição só começou a mudar com o desmembramento que criou o estado do Tocantins em 1988, trazendo consigo novas esperanças e oportunidades para a região até então negligenciada.

Segundo Feitosa (2011), ao longo do quase todo o século XX, a economia do norte goiano revelou-se excessivamente frágil. Tanto a pecuária quanto a agricultura nas áreas de Cerrado enfrentavam desafios consideráveis, caracterizadas por métodos rudimentares e uma estrutura latifundiária que predominantemente empregava trabalhadores em regime de "morador de condição" e "trabalho na meia". Além disso, a proximidade com São Paulo direcionava a maior parte dos recursos para o sul da capitania, deixando o norte em segundo plano.

Foi somente com o advento do crescimento das forças capitalistas no início do século XX que a economia goiana começou a experimentar um certo dinamismo, embora esse impulso tenha se concentrado principalmente no sul da capitania. Já o norte, segundo Estevam (1997), permaneceu isolado e desarticulado, distante dos demais centros econômicos do país.

Através da análise dos movimentos separatistas que sacudiram as regiões norte e sul de Goiás, e sua conexão intrínseca com o município de Arraias, emerge um capítulo marcante na história dessa localidade. Remontando às raízes das tensões no século XVIII, como observado por Bertran (1978), desde a proibição da navegação no Rio Tocantins em 1737 até os

desdobramentos políticos e econômicos que culminaram na formação do território do Tocantins, Arraias esteve no epicentro desses eventos históricos.

Essa ligação profunda com a rota do Rio São Francisco, como evidenciado ao longo dos anos, desempenhou um papel crucial na formação da identidade e cultura arraianas. Enquanto o dinamismo econômico se concentrava principalmente no sul da capitania, como registrado por Feitosa (2011), o norte, conforme destacado por Estevam (1997), permanecia isolado e desconectado dos principais centros econômicos do país. Essa narrativa complexa revela não apenas as lutas e desafios enfrentados pela população, mas também sua resiliência e capacidade de adaptação em meio a um contexto de transformações sociais e políticas.

1.2.3 A Fronteira e o Norte

Após um século de praticamente isolamento, o norte da capitania de Goiás ressurge como uma nova fronteira no cenário nacional. Os investimentos nacionais voltam-se para o interior, enquanto a agricultura demanda novas práticas, terras e abertura de novas rotas. Torna-se imperativo integrar o Norte de Goiás às regiões consideradas mais desenvolvidas do sul do país, buscando não apenas impulsionar o “progresso econômico” da região, mas também promover uma maior ocupação do capital no interior do país.

Nesse contexto, conforme destacado por Feitosa (2011), a construção da Rodovia Belém-Brasília - BR153 teve um impacto significativo no território do norte goiano, desempenhando um papel fundamental na posterior divisão do estado do Tocantins. O Plano de Metas (1956 – 1960) estabelecido pelo presidente Juscelino Kubitschek visava não apenas desenvolver, mas também integrar o interior do país. Com especial atenção voltada para o norte de Goiás, a construção de Brasília e os consideráveis investimentos federais em comunicação, eletrificação, rodovias e outras áreas foram elementos-chave desse processo de desenvolvimento e integração regional.

De acordo com Valverde e Dias (1967), a construção da Rodovia Belém-Brasília - BR153, que atravessa o estado de Goiás no sentido sul – norte em direção ao Pará, deveria estabelecer um sistema integrado capaz de alterar a

dinâmica econômica do norte de Goiás, retirando-o da situação de baixa integração. No entanto, mesmo após a conclusão da BR 153, Arraias permaneceu distanciada, uma vez que a rodovia passa a cerca de trezentos quilômetros do território arraiano. Além disso, não havia outras rodovias que conectassem Arraias aos grandes centros, contribuindo para a manutenção de seu isolamento.

Apenas em 1986 chega a Arraias a primeira rodovia asfaltada, a GO 118, que liga Brasília a Arraias, passando pelos territórios de São Gabriel, São João d'Aliança, Alto Paraíso de Goiás, Teresina de Goiás, Monte Alegre de Goiás, Campos Belos até chegar em Arraias. Com a conclusão da GO-118, houve uma melhoria significativa na conectividade de Arraias com outras regiões, facilitando o transporte de pessoas e mercadorias. Houve uma mudança significativa nesse cenário. A rodovia facilitou o acesso a outras regiões de Goiás e do Brasil, abrindo novas oportunidades para os moradores de Arraias. Isso incluiu a possibilidade de migração para áreas urbanas em busca de emprego, educação e melhores condições de vida.

Assim, a inauguração da GO-118 representa a criação de uma verdadeira rede geográfica para os habitantes de Arraias, capaz de transcender as barreiras temporais e relativizar as distâncias, conforme afirmado por Santos (1996). Essa rede proporciona acessibilidade para os residentes da pequena localidade de Arraias e outras pequenas comunidades ao longo de seu trajeto, oferecendo a oportunidade de se deslocarem para diferentes centros urbanos de diversos tamanhos em busca de uma melhoria na qualidade de vida por meio de melhores bens e serviços.

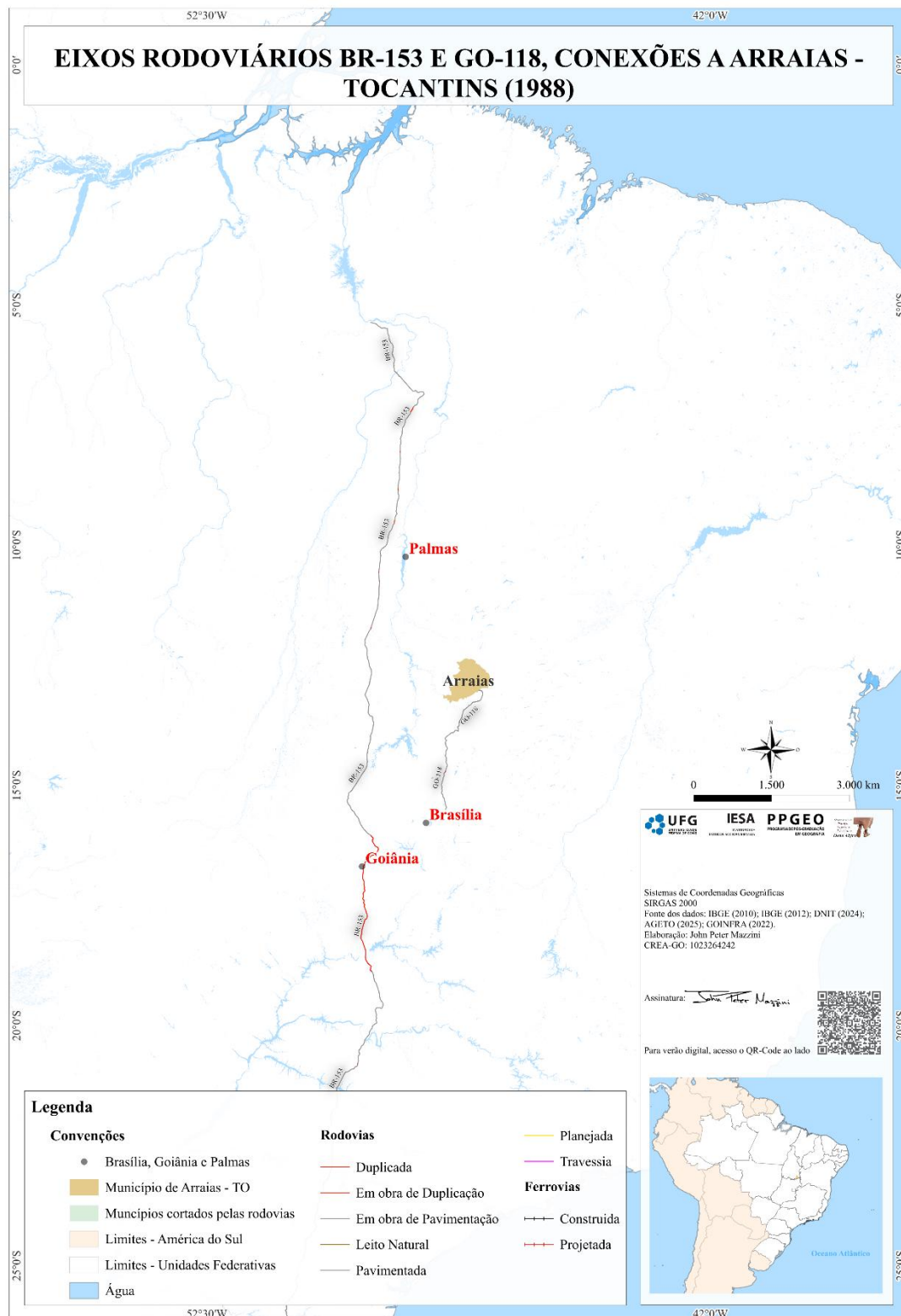
A GO-118, sendo por muitos anos a única via de acesso dos arraianos aos grandes centros urbanos, desempenha um papel crucial na formação de uma ligação quase que umbilical entre os habitantes de Arraias e as capitais Brasília e Goiânia. Esta rodovia não só oferece uma conexão física, mas também representa uma ponte para oportunidades de migração e desenvolvimento para os arraianos.

Como principal rota de acesso, a GO-118 facilita a jornada dos arraianos em busca de melhores condições de vida, educação, emprego e serviços

disponíveis nas capitais e em outras áreas urbanas próximas. Assim, a GO-118 desempenha um papel central na mobilidade dos arraianos, servindo como um importante catalisador para suas escolhas de migração e aspirações de crescimento pessoal e profissional.

Até a divisão do estado de Goiás em 1988 e a criação do Tocantins, o norte de Goiás dependia principalmente da BR-153 e da GO-118 como suas principais rodovias de acesso. Essas estradas, embora essenciais para a conectividade da região, estavam distantes umas das outras, deixando vastas áreas entre elas sem acesso viário adequado. Isso resultava em uma significativa limitação da mobilidade e acessibilidade para os habitantes do norte de Goiás, dificultando o transporte de pessoas, mercadorias e serviços essenciais. A dependência exclusiva dessas duas rodovias refletia a carência de infraestrutura na região, evidenciando o abandono e o esquecimento que a região sul relegava a região do norte goiano.

Mapa 3 – Eixos Rodoviários BR 153 e GO 118, Conexões a Arraías em 1988



As tentativas de integrar e desenvolver o norte de Goiás por meio de

investimentos na mudança do modelo produtivo da agricultura e pecuária, juntamente com o estabelecimento das rodovias BR-113 e GO-118, visavam tornar o estado de Goiás mais homogêneo e coeso. No entanto, essas iniciativas acabaram por destacar com mais clareza as disparidades econômicas, sociais e infraestruturais entre as duas regiões. Em vez de promover a coesão, esses esforços revelaram as profundas diferenças e desigualdades entre o norte e o sul de Goiás, exacerbando as tensões e fortalecendo os movimentos separatistas. O resultado foi a separação do estado em 1988, quando o Tocantins foi criado como uma unidade federativa independente, marcando um ponto de virada na história política e geográfica do território arraiano.

1.2.4 Surge um novo Território

A antiga classe dominante do norte de Goiás via-se em processo de perda de domínio e desejava mantê-lo. Desta maneira, a desmembramento do norte do Estado de Goiás emergiu como uma necessidade premente diante do cenário de isolamento, baixo desenvolvimento e precárias condições de vida enfrentadas pela população local. O desejo de separação entre a Província do Norte e a Província do Sul refletia não apenas a vontade expressa da população, mas também o anseio dos líderes locais, políticos, famílias tradicionais e até mesmo da Igreja. Essa demanda por autonomia territorial e administrativa ecoava por toda a região, marcando um ponto de inflexão na história política e geográfica do norte de Goiás.

As argumentações que impulsionam as propostas de redivisão territorial são multifacetadas, embasadas em questões de ordem cultural, identitária, geoeconômica e geopolítica, cujos significados variam no tempo e no espaço. De um ponto de vista geoeconômico, defensores da redivisão territorial destacam a necessidade de promover o desenvolvimento social e econômico em regiões que, devido à falta de representatividade política, muitas vezes ficam desprovidas de assistência adequada por parte do poder público (Oliveira, 2002). Nesse contexto, a criação do Tocantins seria uma medida para estimular o desenvolvimento regional, descentralizar recursos e gerar empregos e renda para a população local.

Contudo, uma segunda matriz interpretativa, de viés mais político, atribui a criação do novo estado a uma estratégia da elite norte-goiana. Como argumenta Cavalcante (1999), as classes dominantes do norte de Goiás, sentindo-se fragilizadas e percebendo a perda de espaço político e econômico para o sul do estado, articularam a emancipação como forma de recompor sua hegemonia em um novo território. A criação do Tocantins, sob essa ótica, foi menos uma resposta às demandas de desenvolvimento regional e mais um movimento de recomposição das classes dominantes locais, que viram na divisão a oportunidade de garantir o controle político e o acesso a recursos antes disputados com o sul goiano. Independentemente da matriz analítica predominante, a criação do Tocantins insere-se em um processo mais amplo de redivisão territorial brasileira, cujos desdobramentos políticos e socioespaciais continuam a desafiar as interpretações sobre as motivações que levaram à fragmentação do território goiano.

Maia (2005) desenvolve a tabela de infraestrutura reservada ao território destinado ao Goiás e ao Tocantins na época da fragmentação. Tabela 1:

INFRAESTRUTURA	GOIÁS – EM %	TOCANTINS – EM %
Água Tratada	91,70	8,30
Esgoto Sanitário	99,70	0,30
Terminais Telefônicos	93,90	6,10
Leitos Hospitalares	92,90	7,10
Armazéns	90,10	9,90
Capacidade Armazenadora	92,00	8,00
Energia Gerada	97,30	2,70

Fonte: Maia (2005)

Segundo Oliveira (2002), a criação de novas unidades federativas geralmente está associada a interesses de certos grupos em conquistar maior poder territorial, evidenciando uma disputa pelo controle político. Além disso, fatores geopolíticos, como a busca pela soberania nacional e diferenças culturais, também desempenham um papel significativo nesse contexto. As

questões de soberania nacional podem influenciar as decisões de redivisão territorial, enquanto as diferenças culturais podem alimentar tensões entre diferentes regiões. Esses elementos geopolíticos e culturais contribuem para a complexidade das propostas de redivisão territorial, que muitas vezes refletem interesses divergentes e disputas pelo poder local.

Para compreender o processo de criação e estruturação do Estado do Tocantins, é essencial analisar as estratégias delineadas na política de divisão territorial do Brasil. Tais estratégias, conforme observado por Oliveira (2012), estão intrinsecamente ligadas à história separatista do norte goiano e abordam questões como o controle do território, o surgimento de novas lideranças políticas e a promoção do discurso de desenvolvimento regional. Essa análise contextualiza as dinâmicas políticas e sociais que influenciaram a configuração do Estado do Tocantins, demonstrando como diversos fatores convergiram para sua criação e estruturação.

Em relação às ideias separatistas no norte de Goiás, em 1944, o Brigadeiro Lysias Rodrigues defendeu o desmembramento da região, argumentando que essa medida poderia garantir recursos federais destinados à implementação da infraestrutura necessária para promover o desenvolvimento socioeconômico local (Cavalcante, 1999). No entanto, a proposta do Brigadeiro Lysias Rodrigues não foi adiante devido à falta de apoio dos líderes políticos locais. Estes alegaram que a região norte não atendia aos critérios essenciais para a criação de um novo território, como a questão da defesa nacional e o isolamento dos centros administrativos.

Conforme apontado por Cavalcante (2004), durante o período de 1946 a 1964, houve uma revitalização do discurso de expansão e conquista de novas fronteiras como parte de um projeto nacional de desenvolvimento, o qual teve início na década de 1930. Esse movimento se embasou na política do governo federal, que buscava promover a integração e ocupação do Centro-Oeste e da Amazônia, além da transferência da capital federal para o Centro-Oeste, especificamente para o território goiano em 1956. Nesse contexto, emergiu o movimento Pró-Criação do Estado do Tocantins, liderado pelo Juiz da Comarca de Porto Nacional, Feliciano Machado Braga.

O esforço empreendido pelo movimento Pró-Criação do Estado do Tocantins esbarrou em obstáculos consideráveis, culminando na rejeição pela Assembleia Legislativa de Goiás, apesar da condução de um plebiscito no norte de Goiás, como estipulado pela Constituição Federal. Segundo Cavalcante (2004), entre os principais motivos que fundamentaram essa rejeição destacam-se a escassa representatividade na Assembleia Legislativa, com apenas quatro deputados estaduais representando a região norte de Goiás; a firme oposição do Governador de Goiás, Juca Ludovico; e a postura contrária do único representante do norte de Goiás na Câmara Federal, o deputado João de Abreu, em relação à causa autonomista.

Vale ressaltar que o deputado federal João de Abreu, nascido em 1888 em Santa Maria de Taguatinga, região adjacente ao território arraiano, teve uma trajetória política multifacetada. Além de sua atuação como deputado federal, ele ocupou diversos cargos públicos ao longo de sua carreira. Entre eles, destacam-se sua passagem como vereador em Arraias, durante o período de 1923 a 1926, sua gestão como prefeito da mesma cidade entre 1926 e 1930, seu mandato como deputado estadual em Goiás de 1935 a 1937, e sua posição como vice-governador de Goiás pelo Partido Social Progressista (PSP) de 1959 a 1961. Posteriormente, João de Abreu também assumiu novamente o cargo de prefeito em Arraias, de 1963 a 1967, e atuou como vereador em Goiânia, GO, de 1968 a 1972.

No período compreendido entre 1964 e 1985, o Brasil atravessou um regime de ditadura militar, caracterizado pela adoção de uma política centralizadora, evidenciada pela promulgação da Constituição de 1967. Esta Constituição conferiu maior poder ao executivo e restringiu ainda mais a autonomia dos estados. Durante esse período, ressurgiu o discurso de integração nacional, que visava à incorporação de novas áreas territoriais, como parte de um projeto geopolítico de modernização.

Em 1976, a formação da Comissão de Redivisão Territorial e Demográfica resultou na divisão do Mato Grosso em dois estados distintos: Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, atendendo a uma antiga demanda por conta das disparidades entre o norte e o sul do estado (Oliveira, 2002). Segundo

Cavalcante (1999), essa divisão reacendeu o debate separatista no norte de Goiás, onde se argumentava negligência e falta de investimento em serviços essenciais como saúde e educação. Os líderes locais defendiam a criação do estado de Tocantins na região da Amazônia Legal, alegando sua importância estratégica para impulsionar a ocupação e integração das áreas menos desenvolvidas ao restante do país.

Tudo pela redenção do Norte Goiano” foi o lema da Casa do Estudante do Norte Goiano (Cenog), movimento ativo entre 1959 e 1968, conforme destacado por Santos (2002). Originária de Pedro Afonso e consolidada em Porto Nacional como um polo intelectual para os nortistas, a Cenog, inicialmente comprometida com atividades assistencialistas e apolítica, eventualmente adotou e liderou a causa separatista. Seu lema reflete o compromisso do grupo, que tinha como objetivo primordial a emancipação da região norte de Goiás. A Cenog desempenhou um papel fundamental na mobilização dos jovens estudantes e intelectuais da região, promovendo debates, encontros culturais e atividades educativas. Além disso, foi um espaço de articulação política, reunindo líderes e ativistas que compartilhavam o desejo de autonomia para o Norte Goiano.

De acordo com Oliveira (2002), a luta pela autonomia política do norte de Goiás continuou ao longo da década de 1980. Em resposta a essa demanda, em 1981, foi estabelecida em Brasília a Comissão de Estudos dos Problemas do Norte de Goiás (Conorte). Esta comissão tinha como missão primordial conscientizar a população nortista sobre as potencialidades econômicas da região, bem como sobre o descaso governamental e os desequilíbrios inter-regionais existentes. Além disso, a Conorte buscava destacar as possibilidades que se abriam com a criação do estado do Tocantins.

A partir de 1985, com o advento do processo de redemocratização no Brasil, a questão da redivisão territorial ganhou destaque com a convocação da Assembleia Nacional Constituinte em 1987. Segundo Barbosa (1998), a Assembleia estabeleceu várias subcomissões para debater uma ampla gama de assuntos a serem incorporados à nova Constituição. Entre elas, a Subcomissão dos Estados, liderada pelo então deputado federal José Wilson Siqueira

Campos, do Partido Democrata Cristão de Goiás (PDC-GO), teve como objetivo primordial discutir a instituição de novos estados. Um marco relevante no caminho em direção à autonomia do Tocantins foi a fundação, também em 1987, do Comitê Pró-Tocantins, no âmbito da Subcomissão de Estados da Assembleia Nacional Constituinte.

Segundo Barbosa (1998), as propostas contempladas nas subcomissões sobre a criação de novos estados acataram-se seis: a dos estados do Juruá (AM), de Tapajós (PA), de Santa Cruz (BA), do Tocantins, a mais conhecida proposta, devido à sua luta histórica, com o desmembramento apenas do estado de Goiás, do Maranhão do Sul (MA), do Triângulo (MG), e a elevação dos territórios do Amapá e de Roraima à condição de estado, e o Território de Fernando de Noronha passaria a pertencer a Pernambuco.

Com a instalação da Constituinte, a Conorte e a Assembleia Legislativa de Goiás, com representantes políticos de diferentes partidos, realizaram vários debates enfatizando a viabilidade econômica do novo estado e as vantagens mútuas que seriam conseguidas tanto para o norte quanto para o centro-sul goiano. Segundo Cavalcante (2004), esses debates resultaram na coleta de mais de 80 mil assinaturas, 50 mil a mais do que o mínimo exigido, para a Emenda Popular que propunha à Constituinte a criação do Tocantins.

Ao término do processo, apenas uma proposta de criação de novos estados obteve aprovação, sendo está a do Tocantins, além da elevação dos territórios do Amapá, Rondônia e Roraima ao status de estados. Destaca-se o projeto do Tocantins, liderado pelo deputado Siqueira Campos, cujos discursos, conforme destacado por Barbosa (1998), enfatizaram sua importância, que para ele era algo transcendental.

De acordo com Cavalcante (2002), as principais vantagens percebidas para o território de Goiás e o novo Tocantins, em primeiro lugar, a elevação da renda per capita de Goiás foi apontada como um benefício significativo, decorrente da redução da população após o desmembramento. O mesmo efeito positivo foi observado no Tocantins, devido à injeção de recursos federais. Além disso, a criação do novo estado contribuiria para conter as migrações em direção às cidades do centro-sul goiano, evitando a expansão das favelas em locais

como Goiânia, Brasília e Anápolis. Ainda, previa-se uma ampliação das relações comerciais entre os dois estados e um aumento na capacidade de representação política de ambos no cenário nacional.

Para Oliveira (2002) um fator crucial para solidificar o respaldo do governador de Goiás foi o compromisso da União em assumir as dívidas contraídas pelo estado, tanto interna quanto externamente, como parte do processo de divisão do território. Além disso, a criação do estado do Tocantins acarretou em uma série de benefícios para ambas as regiões, incluindo a inclusão do novo ente federativo na região Norte do Brasil, o que resultou em mudanças significativas na divisão macrorregional do país.

Independentemente da região geográfica em que se insere, é crucial observar que a criação do estado Tocantins não se deu primordialmente devido à sua longa luta histórica ou ao anseio da população por autonomia política e administrativa. Em vez disso, foi amplamente influenciada pela habilidade política das elites regionais em expandir seu poder, tanto no campo quanto nas áreas urbanas. O papel dos grupos de pressão e a influência da União Democrática Ruralista (UDR) foram determinantes na aprovação da criação e emancipação do território do Tocantins.

Essa habilidade se concretizou na construção de um argumento que demonstrava os benefícios da divisão de Goiás para as regiões sul e norte do estado, aliviando o fardo sobre um território economicamente desfavorecido. Para o Tocantins, representava a oportunidade de fortalecer sua base política, expandindo sua influência e controle sobre o território. Assim, através do Artigo 13 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, o estado do Tocantins foi criado, desmembrando-se da porção norte de Goiás, iniciando precisamente a partir do território arraiano situado acima do Paralelo 13.

A aprovação do Estado do Tocantins, em contraste com outras propostas, como a do Triângulo Mineiro, levanta questões sobre os critérios para a criação de novas unidades federativas. Como pontua Barbosa (1998), quando uma região é excessivamente pobre, há sempre alguém para analisar a sua pobreza e, em função dela, dizer que se deve criar um estado. A proposta tocantinense argumentava que essa pobreza tinha suas raízes no abandono. Por outro lado,

quando uma região é extremamente rica, geralmente se enaltece sua prosperidade, e a conclusão é de que, em função dela, deve-se criar um novo estado. Este contraste evidencia as complexidades envolvidas na política de divisão territorial.

A cidade de Arraias, no entanto, parece não ter recebido bem a ideia do desmembramento, ou divisão do Estado de Goiás. Um plebiscito informal teria sido realizado em 1988 e registrou a baixa adesão da população ao projeto: dos 19.628 habitantes da cidade, apenas 376 teriam votado pela criação do novo estado. Não há, no entanto, informações técnicas sobre essa consulta no tocante à sua representatividade e confiabilidade, número exato de participantes ou participação da zona rural.

Arraias pode ser vista como um território que transcende suas fronteiras geográficas, como aponta a análise de Martins (2009). Não se trata apenas de uma divisão territorial, mas sim de um espaço que abriga múltiplas fronteiras: fronteiras da civilização, que revelam as nuances da barbárie; fronteiras culturais, que refletem diferentes visões de mundo e pertencimentos étnicos; fronteiras históricas, que narram a história e a historicidade das pessoas que habitam o local. Mais do que tudo, Arraias representa uma fronteira do humano, onde se entrelaçam experiências e identidades diversas.

O território de Arraias está localizada na região sudeste do Estado do Tocantins, no centro do bioma-território do Cerrado, e também é conhecida como a cidade das Colinas, por estar cercada por essas formações rochosas. Ocupando um território de 5.419,9 km², está instalada a 12°55'53" de latitude sul e 46°56'18" de longitude oeste. Situada a uma altitude de 722,40 metros, é considerada a cidade mais alta do Tocantins e a segunda da região norte, superada apenas pela cidade de Pacaraima, no Estado de Roraima.

Hoje Arraias está à margem da rodovia estadual TO 050. Para chegar ao município, vindo das regiões sul, sudeste e centro-oeste do Brasil, utiliza-se a rodovia do Estado de Goiás GO 118, que liga o Distrito Federal ao Nordeste Goiano. Saindo da região norte, pode-se utilizar a rodovia TO 050, que liga Palmas à fronteira sudeste do Tocantins. Partindo do nordeste, pode-se acessar o município pela BR 242/TO, que corta o território em direção ao município de

Paraná, também no Tocantins.

Apesar de ser possível acessar o município por rodovias asfaltadas e em bom estado de conservação, cabe ampliar nossa perspectiva ao considerarmos as distâncias nas relações geográficas. Como sugere Silveira (2006), é necessário ir além da simples infraestrutura viária para compreender verdadeiramente as dimensões geográficas. Isso implica reconhecer que as distâncias não se limitam apenas à medida física entre dois pontos, mas também incluem aspectos como tempo, acessibilidade e percepção. Portanto, ao analisarmos o acesso a Arraias, devemos considerar não apenas a qualidade das estradas, mas também a complexidade das relações espaciais que influenciam a experiência de distância e proximidade.

Passados 26 anos desde do desmembramento do Estado de Goiás e a criação do território tocaninense, é evidente que a dinâmica do território arraiano passou por mudanças significativas. Ao analisarmos os dados demográficos de Arraias nos últimos três censos realizados após a separação do estado, podemos observar tendências e transformações que refletem o impacto desse evento histórico na composição populacional e no desenvolvimento socioeconômico da região.

No que concerne ao seu tamanho populacional, ao longo dos anos, Arraias tem experimentado uma tendência de redução gradual. Nas três últimas contagens populacionais realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, o município registrou pouco mais de 10.500 habitantes. No censo de 1991, a população totalizava 12.884 moradores, sofrendo uma queda significativa para 10.984 em 2000, seguida por outra retração registrado em 2010, com 10.645 habitantes. Os dados mais recentes, referentes ao censo de 2022, apontam uma nova diminuição, com a população estimada em 10.287 residentes.

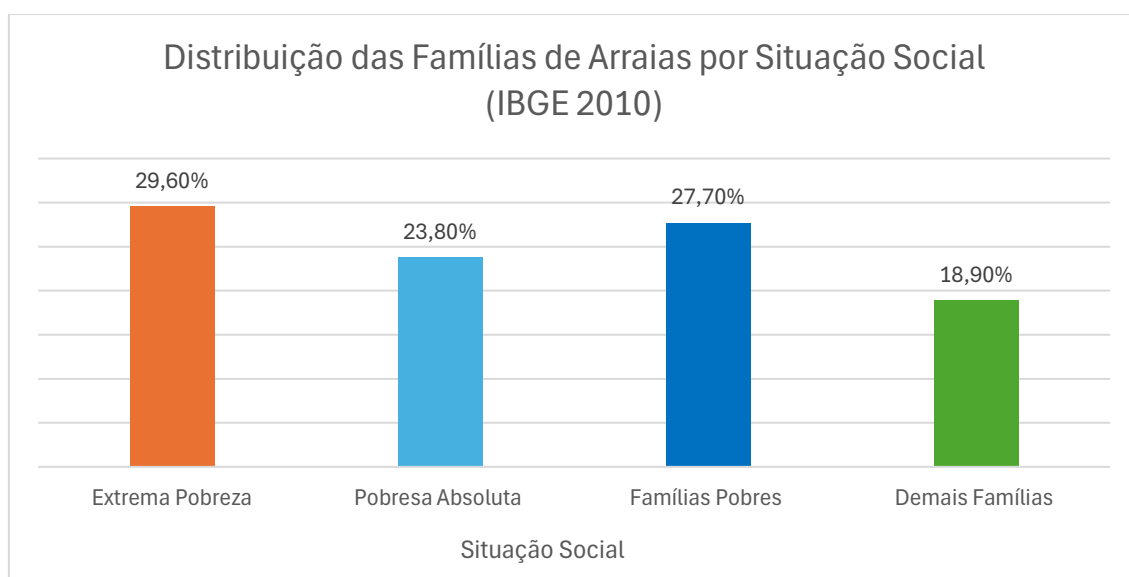
Após o desmembramento do estado, Arraias, assim como muitos outros municípios tocaninenses, testemunhou um aumento significativo na urbanização. Os dados do IBGE ilustram essa tendência: em 1991, apenas 42,83% da população residia na zona urbana, porém, no censo de 2000, a população urbana superou a rural, com uma taxa de urbanização de 55,86%.

Essa tendência se intensificou ainda mais no censo de 2010, atingindo 69,24%. Essa rápida e abrangente urbanização transformou a paisagem urbana em um palco para as interações entre o local e o global.

Assim como definido por Lefebvre (2006), a cidade representa um ponto intermediário entre diferentes formas de ordem, situando-se entre a ordem próxima, que inclui as relações cotidianas e imediatas, e a ordem distante, que é instituída em um nível superior de poder e influência. Nessa perspectiva, a cidade atua como uma mediação entre várias esferas de influência, mantendo e reproduzindo as dinâmicas sociais, econômicas e políticas da ordem próxima, ao mesmo tempo em que incorpora e projeta as diretrizes e interesses da ordem distante sobre seu território e planejamento.

A pobreza é uma realidade evidente na sociedade arraiana. Segundo definição do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, a pobreza extrema ocorre quando o rendimento médio mensal per capita é de até um quarto do salário-mínimo; a pobreza absoluta é caracterizada quando esse rendimento é de até meio salário-mínimo; e, por fim, a situação de pobreza é identificada quando o rendimento médio mensal per capita é de até um salário-mínimo.

Analisando os indicadores sociais do IBGE de 2010, podemos constatar que Arraias era composta por 3.159 famílias, das quais de acordo com o gráfico 1:



Fonte: Dados do IBGE, gráfico elaborado pelo Autor.

Esses números evidenciam que 81,1% das famílias do município encontravam-se em condição de vulnerabilidade social.

Esse elevado índice de pobreza em Arraias pode encontrar suas raízes na complexa história social e econômica do município. Fundado sobre a exploração escravista para o garimpo do ouro, Arraias enfrentou séculos de baixa integração territorial, onde o coronelismo, o mandonismo e o paternalismo eram predominantes. Essas características históricas resultaram em uma significativa concentração de riqueza nas mãos de poucas famílias, uma herança que perdura até os dias atuais. Segundo dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD, em 2010, os 20% mais ricos detinham impressionantes 62,8% da renda, enquanto os 80% mais pobres compartilhavam apenas 37,2% da renda da região. Essa disparidade econômica evidencia a persistência das desigualdades sociais em Arraias.

Esse conjunto de fatores pode desempenhar um papel crucial na diminuição gradual da população do município por meio de migrações para outras regiões, conforme sugerido por Santos (2015). A decisão de migrar de pequenos centros ou do campo para cidades maiores é influenciada por uma variedade de fatores que convergem para essa escolha. O desejo pessoal por uma vida moderna, as necessidades econômicas e o desemprego são alguns dos elementos que impulsionam as decisões de mudança, muitas vezes atuando como forças que expulsam os sujeitos de seus espaços de origem.

De acordo com dados do IBGE referentes ao ano de 2022, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita de Arraias foi registrado em R\$ 18.573,34, destacando-se principalmente o setor de serviços como principal fonte de renda na região. Com poucas indústrias estabelecidas, a economia local se baseia predominantemente nas atividades agropecuárias e nos serviços públicos, conforme apontado pelo IBGE. Estima-se que cerca de 80% da renda dos habitantes de Arraias seja gerada, de forma direta ou indireta, pelo setor público. Instituições como a Universidade Federal do Tocantins e a Polícia Militar do Tocantins figuram como importantes empregadoras na região, contribuindo significativamente para a dinâmica econômica local.

Segundo dados fornecidos pela Secretaria de Planejamento do Estado do Tocantins, Arraias apresenta duas potencialidades que até o momento foram pouco exploradas. A primeira delas é o setor da mineração, que abriga oportunidades significativas, especialmente na extração de cobre (pirita), granito, quartzo, argila e ouro. Esses recursos minerais representam uma fonte valiosa de desenvolvimento econômico para a região, caso sejam devidamente explorados. Além disso, o município possui um grande potencial turístico, embasado em sua rica história, suas festas tradicionais e suas belas paisagens naturais. Com a devida valorização e promoção desses atrativos, Arraias tem a capacidade de se tornar um destino turístico atrativo, gerando empregos e impulsionando o crescimento econômico local.

Arraias abriga a Itafós Mineração Ltda., uma subsidiária da MbAC Fertilizer Corp., líder na produção integrada de fertilizantes fosfato e potássio nos mercados brasileiro e latino-americano. Com um quadro de 166 funcionários, a empresa desempenha um papel importante na economia local. Sua produção de fosfato atinge cerca de 2.000 toneladas, com 80% delas destinadas ao Estado de Goiás. É também em Arraias que se encontra, há muitas décadas, a única destilaria de álcool do Tocantins, a Tocantins Açúcar e Álcool, mais conhecida por Depasa. Porém, a presença dessas indústrias pouco representa para a empregabilidade e a renda do arraiano, visto que a mão de obra, em quase sua totalidade, vem de fora do município e fixa moradia na cidade de Campos Belos, em Goiás.

Sobre esse aspecto, Santos (2012) oferece reflexões pertinentes ao destacar a relação entre as oportunidades globais e as circunstâncias locais. Santos sugere que o mundo apresenta uma gama variada de oportunidades, mas é o espaço local que oferece as ocasiões específicas para aproveitá-las. Isso implica que não se trata simplesmente de uma reserva de lugares à espera de desenvolvimento, mas sim da necessidade de uma produção consciente e planejada do espaço, onde cada parte do território adquire características particulares em resposta às influências dos atores dominantes. Portanto, a eficácia da ação humana no espaço depende da capacidade de ordenamento intencional e específico, visando à criação de uma produtividade espacial que

atenda às demandas e necessidades locais e globais.

As dinâmicas de formação do município arraiano, estreitamente ligadas às lutas históricas pela separação do norte do estado de Goiás e à sua subsequente divisão e criação do Tocantins, são multifacetadas, abrangendo não apenas aspectos socioeconômicos, mas também históricos e culturais. Essas relações históricas e culturais fornecem informações importantes sobre como os sujeitos se conectam com o espaço em suas batalhas diárias pela existência, enfrentando as diversas dificuldades impostas pelo meio e as interações locais e distantes em um mundo cada vez mais globalizado. Assim, ao compreendermos essas dinâmicas complexas e inter-relacionadas, permite contextualizar e explicar a amplitude e as razões subjacentes ao fenômeno da migração em Arraias.

SEÇÃO 2

E eu andei por tantos
lugares, por diversos caminhos...

Fui retirante, andejo, amante,
amado, odiado. Fui só, me vi só,
mesmo rodeado de gente. Nas
estradas poeirentas, sob o sol
escaldante, encontrei a solidão
como companheira constante. Mas
também vivi momentos de êxtase,
de plenitude, onde cada passo era
uma descoberta e cada encontro
uma celebração da vida. No vai e
vem das jornadas, aprendi que a
verdadeira riqueza está nas
experiências acumuladas, nos laços
tecidos com o tempo e nas
memórias que guardamos no
coração.

Domingos Viramundo



SEÇÃO 2

A CONTRADIÇÃO QUE GERA MOVIMENTO: AS TEORIAS DE MIGRAÇÃO PAVIMENTANDO O CAMINHO.

No intrincado tecido da análise das migrações humanas, as teorias desempenham um papel fundamental. São elas que nos fornecem lentes interpretativas através das quais podemos compreender os movimentos populacionais em suas múltiplas facetas. Contudo, antes de mergulharmos nas teorias contemporâneas sobre migração, é imperativo estabelecer as bases conceituais e geográficas que sustentam nossa análise.

Este capítulo é dedicado a explorar não apenas as teorias que moldam nosso entendimento das migrações modernas, mas também desdobra as categorias geográficas essenciais que servem como alicerce para a análise deste trabalho. Sendo Espaço, Território e Lugar categorias base deste estudo. São conceitos que transcendem fronteiras físicas, penetrando nas dinâmicas sociais, econômicas e culturais que impulsionam os movimentos migratórios em todo o mundo.

Antes de abordarmos as teorias contemporâneas, é crucial compreender como estas categorias geográficas interagem e influenciam a formação e direção dos fluxos migratórios. Ao fazer isso, estaremos melhor preparados para mergulhar nas complexidades das teorias de migração e entender como elas articulam as forças que impulsionam e moldam o fenômeno da migração no sudeste do Tocantins, tendo como ponto referencial o território arraiano.

2.1 As Raízes que se Entrelaçam: Espaço, Território e Lugar

Partindo da premissa de que a análise espacial é um instrumento indispensável para desvendar a intrincada teia da realidade social, identificamos o espaço, o território e o lugar como pilares essenciais para a compreensão do fenômeno migratório no sudeste tocantinense. Estas categorias não são apenas conceitos abstratos, mas representam as fundações sobre as quais os movimentos populacionais se desenvolvem e se desdobram na região.

O espaço, enquanto palco onde ocorrem as interações sociais e econômicas, fornece o contexto geográfico no qual os fluxos migratórios são moldados. O território, por sua vez, vai além das fronteiras políticas, incorporando relações de poder, identidades culturais e reivindicações de pertencimento que influenciam diretamente os padrões de migração. Já o lugar, carregado de significados simbólicos e emocionais para aqueles que o habitam, desempenha um papel fundamental na formação de comunidades e na construção de vínculos afetivos que muitas vezes transcendem as fronteiras físicas.

Neste contexto, o território arraiano emerge como um ponto de referência crucial, onde essas categorias se entrelaçam de maneira complexa, proporcionando uma compreensão mais profunda dos padrões e dinâmicas das migrações na região.

De acordo com Santos (1977), ao investigarmos questões relativas à sociedade, nos deparamos com uma variedade de tipos históricos de sociedades. Isso nos leva a compreender que não há uma noção homogênea de sociedade, mas sim uma diversidade de configurações sociais que emergem sob o filtro da história que as molda. Em outras palavras, cada sociedade é única e é fortemente influenciada pelo contexto histórico em que surge e se desenvolve. A análise histórica revela que as sociedades são entidades dinâmicas, moldadas por eventos, processos e transformações ao longo do tempo. Assim, a determinação histórica da sociedade enfatiza a importância de considerar o contexto temporal e as condições específicas que moldam as formas sociais e as relações entre os sujeitos dentro de uma sociedade.

A compreensão da realidade espacial e sua transformação em prol do bem-estar humano demandam não apenas a análise da história da sociedade global, mas também da sociedade local. É por meio dessa integração que podemos fundamentar nossa compreensão do espaço, que é intrinsecamente social, e assim trabalhar em sua transformação. A história não ocorre em um vácuo, mas sim no espaço que é moldado e habitado por relações sociais. Portanto, ao refletir sobre os modos de produção, é essencial considerar não apenas as dinâmicas econômicas, mas também as dimensões político-

ideológicas que permeiam essas relações. Tais dimensões exercem uma influência determinante nas localizações e podem tanto potencializar os fatores de produção quanto as forças produtivas. Segundo Santos (1977), somente a história da sociedade mundial, aliada à da sociedade local, pode servir como fundamento à compreensão da realidade espacial e permitir a sua transformação a serviço do homem, pois a história acontece no espaço, que é social.

Embora esta análise adote uma abordagem particular para examinar o assunto em questão, compreendê-la em sua totalidade exige uma visão abrangente. A compreensão completa não pode ser alcançada sem considerar o contexto mais amplo em que esta abordagem está inserida. Nesse sentido, é fundamental reconhecer que a análise específica proposta aqui é apenas um elemento dentro de um quadro mais vasto de investigação, que abarca múltiplas perspectivas e dimensões.

Desta forma, destaca Santos (1977), o espaço reflete a totalidade social, uma vez que suas transformações são influenciadas por necessidades sociais, econômicas e políticas. O autor também ressalta que o espaço é uma realidade objetiva, sendo moldado pela ação social e em constante processo de transformação, Santos (1985). Desta forma, o espaço impõe sua própria dinâmica e representa um elemento essencial para o funcionamento da sociedade, não podendo esta operar dissociada dele.

Assim, ao investigar o espaço, é crucial compreender sua interação com a sociedade, uma vez que essa relação é fundamental para entender os efeitos dos processos temporais e de mudança. Além disso, é por meio dessa interação que podemos especificar as noções de forma, função, estrutura e processo, elementos essenciais para a compreensão da produção do espaço, como aponta Santos (1985). De acordo com o autor, o espaço é como um mosaico composto por elementos de diferentes períodos, o qual sintetiza a evolução da sociedade e oferece explicações para as situações contemporâneas. Destaca-se ainda que o espaço não é simplesmente o resultado de uma única variável, mas sim o produto da geografização de um conjunto de variáveis e sua interação localizada.

Já Dollfus (1972) propõe uma concepção do espaço geográfico como o fundamento de sistemas de relações, que pode ser desmembrado de acordo

com as necessidades de reflexão, seja no contexto físico, refletindo as dinâmicas das sociedades humanas em resposta à densidade demográfica, ou na esfera da organização social e econômica. Desta forma, ao examinar o espaço em suas diversas manifestações localizadas e diferenciadas, estamos, na verdade, explorando um espaço imbuído de história e complexidade.

Para Santos (1996), o lugar não se define por oposição entre segurança e liberdade, mas como a instância do vivido, onde o cotidiano se desenrola e onde as escalas global e local se encontram. O lugar é o espaço do acontecer solidário, aquele onde as ações globais (do capital, do Estado, das técnicas) se territorializam localmente. Nessa perspectiva, o lugar não é apenas refúgio ou familiaridade; é também conflito, contradição e reprodução das desigualdades (SANTOS, 1996).

Há um consenso entre os geógrafos de que as disparidades entre os lugares surgem da configuração espacial dos diferentes modos de produção. No entanto, a organização local da sociedade e do espaço reflete e reproduz também as dinâmicas da ordem internacional. Dentro desse contexto, os modos de produção se materializam em uma base territorial historicamente determinada, fortalecendo as particularidades e as características distintivas de cada lugar, conforme discutido por Santos (2012).

Santos (1996) oferece uma abordagem diferente para compreender a complexidade espacial. Para ele, o espaço é um conjunto indissociável de sistemas de objetos (fixos, heranças materiais de diferentes tempos) e sistemas de ações (fluxos, movimentos, práticas sociais). A análise espacial, nessa perspectiva, articula quatro categorias fundamentais, forma, função, estrutura e processo, que se entrelaçam na produção contínua do espaço (SANTOS, 1985)..

Segundo Mendonça e Kozel (2002), os novos enfoques sobre o espaço rejeitam a ideia de que este seja apenas um mosaico estático de elementos naturais ou humanizados, desvinculado das atividades humanas. Ao contrário, o espaço é entendido como um palco dinâmico, onde as interações humanas se desenrolam como um espetáculo teatral. Nesta perspectiva, ao afirmar que o espaço representa um palco, os autores destacam a íntima relação entre as narrativas desenvolvidas e o contexto espacial em que ocorrem. Além disso,

argumentam que quando o espaço se transforma em território, oferece aos grupos uma base sólida e uma sensação de segurança, tornando-se um componente vital das identidades coletivas.

Na segunda metade do século XX, ocorreu uma significativa modernização das técnicas de informação, que por sua vez possibilitaram o desenvolvimento de uma variedade de novas tecnologias e a interligação entre elas. Conforme discutido por Santos (2007), essa ideia de fluidez nos conduz à percepção da velocidade como um fator primordial, uma necessidade essencial. No entanto, essa busca por velocidade cria uma fluidez que serve aos interesses dos capitais globalizados, destacando-se o capital como o elemento que impulsiona e dita o ritmo dos demais aspectos históricos. Essa dinâmica reflete não apenas uma transformação nas relações sociais e econômicas, mas também tem profundas implicações na forma como percebemos e experimentamos o espaço, o território e o lugar.

De acordo com Haesbaert (2002), estamos diante de um período caracterizado por mudanças contínuas e um movimento constante de rápidas substituições e interações entre o antigo e o novo. Essa dinâmica é marcada pela imprevisibilidade das transformações, onde os anúncios das mudanças muitas vezes diferem dos processos efetivamente vivenciados. Nesse contexto de transformação acelerada, observamos uma profunda reconfiguração das relações sociais, econômicas e espaciais, que influenciam diretamente a forma como percebemos e nos relacionamos com o espaço, o território e o lugar.

Haesbaert (2002) argumenta, o espaço é um campo de interação onde todas as mudanças se desenrolam, evidenciando tanto os sinais de permanência quanto de transformação em sua diversidade de significados, e isso ocorre em todos os lugares do planeta. Esta concepção reforça a ideia de que o espaço é muito mais do que um mero cenário físico; ele é um campo de interação dinâmica, onde as forças da estabilidade e do fluxo se entrelaçam constantemente.

Entretanto, conforme observado por Santos (1985), a evolução técnica e a evolução do capital não ocorrem de forma uniforme em todos os lugares. Cada localidade é única em sua totalidade, caracterizada por uma combinação

específica de variáveis. Esta combinação técnica e de capital varia de lugar para lugar, conferindo a cada um uma estrutura técnica e de capital distintas. Essas especificidades determinam também uma estrutura de trabalho própria e específica para cada localidade. Assim, cada lugar possui sua própria dinâmica e singularidade, influenciada pelas interações complexas entre os diversos elementos que o compõem.

O lugar pode ser compreendido como um fenômeno íntimo da experiência humana. Segundo Serpa (2011), os lugares exercem um chamado às nossas emoções e responsabilidades, pois é através deles que construímos nossa compreensão do mundo ao nosso redor. Relph (1979), por sua vez, ressalta que os lugares possuem uma dimensão existencial, sendo fundamentais para o desenvolvimento do autoconhecimento e para a promoção da responsabilidade social.

Nos lugares, as diversas experiências de espaço se entrelaçam de maneira única e singular. Uma abordagem fenomenológica do lugar oferece uma perspectiva rica para a análise do espaço geográfico, embora não esgote completamente seu potencial na Geografia. Como um fenômeno da experiência humana, o lugar não só reflete, mas também influencia a rotina, os encontros, os conflitos e as tensões, permitindo uma compreensão mais profunda da vida cotidiana, com todas as suas nuances e contradições (Carlos, 2009; Serpa, 2011).

Santos (2012) atribui ao lugar um papel ativo na reprodução das interações sociais. Para o autor, o lugar é onde o mundo se faz visível em sua totalidade contraditória. As interações sociais, políticas, culturais e econômicas não ocorrem em um espaço abstrato; elas se territorializam em lugares concretos, que por sua vez condicionam as possibilidades e os limites dessas interações (SANTOS, 2012).

No entanto, é crucial destacar que o conceito de espaço abrange uma diversidade de significados e interpretações. Nesse contexto, optaremos por utilizar o termo espaço como um elemento fundamental na evolução social, conforme proposto por Santos (1985). Isso porque as pessoas concebem o espaço não apenas como um ambiente físico, mas também como uma instância

social, econômica e cultural-ideológica. Sob essa perspectiva, cada aspecto do espaço é simultaneamente uma parte e um todo, em constante processo de interdependência. Como Santos ressalta, a essência do espaço é intrinsecamente social, não se limitando apenas aos elementos físicos, naturais e artificiais que o compõem, mas incorporando também a sociedade em todas as suas manifestações.

Nesse contexto, é essencial entender o espaço como uma totalidade, pois ele não é apenas uma mera coleção de elementos físicos, mas sim uma realidade objetiva em constante evolução, moldada pelas interações sociais e culturais. O espaço possui uma realidade própria e exerce influência significativa sobre a sociedade, não podendo esta operar de forma independente dele. Portanto, para uma compreensão mais profunda do espaço, é fundamental considerar sua relação intrínseca com a sociedade, ou seja, compreender a totalidade social em que está inserido, conforme argumentado por Santos (1985).

Já o território é um elemento intrínseco a todos os processos sociais, servindo como o palco onde se desenrolam todas as ações, paixões, poderes, forças e fraquezas humanas. É nele que a história da humanidade se desdobra através das expressões de sua existência. Como ressalta Koga (2011), o território desempenha um papel dinâmico no processo de inclusão e exclusão social, refletindo a distribuição dos recursos e bens necessários para uma melhor qualidade de vida humana.

O território, originalmente conceituado na corrente da Geografia Política, representa um espaço concreto por si só. Ele pode ser caracterizado tanto por suas condições naturais intrínsecas quanto pela intervenção e apropriação realizada por grupos sociais específicos. Segundo Souza (2008), o território é mais do que simplesmente uma extensão geográfica; é um produto dinâmico das interações entre a natureza e a sociedade, refletindo as relações de poder e as estratégias de dominação em determinados contextos socioespaciais.

A ocupação do território desempenha um papel crucial na formação das raízes e identidade de um grupo. É através dessa ocupação que as comunidades constroem laços profundos com o espaço que habitam. De fato, um grupo não

pode ser plenamente reconhecido sem considerar o território que ocupa, pois é nesse contexto físico que se desenvolvem e se manifestam suas características socioculturais distintivas. A identidade de uma comunidade está intrinsecamente ligada aos atributos do espaço concreto que a circunda, como a paisagem natural, o patrimônio arquitetônico, as práticas culturais locais e as relações com o ambiente (Souza, 2008).

O território é compreendido como o alicerce do trabalho, o local de moradia e o palco onde ocorrem as interações humanas e as trocas de diversos tipos, sendo essencial para a realização da vida em sociedade. De acordo com Santos (2007), ele é concebido como um território usado, ou seja, um espaço que adquire significado através das relações estabelecidas pelas pessoas que o habitam e dele se utilizam. Assim, a noção de território emerge da interação dinâmica entre a geografia física e as práticas sociais dos sujeitos que o ocupam.

Essa interação recíproca revela-se especialmente significativa ao analisar a dinâmica da população em seu território. Nesse contexto, Santos (2000) destaca a importância de valorizar não apenas os dados locais, mas também o cotidiano como uma categoria não apenas filosófica e sociológica, mas também geográfica e territorial.

Na obra de Guattari (1985), surge uma distinção fundamental entre território e espaço. Para o autor, os territórios são entidades relacionadas aos processos de subjetivação, tanto a nível individual quanto coletivo, enquanto o espaço está mais diretamente ligado às diversas relações funcionais que se estabelecem. Essa diferenciação ressalta a importância de compreendermos não apenas a dimensão física do espaço, mas também seus significados e usos pelos sujeitos e grupos sociais.

É importante notar que esta abordagem de Guattari difere da perspectiva de Milton Santos. Enquanto Guattari prioriza os processos de subjetivação como constitutivos do território, Santos (2007) enfatiza o território como território usado, indissociável das relações de produção, das técnicas, do capital e das interações sociais. Apesar das diferenças, ambas as perspectivas convergem ao recusar uma visão puramente física ou naturalista do território, afirmando sua natureza social e relacional

De acordo com Santos (2000), o território transcende a mera delimitação geográfica e se torna um conceito relevante para a análise social somente quando é considerado em termos de seu uso e das interações dos atores que o habitam. Essa perspectiva enfatiza a importância de entender o território não apenas como um espaço físico, mas também como um campo de relações sociais, econômicas e culturais. É através das práticas e vivências dos sujeitos e grupos sociais que o território adquire significado e se torna objeto de estudo e reflexão na análise geográfica.

Conforme argumentado por Santos (2007), o conceito de território vai além da simples soma de elementos naturais e estruturas humanas sobrepostas. Ele deve ser compreendido como um território usado, onde se fundem o espaço físico e a identidade cultural. Nessa perspectiva, a identidade surge como um sentimento de pertencimento ao espaço que nos pertence, uma vez que é nele que se desenvolvem atividades fundamentais como o trabalho, a habitação e a vivência cotidiana (Santos, 2007).

Souza (2008) oferece uma abordagem enriquecedora ao conceituar o território como "espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder". Para o autor, a concepção tradicional de território frequentemente evoca ideias de soberania nacional e dominação, comumente associadas a sentimentos patrióticos. No entanto, ele propõe uma reflexão ampla e crítica sobre essa temática, que demanda uma flexibilização na compreensão do que constitui o território. Nessa perspectiva, o território é concebido como um campo dinâmico de forças, uma rede complexa de relações sociais que, além de sua intrincada complexidade interna, também delinea fronteiras e identidades, estabelecendo uma diferenciação entre "nós" - o grupo, a comunidade - e os "outros", Souza (2008).

Souza (2008) continua, os territórios são entidades dinâmicas que se manifestam em uma ampla gama de escalas, desde espaços tão pequenos quanto uma rua até áreas de abrangência internacional. Essas estruturas territoriais não são estáticas, sendo continuamente construídas e desconstruídas ao longo do tempo, em diferentes escalas temporais que podem variar desde séculos até dias. Além disso, os territórios podem apresentar tanto uma

existência permanente quanto uma existência cíclica, periódica. Essa compreensão da natureza dos territórios enfatiza sua complexidade e dinamicidade, ressaltando a necessidade de considerar não apenas sua configuração espacial, mas também seu desenvolvimento temporal e suas características de evolução.

Com isso, a ocupação do território desempenha um papel crucial na formação de raízes e identidade, conforme observado por Souza (2008). Ele argumenta que o território é essencial para a compreensão de um grupo, uma vez que a identidade sociocultural das pessoas está intrinsecamente ligada aos atributos do espaço concreto, como a natureza, o patrimônio arquitetônico e a paisagem. Essa perspectiva ressalta a importância do ambiente físico na definição da identidade coletiva e individual, destacando como as características distintivas de um determinado território moldam as experiências e percepções das pessoas que nele habitam.

Bonnemaison e Cambézy (1996) destacam o território como um elemento fundamental na construção de identidades, possivelmente o mais influente de todos. Essa influência se deve não apenas aos valores materiais associados ao espaço, mas principalmente aos valores éticos, espirituais, simbólicos e afetivos nele investidos. Essa perspectiva enfatiza a importância do território cultural como um precursor do território político e, por sua vez, do território econômico, sugerindo que a base cultural de uma comunidade ou sociedade é essencial para o desenvolvimento de suas estruturas políticas e econômicas.

Nessa ótica, o território é entendido não apenas como um recurso físico a ser possuído, mas como um princípio cultural de identificação e pertencimento. Bonnemaison e Cambézy (1996) destacam que o vínculo emocional com o território, baseado no sentimento de pertencimento, é fundamental para compreender a intensidade da relação das pessoas com o espaço. Além disso, os autores ressaltam que o território não deve ser encarado meramente como uma posse externa à sociedade, mas sim como uma parte integrante da identidade cultural, capaz de gerar uma conexão afetiva profunda com o espaço. Essa abordagem ressalta a importância do aspecto emocional na relação das pessoas com o território, indo além da simples apropriação física para considerar

sua significância cultural e emocional.

Assim como Santos (1977) enfatiza, Haesbaert (2006) também ressalta a importância de abordar o território considerando suas diversas dimensões sociais. Haesbaert (2006) destaca que o território não é apenas um espaço físico, mas também um componente essencial na reprodução dos grupos sociais, pois as relações sociais são mediadas de forma espacial ou geográfica. Essa visão ampla do território sugere que ele transcende as fronteiras físicas e temporais, podendo ser aplicado a qualquer tipo de sociedade em qualquer momento histórico. Essa concepção se aproxima da noção de espaço geográfico, destacando a complexidade das interações entre sociedade e espaço.

Partindo dessa perspectiva, Haesbaert (2002) argumenta que a natureza relacional do território não se limita a incorporar simplesmente um conjunto de relações sociais complexas, mas envolve a compreensão de que o território não é estático. Ao contrário, ele é caracterizado pela dinâmica, movimento e conexões em constante transformação. Enquanto alguns podem considerar o território apenas como uma base material sobre a qual a sociedade se reproduz, Haesbaert ressalta que essa concepção é limitada e não capta a totalidade das interações entre sociedade e espaço.

Diante desse princípio, o território se revela como uma entidade relacional, abarcando não apenas uma rede de relações sociais, mas também uma intrincada interação entre os diversos processos sociais e o espaço material. Nesse contexto, a historicidade emerge como uma das características fundamentais, destacada por Haesbaert (2006), que define a dinâmica e a complexidade das relações territoriais ao longo do tempo.

O território também é o espaço onde a cidadania se desdobra, como observado por Koga (2011). Ele representa o ambiente onde as relações sociais se materializam, incluindo interações de vizinhança, solidariedade e distribuição de poder. Nesse espaço, as disparidades sociais se tornam visíveis entre os habitantes da mesma localidade, refletidas nas condições de vida e nos serviços públicos disponíveis, bem como na qualidade desses serviços.

De acordo com Haesbaert (2006), o território ganha destaque em sua

dimensão cultural e identitária, estando intrinsecamente ligado à diferenciação e à diversidade cultural. Nessa perspectiva, a identidade de um grupo e os símbolos que a fundamentam são forjados no próprio embate pela posse da terra como meio de subsistência; no contexto urbano, isso se reflete na busca pelo espaço para habitação.

Conforme Santos (2002) observa, o fenômeno de expulsão de migrantes de suas regiões de origem (desterritorialização) e sua subsequente inserção em novos territórios (reterritorialização) como mão de obra, é atribuído à expansão do chamado capital técnico-científico. Esse processo ocorre à medida que as demandas da produção se modificam, levando a um deslocamento inicial no mercado de trabalho e, posteriormente, muitas vezes, a uma migração dos trabalhadores para outras regiões.

Para Santos (2002), o processo de migração implica em uma dupla experiência de alienação, embora possa ser menos perceptível para os recém-chegados devido a seus objetivos claros ou ao fato de já estarem familiarizados com um estilo de vida menos arraigado a um único lugar. No entanto, para aqueles que deixam suas regiões de origem, a situação é mais dramática, pois são deslocados de uma posição social, política ou profissional que se desenvolveu ao longo do tempo e estava profundamente enraizada nas condições locais. A saída repentina os coloca diante de um novo espaço, uma nova economia e uma nova sociedade, onde enfrentarão grandes desafios para se adaptarem e assumirem um novo papel.

Nessa linha de raciocínio, Haesbaert (2002) ressalta que para os estratos sociais mais desfavorecidos, a desterritorialização representa uma condição de insegurança multiterritorial ou até mesmo aterritorial, na qual a mobilidade se torna compulsória devido à completa ausência de escolha ou alternativas viáveis. Essa condição implica em vivenciar uma série de experiências imprevisíveis e variadas em busca da simples sobrevivência física no cotidiano.

Segundo Marandola Junior (2008), a crescente mobilidade característica da contemporaneidade é um elemento intrínseco ao processo de globalização, estando intimamente ligada às suas origens e consequências. Esse fenômeno não apenas reflete, mas também amplifica os processos de territorialização,

desterritorialização e construção de identidades territoriais. A mobilidade, ao se tornar um componente essencial da experiência moderna, intensifica a sensação de incerteza e promove a desterritorialização, representando, assim, uma clara manifestação da separação entre espaço e ser, uma distinção mantida meticulosamente pela metafísica moderna.

Diante desse cenário, é relevante destacar que a abordagem do território ultrapassa as fronteiras da Geografia e tem despertado interesse em diversas outras disciplinas. Nesse contexto, Milton Santos emerge como uma figura central, estabelecendo um parâmetro significativo ao afirmar que a concepção de território se desenvolve a partir da interação entre este espaço e as pessoas que o habitam, como aponta Koga (2011).

Nessa perspectiva, a compreensão da dinâmica das populações nos territórios está intrinsecamente ligada à indivisibilidade entre território e sujeitos, como observado por Koga (2011). Ao considerar a relação proposta por Santos (2000) entre território e população, torna-se possível uma visão ampla e profunda da vida cotidiana dos habitantes de uma determinada região. A interação entre o povo e o território não se limita apenas à condição de sujeito e objeto, mas revela uma conexão intrínseca entre ambos, ressaltando a importância de valorizar o local e o cotidiano não apenas como conceitos filosóficos e sociológicos, mas também como categorias geográficas e territoriais.

Ao considerarmos as reflexões de Koga (2011) sobre o território, observamos que este não apenas engloba as atuais dimensões temporais da divisão do trabalho, mas também as novas formas que possam surgir no futuro. Para a autora, é crucial compreender que as rugosidades do espaço surgem da interseção entre essas diferentes temporalidades, representando uma complexa interação entre passado, presente e futuro na configuração e na dinâmica dos territórios.

Busca-se, agora, explorar as interconexões entre estas categorias fundamentais da Geografia (espaço, território e lugar) e a experiência migratória do sujeito arraiano. Ao longo da discussão, observa-se como o espaço geográfico, entendido não apenas como um contínuo físico, mas também como um construto social e cultural, exerce influência sobre a formação do território e

a construção do lugar.

O conceito de espaço é abordado em sua dimensão ampla, considerando não apenas a distância física entre o município arraiano e os centros urbanos, mas também as relações sociais, econômicas e políticas que permeiam esse contexto geográfico. Essa análise espacial revela a dinâmica socioeconômica da região e a influência dos centros urbanos nas oportunidades de trabalho e qualidade de vida dos habitantes locais.

Já o território surge como o espaço concretizado pelas práticas sociais e as relações de poder presentes na comunidade arraiana. É por meio da ocupação e apropriação desse território que se estabelecem as bases para a identidade e a pertencimento dos sujeitos locais. Aqui, a migração emerge como uma resposta às condições territoriais, representando não apenas uma busca por oportunidades econômicas, mas também uma forma de resistência e adaptação às transformações do espaço vivido.

Por fim, o lugar surge como o espaço vivido e sentido pelos habitantes locais, onde se desenvolvem as relações cotidianas, as memórias afetivas e as práticas culturais. É no lugar que se manifesta a identidade arraiana, forjada pela interação entre os sujeitos e o ambiente físico e social ao seu redor.

Dessa forma, ao interligar as categorias geográficas (espaço, território e lugar) com a tese central sobre a migração do sujeito arraiano, não apenas oferece uma análise sólida das bases teóricas da Geografia, mas também proporciona uma compreensão mais profunda das dinâmicas territoriais e suas implicações na vida das populações locais.

2.2 Mobilidade em Ação: As Bases Teóricas da Migração

Dentro do contexto da tese central de que o sujeito arraiano é historicamente constituído para migrar, as teorias de migração assumem uma relevância crucial. Elas nos fornecem uma compreensão mais profunda das dinâmicas por trás dos deslocamentos populacionais dos arraianos, destacando a complexidade das forças que moldam suas experiências migratórias. Ao explorar essas teorias, podemos desvendar os motivos subjacentes às escolhas

dos arraianos de deixar suas comunidades em busca de novas oportunidades em outras regiões.

A ação de migrar, seja para outro país, estado, região ou apenas mudar de domicílio, é um fenômeno intrínseco à história, como propõe Sarmiento (1984). No contexto brasileiro, as migrações assumem diversas formas: rural-rurais, rural-urbanas, urbano-rurais e urbano-urbanas, tanto em níveis inter-regionais quanto intrarregionais. Essa dinâmica é significativa e boa parte da população brasileira se enquadra em uma dessas categorias, o que reflete o fato de que muitos brasileiros residem em locais diferentes de onde nasceram.

O direito de ir e vir, assegurado pela Constituição Federal, é uma garantia fundamental que não admite muitas discussões: "É livre a locomoção no território nacional em tempo de paz, podendo qualquer pessoa, nos termos da lei, nele entrar, permanecer ou dele sair com seus bens" Brasil (1988, art. 5.º, CF, XV). Essa disposição constitucional consagra a liberdade de deslocamento dentro do país, estabelecendo um princípio fundamental para a cidadania e a garantia dos direitos individuais.

No entanto, a controvérsia que cerca a questão da migração está centrada nas circunstâncias em que ela se desenrola. Ela pode ocorrer de forma voluntária, como um direito inerente, ou de maneira compulsória, resultado de políticas desumanas e interesses governamentais. Essa dicotomia levanta questões éticas e humanitárias sobre a liberdade de movimento e as condições que motivam ou forçam as pessoas a deixarem seus lugares de origem.

Em sua análise, King (2012) oferece uma retrospectiva das teorias de quatro geógrafos que influenciaram o estudo da migração. Entre eles estão Ravenstein, com suas 'Leis de Migração' (1885; 1889), Zelinsky e sua 'Hipótese de Transição Móvel' (1971), Mabogunje com seu sistema de análise de migração rural-urbana (1970), e Hagestrand, que aborda a Geografia do Tempo, trajetórias de vida e campos de informação (1975; 1982). Especificamente sobre as 'Leis de Ravenstein', King (2012) apresenta algumas delas para elucidar parte das concepções do autor sobre migração, incluindo a observação de que a maioria dos migrantes se desloca apenas curtas distâncias, que a migração ocorre em etapas progressivas, e que as principais causas da migração são de natureza

econômica, King (2012).

Uma perspectiva na geografia das migrações emerge dos estudos da “Geografia Populacional”, que tradicionalmente se dedicam à análise de padrões, regularidades e características dos movimentos migratórios e de seus atores. King (2012) destaca a importância dessas abordagens na compreensão das dinâmicas migratórias, influenciando estudos tanto a nível nacional quanto internacional, como ressaltado por Cavalcanti (2017; 2018) e Mihi-Ramírez (2017). Contudo, a Geografia Populacional contemporânea já ultrapassou essas perspectivas iniciais, incorporando, como mostra Boyle (1998), fatores culturais, transnacionais e a participação individual dos migrantes como dimensões centrais de análise.

As análises migratórias que consideram determinantes climáticos (Beine & Parsons, 2017), socioeconômicos (Farooq et al., 2014; Prytula & Pohorila, 2012) e redes sociais (Fagiolo & Santoni, 2014) oferecem contribuições às teorias populacionais sobre migração. Essas perspectivas ampliam nossa compreensão dos fatores que influenciam os movimentos populacionais, destacando a interconexão complexa entre condições ambientais, contextos socioeconômicos e redes de interação social na dinâmica migratória.

A ascensão da “virada cultural” marcou um ponto crucial nos estudos migratórios, caracterizado pela legitimação e estabilização dos métodos etnográficos dentro dessas abordagens. Esse momento representou mais do que uma simples mudança metodológica; foi o início de uma transição paradigmática, marcando o deslocamento de uma era na qual a migração era predominantemente entendida como uma resposta econômica e demográfica às forças estruturais que moldavam a produção material e as disparidades espaciais, para uma nova epistemologia baseada na cultura, na consciência e na agência individual no comportamento humano, inclusive no fenômeno da migração, King (2012).

A partir da segunda metade da década de 1990, as perspectivas culturais sobre a migração ganharam crescente relevância nos debates da Geografia Humana, encontrando espaço significativo nos ambientes acadêmicos das ciências sociais, culturais e políticas, King (2011). Esse enfoque cultural não

apenas enriqueceu as análises migratórias, mas também destacou a complexidade das interações entre identidade, pertencimento e movimento humano em contextos geográficos diversos.

A análise de King (2012) identificou a contribuição significativa da Geografia Cultural em quatro linhas teóricas principais, marcando mudanças paradigmáticas nos estudos sobre migração (Blunt, 2007; Silvey, 2004). Essas linhas incluem a abordagem do “movimento” ou da “mobilidade”, que ressalta não apenas os deslocamentos físicos, mas também as dinâmicas sociais e culturais subjacentes a esses movimentos; as migrações transnacionais, que destacam as conexões e interações entre diferentes espaços geográficos; as diásporas, que examinam as experiências e identidades dos grupos dispersos em todo o mundo; e os estudos de migração e gênero, que investigam as complexas interseções entre migração, identidade de gênero e relações de poder, King (2012).

O paradigma da mobilidade, uma perspectiva relativamente recente, sendo defendida por autores como John Urry (2007) e Tim Cresswell (2006). Para King (2012) essa teoria encontra sua inspiração nos escritos de Bauman, especialmente em sua obra "Modernidade Líquida" (2000). Destacando-se as contribuições de estudiosos como Adey (2010) e Blunt (2007) para o campo dos estudos sobre mobilidade na Geografia Cultural, King (2011).

A teoria transnacional emergiu como uma perspectiva nos estudos migratórios internacionais nas últimas três décadas. Originando-se de estudos epistemológicos pós-positivistas, pós-estruturalistas e pós-nacionalistas, essa abordagem teve suas raízes nos trabalhos pioneiros de antropólogos norte-americanos no início da década 90 (Glick Schiller et al., 1992, 1995; Basch et al., 1994). Esses estudiosos exploraram as interconexões complexas e as experiências transculturais que caracterizam os movimentos migratórios além das fronteiras nacionais, contribuindo para uma compreensão mais profunda das dinâmicas do fenômeno da migração em um mundo cada vez mais globalizado.

A história das migrações internas no Brasil ajuda a entender como a sociedade brasileira se formou. Ao longo do tempo, as pessoas se moveram dentro do país, o que influenciou a demografia, a economia, a cultura e a política

do país. Desde os tempos coloniais até os dias de hoje, esses movimentos populacionais deixaram marcas na identidade nacional e na estrutura social do Brasil.

Conforme observado por Singer (1976), as migrações estão sempre condicionadas historicamente, fazendo parte de um processo global de mudança do qual não podem ser dissociadas. Santos et al. (2010) também associam o fenômeno migratório ao desenvolvimento do capitalismo, especialmente à sua fase de industrialização. Ambos concordam que as desigualdades regionais desempenham um papel central nas migrações, argumentando que a concentração de atividades econômicas gerada pela industrialização leva a desequilíbrios regionais que, por sua vez, motivam os movimentos migratórios.

Segundo Santos et. al. (2010), a migração é vista como um processo de mobilização social. Para que ela ocorra, é essencial que haja informações disponíveis sobre o local de destino. Somente após isso, surgem expectativas de vida melhores do que as do lugar de origem. Assim, ao analisar as condições atuais e as perspectivas geradas pelas informações disponíveis, o sujeito encontra motivação para migrar. Nessa visão, Santos et. al. (2010) destaca que a migração não pode acontecer em um contexto de isolamento social.

Santos et. al. (2010) esclarece uma abordagem da migração em três níveis distintos: o ambiental, o normativo e o psicossocial. No primeiro nível, o ambiental, são considerados os fatores que expulsam e atraem os migrantes, além das condições de comunicação, contato e acessibilidade entre as áreas de origem e destino. No segundo nível, o normativo, são analisados os papéis, expectativas e padrões de comportamento socialmente estabelecidos, que servem como referência para os sujeitos avaliarem suas condições de vida. Por fim, no terceiro nível, o psicossocial, são examinadas as atitudes e expectativas dos sujeitos concretos em relação à migração.

Conforme argumentado por Santos at. al. (2010), a industrialização provoca uma centralização das atividades econômicas, resultando em disparidades regionais que, por sua vez, estimulam os fluxos migratórios. Ou seja, para ele, são as diferenças regionais que servem como impulsores das migrações.

Singer (1976) identifica dois tipos de fatores que influenciam a saída de sujeitos de determinado local. Os fatores de mudança são associados à introdução de relações capitalistas no campo, o que pode levar ao desemprego estrutural. Por outro lado, os fatores de estagnação estão relacionados à incapacidade dos produtores rurais de aumentarem a produtividade da terra e se adaptarem aos novos padrões de produção necessários. Nas cidades, a demanda por mão de obra é o principal fator de atração para os migrantes, sendo que a principal motivação para migrar é a busca por oportunidades econômicas, principalmente a perspectiva de uma melhor remuneração.

Santos et. al. (2010) aborda os principais obstáculos enfrentados pelos migrantes no processo de migração. Ele destaca a falta de qualificação e recursos financeiros adequados entre os migrantes, além da possibilidade de oferta de emprego nas cidades não acompanhar a demanda devido à migração. Santos et. al. (2010) também ressalta que o crescimento da demanda por mão de obra pode ser mais lento do que o aumento da produção, o que resulta na marginalização dos migrantes e na criação de um excedente de trabalhadores urbanos, exercendo pressão sobre os salários.

Para Damiani (1997) a abordagem do subdesenvolvimento, a migração muitas vezes foi relegada a um papel secundário, enquanto a atenção principal se concentrava no crescimento populacional. No entanto, a partir da década de 1960, observa-se uma mudança significativa nesse paradigma, onde o crescimento populacional é deslocado para uma posição secundária em relação à análise da migração (Damiani, 1997).

De acordo com Damiani (1997), a pesquisa sobre migração provocou uma reavaliação do processo de desenvolvimento, destacando a degradação das estruturas de pequenas propriedades e a consolidação dos grandes latifúndios. Nesse contexto, a questão populacional não foi mais vista como algo externo a esse processo, mas sim como uma parte intrínseca da dinâmica de acumulação. Esta abordagem ressalta a interconexão entre as mudanças na estrutura agrária e os padrões de migração, evidenciando como a questão demográfica desempenha um papel fundamental na compreensão ampla do desenvolvimento econômico e social.

A crescente relevância atribuída aos estudos e análises sobre os movimentos populacionais pode ser interpretada, em parte, à luz de uma perspectiva demográfica. Observa-se uma tendência de convergência nos níveis de fecundidade e mortalidade, um fenômeno gradual que abrange cada vez mais amplos contingentes populacionais e se estende por diferentes espaços, variando em suas características econômico-sociais, Patarra e Pacheco (1997). Esse processo implica uma mudança significativa na dinâmica demográfica, com repercussões que vão além dos aspectos puramente populacionais, influenciando também os padrões de desenvolvimento econômico e social em diversas áreas.

Os estudos de Patarra e Pacheco (1997) destacam uma tendência marcada por quedas acentuadas nas taxas de crescimento populacional. Essa dinâmica evidencia um fenômeno no qual as disparidades na distribuição da população no espaço se tornam mais evidentes. Além disso, os autores ressaltam as transformações decorrentes dos movimentos migratórios intensos e variados. Essas mudanças não apenas reconfiguram a geografia populacional, mas também transformam a natureza da dinâmica demográfica, tornando-a fundamental para a reflexão sobre as interações entre população, espaço, território, lugar, desenvolvimento econômico e social.

Embora o povoamento e a migração sejam fenômenos distintos, o primeiro referindo-se à ocupação e fixação populacional em um território, o segundo aos deslocamentos espaciais propriamente ditos, os dois processos são indissociáveis. O entendimento do fenômeno do povoamento torna-se incompleto sem uma análise aprofundada dos movimentos migratórios, assim como a compreensão da migração exige o conhecimento das dinâmicas de ocupação do território. Nesse sentido, os estudos geográficos sobre migrações abrangem uma perspectiva histórica ampla, remontando à Antiguidade, e oferecem um conteúdo de grande riqueza. A partir dessa premissa, torna-se evidente que as cidades representam testemunhas significativas das etapas anteriores das civilizações humanas (PATARRA, 1997).

Conforme observado por Patarra (1997), os movimentos migratórios, antes predominantemente ligados à condição de pobreza, agora se entrelaçam

com fluxos de populações de renda média e alta. Os autores também enfatizam os deslocamentos de uma população envelhecida, resultado das mudanças no perfil demográfico do Brasil. Essa dinâmica migratória reflete não apenas as transformações socioeconômicas do país, mas também a diversificação dos fatores que impulsionam os deslocamentos populacionais.

Muitos dos padrões migratórios considerados emergentes são, na verdade, modalidades de deslocamentos populacionais que já existiam em outros contextos históricos. Segundo Patarra e Pacheco (1997), as mudanças nos fluxos migratórios, a alteração dos fatores de atração e repulsão, as diferenças na seletividade dos migrantes e dos grupos sociais envolvidos, o aumento das migrações de retorno, a circularidade dos movimentos e a manutenção de deslocamentos sazonais e temporários têm como pano de fundo questões relacionadas ao excedente populacional. Esses elementos destacam a complexidade e a constante evolução dos padrões migratórios, que refletem não apenas mudanças sociais e econômicas, mas também a dinâmica demográfica e as condições ambientais.

A abordagem proposta por Marandola Júnior (2010) direciona nossa atenção para uma compreensão mais profunda do fenômeno da migração, enfocando não apenas seus aspectos quantitativos, mas também a maneira como é vivenciado pelos migrantes. Sob uma perspectiva fenomenológica, o foco recai sobre a experiência subjetiva do migrante, destacando o sentido de deslocamento e a busca pelo significado dessa condição. Nesse contexto, a tradição dos estudos migratórios é percebida não apenas como uma análise das leis e fatores sociais que influenciam os movimentos populacionais, mas também como uma reflexão sobre as estruturas produtivas do capital e suas implicações na vida dos migrantes.

Antico (1997) destaca que a década de 1980 foi um período de transformações profundas no panorama da redistribuição espacial da população brasileira. Essas mudanças não apenas alteraram as dinâmicas de migração, mas também desafiaram os modelos interpretativos e as abordagens tradicionais utilizadas para estudar os movimentos populacionais.

Para ela, Antico (1997), o cenário atual dos deslocamentos populacionais

apresenta uma diversidade significativa, abrangendo uma ampla gama de movimentos entre áreas urbanas, um aumento na procura por cidades de porte médio, migrações de diferentes grupos sociais e em várias fases da vida, além de deslocamentos pendulares e de retorno. Essa complexidade torna obsoletas as abordagens que se restringem a análises puramente econômicas ou simplificações do tipo atração versus expulsão.

Segundo Santos (2012), o avanço do capital técnico-científico resulta no deslocamento significativo de residentes tradicionais, enquanto atrai mão de obra de outras regiões. Esse fenômeno, independentemente do contexto específico, implica em uma dupla transição: inicialmente no mercado de trabalho e, posteriormente, na geografia, levando trabalhadores a migrarem para novas localidades. Esse movimento não apenas altera as dinâmicas econômicas locais, mas também redefine os padrões de comunidade e identidade, desafiando as noções tradicionais de pertencimento e vínculo com o lugar.

Segundo Moreira (2007), a complexidade dos arranjos espaciais é moldada essencialmente pelas relações sociais. Dentro das condições históricas contemporâneas, essas relações se manifestam predominantemente como relações de classe, exercendo uma influência profunda na organização e na distribuição dos espaços urbanos e rurais.

Ao vincular o processo migratório do arraiano à formação histórica do município, considerando sua localização distante dos principais centros econômicos da região Centro-Oeste, como Goiânia, Brasília e Palmas na região norte, e sua inserção em uma região de baixo dinamismo econômico, evidencia-se que a migração se apresenta como uma condição estrutural da existência arraiana, e não como uma predestinação. Esta afirmativa se fundamenta na em Singer (1976) de que as migrações são condicionadas historicamente, sendo parte intrínseca de um processo global de mudança socioeconômica. Além disso, Santos et al. (2010) associam o fenômeno migratório ao desenvolvimento do capitalismo, especialmente durante sua fase de industrialização, ressaltando que as desigualdades regionais desempenham um papel crucial nesse processo.

Conforme observado por Santos (2012), o avanço do capital técnico-

científico contribui para o deslocamento significativo de residentes tradicionais das áreas menos desenvolvidas, enquanto simultaneamente atrai mão de obra de outras regiões em busca de oportunidades econômicas. Esses conceitos fundamentais evidenciam a interdependência entre migração e dinâmicas socioeconômicas, destacando que o movimento migratório do arraiano não é apenas uma resposta individual, mas sim parte de um complexo conjunto de processos históricos e estruturais.

Assim, este trabalho se embasará nas teorias apresentadas por Singer, Santos et al. e Santos, reconhecendo a importância de compreender o fenômeno migratório à luz de suas raízes históricas e das dinâmicas econômicas globais e locais, o que permitirá uma análise mais abrangente e contextualizada do papel da migração na vida e na formação social do sujeito arraiano, bem como, dos impactos deste fenômeno, migração, no território do município de Arraias.

Desta forma, as teorias de migração discutidas ao longo deste capítulo nos fornecem uma base sólida para compreender os fluxos migratórios arraianos, oferecendo ferramentas analíticas para desvendar como esses sujeitos se movem e se reconstroem em novos territórios.

No caso de Arraias, a interação entre as dinâmicas econômicas globais e as particularidades locais evidencia que a migração não é um evento isolado, mas sim um reflexo das pressões estruturais que atravessam a história do município e de seus habitantes. A análise das trajetórias migratórias dos arraianos revela como esses processos são vividos, sentidos e ressignificados, especialmente no contexto de um município que, desde sua fundação e posteriormente com a criação do estado do Tocantins, tem sua história marcada pelo movimento constante de pessoas, capitais e ideias. Deste modo, é possível observar como as teorias migratórias se materializam na vida cotidiana de Arraias e, ao mesmo tempo, como o município se insere em uma rede de fluxos migratórios que transcendem suas fronteiras.

Eu me lembro muito bem do dia em que eu cheguei. Jovem que desce do norte pra cidade grande. Os pés cansados e feridos de andar légua tirana. E lágrimas nos olhos de ler o Pessoa. E de ver o verde da cana.

Em cada esquina que eu passava, um guarda me parava. Pedia os meus documentos e depois sorria. Examinando o três-por-quatro da fotografia. E estranhando o nome do lugar de onde eu vinha.

Pois o que pesa no norte, pela lei da gravidade. Disso Newton já sabia, cai no sul grande cidade. São Paulo violento, corre o rio que me engana Copacabana, Zona Norte. E os cabarés da Lapa onde eu morei.

A noite fria me ensinou a amar mais o meu dia. E pela dor eu descobri o poder da alegria. E a certeza de que tenho coisas novas. Coisas novas pra dizer.

A minha história é, talvez. É talvez igual a tua, jovem que desceu do norte, que no sul viveu na rua. E que ficou desnortado, como é comum no seu tempo. E que ficou desapontado, como é comum no seu tempo. E que ficou apaixonado e violento como, como você.

Belchior, Fotografia 3x4", de 1976

SEÇÃO 3



SEÇÃO 3

NAS TRILHAS DA PESQUISA: CAMINHOS METODOLÓGICOS NA INVESTIGAÇÃO DA MIGRAÇÃO ARRAIANA

O foco deste estudo de migração interna não é a investigação somente do ponto de vista estrutural (dados, teorias gerais e grandes escalas), mas também a partir dos fenômenos da existência, dos itinerários, das aspirações e das projeções dos migrantes. Assim, a primeira parte do trabalho traz a revisão da literatura acerca do tema migração.

No capítulo um foi feita uma análise documental que visa identificar, contextualizar, discutir e problematizar o fenômeno da migração no município de Arraias, bem como contribuir para analisar a pertinência da metodologia utilizada, que é a Pesquisa Ação conjugada com a técnica de análise de conteúdo. Para tanto, objetivo é realizar estudo de caso, por meio da observação participante com os atores constituintes desse processo, convivendo, entrevistando, fazendo parte de suas realidades.

Cardoso afirma que “observar é contar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos, construindo cadeias de significação” (1986). Nesse ambiente de intensa relação com o grupo pesquisado, também trabalhou com o recurso do diário de campo. Essa técnica permiti analisar e relacionar o discurso adotado pelos sujeitos, que se personifica e materializa através das vivências do fenômeno da migração, bem como registrar, em tempo real, as diversas observações do pesquisador, permitindo assim a releitura e as lembranças no momento de redigir a tese.

Para substanciar a pesquisa, pretende-se utilizar a técnica de Cartas de Vida. Conforme Hammersley e Atkinson (2019), a técnica pode fornecer uma visão mais completa da vida dos participantes, permitindo uma compreensão mais profunda das suas experiências e perspectivas. Segundo o autor, a metodologia pode ser utilizada em estudos sobre questões como identidade de gênero, migração, pobreza, entre outras.

Como segundo procedimento de coleta de dados sobre a migração dos sujeitos arraianos, elaboramos um questionário específico que visa coletar informações detalhadas sobre suas trajetórias, motivações, condições

socioeconômicas, e expectativas em relação ao futuro. Este questionário foi desenhado para capturar tanto dados quantitativos quanto qualitativos, permitindo uma análise multidimensional das vivências migratórias. A estrutura das perguntas busca refletir as complexidades das experiências individuais, abordando desde as razões iniciais para a migração até as consequências e impactos dessa decisão em suas vidas.

3.1 Pavimentando o Caminho: As Cartas de Vidas

O fenômeno da migração dos sujeitos arraianos pode ter alguns agentes motivadores: disputa por terra, competição, carência de recursos e serviços básicos, desemprego, miséria, fome. Esses são alguns fatores comuns que levam os sujeitos a buscarem um futuro melhor para si e para seus descendentes, advindo de uma ascensão social. Busca-se, em geral, melhor condições e qualidade de vida.

Fígoli (1982) lida com a migração como um processo, um ato social, com algumas fases: a motivação para migrar, a estrutura do processo migratório e a integração do sujeito. A migração, como redistribuição espacial dos sujeitos, é uma mudança física, mas também pode se dizer que é uma mudança social, pois o migrante se insere em um novo contexto social e adquire novos conhecimentos, o que remete às ideias de Chaveiro e Vasconcellos (2018), que afirmam que pessoas são museus humanos que doam seus acervos pessoais aos outros museus humanos – amores, filhos, amigos, inimigos, companheiros, vizinhos, transeuntes –, para fazerem jus ao que receberam dos que lhes antecederam.

Cabe esclarecer que minha posição como pesquisador, migrante negro e arraiano é fundamental na condução dos estudos sobre a migração dos sujeitos arraianos. Djamila Ribeiro (2017), enfatiza a importância de marcar o lugar de fala, especialmente ao considerar que é fundamental marcar o lugar de fala de quem as propõem, percebendo que essa marcação se torna necessária para entendermos realidades que foram consideradas implícitas dentro da normatização hegemônica. Minha experiência vivida, portanto, não apenas

informa e enriquece a pesquisa, mas também desafia as narrativas dominantes que frequentemente invisibilizam essas trajetórias. Minha trajetória pessoal oferece uma perspectiva capaz de revelar dimensões da migração arraiana que podem escapar a uma análise externa e menos contextualizada.

Essa abordagem não é meramente metodológica, mas se apresenta como uma necessidade epistemológica, na qual meu lugar de fala se torna um recurso para a compreensão das dinâmicas envolvidas em torno do fenômeno da migração. Ao me posicionar como parte integrante do grupo estudado, ofereço uma visão que valoriza as especificidades e complexidades das experiências migratórias dos sujeitos arraianos. Assim, esta análise autoetnográfica contribui para a ampliação das discussões sobre migração, trazendo à luz aspectos que podem ser compreendidos a partir da vivência direta desses processos.

Portanto, ao adotar uma perspectiva da pesquisa ação e entender a migração como um processo social composto de diferentes fases, conforme defendido por Fígoli (1982) — como a motivação para migrar, a estrutura do processo migratório e a integração do sujeito —, reconhecemos que os migrantes buscam regiões que ofereçam maior dinamismo e atendam às suas necessidades básicas de vida, além da possibilidade de ascensão social. Nesse sentido, a metodologia das “cartas de vida” se mostra adequada como instrumento de escuta, bem como, para evidenciar o fenômeno migratório no sudeste do Tocantins, com foco no município de Arraias após o desmembramento do estado em 1989. Essa abordagem permite caracterizar os sujeitos, seus motivos, trajetórias, sonhos e realidades, oferecendo uma compreensão desse processo migratório.

A metodologia das cartas de vida é um recurso qualitativo que possibilita a coleta de dados detalhados e ricos em significados, oferecendo aos pesquisadores uma ferramenta valiosa para explorar a complexidade das experiências humanas. Essa técnica permite que os participantes se expressem de forma livre, pessoal e profunda, compartilhando suas emoções, vivências, opiniões e perspectivas sobre sua trajetória de vida. Ao escreverem suas próprias histórias, os participantes revelam nuances de suas experiências,

proporcionando uma compreensão mais abrangente e sensível das dinâmicas sociais e pessoais que moldam suas vidas.

É essencial que os estudos sobre migração abordem não apenas os fatores estruturais que influenciam o processo migratório, mas também as particularidades e vivências individuais dos migrantes. Isso inclui as demandas do cotidiano, os desafios enfrentados, as memórias e sentimentos que acompanham suas trajetórias. Cerqueira (2009) se refere a essas experiências como "trajetórias socioespaciais," enquanto Souza (2013) utiliza o termo "práticas espaciais," e Paula (2013) fala em "sociabilidade de migrantes" para descrever as interações e vínculos sociais que os migrantes constroem ao longo de sua jornada.

Nesse contexto, a metodologia das cartas de vida se apresenta como uma ferramenta, capaz de capturar essas dimensões subjetivas e relacionais da migração. Por meio das cartas de vida, é possível acessar e documentar as memórias, emoções, e reflexões dos migrantes, oferecendo uma visão profunda e rica dessas "trajetórias socioespaciais," "práticas espaciais," e "sociabilidade,".

Soares (2020) entende as "cartas de vida" como um recurso metodológico que permite aos participantes refletir e relatar suas condições de vida, tanto passadas quanto presentes. Essa metodologia proporciona uma oportunidade para que os migrantes revivam, analisem e compartilhem suas experiências. Sendo um gênero textual narrativo, as cartas de vida oferecem um espaço para que as vozes dos migrantes sejam ouvidas e reinseridas no contexto de seu tempo e território, dando visibilidade às suas trajetórias e histórias.

Soares (2020), em sua tese *Mãos que Escrevem o Território, Escrevem a Vida: o Trabalhador Migrante Nordestino em Rio Verde, Goiás*, traz uma inovação metodológica das cartas de vida para analisar a experiência dos migrantes nordestinos em Rio Verde, Goiás. Baseando-se em estudos como os de Brander et al. (2015), Carolina Clemente (2016) e Silva et al. (2020), Soares adapta essa metodologia para captar as particularidades e vivências individuais dos migrantes. Através das cartas de vida, Soares consegue explorar as demandas do cotidiano, os desafios enfrentados, e as memórias e sentimentos que permeiam suas trajetórias, oferecendo uma compreensão mais profunda e

detalhada dessas experiências até esmiuçar os aspectos afirmativos e disruptivos dessas trajetórias.

Soares (2020) também observa que, embora nenhum dos estudos tenha se aprofundado na conceituação das "cartas de vida" como um instrumento metodológico, todos reconhecem sua capacidade de dar voz a adolescentes em situação de vulnerabilidade. De maneira similar, nesta tese, as cartas de vida desempenham um papel fundamental ao fornecer relatos que são essenciais para compreender os sujeitos arraianos, seus motivos, trajetórias, sonhos e realidades, tanto dos migrantes quanto de suas famílias.

Desde 2022, com o objetivo de compreender melhor os migrantes arraianos, o pesquisador se inseriu em vários grupos online, como o WhatsApp: Galera Arraiana, com 179 membros; Amigos Sempre Amigos, com 41 membros; Paralelo13, com 69 membros; Política e Democracia, com 13 membros; Colaboradores P13, com 15 membros; Família JUAPEC, com 29 membros; Comunidade Arraiana, com 57 membros; Canela de Aço, com 48 membros; e Arraias'97, com 7 membros. A maioria dos participantes desses grupos são arraianos migrantes que se estabeleceram em diversas partes do mundo, com uma concentração significativa em Brasília, Goiânia e Palmas. Essa predominância levou à escolha dessas três cidades como foco para os participantes que escreveram as Cartas de Vida.

Além da inserção em grupos online, o pesquisador tem participado ativamente de encontros presenciais nos últimos dois anos, principalmente em Goiânia, reunindo-se com os sujeitos pesquisados. Esses encontros têm sido fundamentais para estabelecer uma conexão mais próxima e pessoal com os migrantes, permitindo uma compreensão mais profunda de suas experiências e trajetórias.

Essa aproximação é característica das pesquisas ação e é essencial para o desenvolvimento desta tese. A interação direta com os sujeitos, tanto online quanto presencialmente, permite ao pesquisador captar as nuances e complexidades das vidas dos migrantes arraianos, enriquecendo a análise e a interpretação dos dados coletados.

Para ilustrar e documentar o trabalho realizado, inclui algumas imagens

dos encontros entre o pesquisador e os grupos pesquisados. Essas imagens capturam momentos em que as experiências dos migrantes arraianos foram compartilhadas e discutidas em um ambiente de descontração e liberdade.



Figura 1 – Jogo do Paralelo 13 contra o Aliança – Aniversário de 23 anos do Aliança - 22/04/2023

Fonte: Diretoria de Comunicação do Paralelo 13.



Figura 2 – Reencontro de amigos de infância migrantes arraianos – 22/04/2023

Fonte: Diretoria de Comunicação do Paralelo 13.



Figura 3 – Abraço fraterno entre dois compadres, migrantes, arraianos, que jogam em times diferentes do município de Arraías – Paralelo 13 X Aliança

Fonte: Diretoria de Comunicação do Paralelo 13.



Figura 4 – Migrante arraiano e técnico do Paralelo 13.

Fonte: Diretoria de Comunicação do Paralelo 13.



Figura 5 – Migrante arraiano e presidente do Paralelo 13.

Fonte: Diretoria de Comunicação do Paralelo 13



Figura 6 – Migrante arraiana e diretora de comunicação do Paralelo 13 – preparação para o evento encontro de arraianos em Goiânia – 54 anos do Paralelo 13.

Fonte: Diretoria de Comunicação do Paralelo 13



Figura 7 – Organização coletiva de viagem de confraternização de Migrantes arraianos retornando a Arraias.

Fonte: Diretoria de Comunicação do Paralelo 13

O Paralelo 13 se tornou um ícone central na acolhida dos migrantes Arraianos em Goiânia, servindo não apenas como um time de futebol, mas como uma rede socioafetiva fundamental. As imagens dos encontros do time destacam essa função, mostrando como o grupo se transforma em uma base de apoio para aqueles que chegam à cidade em busca de novas oportunidades. Segundo Soares (2020), essa rede socioafetiva esmiúça as relações entre os migrantes e seus participantes, criando um entrelaçamento onde ambos os lados ganham. Os membros da rede veem no formador um ponto de apoio crucial, enquanto o próprio formador conta com a colaboração daqueles que ajudou a integrar.

Essa rede socioafetiva vai além das necessidades emocionais imediatas. Como observa Soares (2020), ela fortalece a permanência do migrante na cidade, pois oferece um suporte contínuo que abrange desde a adaptação inicial até a construção de uma vida estável. Mais do que isso, o Paralelo 13 exemplifica como uma rede pode evoluir para além das questões afetivas, envolvendo influências sociopolíticas que moldam a experiência dos Arraianos em Goiânia. Essa evolução transforma a rede em um espaço de intercâmbio de interesses, que vai além do simples acolhimento e passa a envolver questões de ordem política e social.

Para os Arraianos, a organização de uma rede socioafetiva como o Paralelo 13 é uma resposta imediata e eficaz aos desafios do desenraizamento e da “síndrome do sem lugar.” A formação dessa rede não só facilita a adaptação na nova cidade, como também proporciona um espaço para a revitalização de suas memórias e a expressão de seus sentimentos de saudade e medo, elementos intrínsecos ao processo migratório. Através dessa rede, eles recriam um sentido de pertencimento, compartilhando experiências e construindo uma nova narrativa coletiva que mitiga o impacto emocional da migração.

Através dos contatos estabelecidos com a rede socioafetiva e dos diversos grupos de WhatsApp, foi possível compreender com mais profundidade as dinâmicas migratórias que envolvem os sujeitos Arraianos. Esses diálogos foram fundamentais para delinear a amostra que será utilizada na etapa de Cartas de Vida da pesquisa. Optou-se por uma amostra de conveniência, não probabilística, seguindo as orientações de Gil (1999), que define essa estratégia

como a seleção de um subgrupo representativo da população em estudo. As conversas permitiram identificar as principais regiões de concentração dos migrantes, o que orientou a escolha dos participantes.

Observou-se que grande parte dos migrantes arraianos se concentra em cidades como Brasília, especialmente nas áreas goianas do entorno do Distrito Federal, Goiânia, incluindo suas cidades próximas, e Palmas. Diante dessas dinâmicas e das interações estabelecidas, a tese considera o entorno de Brasília como parte da própria capital federal. Com base nessa análise, decidiu-se por uma amostra de 12 migrantes arraianos, distribuídos igualmente entre Brasília, Goiânia e Palmas, sendo quatro participantes de cada região. A seleção considerou critérios de gênero, raça e etariedade, garantindo uma composição diversa e representativa.

Em conversas informais com os 12 migrantes selecionados, foi esclarecida a metodologia das Cartas de Vida, um processo essencial para garantir a compreensão e o engajamento dos participantes. Todos os envolvidos foram esclarecidos a aprovação no comitê de ética. Etapa crucial para validar a proposta e dar início à elaboração das Cartas de Vida.

Para orientar esse processo, foi desenvolvido um roteiro sistematizado, Apêndice A, que serviu como base para a coleta de dados. A sistematização visa garantir que o conteúdo pesquisado seja consistente e que os relatos sejam significativos, trazendo à tona as experiências migratórias e as percepções dos sujeitos Arraianos sobre sua trajetória, contribuindo para a análise do fenômeno migratório no contexto do Cerrado.

3.2 Solidificando o Caminho: O Questionário

O questionário elaborado tem como objetivo complementar as informações colhidas nas Cartas de Vida trazendo elementos importantes para investigar as trajetórias de migração dos sujeitos Arraianos. Esta abordagem metodológica, centrada na coleta direta de dados qualitativos e quantitativos, justifica-se pela necessidade de entender a migração a partir das experiências pessoais e subjetivas dos migrantes, permitindo assim uma compreensão dos fatores que impulsionam a mobilidade e das condições de vida enfrentadas após a saída de Arraias.

Ao aplicar perguntas que abrangem tanto aspectos objetivos — como tempo de residência, ocupação e faixa salarial — quanto percepções subjetivas, como o acolhimento nos novos lugares e a avaliação da qualidade de vida, o questionário facilita uma análise multifacetada. Essas variáveis permitem traçar perfis migratórios e analisar de que maneira a migração afeta a vida dos sujeitos ao longo do tempo.

Além disso, o questionário serve para explorar o impacto da migração na identidade, nas relações de trabalho e no bem-estar dos migrantes. A inclusão de questões sobre os prós e contras de deixar Arraias oferece uma visão crítica das percepções dos participantes sobre o processo migratório, essencial para capturar as nuances desse fenômeno. A pergunta final, sobre o desejo de retornar a Arraias, fecha o ciclo de investigação ao conectar o passado (partida) com as aspirações futuras (possível retorno).

Em termos metodológicos, essa estratégia é especialmente relevante para a tese, pois permite dar voz aos migrantes, capturando as dinâmicas de movimento e transformações vividas por eles. A abordagem também contribui para os estudos sobre migração ao enfatizar não apenas os fatores econômicos e estruturais, mas também os aspectos socioafetivos e subjetivos que moldam as trajetórias dos sujeitos arraianos. A utilização deste questionário amarra a tese, permitindo uma caracterização ampla e complexa do fenômeno migratório no sudeste do Tocantins, evidenciando os sujeitos arraianos em suas histórias, motivações e realidades.

O questionário foi elaborado no Google Formulário foi respondido de forma eletrônica, com divulgação por meio de grupos de WhatsApp. A escolha por essa plataforma digital reflete a realidade atual dos migrantes arraianos, que utilizam grupos online como forma de manter suas conexões sociais e afetivas, mesmo estando fisicamente distantes de Arraias. Desde 2022, como pesquisador me inseri em diversos grupos online, como o WhatsApp, permitindo uma proximidade maior com os migrantes e possibilitando um contato direto para a aplicação do questionário.

O uso desses grupos, como o Galera Arraiana; Amigos Sempre Amigos; Paralelo13, entre outros, viabiliza a participação de migrantes que se

estabeleceram principalmente em Brasília, Goiânia e Palmas, as cidades escolhidas como foco para o estudo das Cartas de Vida. Essa estratégia de divulgação permite alcançar um número significativo de migrantes de forma rápida e prática, além de garantir uma maior representatividade na amostra.

Para garantir a coerência metodológica e a representatividade da amostra, foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão para os participantes da pesquisa. Esses critérios buscam delimitar o perfil dos sujeitos investigados, assegurando que os dados coletados estejam alinhados aos objetivos do estudo e às particularidades da migração arraiana.

Nos critérios de inclusão os participantes atenderam aos seguintes requisitos:

- ✓ **Origem geográfica:** Ser natural ou ter vivido por um período significativo (que gere pertencimento de naturalidade ao sujeito) no município de Arraias-TO, independentemente do local de residência atual.
- ✓ **Experiência migratória:** Ter migrado de Arraias para outra cidade (prioritariamente Brasília, Goiânia ou Palmas, mas não exclusivamente) após a emancipação do Tocantins (1989).
- ✓ **Idade:** Ter no mínimo 18 anos, garantindo a capacidade legal de consentir com a pesquisa.
- ✓ **Disponibilidade e consentimento:** Concordar em participar voluntariamente da pesquisa, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e se disponibilizando para as etapas de **Cartas de Vida** e/ou **questionário**.
- ✓ **Diversidade sociodemográfica:** Buscou-se equilíbrio em gênero, raça/etnia, faixa etária e tempo de migração para captar diferentes perspectivas do fenômeno.

Foram excluídos da pesquisa:

- **Indivíduos sem vínculo com Arraias:** Quem nunca residiu ou teve ligação afetiva significativa com o município.
- **Migração recente (menos de 1 ano):** Para evitar distorções na análise

de trajetórias consolidadas.

- **Recusa ou desistência:** Abandono do processo de coleta de dados após concordância inicial ou desistência voluntária a qualquer momento da pesquisa.

3.3 Declaração de uso de Inteligência Artificial

Em conformidade com as orientações do Guia de Integridade Acadêmica da Universidade Federal de Goiás (item 9 – Uso Responsável da Inteligência Artificial), declaro que utilizei ferramentas de Inteligência Artificial Generativa, especificamente o Deepseek, exclusivamente como apoio na revisão textual e na sugestão de adequações de estilo e clareza em algumas frases desta tese. Todas as informações, ideias, argumentos e conclusões aqui apresentados são de minha inteira responsabilidade como autor. A ferramenta foi empregada de forma transparente, sem comprometer a originalidade do trabalho, e seu uso limitou-se ao aprimoramento da escrita, não tendo participado da concepção intelectual, análise de dados ou geração de conteúdo substantivo da pesquisa.

Cabe, ao final deste capítulo, explicitar a articulação entre o método e a metodologia adotados. O método, entendido como expressão filosófica da pesquisa, ancora-se na pesquisa-ação e no lugar de fala do pesquisador migrante, negro e arraiano, pressupondo que a compreensão do fenômeno migratório exige imersão, escuta e participação direta nos contextos de vida dos sujeitos. Desse método decorrem as escolhas metodológicas, expressão operacional da pesquisa. Assim, a opção metodológica combinou dois instrumentos complementares de escuta. De um lado, as cartas de vida, que permitiram capturar as trajetórias singulares de cinco migrantes arraianos, revelando suas motivações, dores, conquistas e saudades. De outro, o questionário aplicado a 140 respondentes, que ampliou o espectro da investigação e permitiu identificar padrões e regularidades no fenômeno migratório. A pesquisa-ação, ancorada na inserção do pesquisador nos grupos de WhatsApp e nos encontros presenciais, especialmente nas atividades do

Paralelo 13, não apenas viabilizou o acesso aos participantes, mas também reafirmou o lugar de fala do pesquisador enquanto migrante, negro e arraiano, conforme discutido a partir de Djamila Ribeiro (2017). Mais do que procedimentos técnicos, os instrumentos aqui delineados constituem uma aposta epistemológica, a de que a migração só pode ser plenamente compreendida quando escutada a partir das vozes dos próprios sujeitos que a vivenciam. Método e metodologia, assim, não se separam, o primeiro ilumina o sentido da investigação; a segunda lhe dá concretude operacional. É com esse arcabouço que se dá, no capítulo seguinte, a travessia autoetnográfica de Goiânia a Arraias, na qual o corpo do pesquisador se coloca em movimento para sentir na pele a condição de andejo, corporificando, assim, a própria opção metodológica da tese.

SEÇÃO 4

Em Arraias, onde o vento vaga e tece,
o anejo, pé no chão, alma que aparece.
Na infância, medo e cura, um véu a se tecer:
“Se não ficar quieto, ele vem te colher”.
O choro era afogado pelo nome sussurrado,
um saco de histórias, um fardo carregado.
Mas os olhos, teimosos, seguiam a figura,
que estrada o teria? Que estranha aventura?
De onde vem teu passo, tua poeira, tua dor?
Pra onde vão teus sonhos, andarilho andador?
Quem são os teus, de sangue, ou os que o chão te deu?
A fantasia, então, nas asas me prendeu.
Agora, eu também me lanço na poeira do caminho.
Serei, por uns dias, um deles, um vizinho?
Anejo de mim mesmo, a estrada me terá,
e quem sabe em outro anejo, a minha história encontrará.

Domingos Viramundo



SEÇÃO 4

O QUE MOVE O ARRAIANO, NOTAS DE UMA TRAVESSIA.

Em minha terra, Arraias, o andarilho é conhecido por andejo. Desde criança tive uma relação de medo e curiosidade com os andejes que perambulavam pela cidade. O medo era advindo da pedagogia instalada por minha mãe: "*se você não ficar quieto o homem do saco vai te levar*", "*fica aí chorando que o andejo vai te levar*". A curiosidade vinha de saber para onde aquele sujeito estava indo, de onde vinha, qual a sua história, por onde já passou, quem são seus amigos, familiares. E a imaginação me levava para um mundo distante e incompreensível.

Essa pergunta, para onde vão, de onde vêm, o que os move? nunca deixou de me acompanhar. Ela apenas se transformou. Deixou de ser apenas a fantasia de um menino às janelas de Arraias e tornou-se questão de pesquisa, problema de tese, inquietação acadêmica. Mas, no fundo, permaneceu a mesma: o que faz alguém se colocar a caminho? O que faz do arraiano um andarilho, um andejo?

Convém esclarecer a distinção entre os termos. "*Andarilho*" designa, na literatura geográfica, o sujeito que se desloca constantemente, sem fixação permanente, associado a uma condição de errância e mobilidade contínua. "*Migrante*", por sua vez, é o conceito mais amplo e consagrado nos estudos populacionais, referindo-se àquele que se desloca no espaço, seja de forma temporária ou definitiva, por razões econômicas, sociais, políticas ou familiares. Já "*andejo*" é o termo local, utilizado em Arraias para nomear o andarilho, o sujeito que perambula pelas estradas e pela cidade, envolto em uma atmosfera de mistério e estranhamento, o mesmo que, na infância do pesquisador, provocava medo e curiosidade. Nesta tese, os três termos são mobilizados como expressões de um mesmo fenômeno: o movimento de pessoas no espaço, seja ele migração, deslocamento pendular ou errância. O que os unifica é a condição de quem está a caminho, sem a certeza de onde irá parar.

Agora, está aventura, Andejes no Caminho, me lança na trajetória solitária em busca de mim mesmo. Será que por uns dias posso ser andejo e encontrar

outros andarilhos? A viagem tem início em Goiânia (GO), cidade que acolhe tantos migrantes, e segue até Arraias (TO), minha terra natal, num percurso de 639 quilômetros que é, ao mesmo tempo, geográfico e existencial.

Saindo pela BR 153 em direção a Brasília, as primeiras paisagens do Cerrado goiano anunciam a progressiva transformação do horizonte, dos centros urbanos densos às franjas do Distrito Federal, onde a metrópole vai se dissolvendo no planalto no centro do sertão brasileiro.

Ao deixar o asfalto da rodovia federal e adentrar a GO 118, o ritmo muda: a estrada agora serpenteia por entre chapadas, pequenos povoados e intermináveis retas onde o vento sopra e somente eu sou o obstáculo. É nesse trecho que a condição de andejo começa a se revelar na pele, no zumbido do silêncio, no peso das pernas, na poeira que se acumula e conta histórias.

Finalmente, ao cruzar a divisa com o Tocantins pela TO 050, a paisagem se torna familiar: as primeiras elevações da serra, o ar mais seco, o cheiro da terra que anuncia a chegada. Arraias já não está distante, e com ela, a promessa de que, no fim da estrada, talvez eu encontre não apenas outros andejos, mas também o menino que um dia os observava da janela, imaginando para onde iam.

Se nos capítulos anteriores percorri os fundamentos teóricos e metodológicos que sustentam a investigação sobre a migração arraiana, incluindo a necessária demarcação do meu lugar de fala enquanto pesquisador, migrante negro e arraiano, bem como a adoção da pesquisa-ação e das cartas de vida como procedimentos metodológicos, neste momento proponho um deslocamento de outra ordem. Trata-se de colocar o corpo em movimento e a experiência em primeiro plano.

Entre os dias 08 de julho e o dia 15 de julho de 2025, percorri 639 quilômetros de bicicleta entre Goiânia e Arraias, numa travessia que durou sete dias. Não se tratou de um deslocamento meramente logístico, mas de uma imersão deliberada na condição que, desde a infância, me fascinava e amedrontava: a condição de andejo. Ao pedalar pelas estradas do nordeste goiano e do sudeste do Tocantinense, experimentei no corpo as dimensões da distância, do cansaço, da exposição aos elementos, da solidão e do encontro.

Experimentei, ainda que temporariamente, o que significa estar a caminho sem a certeza do que se encontrará adiante.

Este capítulo, narra essa travessia. Mais do que um relato de campo convencional, o que se segue é uma tentativa de articular a experiência vivida com a reflexão geográfica, compreendendo que o movimento migratório não se revela plenamente apenas pelos números, gráficos ou entrevistas, revela-se também na pele de quem se põe na estrada. Ao final, retomo a pergunta que inaugura este texto: se por alguns dias pude ser andejo, o que encontrei pelo caminho? E, principalmente: o que essa experiência me permitiu compreender sobre os andejos que sempre habitaram o imaginário arraiano e sobre aquele que, desde menino, já os carregava dentro de si?

4.1 Onde o menino encontra o andejo: os primeiros quilômetros de volta.

Eram exatamente 5h55 quando apoiei o pé no chão e senti o peso da bicicleta entre as pernas. A cidade ainda despertava, e Goiânia, que por tantos anos foi o destino da minha migração, agora se despedia de mim como ponto de partida. A saída foi animada, daquelas em que a expectativa ainda fala mais alto que o cansaço que está por vir.



Figura 8 – Saída de Goiânia.

Fonte: Domingos Viramundo, 08/07/2025

Poucos quilômetros depois, ainda no coração da cidade, fiz a primeira pausa na Avenida T-7. Ali, entre os prédios altos que pontuam a paisagem de Goiânia, parei para observar a cidade acordar. O sol já começava a esquentar o asfalto, e os carros, ainda em número moderado, davam os primeiros sinais do trânsito que se intensificaria nas horas seguintes. Mas o que mais me chamou a

atenção foram os trabalhadores que, como eu, estavam sobre duas rodas, não por escolha, mas por necessidade. Homens e mulheres em bicicletas simples, algumas com cestos na frente, outras com ferramentas amarradas na garupa, seguiam firmes em direção ao trabalho. Em Goiânia, cidade dos semáforos, das motos e dos carros, são os ciclistas anônimos do início da manhã e o fim de tarde que revelam a face mais dura da mobilidade urbana: para muitos, a bicicleta não é lazer nem aventura, é o meio possível para chegar ao sustento. Ao vê-los, senti uma espécie de pertencimento silencioso, éramos, naquela manhã, todos andejos urbanos, cada qual com sua própria estrada.



Figura 9 – T 7 - Goiânia - GO

Fonte: Domingos Viramundo, 08/07/2025

Pouco adiante, fiz a segunda parada. Em frente ao Hospital Araújo Jorge, referência no tratamento do câncer em Goiás, o movimento era intenso. Uma fila de pessoas se formava na calçada, algumas em cadeiras de rodas, outras segurando exames e pastas com documentos. Estacionadas diante da porta, ambulâncias de diversas cidades do interior. Pude reconhecer placas de Porangatu, Uruaçu, Itaberaí e, sim, algumas do Tocantins. A cena me trouxe uma dimensão da migração que muitas vezes escapa aos gráficos e tabelas: a migração forçada pela doença. Quantos arraianos não fizeram esse mesmo percurso? Quantas famílias não deixaram Arraias em busca de tratamento, instalando-se temporária ou permanentemente em Goiânia por causa de um diagnóstico de câncer? O Hospital Araújo Jorge é, para muitos, um ponto de chegada tão definitivo quanto qualquer destino econômico. Ali, diante daquelas ambulâncias, compreendi que migrar é também uma questão de vida e morte, e que a estrada que eu percorria agora sobre duas rodas já foi trilhada por tantos outros em condições tão mais desoladoras.

Ainda, em frente ao Araújo Jorge, conheci os primeiros andejos da viagem. Depois de observar as ambulâncias e as filas, pausa para o café, fui

andando até o portão de uma casa, localizada exatamente em frente ao hospital. Era um ponto improvisado, mas acolhedor: um casal de amigos trabalhava juntos, vendendo cafezinho, biscoito frito, bolos e pão de queijo para as pessoas que passavam. Enquanto tomava o café, eles me perguntaram para onde eu ia com aquela bicicleta carregada. Contei do projeto, da viagem até Arraias, da pesquisa do doutoramento sobre migração. Eles sorriram, e aquele sorriso quebrou o gelo inicial da conversa. Contaram-me, então, que também eram migrantes, vindos do Pará, tinham chegado a Goiânia há pouco tempo, buscando emprego e uma vida melhor. A simplicidade acolhedora dos migrantes transbordou, no momento que fui pagar, eles sorriram novamente, com mais abertura, e falaram: “*para você é de graça*” e embalaram mais dois pães de queijos para eu comer na viagem



Figura 10 – Café em frente ao Hospital Araujo Jorge

Fonte: Domingos Viramundo, 08/07/2025

Enquanto pedalava dali, pensei como a migração se revelava na minha frente de formas tão diversas: eles eram anseios como eu, como os tantos arraianos que passaram por aquelas portas, como todos que um dia precisaram sair de seu lugar para encontrar, em outro território, a possibilidade de seguir.

Diante do acostamento da BR 153, o asfalto preto cortando o Cerrado refletia os primeiros raios de sol, e eu precisei fazer um esforço consciente para lembrar que aquele movimento, o de ir embora, também sempre esteve em mim.

Pedalei os primeiros quilômetros com uma ansiedade que misturava corpo e espírito. A estrada que se abria à minha frente exigia respostas que eu ainda não tinha certeza de poder dar: será que meu treinamento fora suficiente? Será que a bicicleta, preparada com tanto cuidado há tantos dias, aguentaria os

639 quilômetros? Lembrei dos colegas que convidei para essa aventura, no primeiro momento, todos animados, topavam seguir comigo. Depois, um a um, a vida foi trazendo seus impedimentos: trabalho, família, saúde, outros compromissos. E ali estava eu, sozinho, como tantas vezes estiveram os anseios que minha mãe usava como advertência na infância. A solidão do caminho, porém, não era exatamente um problema; talvez fosse mesmo condição para o encontro que eu buscava.

Foi nesse trecho inicial, entre Goiânia e Terezópolis de Goiás, que a memória demonstrou que seria minha companheira mais fiel nesta aventura. Lembrei da primeira vez que me lancei mundo afora. Eu era ainda um pré-adolescente, magro e dentuço, desconhecedor quase completo do que me aguardava, mas animado e corajoso como só quem não sabe o peso do mundo pode ser. A imagem que ficou gravada foi a da minha mãe, em pé, em frente ao arame farpado que cercava nossa casa no Buritizinho, em Arraias. Ela não disse muita coisa, nunca disse muito nessas horas, mas o olhar acompanhava cada passo meu que se afastava. Agora, sobre a bicicleta, na BR 153, tentei imaginar o que passava pela cabeça dela naquele instante. O que pensa uma mãe ao ver os filhos irem embora, um a um, em busca de condições de vida que o território onde nasceram não pôde oferecer? Deve ser uma dor silenciosa, dessas que não se cura, apenas se aprende a carregar.

Perguntei a mim mesmo, enquanto as rodas giravam e a paisagem do Cerrado goiano começava a substituir os prédios da capital: quantas mães arraianas já passaram por isso? Quantas vezes a cidade viu seus jovens partirem pela TO-050, pelas estradas de terra, de ônibus ou de carona, levando consigo a esperança e deixando para trás um vazio que o tempo não preenche? Como Arraias sente essa ausência que se repete geração após geração? Talvez a cidade seja como aquelas mães: aprende a silenciar a dor, a se acostumar com as partidas, a celebrar os que voltam, mesmo que apenas de passagem, e a seguir, porque seguir é o que resta.

Parei em Terezópolis de Goiás, pequeno município à beira da rodovia, lugarejo especializado no lanche aos viajantes. Ao chegar à cidade, percebi que o trajeto que escolhi era generoso em subidas, apesar de ser geógrafo, não tinha

sentido na pele a trajetória rumo ao pico mais alto do estado de Goiás. Horas pedalando para vencer um verdadeiro paredão, desses que testam não apenas as pernas, mas a teimosia de quem insiste em seguir. Foi com as coxas ainda queimando que encontrei a Bodega, uma lanchonete simples, mas com uma particularidade que me chamou a atenção: especializada em café da manhã nordestino, bem no coração de Goiás.

No balcão, o cheiro do cuscuz, carne de sol e mandioca frita misturava-se ao vozerio dos viajantes que faziam daquele ponto uma pausa obrigatória. Enquanto comia, observei o movimento: gente de toda parte, com sotaques dos mais diversos, histórias carregadas nas bagagens e nos olhos cansados da estrada. Compreendi, ali, que a Bodega é mais que uma lanchonete, é ponto de parada de muitos migrantes, lugar onde o Nordeste encontra o Centro-Oeste, onde a fome do corpo e a fome de recomeços se encontram na mesma mesa.

Sai de Terezópolis em direção a Anápolis, já cansado e com o sol castigando. As subidas, longe de darem trégua, continuavam testando a minha força de vontade, cada olhada ao horizonte as serras e morros que iria passar se revelavam mais íngreme que a anterior. Foi com um misto de exaustão e alívio que avistei, antes de chegar à cidade, a praça de pedágio. Por um instante, sorri, a solidão e o cansaço nos deixam meio bobo, estava de bicicleta e, ao contrário dos motoristas que enfrentavam a fila e o custo da passagem, eu seguia livre, sem pagar um centavo. Uma pequena vitória do andejo sobre a infraestrutura feita para os automóveis.

Anápolis se anunciava no horizonte com sua pujança industrial. É uma cidade que cresce para os lados, marcada pelas grandes fábricas, principalmente farmacêuticas, que lhe conferem um dinamismo econômico incomum para o interior goiano. Mas foi outra característica de Anápolis que me descascou mais uma camada da memória da minha infância: a cidade é profundamente evangélica. Em cada esquina, igrejas; no ar, uma religiosidade que se respira como se fosse parte da paisagem urbana.

Lembrei-me, então, do pastor Davi, de sua esposa e dos dois filhos. Na minha infância, eles apareceram em Arraias, ou melhor, na cidade da minha avó, em Paranã, cidade vizinha. Falavam inglês entre si, um som estranho aos meus

ouvidos de cinco anos, mas evangelizavam com energia e determinação que não exigia tradução. Décadas depois, ainda ecoa em mim a música que ensinavam na escola dominical: *"De um sorriso só, sorriso aberto, sorriso certo, cheio de amor, quem tem Jesus gosta de cantar, vive sempre sorrindo mesmo quando não dá, tropeça aqui, cai acolá, mas de novo levanta e começa a cantar."*

A pergunta, porém, nunca se calou completamente: como aqueles estadunidenses foram parar na cidade da minha avó, no sertão do Tocantins? O que levou pastores norte-americanos a atravessar o continente, línguas e culturas para aportar justamente em Paranã, no final da década de 1980? A resposta, fui aprendendo com os anos, está na própria dinâmica da migração missionária. Assim como os arraianos se deslocam em busca de condições de vida, os pastores e missionários se deslocavam, e ainda se deslocam, movidos pela fé e pela "expansão do evangelho". O pastor Davi e tantos outros que chegaram àquela região naquele período não foram um acaso: eles integraram um movimento mais amplo de ocupação religiosa do Brasil, que encontrou no sudeste do Tocantins um terreno fértil para semear.

Se hoje Paranã é uma cidade predominantemente evangélica, conhecida na região como a "cidade dos crentes", isso se deve, em grande medida, àquelas primeiras sementes plantadas no final dos anos 1980. O que me impressiona, ao conectar esses fios, é como Anápolis e Paranã, cidades tão distantes geograficamente, tão distintas em sua economia e porte, se aproximam nesse aspecto. Em ambas, o neopentecostal se inscreveu no território com força, moldando costumes, paisagens e subjetividades. Em ambas, migrantes de outra ordem, os missionários, deixaram suas marcas, mostrando que a migração não se resume ao movimento em busca de trabalho ou estudo, mas abrange também a peregrinação da fé. E eu, sobre a bicicleta, entre uma subida e outra, carregava comigo aquela melodia da infância, prova de que os cantos aprendidos na meninura nunca nos abandonam, assim como não nos abandona a marca dos lugares por onde passamos.

Cruzei Anápolis carregando comigo aqueles pensamentos sobre o crescimento dos evangélicos no Brasil. Para mim, trata-se de um fenômeno que vai além da fé, é também uma imposição do modelo de produção capitalista,

articulada à luta do governo dos Estados Unidos pela dominação em múltiplas formas do território brasileiro. A guerra contra o "fantasma do comunista", que marcou a política externa norte-americana durante décadas, encontrou no campo religioso um de seus campos de batalha mais eficazes. A expansão do protestantismo neopentecostal, com sua teologia da prosperidade e seu alinhamento aos valores do mercado e do conservadorismo político, não pode ser dissociada desse projeto mais amplo de dominação. Do mesmo modo, a luta contra a Teologia da Libertação, que ousava aliar fé e justiça social, evangelho e transformação das estruturas de opressão, foi uma peça central nesse tabuleiro geopolítico e religioso.

Foi com essa chave de leitura que pensei na minha avó Matildes (sempre lembro dela com o carinho especial, era uma mulher a frente de seu tempo, assim como a minha mãe). Ela e algumas de minhas tias foram as primeiras da família a se converter ao protestantismo, especificamente à Igreja Cristã do Brasil, mais conhecida na região como "igreja do véu". Lembro-me delas nos cultos, com os cabelos cobertos, os hinos entoados em meio à simplicidade de quem aprende. Minha avó, minhas tias, como tantas outras mulheres de Paranã, foram as primeiras a se converter. A religiosidade neopentecostal, naquela região, teve nelas o ponto de partida, o solo fértil onde a nova crença encontrou acolhida.

Na adolescência, essa observação me levou a elaborar minha primeira tese, uma tentativa ainda ingênua, mas já marcada pela necessidade de compreender o mundo ao meu redor. Eu me perguntava por que tantos tios e homens de Paranã eram alcoólatras. Por que, enquanto as mulheres se enchiam da nova fé, os homens pareciam se perder em meio ao álcool e à desolação? A resposta que fui construindo, com os poucos recursos intelectuais que tinha na época, me parece hoje ainda carregada de sentido: os homens daquela região perderam seu território ao perder sua religião e crença de origem.

Para muitos deles, a folia e o giro da folia eram a centralidade da vida, o ritual que organizava o tempo, que dava sentido à existência, que conectava o homem à terra, aos antepassados, à comunidade. Quando essa centralidade foi sendo substituída por uma nova crença religiosa, pregada primeiramente pelas

mulheres da família, perdeu-se também o modo de vida. As folias deixaram de acontecer, os cantos se calaram, o giro parou. E no lugar que ficou vazio, sobrou apenas a desolação e o álcool como tentativa de anestesiar uma perda que nem sabiam nomear.

Não era apenas uma questão de crença individual. Era uma questão de território. Não o território material apenas, mas aquele território simbólico onde se tecem as tramas da existência coletiva, as festas, os rituais, as relações de parentesco, a memória. Ao perderem sua religião de origem, esses homens perderam também o chão onde pisavam. E quando o chão nos falta, o que resta senão buscar, no fundo de uma garrafa, algum equilíbrio precário?

Hoje, pedalando por essas estradas goianas, compreendo que as migrações que estudo não são apenas em busca de melhores empregos e salários. São também migrações de fé, de sentido, de pertencimento. Minha avó Matildes migrou do catolicismo das folias para o protestantismo do véu. Meus tios migraram da centralidade do giro para o vazio deixado pela ausência dele. E eu, neto dessa travessia, migrei de Arraias para tantos outros lugares, da infância para a vida adulta, das perguntas sem resposta para a tentativa de transformá-las em pesquisa. Somos todos andejes, deslocando-nos entre territórios que nem sempre sabemos nomear.

A partida de Anápolis para Abadiânia se deu por volta das 14h. O sol, naquele horário, mostrava-se com toda a sua força, implacável sobre o asfalto e sobre mim. Não havia mais aquela brisa da manhã, nem a frescura que antecede o meio-dia. Era apenas o sol e eu, sobre duas rodas, tentando encontrar algum refúgio. Me perguntei: o que estava fazendo? Por que não desistia da viagem?

Foi então que busquei na paisagem do Cerrado um aconchego para o olhar, um refúgio para a solidão que começava a pesar. Mas o que encontrei foi um incômodo silencioso. Pouco restava da paisagem original do Cerrado. Em seu lugar, tratores, milharais secos, já maduros para a colheita, se estendiam até onde a vista alcançava. Pastagens, capins uniformes para o gado, a gramínea estrangeira que engole o que um dia foi campo nativo, vereda e mata galeria. Olhando para aquilo, perguntei: essa paisagem ainda podemos chamar de Cerrado?



Figura 11 – Plantação de milho as margens da rodovia 060

Fonte: Domingos Viramundo, 08/07/2025

O pensamento não encontrou resposta imediata. As rodas continuavam girando, mas a pergunta ficou pairando sobre a estrada, como aquelas nuvens altas que não ameaçam chuva, apenas testemunham a transformação do chão. O Cerrado, aquele que eu aprendi a reconhecer desde menino nas trilhas e cercas de pedras de Arraias, estava sendo substituído por outra coisa, algo que produzia, algo que exportava, algo que se media em toneladas por hectare. Mas também algo que esvaziava a terra de sua memória, de sua subjetividade.

Foi nesse estado de pensamento, com a paisagem se desdobrando em questões, que a bicicleta quebrou.

O problema veio sem aviso, como costumam vir os problemas. De repente, a marcha travou, e me vi forçado a seguir por cerca de quarenta quilômetros com uma única relação. Cada pedalada era um esforço dobrado, um diálogo tenso entre minha vontade e a resistência da máquina. Pensei, por alguns momentos, que não conseguiria chegar a Abadiânia. O sol ainda castigava, o corpo já cobrava o preço dos quilômetros percorridos desde Goiânia, e a bicicleta, minha companheira de jornada, parecia ter encontrado seu limite.

Mas a estrada, que maltrata, também acolhe. Cheguei a Abadiânia por volta das 17h, extremamente cansado. O corpo já não pedia, exigia descanso. Mas antes de qualquer descanso, era preciso cuidar da bicicleta. Foi quando encontrei um senhor, de uns sessenta anos, que me acolheu com carinho que já trazia em si algo tranquilo e acostumado com os andejos que passam sempre por ali. Perguntei por uma oficina, e ele, sem hesitar, fez o gesto com a mão: *"Vira à esquerda a uns duzentos metros, depois à direita e anda mais uns cem metros, pode perguntar para qualquer um que te indicaram a oficina. O cara lá é legal"*.

Cheguei à oficina com facilidade, como ele havia dito. E fui recebido por dois homens de meia-idade, engraçados e animados, desses que transformam o trabalho em conversa e a conversa em acolhimento. Contei da viagem, do projeto, dos quilômetros que já haviam ficado para trás e dos que ainda estavam por vir. Eles se animaram, queriam saber mais, para onde eu ia, por que estava fazendo aquilo, se era louco como tantos andarilhos que por lá já passaram. O homem alto de sorriso aberto logo concluiu: *“você é louco! Deve ser um sem-família”*. Prontamente, começaram o concerto da bicicleta: regularam, testaram, trocaram as peças necessárias. Enquanto trabalhavam, me contaram muitos casos, histórias da cidade, de outros viajantes que por ali passaram, de suas próprias vidas entrelaçadas àquelas estradas.



Figura 12 – concerto da bicicleta em Abadiânia-GO.

Fonte: Domingos Viramundo, 08/07/2025

No fim, indicaram-me um hotel. *“É bem simples, mas dá pra dormir e é barato”*. Percebi naquelas palavras que ser um andejo no imaginário das pessoas é também ser um sujeito desprovido dinheiro, de família, de amigos.

O hotel era antigo, desses que ainda conservam no corredor o cheiro de madeira encerada e na fachada o tempo estampado em letras desbotadas. Um velho, com seu filho, me recepcionou com a discrição de quem já viu muitos viajantes chegarem cansados. Arrumaram-me um quarto com três camas de solteiro, mais camas do que eu precisava, mas naquele momento qualquer cama seria suficiente, e um chuveiro quente, que parecia promessa de um recomeço depois do cansaço.

Foi então que o esgotamento me tomou por completo. Deitei e, por um momento, tentei organizar os pensamentos para fazer a postagem da viagem no Instagram, como vinha fazendo desde a saída de Goiânia. Mas as forças não

deram conta. O corpo pesava demais, a mente estava turva, e as palavras não se organizavam em frases que fizessem sentido ao que havia sido aquele dia. Não consegui. Restou apenas a cama, as três camas de solteiro, e o silêncio de Abadiânia lá fora. Consegui apenas enviar uma mensagem curta para os meus que estavam longe: "*Estou bem, a viagem foi boa, estou em Abadiânia*". Era verdade, embora não dissesse tudo.

Antes de apagar a luz, fiquei ali por alguns minutos, sentindo o peso do corpo sobre o colchão simples. As pernas latejavam, os ombros ainda guardavam a tensão da estrada, a dúvida do porquê daquela viagem ainda me acompanhava, mas havia uma paz estranha naquele quarto de hotel antigo e barato. Pensei nos dois homens da oficina, em suas histórias contadas entre uma ferramenta e outra. Pensei no senhor de sessenta anos que me indicou o caminho com a generosidade de quem sabe o que é estar perdido. Pensei no velho da recepção, em seu filho, na forma como me entregaram a chave como quem entrega um descanso merecido.

Acordei às 5h da manhã para iniciar os preparativos para seguir viagem. Leva sempre mais tempo do que se imagina organizar tudo, acomodar as alforjes, revisar a bicicleta, conferir a água, os alimentos, o destino. O tempo lá fora ainda estava escuro quando saí do hotel. As ruas de Abadiânia se mostravam na penumbra daquela hora que antecede o despertar da cidade, com aquele silêncio que só existe nas pequenas cidades do interior quando ainda é noite, mas já se sente que o dia está prestes a chegar.

Em um boteco próximo ao hotel, ainda encontravam os remanescentes da madrugada, homens e mulheres de olhos pesados, vozes embargadas pela bebida e pelo tempo que passava sem que notassem. As conversas eram altas, dessas que já não pedem mais interlocutor, apenas o eco das próprias palavras, o som da noite que não quer se entregar ao dia.

Olhei de relance, não como quem julga, mas como quem reconhece em cada esquina da vida um modo possível de estar no mundo. A padaria ao lado já estava aberta, com sua luz amarela convidando quem passava. Entrei, tomei meu café da manhã: pão, ovo e café preto. Pedi ainda dois pães de queijo para

levar na viagem e um litro de água para completar os preparos. Era o suficiente. Na estrada, o suficiente é quase sempre o que se tem.

A saída de Abadiânia foi uma paisagem linda. A brisa da manhã me acolhia como quem recebe um amigo depois de longa ausência, trazendo consigo aquele frescor do Cerrado que só existe antes que o sol se levante por completo. No chapadão, já no acostamento da BR 060, vi o nascer lentamente do sol. Primeiro, uma tira de luz no horizonte, depois uma mancha alaranjada que foi se espalhando pelo céu como se fosse pintada por mãos invisíveis, tingindo as nuvens com tons que iam do rosa ao dourado. Fiquei por alguns instantes, os pés no chão, a bicicleta ao lado, e me senti abraçado. Acolhido. Foi naquele momento que a palavra "desistir", que por vezes rondara os pensamentos desde Goiânia, simplesmente se dissolveu. Já não me perguntava mais por que estava viajando. A resposta estava ali, no sol nascendo sobre o chapadão, na estrada que se abria à minha frente, no movimento das pernas que insistiam em seguir.



Figura 13 – Nascer do Sol em Abadiânia-GO

Fonte: Domingos Viramundo, 09/07/2025

Pedalando, eu traçava e revisava o objetivo do dia: chegar à Samambaia, no Distrito Federal. A distância aproximada era de 95 quilômetros, com um ganho de altitude de quase 250 metros. A altitude me incomodava, eu sabia que seria meu maior obstáculo nesta parte da viagem. Cada metro de subida cobraria seu preço, e o ar, mais rarefeito à medida que me aproximava do planalto central, lembrava que Brasília está no alto, e que para chegar lá era preciso vencer o que o relevo impõe.

Foi nesse esforço, enquanto as pernas começavam a sentir o primeiro trecho de subida e a respiração se ajustava ao ritmo da bicicleta, que a memória

me alcançou com a força de uma cena antiga. Lembrei-me de quando, ainda pré-adolescente, magro, dentuço, desconhecedor do mundo, entrei em um ônibus da Viação Itapemirim rumo ao Recife. Era véspera de Natal, de algum ano da década de 1990. Foram 36 horas de viagem cortando o centro do país e o Nordeste, atravessando Goiás, Bahia, Sergipe, Alagoas, até que, por volta das 9h da manhã, adentrávamos em Recife.

Dentro do ônibus, não havia ar-condicionado, apenas o calor que entrava pelas janelas abertas, o cheiro de suor e esperança misturados, o choro de crianças que já não aguentavam mais horas sentadas, o silêncio de adultos que seguiam em frente porque não havia outra opção. Muitas famílias pareciam ser de migrantes retornando ao lar. As mães dividiam lanches embrulhados em papel alumínio, os pais vigiavam as bagagens amontoadas no bagageiro, os mais velhos contavam histórias que ninguém pedia para ouvir, mas que todos escutavam porque histórias são o que nos resta quando se viaja.

Ao entrar no Recife, percebi o quão grande era a cidade. Nunca tinha conhecido uma cidade tão grande. Os prédios altos, as avenidas cheias, o movimento de gente que parecia não ter fim, tudo aquilo era novo para mim, que vinha do sertão do Tocantins, onde as ruas de terra ainda eram mais comuns que o asfalto. Passei minha adolescência em Setúbal, na Grande Recife. Foi ali que o mundo se abriu para mim de outras formas. Estudei no Colégio Militar do Recife, onde aprendi disciplina militar, mas também aprendi a olhar para o outro.

Cresci culturalmente no centro do Recife Antigo, entre os traços deixados por Maurício de Nassau, os casarões coloniais, as pontes que ligam a cidade como se ligassem também os tempos. O carnaval em Olinda, com seus bonecos gigantes e suas ladeiras cheias de gente, me ensinou que a alegria também é forma de resistência.

Artistas como Ariano Suassuna, com seu romanceiro do sertão, e Manuel Bandeira, com sua poesia do cotidiano, passaram a fazer parte da minha vida, ampliando meu modo de ver o mundo. E as favelas do Grande Recife também me formaram, as casas empilhadas nos morros, as palafitas nos mangues, as crianças descalças jogando bola na rua, a vida que insiste mesmo onde tudo

parece faltar. Tudo isso foi se depositando em mim, sem que eu percebesse, como a poeira do Cerrado que se agarra à pele depois de um dia de estrada.

Enquanto pedalava, essas lembranças foram tomando conta de mim. E sem que eu tomasse consciência da viagem, os primeiros 20 quilômetros passaram como num passe de mágica.

A estrada parecia menos pesada, as subidas menos íngremes, porque minha mente estava em Recife, em Setúbal, no Colégio Militar, no Recife Antigo, em Olinda, em Ariano, em Bandeira, nas favelas e principalmente na música da Nação Zumbi: *“Andando por entre os becos. Andando em coletivos. Ninguém foge ao cheiro sujo. Da lama da Manguetown”*.



Figura 14 – Os urubus e eu as margens da BR 060. Fonte: Domingos Viramundo, 09/07/2025

O corpo pedalava quase sozinho, como se já soubesse o caminho, e a memória apenas acompanhava, tecendo os fios que ligavam aquela pré-adolescência no ônibus da Itapemirim ao homem que agora, décadas depois, voltava para Arraias sobre duas rodas.

Em pouco tempo, me percebi em frente ao Jerivá. Não há dúvidas: o Jerivá é o restaurante-lanchonete mais famoso entre Goiânia e Brasília. Com sua fachada, seus letreiros que anunciam o pastel assado, “Jerê”, no caminho passam, caminhoneiros, famílias em viagem, motociclistas, “todos” fazem ali uma pausa para esticar as pernas e encher o estômago. Eu, porém, estava de bicicleta, focado em atingir o objetivo do dia. Ainda havia 75 quilômetros pela frente, a altitude me aguardava, e o tempo não era tão generoso quanto eu gostaria. Passei reto. Não parei no Jerivá. Segui em frente, com a certeza de que cada quilômetro me aproximava não apenas de Brasília, mas também do reencontro comigo mesmo.

Em Alexânia - GO, terra do Jerivá, o pensamento do Recife que me acompanhava desde a saída de Abadiânia foi interrompido. Foi quando encontrei dois andejes bicicleteiros como eu. Pai e filho.

O pai aparentava uns 65 anos, o corpo magro e resistente, daqueles que o sol e o vento já moldaram como fazem com as árvores do Cerrado. O filho tinha mais ou menos a minha idade, por volta dos quarenta e poucos, com o rosto queimado de sol e as mãos calejadas que denunciavam uma vida inteira de trabalho. Estavam cada um em cima de uma bicicleta Monark barra circular, dessas antigas, de ferro, que pesam o dobro das bicicletas modernas, mas que aguentam o triplo do peso. As garupas estavam carregadas com ferramentas, marmitas, garrafas d'água, roupas de trabalho. O conjunto todo parecia pesar tanto que comparado com o que eu levava parecia que eu não estava levando nada.

Pedalavam com vigor e velocidade, desses que conhecem a estrada como quem conhece o próprio quintal. Mas diminuíram o ritmo ao me encontrarem. De certo acharam aquela minha arrumação de viajante, a bicicleta de marchas, as alforjes, o capacete, as bandeiras a roupa colada ao corpo, uma imagem bem curiosa. Quem seria aquele sujeito, pedalando sozinho, vindo sabe-se lá de onde, indo sabe-se lá para onde? O olhar de reconhecimento veio rápido, porém. Éramos todos bicicleteiros. Éramos todos andejes.

Começamos a conversar enquanto as rodas giravam. Eles me falaram que também eram migrantes, vindos de algum lugar do sul de Goiás, não lembro agora se de Morrinhos, se de Pires do Rio, se de alguma cidade pequena espremida entre as chapadas. E que viviam de trabalhar em várias fazendas. Já tinham casas e feito a vida em Alexânia, mas a vida que fizeram foi a de quem acorda cedo todos os dias para pegar a estrada.

O pai, com um sorriso onde já faltavam alguns dentes, mas que era sorridente, me disse que todos os dias, nos últimos trinta anos, pedalava da cidade para as fazendas. Trinta anos. Mais de dez mil dias de migração pendular urbana-rural sobre a mesma Monark, percorrendo o mesmo trecho de asfalto e terra. E faziam de tudo: cercas, concertos de currais, derrubada de árvores, ajuda nas colheitas e nas plantações, lida com o gado. O que ele mais gostava,

porém, era mexer com o gado. "*O som dos bezerros me anima*", disse ele, com os olhos brilhando como se estivesse ouvindo naquele exato momento o mugido dos filhotes.

O filho, mais calado, apenas concordava com a cabeça enquanto o pai falava. Depois, tomou a palavra com a voz pausada de quem não está acostumado a falar muito, mas quando fala, diz o que precisa. Disse que o que mais gostava era trabalhar com máquinas, trator, caminhão, mas como nem sempre tinha trabalho nas atividades de que gosta, então topava de tudo. "*O serviço não escolhe a gente*", completou, com uma filosofia prática que dispensava qualquer teoria.

Me disseram, os dois, quase em uníssono, que nasceram para o trabalho. O velho, então, interrompeu a própria conversa para fazer uma afirmação carregada de sentido e existência: "*Morrerei trabalhando*". Não disse com amargura, nem com orgulho. Disse como quem constata um fato da natureza: o sol nasce, o rio corre, o trabalhador trabalha.

Andamos juntos uns dez quilômetros. A conversa foi se desenrolando solta, sem pressa, como as conversas de estrada costumam ser. Entre uma subida e outra, trocamos histórias, risadas, silêncios que não precisavam ser preenchidos. Quando chegou o momento da despedida, paramos as bicicletas no acostamento. Trocamos apertos de mão, as mãos dele, o pai, ásperas como lixa, mas quentes. Foi uma despedida que parecia de amigos de longa data. Daqueles que se conhecem há anos e que, mesmo sem saber quando vão se encontrar de novo, têm a certeza de que o reencontro acontecerá. Dissemos "*até logo*" como quem diz "*até amanhã*". Seguiram reto, em direção à fazenda. Eu segui em frente, para Brasília.

Andei com eles na mente por muitos quilômetros. Pensava na Monark barra circular, nos trinta anos de estrada, na migração pendular um tanto atípica (urbana - Rural – Urbana), no sorriso sem dentes, no som dos bezerros que anima o velho, no filho que gosta de máquinas mas faz de tudo, na frase que ecoava dentro de mim como um tambor: "*Morrerei trabalhando*". Pensava no que significa nascer para o trabalho. Pensava se eu também não teria nascido para algo parecido, não para o trabalho da roça, talvez, mas para o movimento, para

a estrada, para essa condição de andejo, migrante, que herdamos sem saber de quem. Pensava na minha tese que afirmava que o arraiano nasce para migrar.

Foi com eles ainda na memória que me vi próximo ao Shopping Outlet Premium, na margem da BR 060. A fome, que vinha sendo adiada desde os pães de queijo de Abadiânia, agora se anunciava com força. Foi então que parei para o almoço em uma churrascaria de gaúchos. O cheiro da carne assando vinha de longe, misturando-se ao cheiro do Cerrado e da poeira da estrada.

Nesse mundo de migrantes, muitas vezes somos identificados pelo lugar de origem. Lembrei que em Recife meus colegas me chamavam de "*Tocantins*", o apelido que trazia em si uma geografia inteira, como se meu nome próprio tivesse sido substituído pelo nome do estado de onde eu viera. E não era só comigo: tive muitos colegas que os chamavam de "*baiano*", "*ceará*", "*Piauí*". O nordestino virava seu estado, como se a pessoa se dissolvesse na região de origem, como se o migrante carregasse na pele a marca indelével de onde partiu, nunca de onde chega.

O centro do país, com o modelo de apropriação do Cerrado estabelecido, aquele mesmo que vi transformando a paisagem nativa em milharais e pastagens, espalhou os gaúchos para todos os cantos. Para nós, desta terra central, todo sujeito vindo do sul do país é gaúcho. Não importa se é do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Paraná. É gaúcho. A simplificação revela um modo de classificar o outro que também é uma forma de distanciar. O gaúcho chegou com o agronegócio, com a soja, com o "progresso". O migrante nordestino chegou com a enxada, com a mão de obra, com o corpo. Ambos são migrantes, mas o olhar sobre eles nunca foi o mesmo.



Figura 15 – Pastagem as margens da rodovia GO 118

Fonte: Domingos Viramundo, 09/07/2025

Ao entrar no restaurante, percebi os olhares sobre mim. Eu já estava suado e sujo da estrada. Os trajes, que no dia em que saí de Goiânia estavam limpos e organizados, agora contavam uma história de quilômetros, poeira, suor e noite mal dormida. A bermuda manchada de graxa da oficina de Abadiânia. A camisa molhada, grudada no corpo. O rosto marcado pelo sol e pelo vento. Os olhares ali, na chegada e entrada do restaurante, não eram de acolhida. Eram olhares de espanto, de repulsa, de estranhamento, como se pela porta estivesse entrando um sujeito indesejado, alguém que não pertence àquele ambiente de toalhas xadrezes, garçons uniformizados e famílias em almoço de domingo.

Foi ali, diante daqueles olhares, que lembrei das teorias da migração. O migrante como ladrão de lugares, aquele que vem e ocupa um espaço que não lhe pertence, que tira o lugar de alguém, que ameaça a ordem estabelecida. O migrante como sujeito sem lugar, aquele que não pertence nem aqui nem ali, que é estrangeiro em toda parte, que carrega a casa nas costas porque em nenhum lugar encontrou chão firme. Pensei nos arraianos. Pensei em como foram as suas acolhidas nos lugares para onde migraram. Em Goiânia, em Brasília, em Palmas, em São Paulo, no exterior. Pensei na xenofobia que marca cada migrante deste mundo, em suas múltiplas formas, a grosseria explícita, o olhar que desvia, o silêncio que exclui, a pergunta que humilha.

Como pesquisador e migrante, já era bem conhecido por mim esse olhar. Mas havia outra camada. Relacionei aqueles olhares do restaurante também ao fato de ser negro. A memória, então, me levou para longe dali. Lembrei de quantas vezes, entrando em alguns elevadores do Bueno, do Marista, do Jardim América, da Asa Norte, da Asa Sul, de Águas Clara, bairros nobres de Goiânia e Brasília, onde o dinheiro mora em apartamentos com portaria e câmeras, as pessoas se afastaram de mim para um canto do elevador. O gesto era sutil, mas nítido: o corpo que recua, a bolsa que é puxada para o lado, o olhar que se fixa no painel numérico como se ali houvesse alguma salvação. Lembrei de outros que me perguntaram, com uma naturalidade que doía, se eu estava trabalhando ali, em que eu estava trabalhando, porque eles estavam necessitando de um pedreiro, um pintor, um eletricista, e se eu podia ser um ou indicar um para eles. "*O elevador de serviço fica ali*", diziam, apontando para o fundo do corredor.

Nesses momentos, nunca pensaram que eu poderia ser um morador ou estar visitando alguém naquele prédio. Nunca pensaram que um homem negro, vindo do Tocantins, pudesse ocupar outro lugar que não fosse o da prestação de serviço.

Os migrantes sofrem e sentem muitos preconceitos. Os negros também. E eu, na minha trajetória, era os dois: migrante e negro, como quase todos os migrantes arraianos. Duas marcas que se somam, se multiplicam, se reforçam. Duas identidades que, em certos contextos, são recebidas com o mesmo olhar de espanto e repulsa que senti na entrada daquela churrascaria.

Ali, no restaurante, senti e me lembrei de todos esses fatos. Mas não me senti abatido ou enfraquecido. Tudo já era do meu costume. Eu já estava calejado com essas situações, o calo que se forma na pele de quem enfrenta a estrada também se forma na alma de quem enfrenta o preconceito. No entanto, algo se moveu em mim. Senti-me obrigado a mostrar que tinha dinheiro para pagar a refeição. Fiz aquilo por um motivo que não consigo descrever completamente, e que habita algum lugar profundo entre o ego e a sobrevivência. Talvez pelo ego ferido, sim. Talvez pela necessidade de provar, para aqueles olhares, que eu não era o que eles pensavam. Talvez pelos ensinamentos de minha mãe, que nunca deixou que seus filhos fossem pedintes: *"Vocês trabalham e compram. Se não têm condição de pagar, não peguem e nem roubem nada de ninguém"*. Mostrar-me como um pedinte seria trair não apenas a mim mesmo, mas a ela.

Sei bem que o restaurante já estava acostumado com os andejos que passam e pedem água e comida. Muitos chegam ali depois de quilômetros de estrada, sem dinheiro, sem recursos, apenas com a necessidade mais básica de quem está vivo: comer. O restaurante, provavelmente, dá comida a esses andarilhos, talvez por caridade, talvez para que sigam seu caminho sem incomodar. E eu, naquela tarde, poderia ser confundido com um deles. Não pelo que sou, mas pelo que parecia: sujo, cansado, negro, estranho.

Por isso, ao entrar, fiz questão de realizar um gesto firme, de mostrar que não estava intimidado em estar ali, de deixar claro que eu não estava ali para pedir esmola, mas para comprar, como minha mãe me ensinou. O garçom não

olhou nos meus olhos, veio mais sondar se eu tinha condições de pagar ou não. Pedi então de forma firme uma Coca-Cola 600ml, não queria beber nada, mas pedi. O dono do restaurante, que me observava de longe, voltou a se concentrar no caixa como se nada tivesse acontecido. E eu, sentado na mesa afastada, comi minha refeição em silêncio, pensando em todas as vezes que precisei fazer esse mesmo gesto, mostrar que tenho, que posso, que não estou pedindo nada além do direito de ocupar, de existir nos diversos espaços possíveis.

Terminei o almoço, levantei, guardei o capacete, e voltei para a bicicleta. A estrada ainda me esperava. Os olhares do restaurante ficaram para trás, como ficam as subidas depois que se chega ao topo. Mas as lembranças, essas, continuaram comigo, os elevadores em Goiânia e Brasília, as perguntas sobre trabalho, os apelidos no Recife, os olhares de espanto. Levo todas comigo, como levo a poeira do Cerrado grudada na roupa. Porque isso também é ser migrante. Isso também é ser andejo.

Sai do restaurante, pedalei com força, como se quisesse fugir, e outro choque de realidade me absorveu. Parei em frente ao Shopping Outlet. Do outro lado da rodovia, uma grande indústria da cervejaria Heineken se impunha na paisagem como um monumento de aço, destoando do Cerrado queimado e da poeira que cobria tudo ao redor. Não teve como não parar. As teorias estudadas nas aulas do doutorado me absorveram por completo, e ali fiquei, equilibrado sobre a bicicleta, observando aqueles dois grandes monumentos que emergem no meio do sertão goiano como miragens de outro mundo.

Me lembrei do texto de Eugênio Bucci (2021), especificamente do capítulo 5, "O lugar que não para no lugar", do livro *A Superindústria do Imaginário*. Dois pontos específicos me sobrecarregaram a mente ali parado, diante daquele shopping e daquela fábrica de cerveja: o que Bucci (2021) traz sobre o Não Lugar e sobre o Não Lugar na Tela Digital. Fiquei ali, olhando fixo para aquelas estruturas, e a teoria do antropólogo francês Marc Augé (1995) me veio com toda a força. O Não Lugar, aqueles espaços de passagem, anônimos, padronizados, onde as pessoas se cruzam, mas não se encontram, onde as identidades se suspendem e o que importa é o consumo, o fluxo, a circulação. Aeroportos,

rodovias, shopping centers. Espaços que são de ninguém e de todos ao mesmo tempo. Espaços onde você não mora, não pertence, apenas passa, ou consome.

Eu me perguntava, ali no meio do sertão: como pode um grande centro de compras sustentar-se aqui? O que faz essa enorme estrutura de vidro e concreto brotar no acostamento da BR 060, cercada por pastagens e plantações de soja e milho? E mais: aquele lugar é permitido para os andejes como eu? Para o sujeito sujo de poeira, com a roupa manchada de graxa, a bicicleta carregada de alforjes? Ou o Não Lugar também tem seus códigos de entrada, suas portarias invisíveis que selecionam quem pode atravessar suas portas?

Olhei para o estacionamento lotado de carros. Carros novos, em sua maioria. Carros de luxo, alguns. As lojas, imaginei, deviam estar formigando de gente. Gente consumindo. Gente ocupando aquele Não Lugar como se ali, entre uma compra e outra, pudesse encontrar algum sentido. Pensei nos negros que estão lá, os seguranças, os atendentes, os garçons dos restaurantes, as faxineiras. Será que eles têm um lugar específico para estar, assim como o garçom negro que me olhava com desconfiança no restaurante de gaúchos do qual eu tinha acabado de sair? Aquele olhar que não era de acolhida, mas de estranhamento, como se eu, sendo negro e andejo, estivesse ocupando um espaço que não era meu. E eles mesmos, os negros que trabalham ali, também ocupam aquele espaço? Ou apenas servem, limpam, vendem, enquanto o consumo é reservado para outros corpos, outras cores, outras classes?

Do outro lado, a Heineken. Dali sai a cerveja que ganhou o gosto dos brasileiros. Bebê-la nos bares passou a ser sinônimo de status social. Se você toma Heineken, é porque tem dinheiro. A cerveja deixou de ser apenas cerveja para se tornar um símbolo, um marcador de posição, um distintivo de pertencimento. Com isso, a Heineken passa a ter um valor na subjetividade e nos imaginários dos sujeitos, não é mais sobre o sabor, é sobre o que ela representa. Pensei naqueles que tomam desta cerveja apenas para se sentir incluídos, para fazer parte de um grupo, para dizer, sem palavras, que também chegaram. A indústria do imaginário, exatamente como Bucci descreve: a produção de desejos, a fabricação de identidades pelo consumo.

Sai dali pedalando, com a cabeça fervilhando. Lembrei do mestre Milton Santos (1996, 2012), autor base da minha tese, que não acreditava na teoria do Não Lugar. Sei que ele não parou para falar especificamente disto — nunca escreveu um capítulo intitulado “Não Lugar”, mas Santos (1996) abordou questões semelhantes relacionadas ao espaço, ao lugar e à globalização. Em obras como *A Natureza do Espaço* (1996) e *Da Totalidade ao Lugar* (2012), ele discute a transformação do espaço urbano, a influência da globalização na organização do espaço geográfico e os impactos sociais e culturais desses processos. Para Milton Santos (1996), o lugar é sempre vivido, sempre habitado, sempre carregado de sentido por aqueles que ali estão. Não existe espaço vazio de significado. Não existe lugar que não seja, de alguma forma, apropriado, ressignificado, vivido.

E eu estava ali, escorado na bicicleta, em um espaço rural, pastagens, capins plantados, milharais secos, o Cerrado original quase desaparecido, mas com uma característica tão marcante dos espaços urbanos: um Shopping Center. O que Milton Santos diria sobre isso? Talvez que aquele shopping não é um Não Lugar, mas um lugar profundamente carregado de significado, o significado do capital, do consumo, da desigualdade, da segregação. Talvez que aquela fábrica de cerveja não seja apenas uma indústria, mas um símbolo da globalização que chega ao sertão para transformar não apenas a paisagem, mas os desejos, as aspirações, os modos de ser e estar no mundo.

O que eu sei é que pedalei dali com uma sensação estranha, a sensação de que o mundo que estudo nas teorias estava ali, diante dos meus olhos, concreto, duro, inegável. E que eu, migrante, negro, arraiano, andejo, estava no meio dele, tentando compreender o lugar que ocupo, ou que me recusam.

A realidade bateu à porta. O sol forte e as subidas da região me trouxeram de volta ao chão, à estrada, ao corpo que doía. A solidão dos migrantes, aquela que eu estudava nos livros, nas entrevistas, nas cartas de vida, agora se revelava na pele, na respiração, no silêncio que se estendia por quilômetros. Segundo dia sozinho. Eu e a estrada. Só.

Os zunidos dos carros, que nas primeiras horas da viagem eram apenas um ruído de fundo, passaram a me incomodar. O som agudo das carretas

passando a centímetros do meu ombro, o vento que elas levantavam me desequilibrando por um instante, o cheiro das borrachas, do diesel, das embreagens queimando, o estrondo que vinha antes mesmo que eu visse o veículo. As fuligens deixadas no acostamento, pedaços de pneu, cacos de vidro, restos de metal retorcido, atrapalhavam o rodar suave da bicicleta. Cada vez que a roda passava sobre um desses detritos, eu sentia um pequeno choque, um alerta de que a estrada também é feita de perigos silenciosos.

E os animais mortos na pista. Quantos animais mortos. Tatus, cobras, cachorros, gambás, aves de rapina. Corpos abertos pelo asfalto, olhos vidrados mirando o céu. A rodovia é mesmo um morticínio para os animais. Pensei neles, nos bichos do Cerrado que tentam atravessar e não conseguem. Pensei nos migrantes que tentam atravessar e também não conseguem.

Foi então que passei a repensar e traçar minha meta. Faltavam 21 quilômetros para chegar à divisa de Goiás com o Distrito Federal. O encontro com o meu apoio estava previsto para qualquer momento. Alguém que viria me encontrar na estrada, me trazer água, frutas, palavras, um rosto conhecido. A ansiedade pelo encontro com olhares conhecidos me absorveu por completo. Não pensei mais em nada. Apenas neste encontro que podia acontecer a qualquer momento, na próxima curva, depois da próxima subida, ao avistar a próxima placa.

E enquanto pedalava, os pensamentos foram se organizando em torno dessa ideia: o apoio. Alguns aspectos são comuns aos que migram. A despedida, que nunca se aprende a fazer bem. Os encontros, que podem ser um alívio ou uma nova despedida disfarçada. As ajudas, que vêm das formas mais inesperadas. As recusas, que doem como um murro no estômago. A solidão, que é companheira de todas as estradas. A saudade, que aperta o peito nos momentos mais inesperados. As incertezas, que nunca desaparecem completamente. As acolhidas, que nos restauram o ânimo. E, sem dúvidas, os apoios.

Os apoios são de diversas naturezas. É um primo que te empresta dinheiro quando você já não tem mais para onde correr. É um amigo que te recebe em casa, abre a porta e diz "*fica à vontade*". É um restaurante que te dá

um prato de comida quando você não pode pagar. É o vizinho que te indica um emprego, mesmo sem te conhecer direito. É o colega que te dá uma carona numa cidade estranha. É o professor que te arruma uma bolsa remunerada, permitindo que você continue estudando. Os apoios são a rede invisível que sustenta a vida dos migrantes. Sem eles, a migração seria insustentável. Sem eles, muitos teriam desistido no meio do caminho, assim como eu quase desisti, antes de ver o sol nascer no chapadão de Abadiânia.

Na minha viagem, também tive o tão importante apoio. Pessoas que me ajudaram sem que eu precisasse pedir. Pessoas que se ofereceram. Pessoas que, de longe, mandaram mensagens de força. Pessoas que, de perto, apareceram na estrada com água e frutas e um sorriso. E me lembro sempre: na vida, ninguém é bom sozinho. Toda a nossa trajetória é sustentada com os apoios que temos. Não chegamos a lugar nenhum apenas com a nossa força. Chegamos porque alguém, em algum momento, estendeu a mão. Chegamos porque alguém acreditou em nós.

Pedalei pensando nisso. Em cada pessoa que me apoiou até ali. Na minha mãe, que me ensinou a não ser pedinte, mas também me ensinou que pedir ajuda não é vergonha. Nos meus irmãos e irmãs que em muitos momentos abdicaram de suas vidas para me ajudar. Nos meus professores. Nos meus amigos. Nos meus colegas do doutorado, que trocam ideias, leituras, angústias. Em cada apoio, pequeno ou grande, que me trouxe até este ponto da estrada, com 21 quilômetros para a divisa, o sol na cabeça, as pernas doendo, mas o coração firme.

Chegando ao Engenho das Lajes, primeiro povoado do Distrito Federal para aqueles que estão fazendo esta rota que escolhi para andejar. O sol ainda estava alto e forte. Parei para tomar uma água em uma lanchonete na margem direita da rodovia, ao lado do último posto de combustível do estado de Goiás. A lanchonete era virada para o poente, e o sol, nessa hora da tarde, entrava inteiro pela porta, sem encontrar obstáculo. A sensação térmica lá dentro devia beirar os 45 graus. O ar pesado, imóvel, como se tivesse sido esquecido ali dentro.

Fui atendido por uma moça de uns 27 anos. Parecia esgotada. O rosto dela contava uma história que a boca não precisava dizer, o calor, o cansaço, o

dia que não acabava nunca, o salário que não compensava o suor. O calor dá mesmo essa sensação de esgotamento na gente. Peguei a água gelada, paguei com pressa, querendo apenas sair daquele ambiente quente. Voltei para a bicicleta, para a estrada, para o vento que, mesmo quente, ainda era melhor do que o ar parado da lanchonete.

Entrei no Engenho das Lajes. Lugarejo já muito conhecido por mim. Já passei milhares de vezes por ali, de carro, de ônibus, agora de bicicleta. A estrada tem dessas coisas: alguns espaços se tornam marcos não porque são bonitos ou importantes, mas porque você já os atravessou tantas vezes que eles passam a fazer parte da sua cartografia afetiva, tornam-se um lugar.

Lembrei do restaurante que existe ali, um desses estabelecimentos simples, de beira de estrada, sem firulas. Já comi lá muitas vezes. Já comentei sobre ele com amigos, com colegas de viagem, com quem quisesse ouvir. A propaganda está na fachada: "*Arroz, bife e ovo todo dia - R\$ 14,99*".

Acho sempre uma comida convidativa. Não é gourmet, não é apresentada com flores no prato, mas é comida de verdade, comida que sustenta, que enche a barriga, que lembra a comida da casa da avó. Sempre que estou viajando pelo mundo, longe do Brasil, longe do Cerrado, me lembro saudosos dessa comida boa e barata. É engraçado como a saudade se apega a coisas simples: um prato de arroz, bife e ovo. Talvez porque essas coisas simples sejam, no fundo, as que mais nos ancoram em quem somos.

Fico me perguntando: como pode conseguirem fazer uma comida tão barata? Qual é o segredo? Qual é o custo escondido por trás desse preço? Quem são seus clientes? A propaganda diz "*todo dia*". Quem são os trabalhadores que comem ali todo dia? Serão os caminhoneiros que dormem no posto ao lado? Serão os trabalhadores das fazendas da região, que acordam antes do sol e só voltam para casa depois que ele já se foi? Serão os andejes como eu, que passam pela estrada e precisam de uma refeição que não pese no bolso?

Voltei o pensamento para a trabalhadora da lanchonete. A moça de uns 27 anos, parecia esgotada, passando a tarde inteira sob o sol quente, com a sensação térmica de 45 graus dentro do próprio local de trabalho. Quanto ela

ganha por dia? Quanto custa, para o corpo dela, cada hora passada ali? Lembrei dos arraianos que trabalham nas roças sob sol quente. Os que migram para as metrópoles em busca de melhores condições de vida, mas que também se submetem a condições degradantes, e muitas das vezes, sob sol quente. O sol quente que não escolhe lugar. O sol quente que castiga o trabalhador no campo e castiga o trabalhador na cidade. O sol quente que é o mesmo para todos, mas que pesa mais sobre alguns.

Pensei na contradição. O migrante arraiano sai de Arraias buscando mais. Buscando melhores condições, buscando oportunidades, buscando um futuro que a cidade natal não pôde oferecer. Mas chega na metrópole e, muitas vezes, encontra o mesmo sol quente. O mesmo trabalho pesado. A mesma falta de reconhecimento. A mesma luta para sobreviver.

Pedalei mais uns 10 quilômetros após o Engenho das Lajes. A alegria de ter chegado no Distrito Federal me fez esquecer de tudo e focar apenas no alcance do objetivo. A divisa, que durante tantos quilômetros foi uma linha imaginária no horizonte, agora se concretizava ali, sob as rodas da bicicleta. O asfalto do DF parecia diferente, mais liso, mais novo, caprichado. Mas talvez fosse apenas a minha alegria projetando-se na paisagem.

Foi ali que meu apoio chegou. De carro, vindo de Goiânia. As encontrei, na beira da rodovia, de braços abertos e sorrisos que ocupavam o rosto inteiro. Foi uma alegria muito grande o encontro com rostos conhecidos, com sorrisos largos, com vozes que não precisavam se apresentar porque eu já conhecia o timbre de cada uma. Depois de tantos quilômetros sozinho, depois de subidas e descidas, depois do sol quente, da poeira, do vento, do cansaço acumulado, ver alguém que não era um desconhecido na estrada foi maravilhoso.



Figura 16 – Apoio da viagem as margens da rodovia 060

Fonte: Domingos Viramundo, 10/07/2025

Paramos. Conversamos. Abraçamos. Não havia pressa. O tempo, naquele momento, não era medido em quilômetros por hora, mas em afetos. Combinamos de nos encontrar no próximo hotel, na beira da rodovia em Samambaia, já no Distrito Federal. Elas iriam na frente, organizar a hospedagem, e me mandariam a localização assim que estivesse tudo certo. Fiquei animado. A partir de agora, na viagem, teria de tempos em tempos a ajuda desse tão bem-vindo apoio.

A rotina a partir deste encontro se alteraria. Funcionaria mais ou menos assim: dormiríamos em algum lugar pré-combinado na noite anterior. Eu sairia logo cedinho, por volta das 5h, ainda com o escuro clareando devagar, para aproveitar as horas mais frescas do dia. Meu apoio sairia por volta das 11h de carro, já com o sol alto, e me encontraria em algum lugar no caminho, um posto, um povoado, uma curva onde fosse possível parar com segurança. Me traria lanches, água gelada, frutas, e qualquer outra coisa que eu necessitasse. Depois do encontro, eu seguiria pedalando, e elas seguiriam de carro, até o próximo ponto combinado. E assim se deu nos próximos cinco dias. Uma coreografia perfeita entre o andejo ciclista e o seu apoio de carro, entre o esforço das pernas e o apoio dos braços estendidos.

Mas a estrada sempre guarda suas surpresas. Cinco quilômetros antes de chegar à Samambaia, no posto policial da Polícia Rodoviária Federal, o pneu da minha bicicleta furou. Aquele som inconfundível, o silvo do ar escapando, me atingiu como um golpe duro. Já era por volta das 18h. O sol começava a se pôr, e a sombra que se alongava sobre o asfalto parecia trazer consigo todo o cansaço do dia acumulado. Estava muito cansado. Desanimado. A vontade era de largar a bicicleta, sentar no acostamento, e esperar que alguém viesse me buscar. Mas não tinha jeito. Tive que parar. Tive que concertar o pneu.



Figura 17 – Estacionamento da Polícia Rodoviária Federal as margens da rodovia 060

Fonte: Domingos Viramundo, 10/07/2025

Na beira da estrada, a luz do dia minguando rapidamente, e os caminhões e carros passando, lá estava eu, virando a bicicleta de cabeça para baixo, puxando a câmara de ar, procurando o furo. O gesto era antigo, já tinha treinado ele muitas vezes na preparação da viagem, e como menino nas ladeiras de Arraias e do Buritizinho. Só que agora não era um treino, era o estacionamento da Polícia Rodoviária Federal a margem da BR 060, e o menino já era homem, e o homem já era doutorando, e o doutorando já era andejo que necessitava tomar coragem e consertar a bicicleta. O conserto levou mais tempo do que eu gostaria. As mãos cansadas erravam os movimentos que deveriam ser automáticos. Mas, no fim, o pneu voltou a encher. Voltei a pedalar.

Com isso, só pude chegar ao hotel combinado próximo das 20h. A noite já havia caído por completo, o frio do Distrito Federal já começava a se manifestar. Samambaia se mostrava em suas luzes, e eu cheguei ao destino exausto. Esgotado. O corpo pedia trégua, as pernas latejavam, os ombros doíam.

O hotel ficava na beira da rodovia. Apesar da fachada estar escrito "hotel", na verdade era um motel. Mas não me importei. Estava limpo. Tinha cama limpa, lençóis limpos, e banheiro com água quente. E, nessa noite, eu não estava sozinho. O apoio estava ali comigo. Me recebeu com comida quente, abraços apertados, e uma alegria que não cabia dentro do quarto. Sentados nas camas, comemos, rimos, conversamos sobre o dia, sobre o pneu furado, sobre o sol, sobre a estrada. E eu pensei, enquanto mastigava cada garfada, que é isso que sustenta os migrantes. Não apenas a força própria, mas os apoios que aparecem no caminho.

4.2 Entre as satélites e o Plano Piloto: Brasília, o lugar onde aprendi a ficar

Acordei bem cedo em Samambaia. O corpo ainda guardava o cansaço do dia anterior, o pneu furado, os quilômetros acumulados, o chegar tarde ao “*motel-hotel*”. Havia um desânimo leve pairando sobre a cama, sobre os lençóis, sobre a vontade de ficar mais um pouco debaixo do chuveiro quente. Mas a estrada não espera. O objetivo não espera. Arraias não espera.

Eram 5h exatas quando saí. O céu ainda escuro, a lua ainda alta, o frio da manhã cortando o rosto. Queria atravessar o Distrito Federal. Sabia que essa travessia não seria fácil, Brasília não foi feita para bicicletas e pedestres, foi feita para carros, para avenidas largas, para eixos e tesourinhas e viadutos que desafiam quem está sobre duas rodas. Mas eu precisava atravessar. Não havia outro jeito de chegar a Arraias.

O frio da manhã me trouxe recordações. Lembrei de quando cheguei ao Distrito Federal pela primeira vez, por volta dos anos 2000. Eu era outro. Vindo de Recife, vindo de Setúbal, vindo do Colégio Militar, vindo de uma adolescência que me ensinou o mundo, mas ainda não me ensinara o que era ser migrante no Centro-Oeste. A primeira vez que vi Brasília foi encantador. Descendo a descida do Colorado pela BR 060, quase chegando à ponte do Bragueto, pude ver a entrada do Eixão. Os prédios do final da Asa Norte recortavam o horizonte com suas linhas retas e geométricas, como um desenho que saiu do papel e virou cidade. A paisagem era incrível, o Cerrado abrindo espaço para a arquitetura ousada, o plano piloto se estendendo como uma ave que pousa no planalto.

Mas o que mais me chamou a atenção não foram os prédios. Não foi a arquitetura. Não foi a cidade desenhada. Foi a vista do Lago Paranoá. Não há como ver o Lago Paranoá e não se encantar. A água se espalhava ali, imensa, azulada, refletindo o céu e as nuvens e a luz da tarde. Depois de tantos anos no sertão do Tocantins, depois de tantos rios e ribeirões que secam no verão em Arraias ver aquela extensão de água parada, brilhando sob o sol do Cerrado, foi como encontrar um mar no meio do planalto. Lembrei naquela chegada, quando vi o lago, daquela música, “*o sertão vai virar mar*”. O sertão não virou mar, mas o lago ali, naquele momento, me fez acreditar que tudo era possível. Que teria

migrado para o lugar certo. Que sair de Arraias, sair do Recife, sair de todos os lugares que me formaram, tinha um sentido.

Agora, anos depois, pedalando sobre o mesmo asfalto, entrando no DF pela mesma estrada, eu revia aquele menino que chegou encantado. E pensava em como um lugar pode nos acolher sem saber. Em como Brasília, com toda a sua frieza planejada, com seus eixos e suas superquadras, com sua política e seus burocratas, com seus monumentos e suas entrelinhas, foi capaz de me dar um chão. Não um chão definitivo, porque o migrante, no fundo, nunca acredita em definitivo, mas um chão onde pude plantar o eu atual. Estudei. Trabalhei. Fiz amigos, filhos, amores e desamores. Será que construí uma vida? Ou aprendi a ficar?

E ali, no frio da manhã, com o vento cortando o rosto e as pernas ainda aquecendo, eu me dei conta de que voltar a Brasília de bicicleta, depois de tudo, era também uma forma de agradecimento. À cidade. Ao lago. Àquela primeira descida do Colorado. Ao encantamento que nunca se foi completamente embora. Ela foi tão generosa comigo. Será que Brasília acolhe os migrantes arraianos como me acolheu?

Morei ainda um ano no internato do Colégio Militar de Brasília - CMB. Foi uma experiência dura, dessas que marcam a gente para sempre. O símbolo do aluno interno era o rato. Na época, eu não pensava muito sobre isso. Era apenas um símbolo, um apelido que a gente repetia sem questionar. Mas hoje, adulto, pesquisador, andejo, migrante, entendo o peso daquela imagem. Às vezes, ser migrante nos faz sentir como se fôssemos ratos. Ratos que se escondem nos cantos, que atravessam corredores sem serem vistos, que sobrevivem com o que sobra, que estão sempre em movimento, que habitam os subterrâneos da cidade enquanto outros ocupam os andares de cima. Não digo isso com amargura. Digo com a consciência de quem aprendeu, desde cedo, que o lugar do migrante raramente é o centro. É quase sempre a margem. A borda. As satélites. O fundo do corredor. O símbolo do rato.

O hino do Colégio Militar Brasília me marcou para sempre. A letra entrou em mim como uma semente, dessas que demoram décadas para florir, *"Eu sou do Cerrado seco e duro, semente do futuro, a manhã dos anos dois mil."* Eu

entoava esses versos nas formações matinais, na fila do almoço, nas paradas militares, sem imaginar que aquelas palavras estavam me forjando. As adversidades nos forjam. Era isso que eu era. Era isso que todos os migrantes arraianos eram. Pessoas do Cerrado, criadas na seca, na dureza, mas que carregavam dentro de si uma semente. Uma semente do futuro. Uma promessa de que o amanhã poderia ser diferente. A manhã dos anos dois mil. Nós éramos e somos essa manhã. Mesmo sem saber.

Enquanto eu vivia a rotina severa do internato, alguns dos meus irmãos já moravam no Distrito Federal. Não no Plano Piloto, não nas superquadras das elites. Moravam nas satélites e no entorno, cidades como Planaltina, Paranoá, Valparaíso, Luziânia. Chão que acolhe os migrantes arraianos. Chão que não está nos cartões-postais, não está nos *folders* de turismo, não está nos documentários sobre Niemeyer e Lúcio Costa. Mas é chão onde a vida acontece. Onde se constrói casa, se cria filhos, se faz feira no domingo, se reza, se trabalha, se migra. Minha família migrante escolheu o Paranoá como ponto de acolhida e permanência no Distrito Federal. O Paranoá, cidade-satélite que fica "*do lado errado*" do lago, que é periférico. Foi ali que meus irmãos fincaram raízes. Foi ali que construíram suas casas, suas famílias, suas vidas.

Eu, por ter o suporte dos meus irmãos, escolhi a Universidade de Brasília - UnB como casa.

Cheguei à UnB com um sonho e dez reais no bolso. Dez reais pagava vinte refeições no Restaurante Universitário - RU, por alguns anos minha vida foi medida a partir do valor da alimentação no RU. Mas o sonho era grande. Grande o suficiente para caber dentro de dez reais, para caber dentro de uma mochila, para caber dentro de um coração de migrante. Não tinha onde morar. Não tinha certeza se conseguiria terminar o curso. Não tinha garantia de nada, a não ser a certeza de que eu precisava tentar. E foi então que a UnB me acolheu. Não com discursos bonitos, não com tapetes vermelhos, mas com o que ela tinha: vaga na Casa do Estudante - CEU.

Morei lá por três anos e meio. Quarto pequeno e coletivo, cama estreita, armário em madeira, corredores compridos, banheiros coletivos. Foi ali, entre paredes de concreto e janelas que davam para o Cerrado do campus, que fiz a

base da minha vida. Não foi um período fácil. Teve fome. Teve solidão. Teve noites em que eu me perguntava se valia a pena continuar. Teve dias em que o sonho parecia pequeno demais para o tamanho do esforço. Mas eu fiquei. Por três anos e meio, eu fiquei. Estudei. Li. Trabalhei, e como trabalhei. Fiz amigos que são irmãos até hoje. Aprendi o que significava ser universitário, ser pesquisador, ser alguém que busca não apenas um diploma, mas uma transformação.

Saí da CEU com um diploma de bacharel em Arquivologia. Mas saí com muito mais do que isso. Saí como servidor público, concursado, estável, casado, com uma casa própria no Paranoá, na mesma cidade que acolheu meus irmãos, no mesmo chão que acolhe tantos arraianos. Do menino que chegou a Brasília com encantamento e dez reais no bolso, ao homem que agora voltava de bicicleta para Arraias, havia uma linha invisível que passava pelo Colégio Militar, pela CEU, pelo Paranoá, pela UnB.

Pensei nisso tudo enquanto pedalava pelo Distrito Federal, atravessando as avenidas, os eixos, as pontes. Pensei nos ratos do internato, nos migrantes ratos, na semente do futuro, no Cerrado seco e duro, na manhã dos anos dois mil. Pensei que, de certa forma, eu era aquela manhã. E que ainda sou. Mesmo depois de tudo. Mesmo depois de tantos quilômetros, tantas partidas, tantos recomeços. O Cerrado continuava seco e duro. Mas a semente, teimosa, insistia em brotar.

Ir morar no Paranoá aumentou a minha percepção das contradições que a capital federal impõe aos sujeitos que a habita. Aquela mesma contradição que encontrei ao chegar como estudante da UnB. Naquela época, apenas 2% dos alunos da Universidade de Brasília eram negros. Praticamente não havia professores negros. As classes populares quase não faziam parte daquele ambiente. E eu, negro, pobre, migrante parecia um estrangeiro na minha própria terra.

Na UnB, os professores tinham sobrenomes estrangeiros, italianos, alemães, portugueses, franceses. Sobrenomes que ecoavam outras histórias, outras geografias, outras classes. Os alunos eram, em sua quase totalidade, brancos. Vinham de escolas particulares, de famílias que podiam bancar

cursinhos pré-vestibulares, que não precisavam se preocupar com a alimentação, que tinham carro para ir e voltar do campus. Eu, por outro lado, morava na CEU, contava os trocados para o RU e andava a pé.

Ao mudar para o Paranoá, ao sair da área nobre, da Asa Norte, do Plano Piloto, das quadras largas e dos jardins de Burle Marx, e ir para a satélite, para a periferia, para o outro lado do lago, a percepção me saltou aos olhos. No Paranoá, não parecia que eu era um estrangeiro. As pessoas se pareciam comigo. Eram trabalhadores. Acordavam cedo, antes das 5h, antes do sol, antes do primeiro ônibus. Eram do Piauí, do Maranhão, do Pará, do Tocantins. Eram jardineiros, pedreiros, padeiros, piscineiros, domésticas, costureiras, lavadeiras, passeadeiras. Viviam de diárias. Trabalhavam do que aparecia. Não escolhiam o serviço; o serviço é que os escolhia. Andavam de transporte público lotado. Dentro desses ônibus, sonhavam com uma vida melhor. A vida daquelas casas, carros e apartamentos que passavam na janela.

Na época, os dados me colocavam também do outro lado da fronteira. No Paranoá, apenas 0,3% da população possuía graduação. Mestres e doutores não faziam parte daquela população. A Universidade não chegava ali. O conhecimento acadêmico não atravessava o lago. As habitações eram irregulares e sem documentação. A posse da terra vinha de uma luta antiga, de acampamentos, de barracos de lona que aos poucos viraram alvenaria. Diziam que o Paranoá era fruto de uma invasão. Os jornais usavam essa palavra. Os políticos usavam essa palavra. Os vizinhos do Plano Piloto usavam essa palavra. Invasão. Como se aquelas pessoas tivessem tomado algo que não lhes pertencia. Como se o direito de morar, de viver, de existir, fosse uma concessão, não uma garantia.

Para mim, porém, o Paranoá era fruto da resistência. Nasceu dos acampamentos dos migrantes trabalhadores da construção do Lago Paranoá. Homens e mulheres que vieram de todos os cantos do país para construir a nova capital. Que abriram estradas, ergueram pontes, cavaram o lago com as próprias mãos. Que suaram sob o sol do Cerrado, que dormiram em alojamentos improvisados, que enviaram dinheiro para as famílias que ficaram no Norte, no Nordeste, no sertão. Quando a obra acabou, quando o lago ficou pronto, quando

Brasília já era capital, disseram a esses trabalhadores: "*Podem voltar. O serviço acabou*". Mas eles se recusaram. Recusaram-se a voltar para suas regiões de origem. Recusaram-se a partir outra vez. Ali, no chão que ajudaram a construir, plantaram suas barracas, depois suas casas de madeira, depois seus barracos de tijolo, depois as ruas, as escolas, o comércio, a vida. O Paranoá não é uma invasão. É uma permanência. É a recusa dos migrantes em serem descartados.

O Paranoá não difere das outras cidades satélites do Distrito Federal. Ceilândia, Samambaia, Planaltina, São Sebastião, Brazlândia, Itapoã, Estrutural. Todas nasceram do mesmo movimento. Todas foram frutos da resistência, da luta pela permanência, pela sobrevivência, pela existência dos migrantes trabalhadores em busca de uma vida melhor. Todas são a prova de que Brasília não é apenas Niemeyer, não é apenas os três poderes, não é apenas o Eixão e o Lago. É a cidade que acolheu os arraianos, os baianos, os cearenses, os maranhenses, os paraenses, os piauienses. É a cidade que os migrantes construíram com as mãos e que depois tiveram que construir de novo, contra a maré, contra a violência do Estado, contra a invisibilidade.

Morar no Paranoá me ensinou que as contradições da capital não são acidentais. São estruturais. São produzidas. Alguém, em algum lugar, decide quem mora no Plano Piloto e quem mora na satélite. Decide quem entra na UnB e quem fica de fora. Decide quem tem sobrenome estrangeiro e quem tem sobrenome de origem portuguesa, herdado da colonização e escravização. Decide quem é rato e quem não é. E foi essa consciência, dolorida, mas necessária, que me fez entender, anos depois, por que os arraianos sempre migram. Porque o lugar onde nascem não lhes oferece chão.

O frio cortava o meu rosto. Eram pouco mais de 5h, e a Samambaia já estava acordada, quando coloquei os pés no pedal. O corpo estava preguiçoso. As pernas pesadas, os braços moles, a mente ainda presa na cama quente. Logo na saída do hotel, já percebi que atravessar o Distrito Federal seria uma etapa muito complicada. Não era apenas o cansaço. Era a cidade em si.

O trânsito já fervilhava. Mesmo naquela hora, os carros começavam a ocupar as vias, os motoqueiros costuravam entre as pistas, os ônibus lotados. Os caminhos estavam estreitos. Estreitos mesmo para mim, que estava de

bicicleta. E ser ciclista, naquele asfalto que não foi feito para quem pedala, me deixava em situação de maior fragilidade e vulnerabilidade. O cuidado neste trecho teve que ser redobrado. Um olhar para frente. Outro para trás. Um terceiro para o lado. Os retrovisores dos carros não me viam. Os motoristas não me esperavam. Eu era um ponto pequeno, colorido, insignificante no meio daquela máquina de aço e velocidade.

O caminho, porém, já era bem conhecido. Os 22 anos que morei no Distrito Federal me permitiram construir, de forma ampla, a cartografia afetiva e geográfica do DF. Sabia cada curva, cada subida, cada trecho perigoso, cada acostamento generoso. Eu deveria apenas seguir a BR 060 em direção a Planaltina, mas o "apenas", na estrada, nunca é um apenas.

Passaria por várias localidades já bem familiares. Riacho Fundo, Candangolândia, Guará, o Setor de Indústrias e Abastecimento, Cruzeiro, e a Rodoferroviária. Esse lugar, sim, carregado de memórias.



Figura 18 – Distrito Federal as margens da rodovia 060

Fonte: Domingos Viramundo, 11/07/2025

A Rodoferroviária, palco da chegada de diversos arraianos ao Distrito Federal. Quantos conterrâneos meus desceram ali? Quantos chegaram com uma mala de mão, ou sem mala nenhuma, carregando apenas o nome de Arraias no peito e a esperança nos olhos? A Rodoferroviária era, para o migrante arraiano, o primeiro chão do Distrito Federal. O primeiro choque. O primeiro "*onde vou ficar*".

Seguiria depois pelo Parque Nacional da Água Mineral. As descidas, que até ali davam algum alívio acabariam. E as subidas chegariam. O Cerrado do parque, ainda preservado, me acompanharia de um lado, enquanto o asfalto, continuaria a ser cortado pelos pneus da bicicleta.

Já era por volta das 10h da manhã quando cheguei à subida do Colorado. Pedalei com força. Não pensei mais em nada. Não no calor, não no cansaço, não nos familiares, não na pesquisa, não nos arraianos que migram, não nos pneus da bicicleta, não nos andejos. O esgotamento físico, a jornada solitária, os objetivos, tudo isso foi se dissolvendo no movimento repetitivo das pernas. Só existia o próximo metro de asfalto. Só existia o próximo golpe de ar nos pulmões. Só existia a subida, e a vontade de vencê-la.

É engraçado como a estrada faz isso com a gente. Quando o corpo está no limite, quando a mente já não consegue mais formular frases completas, quando a única coisa que resta é o gesto bruto de pedalar, a gente para de pensar. E pensar, muitas vezes, é o maior peso que a gente carrega. O peso de lembrar. O peso de antecipar. O peso de comparar. O peso de se perguntar se tudo isso faz algum sentido.

Na subida do Colorado, eu não pensei em nada. Apenas pedalei. E quando finalmente cheguei ao posto Colorado, me senti leve. Alegre. Satisfeito. Não por ter vencido uma subida. Mas por ter descoberto, mais uma vez, que o corpo aguenta mais do que a mente imagina. Que o esgotamento é temporário, mas a sensação de ter conseguido, essa, fica.

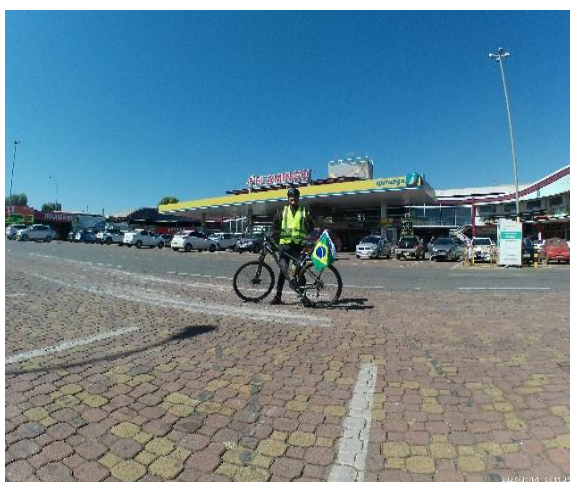


Figura 19 – Posto Flamingo as margens da rodovia 060

Fonte: Domingos Viramundo, 11/07/2025

Parei por alguns minutos. Tirei o capacete, sentei na sombra, bebi água. Olhei para trás, para o caminho percorrido desde Samambaia, e não vi o asfalto. Vi os 22 anos. Vi o menino que chegou de ônibus, encantado com o Lago Paranoá. Vi o estudante que morou no CEU e contava moedas para o

Restaurante Universitário. Vi o servidor público, o pai, o irmão. Vi o migrante que, depois de tanto tempo, ainda não sabia direito onde pertencia.

Respirei fundo. Coloquei o capacete de volta. E segui. Ainda havia chão pela frente. Cheguei por volta das 15h em Planaltina. Já estava no outro extremo do Distrito Federal, a ponta nordeste, a última estação antes do retorno para Goiás, para o Tocantins, para o sertão. Mais de dez horas na estrada. O corpo já nem pedia mais descanso; ele apenas obedecia, como um animal treinado que segue porque não aprendeu a dizer não. As pernas giravam no automático, os braços seguravam o guidão com uma força que já não era força, era hábito.

Planaltina é antiga. Mais antiga que Brasília. Enquanto o Plano Piloto era apenas um sonho de concreto na cabeça de Juscelino, Planaltina já estava ali, com suas ruas de terra, suas igrejas barrocas, seus becos estreitos, suas famílias que tinham chegado muito antes dos candangos. Mas a cidade que eu via, naquela tarde de sol forte, era também uma cidade satélite. Mais uma. Mais uma das tantas que acolhem os que não cabem no Plano Piloto.

A maioria dos trabalhadores do Distrito Federal moram nas cidades satélites. Isso não é novidade para quem conhece a geografia da capital. Mas estar ali, pedalando depois de tantas horas, vendo as casas simples, os comércios de fachada modesta, as ruas com pouco planejamento, me fez imaginar o quanto deve ser difícil morar em Planaltina e ir trabalhar todos os dias de ônibus no Plano Piloto. Um percurso que deve demorar umas duas horas de viagem, se o trânsito ajudar, se o ônibus não quebrar, se não houver greve, se o motorista não passar direto no ponto lotado. Duas horas para ir. Duas horas para voltar. Quatro horas por dia dentro de um coletivo, apertado, em pé na maior parte do tempo, respirando o ar com o suor de dezenas de corpos que também precisam chegar ao trabalho, chegar em casa para dormir e retornar.

Pensei nos arraianos que moram em Planaltina. Em como acordam antes das 4h para pegar o primeiro ônibus, como voltam para casa quando já é noite, como veem os filhos crescerem sem eles, como o cansaço vira uma segunda pele, como o sonho de uma vida melhor vai sendo adiado, sempre adiado, para a próxima parada, para o próximo mês, para o próximo ano. Não é apenas

distância geográfica. É distância social. É distância de classe. É a distância entre quem decide e quem obedece.

Após a saída de Planaltina, encontrei muitos ciclistas que já faziam seus treinos diários. Passavam por mim sempre com muita velocidade e resistência física. Eram atletas acostumados com o ato de pedalar, tinham as roupas coloridas, as bicicletas de carbono que não pesam nada, os capacetes aerodinâmicos, os óculos escuros que escondem o olhar. Andavam em grupos, em duplas ou sozinhos. Seus corpos eram máquinas treinadas para performance, para velocidade, para quilometragem. A estrada, para eles, era o laser.

Muitos paravam. Me cumprimentavam com um aceno de cabeça ou uma palavra rápida. Perguntavam da minha história, para onde eu ia, de onde eu tinha vindo, por que estava fazendo aquilo sozinho. Contavam um pouco das deles, o trabalho, os treinos, as competições, as lesões, os planos. Uns me chamavam de louco. Não no sentido de quem está doente, mas no sentido de quem faz algo que os outros não fariam. "*Louco*", diziam, com um sorriso no canto da boca, misto de admiração e alívio por não serem eles no meu lugar. Outros complementavam que queriam fazer algo igual, uma viagem longa, uma travessia, uma aventura, mas que o trabalho, a família, as contas, a vida, sempre atrapalhavam.



Figura 20 – Saída de Planaltina as margens da rodovia 060

Fonte: Domingos Viramundo, 11/07/2025

Eu ouvia, sorria, agradecia o cumprimento. Mas não pensava neles. Pensava em sair do trânsito intenso do Distrito Federal. Em pegar estradas mais tranquilas, com menos fluxo de veículos, onde o zumbido dos carros não fosse

a trilha sonora permanente. O DF é feito para carros. As ciclovias são poucas. O ciclista é uma exceção, um corpo estranho, alguém que está fora do lugar. E eu queria voltar para o meu lugar, a estrada vazia, o silêncio do Cerrado, a poeira, o vento que não é cortado pelos para-brisas.

Nos caminhos do Distrito Federal, encontrei em muitos pontos o monumento da bicicleta atropelada. O monumento consiste em pintar de branco uma bicicleta acidentada e fixá-la no local onde um ciclista perdeu a vida em um acidente de trânsito. Uma bicicleta toda branca. O guidão torto, as rodas amassadas, o quadro retorcido. Às vezes, uma placa com o nome da vítima. Às vezes, apenas a bicicleta. Um silêncio branco à beira do asfalto.

É assustador a quantidade desses monumentos nas estradas do Distrito Federal. Eles estão em toda parte. Na BR 060. Na EPIA. Na EPCT. Nas vias que ligam as satélites ao Plano Piloto. Em cada curva, em cada reta, em cada lugar onde um motorista distraído, um segundo de desatenção, uma ultrapassagem forçada, transformou uma vida em estatística. A bicicleta branca é um lembrete. Um alerta. Um grito que ninguém ouve. Um luto que continua ali, exposto ao sol, à chuva, à poeira, ao vento.

Eu ficava gelado. Cada vez que avistava uma bicicleta branca no acostamento, um arrepio subia pelo meu corpo. Temeroso. A cada monumento que via, pensava que eu poderia ser o próximo a virar monumento. A próxima bicicleta branca. A próxima estatística. O próximo nome em uma placa que ninguém vai ler. O próximo aviso para os ciclistas que passarem depois de mim.



Figura 21 – Monumento da bicicleta atropelada as margens da rodovia 060

Fonte: Domingos Viramundo, 11/07/2025

Porque a estrada não perdoa. Porque o ciclista é invisível. Porque o motorista não vê. Ou vê, mas não quer ver. Ou vê, mas está no celular. Ou vê, mas acha que o ciclista não deveria estar ali. Na estrada, o ciclista é um intruso. Alguém que ocupa um espaço que não lhe pertence. Alguém que atrapalha o fluxo. Alguém cuja vida vale menos do que os cinco minutos que o motorista economizaria se pudesse andar mais rápido.

Pensei nos arraianos que migram. Pensei na morte. Pensei em como também são invisíveis. Em como também são vistos como intrusos nas cidades para onde vão. Em como também estão sempre à beira do abismo, de uma placa que ninguém vai ler, de um monumento que ninguém vai ver. A bicicleta branca é o monumento do ciclista morto. Mas poderia ser também o monumento do migrante que não resistiu. Do trabalhador que adoeceu. Do jovem que se perdeu. Do homem que, no fundo da garrafa, encontrou o esquecimento que a cidade não lhe deu.

Não demorou muito para chegar na rodovia GO 118. O asfalto ali já era outro, mais antigo, mais cansado, mais conhecido, como se a estrada também sentisse o peso dos anos. Mas o afeto por aquele caminho, esse, vinha de muito antes. Deve ter iniciado nos anos de 1986 ou 1987, quando eu ainda era criança e o mundo cabia dentro do quintal.

Ainda criança, me lembro das bombas que foram usadas para abrir a GO 118. Na saída de Campos Belos para Arraias. Naquela época, eu morava em um barraco de lona ao pé da serra, na saída de Campos Belos. Meu pai, minha mãe, meus sete irmãos. O chão de terra batida, a lona que o vento sacudia, o cheiro de fumaça do fogão de lenha, o barulho das crianças correndo descalças. O barulho da chuva. Desde então o barulho da chuva sempre me agrada, me conforta.

As bombas para abrir a rodovia explodiram por vários dias. Sempre ao final da tarde. Quando o sol começava a se pôr atrás da serra e o calor dava trégua, vinham os estrondos. Lembro que tínhamos que ficar em casa. Encolhidos. Eu morria de medo. O som das bombas ecoava pela serra, rebatia nas pedras, voltava para a gente como um trovão que não vinha do céu, mas da terra. Era a terra sendo aberta. Era o “progresso” chegando. Era a estrada sendo

rasgada no Cerrado. E a gente ali, menino, aprendendo que o mundo se faz também com medo.

Hoje, pedalando sobre o asfalto que aquelas bombas abriram, eu penso naquele barraco de lona. Penso nas crianças que morávamos ali, sem saber que estávamos testemunhando a construção do caminho que um dia levaria tantos arraianos rumo ao desconhecido.

Eu não sou arraiano de nascença. Nasci à beira do rio Paranã, na cidade de Paranã. Na época, Goiás. Hoje, Tocantins. A divisa dos estados mudou, mas o rio continua no mesmo lugar, levando água e histórias desde antes de qualquer mapa. Era bebê quando saímos de Paranã, de modo que não sei a história correta que fez meus pais saírem de lá. As histórias de migração, na minha família, sempre foram contadas em pedaços. Um pedaço aqui, outro ali. Nunca a história inteira. Talvez porque a história inteira nunca seja possível ser contada.

Essa ambiguidade entre o lugar de nascimento, Paranã, e o lugar de pertencimento, Arraias, não é meramente pessoal. Como bem ensinou a professora Maria Geralda de Almeida (2010), a identidade territorial de um sujeito pode ser desdobrada em três dimensões distintas: o lugar em que se nasceu, o lugar em que se registrou e o lugar de consideração e da vida, aquele onde efetivamente se construiu a trajetória existencial. No meu caso, nasci em Paranã, mas é em Arraias que se deu minha formação como sujeito, minha socialização, minha memória afetiva. É por isso que me considero arraiano: não por um acidente de berço, mas por um ato de pertencimento construído no tempo vivido.

Há uma história, porém, que sempre ouvi na minha casa. Uma história que se repetia nas conversas de fim de noite, nas histórias quando falávamos do passado, nas explicações que minha mãe dava quando alguém perguntava de onde a gente vinha. Quando eu tinha por volta de 2 anos de idade, a casa onde morávamos foi levada pelas cheias do rio Paranã. Levada. Não alagada, não danificada, não ameaçada. Levada. A água subiu, o rio saiu do leito, e a casa, a casa que guardava nossos pertences, nossos sonhos, nossa memória, simplesmente foi embora rio abaixo.

Não sei se é verdade. Não sei se a memória da minha infância inventou essa história para dar sentido a uma partida que talvez não precisasse de

explicação. Mas eu acredito. Porque acreditar nessa história é acreditar que a gente não saiu de Paranã por vontade própria. Foi a água que nos tirou de lá. Foi o rio que nos colocou no caminho. Foi a cheia que nos fez migrantes. E há um conforto estranho nisso, saber que nem toda partida é uma escolha. Às vezes, a gente parte porque a terra onde pisava deixou de existir debaixo dos pés.

Sei que migramos de Paranã para Campos Belos. Sei que meu pai, ao chegar em Campos Belos, trabalhava como segurança do Banco do Brasil. Ainda lembro do uniforme dele. A camisa de botão, o crachá no peito, o boné azul-escuro. Meu pai, que no meu imaginário em Paranã era um homem do campo, que entendia de enxada e de boi e de plantar, de repente estava ali, com uma pistola na cintura, vigiando. A migração faz essas coisas. Ela transforma o que a gente é, obriga a gente a ser o que nunca imaginou.

Minha mãe trabalhava na Casa de Saúde, um hospital particular em Campos Belos. Não sei ao certo como ela passou a fazer parte daquela equipe. Não me lembro dela falando do início da carreira. Lembro que ela disse que começou a trabalhar nos serviços de limpeza de algum hospital, mas quando a conheci já era auxiliar de enfermagem. Lembro dela cansada. Lembro dela chegando em casa, a noite já caída, e ainda assim encontrando energia para fazer a comida, para conversar conosco, para rezar conosco antes de dormir. Minha mãe era feita de aço, cansaço e fé. O cansaço vinha do trabalho. A fé vinha de Deus. E as duas coisas se misturavam, se completavam, se tornavam uma só e a transformava em uma mulher forte, determinada, decidida, opiniosa, uma mulher de aço.

Era de Campos Belos que as bombas da GO 118 podiam ser ouvidas. Era dali que meu pai saía de uniforme para vigiar o banco. Era dali que minha mãe voltava da Casa de Saúde com os olhos pesados de ver tanta doença, tanta morte, tanta falta de dinheiro para o remédio. Era dali que eu, menino, ouvia os estrondos ao final da tarde e sentia um medo que não sabia nomear. Era dali que a estrada começava a ser aberta.

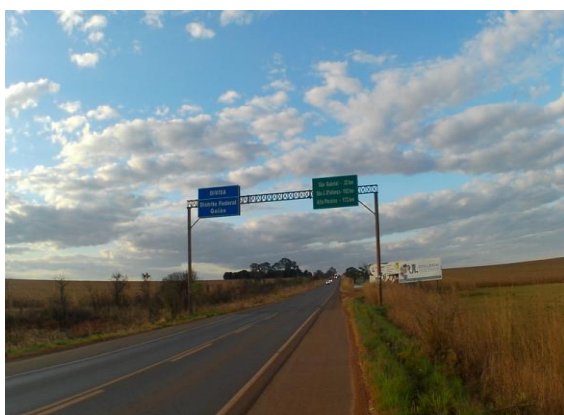
Anos depois, pedalando sobre o asfalto que aquelas bombas fizeram, eu penso no menino que morava no barraco de lona. Penso no medo que ele sentia.

Penso em como aquele medo, de algum modo, nunca foi embora. Só mudou de nome. O medo das bombas virou medo das bicicletas brancas. O medo do estrondo virou medo do silêncio da estrada. O medo do rio levar a casa virou medo da vida levar tudo o que a gente constrói.

Mas a estrada continua ali. A GO 118. A mesma que foi aberta com explosivos, rasgando o Cerrado, ligando Brasília a Arraias. A mesma que agora me leva de volta. E eu pedalo sobre ela como quem pedala sobre a própria infância. Sabendo que cada quilômetro é um pedaço de memória.

O sol começava a dar sinais de que iria diminuir quando passei a barreira do Distrito Federal para Goiás. Não era uma placa grande. Não havia fogos, nem festa, mesmo assim os via, nem ninguém me aplaudindo. Apenas aquela simples placa que separa um estado do outro, um território do outro, uma história do outra. Mas a travessia do DF havia sido extrema, cansativa, estressante, feita de trânsito hostil, bicicletas brancas plantadas no acostamento como cruzeiros de um cemitério. Cada quilômetro dentro da capital foi uma negociação com o medo. Cada subida, um lembrete de que o corpo tem limites que a mente insiste em ignorar.

Então, estar ali, às margens da GO 118, me trazia um alívio. Um alívio que não se explica com palavras. Que se sente no peito, nos ombros que finalmente relaxam, na respiração que volta a ser fôlego e não mais susto. O Cerrado ali já era outro, menos asfalto, menos carros, menos pressa. O mato crescia mais perto da estrada. As árvores a beira da estrada tinham os carros como jardineiros. O céu, imenso, se abria como um lençol que ninguém tinha pressa em dobrar. Respirei fundo. Pela primeira vez desde que entrei no DF, senti que podia respirar de verdade.



**Figura 22 – Divisa Distrito Federal / Goiás
rodovia GO 118**

Fonte: Domingos Viramundo, 11/07/2025

Pedalei até o povoado de São Gabriel. Não é cidade. Não é vila. É um encontro de casas, uma rua principal, uma igrejinha, um posto de combustível, muitas lanchonetes e bares. O tipo de lugar que o motorista passa, que boco dorme, que o GPS ignora, que só existe para quem precisa parar. E eu precisava parar. O corpo já não pedia, exigia. As pernas tremiam. Os olhos ardiam. A sombra se alongava no asfalto, e o sol já tinha se despedido.

Encontramos uma pensão. Simples. Dessas que não têm site na internet, nem recepção bonita, nem toalhas felpudas. Tinha um quarto. Tinha três camas. Tinha um chuveiro que prometia água quente, e cumpriu, depois de algum esforço. O resto era barulho. Muito barulho. A pensão ficava na beira da estrada, e os caminhões passavam a noite inteira, os bares abertos, as pessoas falando. Os motores roncavam. As buzinas ecoavam. Os freios chiavam. Parecia que o mundo inteiro havia resolvido atravessar São Gabriel naquela noite. E eu ali, deitado na cama estreita, ouvindo o vai-e-vem das coisas que se movem enquanto a gente tenta ficar parado.

Mas não me importei. O barulho era a trilha sonora da estrada. E eu, depois de tantos dias, já tinha aprendido a dormir com ela. Apaguei a luz. Fechei os olhos. E antes que o sono chegasse, pensei no menino do barraco de lona, ouvindo as bombas ao entardecer. O mesmo menino. A mesma estrada. O mesmo medo, agora transformado em outra coisa, em saudade, em orgulho, em cansaço bom de quem chegou onde precisava chegar.

4.3 Nascer para migrar, voltar para escrever: o pesquisador reencontra Arraías

O sono foi pouco. Me arrumei animado. A saída foi rápida. O frio se apresentou. O frio do Cerrado no mês de julho sempre me incomodou. Eu sou um sujeito de clima quente, desses que acordam com o pé descalço no chão, que gostam do sol entrando pelas frestas da janela, que sentem falta do ar pesado que antecede a chuva. O vento gelado que cortava o rosto naquela manhã era um lembrete de que eu estava fora do meu elemento. Mas não importava. Brasília já tinha ficado para trás.

Agora já era um reencontro. A GO 118 é uma antiga companheira. Nos 22 anos que morei no Distrito Federal, ela foi o caminho que me levava a Arraias. Nos carnavais, quando a folia chamava e eu voltava para dançar ao som das marchinhas nas ladeiras da cidade. Nas festas da padroeira, Nossa Senhora dos Remédios, quando a praça se enchia de barracas, luzes e vozes que eu reconhecia desde a infância. Em tantas viagens de ida e volta, ônibus lotado, carro emprestado, carona com amigos, nos meus próprios carros. Em todas elas, a GO 118 estava ali.

A meta do dia era chegar a São João D'Aliança. Um percurso de 70 quilômetros. Praticamente em linha reta. Em uma planície. Pedalei olhando para os lados, tentando reconhecer o que um dia foi o Cerrado. Mas como mudou a paisagem nestes 22 anos nessa região. A primeira vez que passei na GO 118 em direção ao Distrito Federal, o Cerrado era praticamente intocado. O mato crescia solto, as árvores tinham formas tortas e bonitas, os pássaros apareciam sem aviso, e o silêncio era interrompido apenas pelo vento e pelo canto deles.

Em menos de duas décadas, o modelo de apropriação do Cerrado tornou-se a paisagem predominante deste trecho. Vários galpões e silos. Milharais secos, já maduros para a colheita, se estendendo até onde a vista alcançava. Terras abandonadas, cobertas de mato rasteiro que nenhum pássaro parecia querer visitar. Outras sendo preparadas para serem plantadas, o arado passando rente ao chão, transformando o que um dia foi campo nativo em pasto ou plantação. O Cerrado, aquele que eu aprendi a reconhecer desde menino, estava sendo substituído por outra coisa. Algo que produzia, que exportava, que se media em toneladas por hectare. Algo que esvaziava a terra de sua memória.



Figura 23 – Galpão as margens da rodovia GO 118

Fonte: Domingos Viramundo, 12/07/2025

Pensei nos arraianos que também haviam sido substituídos. Que também haviam dado lugar a outro modelo. Que também haviam sido empurrados para as margens enquanto o centro se enchia de silos e galpões e lavouras que não pedem permissão para chegar. A paisagem da estrada era a paisagem da migração, tudo se move, tudo se transforma, tudo se perde e se ganha ao mesmo tempo.

Foi na metade do caminho que encontrei os primeiros arraianos na estrada. Um casal já conhecido meu. E suas filhas. Ele, já bem conhecido, do colégio em Arraias, das ruas de Arraias, dos carnavais, das conversas na praça, das histórias que a gente conta quando encontra alguém da mesma terra. Não era um encontro por acaso. Na noite anterior, recebi uma mensagem dele. Falou que acompanhava a minha aventura pelo Instagram. Disse que estava indo para Goiânia no dia seguinte e que me encontraria no caminho. A estrada, quando quer, aproxima o que a distância tentou separar.

Nos encontramos por volta das 13h. O sol estava forte. Mas eu estava muito alegre com aquele encontro. Tinha pedalado a manhã toda animado, não pela viagem em si, mas pela certeza de que, em algum lugar daquela estrada reta, entre os milharais secos e os galpões de zinco, haveria um rosto conhecido me esperando. Encontrar amigos, rostos conhecidos, pessoas que falavam a mesma língua que a minha, tudo aquilo me alegrava de um jeito que a distância não consegue explicar.

Nos encontramos na beira da estrada. Eu indo. Eles vindo. Pararam. Eu retornei um pouco a bicicleta e mudei de lado da pista para encontrá-los. O asfalto quente refletia o sol. Os carros passavam, mas o tempo, naquele momento, não era medido em quilômetros por hora. Saíram do carro. Desci da bicicleta. Mesmo suado, nos abraçamos com alegria e vivacidade. O abraço do migrante é diferente, é mais apertado, mais demorado, mais sentido. Porque ele sabe que o próximo encontro pode demorar. Me ofereceram água gelada. Aceitei. A água desceu pela garganta como se fosse a primeira que eu tomava no dia. Sorriam. Me chamaram de louco, não no sentido de quem está doente, mas no sentido de quem faz o que os outros não têm coragem de fazer. Depois

me contaram que estavam ajeitando a vida da filha, ou das filhas, ou do filho, que foram para Goiânia, não sei se para trabalhar ou estudar.

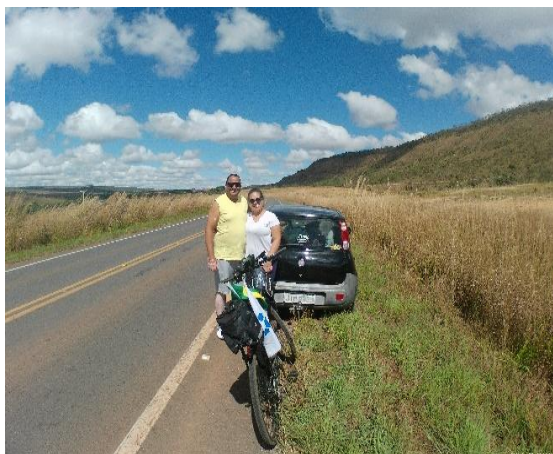


Figura 24 – Primeiro encontro com arraianos as margens da rodovia GO 118

Fonte: Domingos Viramundo, 12/07/2025

Não era coincidência. Arraianos migrando para Goiânia, Brasília, Palmas, para todos os cantos. A cidade que agora receberia os filhos do meu amigo, para que elas pudessem continuar os estudos. O ciclo se repetia. A migração dos arraianos não é apenas uma escolha individual, é um destino de família, um movimento que atravessava gerações, um rio que não parava de correr.

Falamos mais algumas coisas. Não muitas. O necessário. O suficiente. E nos despedimos. Eles seguiram para Goiânia. Eu continuei em direção a São João D'Aliança. Cada um no seu rumo. Cada um com a sua estrada. Mas, por alguns minutos, as estradas se cruzaram. E isso já era motivo de sobra para a alegria que eu sentia.

Cheguei ao destino ainda com sol alto, por volta das 15h. São João D'Aliança uma cidade pequena, dessas que o viajante atravessa em pouco tempo, um município do agro, mas que guarda em cada esquina uma história de quem passou e de quem ficou. Parei no posto policial na entrada da cidade. Um sargento da Polícia Militar de Goiás estava a postos.

Parei e conversamos por alguns minutos. Contei um pouco da viagem, de onde vim, para onde ia, por que estava fazendo aquilo. Ele contou um pouco da vida dele. Já tinha quase 30 anos de trabalho. Disse que viu muitos andarilhos passando por aquele posto. Alguns de bicicleta, como eu. Outros a pé. Outros carregando o mundo nas costas. Cada um com a sua história, a sua dor, a sua esperança. Me ofereceu água. Aceitei. Olhou para mim com um respeito

silencioso, desses que não precisa ser dito em voz alta. Despedi-me com um aperto de mão firme, daqueles que transmitem mais do que palavras.



Figura 25 – Posto Policial as margens da rodovia GO 118

Fonte: Domingos Viramundo, 12/07/2025

Aproveitei o dia ainda claro para deixar a bicicleta para uma revisão. As marchas estavam rangendo. O pneu traseiro já mostrava os primeiros sinais de cansaço. O homem da oficina, um senhor de meia-idade, olhou para a bicicleta, olhou para mim, e disse apenas: "*Ela aguentou bem*". Eu concordei com a cabeça. Aguentou melhor do que eu. Mas ali estávamos os dois, bicicleta e ciclista, ainda inteiros, ainda firmes.

Segui a pé até o hotel. As pernas, acostumadas ao movimento das marchas na bicicleta, agora se adaptavam ao ritmo mais lento do passo. As ruas de São João D'Aliação estavam tranquilas. O sol pintava o céu com aquela luz alaranjada que só o Cerrado sabe fazer. Um cachorro deitado na calçada levantou a cabeça para me olhar depois voltou a dormir. Um senhor varria a folhas da porta de casa. Uma menina passou de bicicleta, rindo com uma amiga. E eu, o andor, que havia pedalado centenas de quilômetros, sentia pela primeira vez que não precisava ter pressa. Arraias estava perto. O menino estava perto de chegar. E o pesquisador, esse, já sabia que a viagem não terminava em Arraias. Terminava em cada pessoa que encontrou, em cada memória que revisitou, em cada lágrima que não deixou cair.

O hotel era muito arrumado. Cama grande, lençóis limpos, travesseiro confortável. Tudo o que eu precisava, era o lugar que preparamos para um descanso maior. Tomei um banho demorado e quente. Deitei antes que a noite

fechasse completamente. As pernas descansavam. A mente, essa, continuava pedalando.

Sai cedo de São João D'Aliança. O objetivo era chegar a Alto Paraíso de Goiás. Mais 70 quilômetros. Não eram muitos, não depois de tudo o que eu já havia pedalado desde Goiânia. Mas o trecho já não seria tão fácil. Havia muitas subidas. Subidas que começam devagar, enganam, dão uma trégua curta, e voltam mais íngremes, como se a estrada quisesse testar até onde o corpo pode ir antes de pedir para parar.

Já tinha pouco o que pensar. A paisagem tornou-se monótona e repetitiva. O Cerrado ali já não era mais aquele que eu conhecia da infância, o mato alto, as árvores tortas, os pássaros de voo rasante. Era um Cerrado cansado, substituído em tantos trechos por pastagens plantadas, capins uniformes, cercas de arame que se estendiam até onde a vista alcançava. O asfalto, cinza e quente. E as subidas. Sempre as subidas.

A vontade de chegar foi aumentando. O foco, que nos primeiros dias da viagem se dividia entre a estrada e a memória, entre o corpo e a saudade, agora se concentrava em uma única coisa: chegar. Chegar a Alto Paraíso. Chegar mais perto de Arraias. Chegar ao fim dessa travessia que já tinha virado parte de mim. As pernas pedalavam no automático. A mente, cansada de tanto pensar, se aquietou. Só existia o próximo quilômetro. Só existia a próxima subida. Só existia o vento que soprava contra.

Parei na Lanchonete Portugal. A uns 20 quilômetros de São João D'Aliança. Um tradicional ponto de parada. A Lanchonete Portugal já estava ali bem antes da chegada do asfalto da GO 118. Quando a estrada ainda era terra, quando os carros levantavam poeira e os viajantes chegavam cobertos de pó, a lanchonete já servia café e acolhia quem passava. Chama-se Portugal por causa de um casal de portugueses e seus filhos que migraram para essa região no início da década de 1980. Migrantes também. Que deixaram a terra natal, atravessaram o oceano, e vieram plantar raízes no Cerrado goiano. Construíram a lanchonete, venderam o que podiam, criaram os filhos, e ficaram.



Figura 26 – Lanchonete Portugal as margens da rodovia GO 118

Fonte: Domingos Viramundo, 12/07/2025

Lá eles servem a famosa coxinha sem massa, uma receita elaborada pela mulher do casal. Coxinha sem massa. Parece contradição, mas é invenção pura, criatividade de quem aprendeu a fazer com o que tinha. Passei. Parei. Conversei. Comi. A comida quente desceu como bênção. O café forte acordou o que ainda estava dormindo dentro de mim. E segui.

Mais adiante, parei para almoçar em um pequeno restaurante à beira da estrada. Era um lugar simples. Algumas mesas de madeira, um balcão com bolo e pão de queijo, o cheiro de comida caseira que se espalha pela porta aberta. Me servi e sentei. Foi quando chegou um casal de arraianos e o seu filho.

Ele, eu conhecia de muito tempo. Meu amigo das ruas de Arraias. Deve ter a mesma idade que eu, então vivenciamos o mesmo mundo em Arraias na infância. As mesmas ladeiras, os mesmos carnavais, as mesmas histórias criadas à noite na praça, os mesmos sonhos de quem cresceu no sertão e aprendeu cedo que partir faz parte do destino. Ele, professor da rede estadual do Tocantins. Eu, professor de geografia da rede estadual de Goiás. Dois professores, dois arraianos, dois migrantes. Ela, uma migrante que se mudou para Arraias. Servidora pública. Mudou-se para assumir cargo administrativo na Universidade Federal do Tocantins. Eu também sou do administrativo da Universidade Federal em Brasília, a UnB. A vida, quando quer, escreve paralelismos que a gente não inventa.

Falaram que acompanhavam minha aventura pelo Instagram. Que torciam, que rezavam, que contavam os quilômetros junto comigo. Ficamos

felizes em nos ver. A alegria do encontro na estrada é sempre maior do que a gente espera, porque a estrada isola, e qualquer rosto conhecido vira porto.

Me contaram que tinham sido transferidos para Palmas. Por melhor qualidade de vida. Para eles e para o filho. A migração, mais uma vez. O arraiano que sai de Arraias não vai apenas para longe. Vai em busca do melhor. Ou tenta. Palmas, a capital do Tocantins, jovem, planejada, cheia de oportunidades que Arraias não pôde oferecer. Eles seguiram o mesmo movimento que tantos outro, a mesma estrada, o mesmo sonho, a mesma esperança. Disseram que estavam indo a Brasília para ver o jogo do Vasco. O futebol que une, o lazer que compensa o trabalho, a vida que insiste em ser vivida mesmo no meio da luta.

Almoçamos juntos. Conversamos. Não sobre coisas grandes, a vida é feita de coisas pequenas. Sobre o filho, sobre o trabalho, sobre a viagem, sobre a saudade, sobre a política, sobre o futebol, sobre a estrada. O tempo passou rápido, como passa sempre quando a gente está entre bons conhecidos.



Figura 27 – Almoço com amigos arraianos as margens da rodovia GO 118
Fonte: Domingos Viramundo, 12/07/2025

Nos despedimos com alegria e emoção. Abraços demorados. Promessas de nos vermos em breve, em Arraias, em Palmas, em algum lugar da estrada. E seguimos. Cada um para o seu rumo. Eles de carro, em direção a Brasília. Eu de bicicleta, em direção a Alto Paraíso. Dois arraianos. Dois destinos. Um só movimento.

Pedalei com foco. Com força. As subidas, que antes me castigavam, agora eram apenas mais um trecho. O corpo, que antes reclamava, agora já

tinha aceitado que não havia negociação. Cada pedalada era uma escolha. Cada quilômetro era uma conquista.

Cheguei a Alto Paraíso no final da tarde. O sol estava baixo. As chapadas ao redor se desenhavam no horizonte como silhuetas antigas, guardiãs de um tempo que não passa. Mas eu não tinha olhos para a paisagem. O corpo estava febril. A testa quente, os ossos doendo, o olhar pesado. A febre, que vinha se anunciando desde a manhã, agora se instalava de vez, como uma visita indesejada que chega e não pede licença.



Figura 28 – Entrada de Alto Paraíso rodovia GO 118

Fonte: Domingos Viramundo, 12/07/2025

Alugamos um quarto por um aplicativo de aluguel. Fui direto para o quarto. As pernas mal me sustentavam. Os braços tremiam. O mundo parecia girar mais devagar. Tomei banho. A água quente sobre a pele ardente foi um alívio temporário. Tomei remédio para a febre. Engoli os comprimidos com um gole de água da garrafa que ainda estava meio cheia. Deitei. E dormi longamente. Um sono pesado, fundo, sem sonhos. O sono de quem já não tem mais forças nem para pensar. O corpo, enfim, descansava. A mente, essa, finalmente parou de pedalar.

O objetivo do dia era chegar a Teresina. Não a Teresina do Piauí, que é capital e tem quase um milhão de almas. A Teresina de Goiás, pequena, ainda jovem, com seus trinta, quarenta anos de vida, nascida do Cerrado como nascem as flores. A viagem toda, eu estava empolgado para chegar nesse trecho.

A meta não seria fácil. Eu sabia disso antes mesmo de colocar o pé no pedal. Chegaria ao pico mais alto do estado de Goiás, a Serra do Pouso Alto,

1.765 metros de altitude. O ar lá em cima é diferente, mais fino, mais frio, mais limpo. O céu parece mais perto. O mundo, lá de cima, parece imenso.

A paisagem do Cerrado mais preservado da região me acompanhou o dia todo. O Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, com suas chapadas, suas cachoeiras, seus vales profundos, sua vegetação que resiste ao tempo e ao homem, ficou ali, do lado, testemunhando silencioso a minha travessia. Cada subida, cada curva, cada descida era um convite para olhar para o lado e se perder na imensidão verde do Cerrado que ainda respira.

Conheci a região do parque quando tinha uns 10 anos de idade. O ano era 1992. O estado do Tocantins estava em seus anos iniciais. Um bebê de poucos anos, ainda aprendendo a andar, ainda descobrindo o próprio território. Praticamente não havia rodovias e pontes que ligavam as localidades do novo estado. As distâncias eram medidas em horas de estrada de chão, em travessias de rio, em paciência. A nova capital, Palmas, tinha iniciado as suas construções. um esqueleto de concreto no meio do Cerrado, prometendo um futuro que ainda demoraria para chegar.

O estado convidou os seus municípios para a feira FECOART, realizada na nova capital. Arraias, como tantas outras cidades, organizou sua comitiva. Levou a sua comida típica para ser apresentada na feira: paçoca de carne de sol socada no pilão, moída na força do braço, temperada com a memória de gerações. Levou também, como atividade cultural, o grupo de capoeira Chapada dos Negros.

O Mestre Fumaça organizou a coreografia da capoeira e escolheu seus alunos para a apresentação. O maculelê com facão era a atração principal, o ritmo dos facões se chocando, o fogo que se espalha, os capoeiristas vestidos de palha, a dança que é também luta e resistência. Eu fui no evento. Fui porque era aluno do Mestre Fumaça. Fui porque a capoeira já tinha me agarrado pelo coração. Fui porque, aos dez anos, eu já sabia que aquilo era mais do que uma luta, era um caminho.

O Mestre Fumaça é uma daquelas pessoas célebres de Arraias. Fez da capoeira a sua vida. O projeto dele é tirar as crianças e jovens das ruas por meio da capoeira. Dar a eles disciplina, pertencimento, autoestima, um lugar no

mundo. Eu fui um desses que teve seus primeiros contatos com a vida social da cidade através do projeto do Mestre Fumaça. Ele nos ensinou a gingar, a cantar, a respeitar. Mas ensinou também outra coisa, que talvez ele nem soubesse que estava ensinando: que a disciplina abre portas. Que o esforço compensa. Que a gente pode sair do lugar onde nasceu sem precisar esquecer de onde veio.

Para participar do projeto, o aluno tinha que comprovar presença na escola regular. Tinha que ter boas notas e bom comportamento. Não era só capoeira. Era um plano. Era uma estratégia. O Mestre Fumaça sabia que a capoeira, sozinha, não salvava ninguém. Era a capoeira somada à escola. A ginga somada ao caderno. O berimbau somado ao lápis.

A vontade de treinar capoeira era tanta que eu, mais dois irmãos e uma irmã, depois que entramos no projeto do Mestre Fumaça, nunca faltávamos às aulas na escola regular. Estudávamos para tirar boas notas. Tínhamos comportamento exemplar. Não por obrigação. Por vontade. Porque a capoeira era a recompensa. Porque o treino era o prêmio pela semana inteira de disciplina.

Acredito que o projeto do Mestre Fumaça foi o ponto inicial da minha jornada como estudante, como pesquisador. Foi ali que aprendi que a dedicação compensa. Que o esforço diário, aquele miúdo, quase invisível, constrói alguma coisa maior. Foi ali que entendi que sair de Arraias não significava abandonar Arraias, significava voltar com mais ferramentas para entender o que Arraias é. O Mestre Fumaça não estava nos livros que li no doutorado. Mas ele estava em cada página. Em cada referência. Em cada pergunta que eu aprendi a fazer.

Como não havia estradas que ligavam as localidades no novo estado do Tocantins, para chegar à nova capital tivemos que pegar a GO 118 até a cidade de Alto Paraíso. Depois, um pequeno trecho de estrada de chão que passava pela pequena vila de São Jorge até chegar à BR Belém-Brasília e, finalmente, a Palmas.

Alto Paraíso, na época, era apenas uma pequena vila que vendia cristais. Os cristais eram a riqueza local, retirados da terra com mãos calejadas e vendidos em barracas improvisadas na beira da estrada. Hoje, por causa do misticismo, Alto Paraíso se transformou. Virou polo de espiritualidade, de

esoterismo, de gente que vem de todos os cantos do país e do mundo em busca de algo que não sabem nomear, mas que sentem que ali, naquele chão, pode ser encontrado.

São Jorge, que hoje é uma vila muito visitada, ponto de entrada do Parque da Chapada dos Veadeiros, cheia de pousadas charmosas, restaurantes caros, gente do mundo todo, na época era apenas uma pequenina vila de povos tradicionais daquela região. Pessoas que viviam da terra, do rio, das histórias que o avô contava ao pé do fogo. Hoje, São Jorge concentra pessoas do mundo todo. Turistas, aventureiros, buscadores, curiosos. O mundo chegou lá. E, com ele, o dinheiro, o progresso, o asfalto, o celular com sinal. Também a especulação imobiliária, o preço da terra que dispara, os jovens que não podem mais comprar onde nasceram. O Cerrado é visto por olhares diferentes. O de dentro e o de fora se conflitam, se estranham e se misturam. A paisagem muda. O que era só natureza vira mercadoria, experiência, pacote turístico. A chapada agora é para ser consumida. Em menos de 30 anos uma pequena vila transformou-se completamente.

A viagem de Alto Paraíso para Teresina foi extremamente complicada. As subidas eram íngremes. O vento soprava tanto que, nas decidas, parecia que eu estava subindo. Era três pedaladas para frente e o vento me empurrava uma para trás. A natureza conspirava contra cada movimento. O trecho que eu achei que seria fácil passou a ser tortuoso, sofrido, extremamente penoso. Não havia trégua. O vento não parava. A subida não terminava. O corpo, que já vinha cansado de tantos dias de estrada, começava a sentir o limite.

Cheguei triste. Desanimado. Quase chorando. Ao ponto mais alto do estado de Goiás. A Serra do Pouso Alto. 1.676 metros de altitude. O topo. O lugar onde o ar é mais raro e o silêncio é mais fundo. O vento soprava forte lá em cima. Sentei no asfalto. Atrás de mim, uma subida que quase me venceu. Na minha frente, uma descida que me levaria para mais perto de Arraias. Sentei ali, no meio da estrada, e pensei que iria chorar. Não sei se de alegria ou de tristeza. Talvez das duas coisas juntas, misturadas, indistinguíveis como a poeira do Cerrado grudada na pele. Talvez o choro que não veio tenha ficado entalado na garganta, esperando um outro momento para sair. Eu só sei que, no topo do

Pouso Alto, eu não era mais pesquisador, não era mais doutorando, não era mais professor. Eu era só um homem sentado no asfalto, olhando para o horizonte, sentindo o vento frio cortar o rosto e a febre queimar baixo. E isso estava bom. Não precisava ser mais nada.



Figura 29 – Serra do Pouso Alto as margens da rodovia GO 118

Fonte: Domingos Viramundo, 13/07/2025

O lugar é lindo. O cheiro do Cerrado, aquela mistura de terra, folha seca, flor silvestre, subia pelas narinas como um remédio antigo. O vento frio acariciava a pele quente da febre. O silêncio da estrada era tão completo que eu podia ouvir o meu próprio coração batendo. Tudo aquilo me trouxe paz. Liberdade. Conforto.

Parei ainda no marco do Paralelo 14. Um conjunto de pedras registra aquele local. Dizem que ali há uma abertura para outros mundos, que o véu entre o visível e o invisível é mais fino, que os seres da natureza aparecem com mais facilidade, que quem tem olhos de ver pode ver o que os outros não veem. Não sei se é verdade. Sei que todos param um tempinho naquele ponto. Os viajantes. Os andarilhos. Os que vão e os que vêm. Todos param. Para descansar, para contemplar, para tirar uma foto. Ou para sentir, como eu senti, que há algo ali que não se explica com geografia. Parei. Descansei. Respirei fundo. E segui com ânimo e determinação.



Figura 30 – Paralelo 14 as margens da rodovia GO 118

Fonte: Domingos Viramundo, 13/07/2025

O resto do dia foi longo, dolorido, esgotante. Mas o pior já tinha passado. O topo já tinha sido vencido. O vento, que antes me empurrava para trás, agora parecia menos hostil, ou talvez eu é que estivesse menos resistente a ele. As pernas pedalavam com menos força, mas com mais vontade. A febre não tinha ido embora, mas eu já não ligava mais para ela. O que importava era chegar.

Cheguei a Teresina ao final do dia. O sol já estava baixo quando avistei as primeiras casas da cidade. Pequena. O cansaço era tanto que eu mal conseguia sentir o alívio. Mas ele estava lá, em algum lugar, escondido atrás da dor nos ossos e do ardor nos olhos.

Ficamos hospedados em um hotel à beira da rodovia. Super especial. Quarto pequeno, cama dura, chuveiro que demorou para esquentar. Mas era o que havia. E era o que eu precisava.

Naquela noite, antes de dormir, pensei no menino de 1992. No ônibus que levou a comitiva de Arraias para a FECOART. No Mestre Fumaça, que me deu muito mais do que capoeira. Me deu um caminho. Me deu disciplina. Me deu a certeza de que sair de Arraias não é trair Arraias, é fazer o que a gente faz com a paçoca de carne de sol no pilão. Socar. Socar forte. Até virar outra coisa. Mas sem esquecer de onde veio a carne. Pensei também nas águas do Rio Paraná que levaram a casa da minha infância, mas não levaram o chão. O chão continuou lá. E eu, de algum modo, continuei sobre ele.

Teresina está localizada em uma região muito especial do território goiano e brasileiro. Ali são as terras dos povos quilombolas. O mais conhecido deles é

o Kalunga, com suas comunidades espalhadas pelas chapadas, suas tradições que resistem ao tempo, sua luta pela terra que nunca terminou de verdade. Mas existe ali muitos outros. Teresina, Cavalcante, Monte Alegre, Campos Belos, Arraias, Paranã. Municípios predominantemente quilombolas. Terras do povo negro. Terras de meus ancestrais.

Apesar de não ser um quilombola declarado, minha certidão de nascimento não diz isso, minha cor às vezes é lida como outra coisa, minha história não foi contada nos livros que a escola mandava ler, confio na tese do Mestre Fumaça. Ele diz que toda Arraias deveria ser declarada território quilombola. Não algumas partes. Não apenas a comunidade reconhecida oficialmente, com seu papel e seu processo judicial. Toda Arraias. Das ladeiras do centro, ao Buritizinho e todo o sertão arraiano. Das casas de taipa às ruas de paralelepípedo. Porque o sangue que corre nas veias dos arraianos é o mesmo sangue que correu nas veias dos que foram trazidos à força, dos que resistiram, dos que plantaram roça, criaram filhos, inventaram festa, fizeram do Cerrado um lugar para viver. E se o território quilombola é aquele onde a memória da resistência ainda pulsa, então Arraias inteira pulsa.



Figura 31 – Unidade Básica de saúde quilombola as margens da rodovia GO 118

Fonte: Domingos Viramundo, 13/07/2025

Tive que sair mais cedo que o normal nesse trecho entre Teresina e Monte Alegre. Meu objetivo não era dormir em Monte Alegre. Era chegar a Campos Belos. A última cidade antes de Arraias. Para atingir o objetivo, teria que percorrer mais de 100 quilômetros. Muitos, para quem já vinha de tantos dias de estrada. Muitos, para quem sentia o joelho doer e a febre voltar. Mas não havia outro jeito. Arraias esperava.

Na saída de Teresina, encontrei mais um andejo cicleteiro. Estava indo na mesma direção que eu. Diferente da maioria dos ciclistas que eu tinha encontrado até ali, dos atletas, dos trabalhadores de Monark, dos aventureiros de final de semana. Este era um homem simples, dono de uma pequena chácara a uns 20 quilômetros de Teresina. O convidei para irmos pedalando juntos. A estrada, quando dividida, fica mais leve.

Disse que quase sempre fazia o percurso até a chácara e da chácara de volta para a cidade de bicicleta. Deixava o carro na cidade para economizar combustível. Ia na chácara molhar as plantas e dar comida aos bichos. Gostava mesmo de ficar na chácara, do silêncio, do pé de fruta, do galinheiro, da terra. Mas a esposa era professora da prefeitura e tinha que ficar na cidade. Então ele ficava indo e vindo. Indo e vindo. Como um pêndulo. Como tantos brasileiros que vivem entre um lugar e outro, sem nunca conseguir parar inteiramente em apenas um.

A companhia dele tornou os primeiros trechos da viagem muito mais agradáveis. Não precisávamos conversar o tempo todo, o silêncio compartilhado também era conversa. As rodas giravam no mesmo ritmo. O vento soprava para os dois. A estrada era a mesma. Conteí que era arraiano e que estava indo para lá de bicicleta. Que tinha saído de Goiânia, que era doutorando, que estava escrevendo uma tese sobre migração. Ele gostou da minha história. Acenou com a cabeça. Depois me contou que também anos atrás tinha mudado para Brasília. Morou na M Norte da Ceilândia, aquela Ceilândia imensa, que começou como invasão e virou cidade, que acolheu tanta gente do Norte e do Nordeste, que é um país dentro de outro país. Morou lá, trabalhou lá, viveu lá. Mas aí a mulher passou no concurso da prefeitura e eles mudaram para Teresina. A vida, quando quer, nos leva de volta para lugares que a gente achava que tinha deixado para sempre. Me contou que nascera em Cavalcante, terra de Kalungas, terra de serras, terra de água boa. E que, tirando o tempo que morou no Distrito Federal, o restante da vida morou por ali mesmo. Nunca foi longe. Nunca quis. O mundo, para ele, cabia naquela região. E ele estava bem assim.

Ele era negro como eu. A pele marcada pelo sol do Cerrado, os cabelos crespos cortados rente, as mãos calejadas de quem trabalha com a terra.

Perguntei se ele era descendente de quilombola. Ele me respondeu, sem pretensão, que “*devia de ser*”. Mas que não sabia bem. Nunca tinha procurado saber. Nunca tinha ido atrás de árvore genealógica. A história da sua família, como a de tantas famílias negras neste país, era uma história de lacunas. De registros que não existem. De documentos que não foram guardados. De sobrenomes que se perderam no tempo.

Nos despedimos. Ele virou à esquerda, em direção à sua chácara. Eu segui em frente. Nosso abraço foi rápido, mas sincero. Dois andejos. Dois negros. Duas histórias que se cruzaram na estrada e depois seguiram cada uma para seu lado. É assim que a estrada funciona. Ela aproxima. Mas também separa.

Ao sair de Teresina, passei a sentir muitas dores no joelho esquerdo. Foram vários dias pedalando. A posição do corpo na bicicleta, repetidas centenas de milhares de vezes, começava a cobrar seu preço. O joelho esquerdo, em especial, reclamava a cada pedalada. Era uma dor surda, profunda, que vinha de algum lugar que eu não conseguia nomear. Então, para economizar os joelhos e mudar o movimento repetitivo de pedalar, passei a caminhar de tempos em tempos. Empurrando a bicicleta ao lado do corpo, como um andejo que não precisa ter pressa. Aproveitava as maiores subidas para fazer as caminhadas. O corpo agradecia. A alma, também.

O calor passou a ser mais forte. O ar mais seco. O suor escorria pelo rosto e pingava no guidão. A vegetação e o solo começaram a ficar mais parecidos com a região de Arraias. O Cerrado ali já era outro, mais rasteiro, mais aberto, com aquelas árvores de casca grossa e folha pequena que parecem ter sido desenhadas pela seca. O chão ficou mais branco, cheio de cupinzeiros, lembrava o chão que eu pisava quando menino. Eu estava chegando perto. A terra me reconhecia. E eu reconhecia a terra.

Após 40 quilômetros de Teresina, cheguei à ponte do Rio Paranã. O mesmo rio que levou a casa da minha infância. Mas ali, na ponte, ele estava bem mais em cima. A cidade do Paranã, onde eu nasci, fica bem mais embaixo, num trecho onde o rio já corre mais largo e mais lento. As águas que passavam sob os meus pés eram as mesmas que um dia subiram, levaram a casa, e nos

empurraram para o caminho da migração. O mesmo rio. A mesma água. O mesmo movimento que nunca para.



Figura 32 – Rodovia GO 118, vista em direção a Monte Alegre.

Fonte: Domingos Viramundo, 14/07/2025

Atravessei a ponte. Parei em uma casa antiga à beira do rio, do lado oposto da estrada que eu seguia. Nessa casa funcionava uma espécie de lojinha improvisada, uma placa de madeira, uma porta aberta, algumas coisas à venda. O tipo de lugar que só quem está prestando atenção consegue ver. Parei. Pedi água. E dois peixes pequenos, secos e fritos, que estavam na estufa para serem vendidos. Uma mulher de uns 80 anos e seus dois filhos, já mais velhos que eu, me atenderam. A mulher era grande, um pouco gorda, de pele clara e olhos claros que contrastavam com a maioria do povo daquela região. Os filhos eram homens calados, que ajeitavam coisas enquanto a mãe falava. Perguntaram para onde eu ia. Disse que estava indo para Arraias. Contei do projeto, da pesquisa, da bicicleta, dos quilômetros. A senhora me respondeu que também era arraiana.

Me contou de quem era sua família em Arraias. Depois perguntou de qual família eu era. Os arraianos têm essa mania de perguntar de qual família a gente é. Acho que esse hábito é antigo, das épocas dos coronéis e da escravização, quando o sobrenome determinava seu lugar no mundo, sua terra, seu destino. Mas continua vivo até hoje. Na feira, na farmácia, na fila do banco, nas festas, na porta da igreja: "*Você é de qual família?*" Eu não gosto muito dessa pergunta. Não porque ela seja mal-intencionada, na maioria das vezes, é apenas curiosidade, um jeito de encontrar um elo, de se aproximar. Mas porque eu não sei responder. Não sou de família "*importante*" nem conhecida em Arraias. Minha

mãe, enfermeira. Morávamos no Buritizinho, que não é centro, não é bairro nobre, não é lugar de gente com sobrenome. Eu sou filho de Goia. Sou neto de Matildes. Não sei mais do que isso.

Falei que sou filho de Goia, enfermeira do hospital de Arraias, e que sou do Buritizinho. Ela não reconheceu minha parentesco. Acenou com a cabeça, como quem aceita uma informação que não vai usar. Depois continuou sua própria história.

Me contou que se mudou para aquele lugar ainda moça. Conheceu seu falecido marido nos festejos de Nossa Senhora dos Remédios em Arraias. Ele era daquela região, e ela foi morar com ele. Já fazia mais de 60 anos que morava ali, na beirada da estrada e na beira do Rio Paranã. 60 anos. Mais tempo do que muitos casamentos. Mais tempo do que a maioria das pessoas passa no mesmo lugar. Disse que já tinha visto várias cheias do rio. As águas subiam, levavam o que estava no caminho, depois baixavam, deixando a terra mais fértil e a memória mais pesada. Disse que viu construir o asfalto da GO 118. Antes era só poeira. Depois veio o asfalto, os carros mais rápidos, o barulho, a pressa. Criou os filhos ali. Os filhos nasceram ali, cresceram ali, e ali ficaram. Ela não saiu. Não quis. Disse que morreria ali mesmo. Que seria enterrada no fundo do curral, como o falecido marido.

Me abençoou. Desejou-me uma boa viagem. Disse que minha mãe devia estar preocupada comigo. Para eu tomar cuidado na estrada por causa dos carros. Falei obrigado, senhora. Falei que ia com Deus, que Deus a abençoasse também. Ela acenou com a mão. Os filhos acenaram também. E eu segui.

Segui com ela no pensamento. Com os filhos dela no pensamento. Me disse eles que nasceram ali naquela terra e que nunca se mudaram de lá pra nada. Diferiam dos arraianos, que nascem para migrar. Eles, com seus 50, 60 anos, nunca tinham migrado. Nunca tinham sentido essa coisa que me corrói desde menino, o desejo de ir, de ver, de saber o que tem depois da próxima curva, do próximo rio, do próximo estado. Eles tinham o que eu não tive. Ou talvez eu tivesse o que eles não tiveram. Difícil saber quem levou a melhor.

Com esse pensamento na cabeça, a senhora de 80 anos, os filhos que nunca partiram, o rio que levou a minha casa, mas não levou o chão, com o sol

forte e o calor da mudança do clima, cheguei rápido em Monte Alegre. Por volta das 14h. O corpo estava cansado, mas a mente, essa, estava mais leve.



Figura 33 – Monte Alegre Goiás

Fonte: Domingos Viramundo, 14/07/2025

Ainda deu tempo de almoçar em um restaurante próximo da igreja da cidade. Comida simples, caseira. Arroz, feijão, frango, bife, salada. Nada de especial. Mas a comida quando a gente chega cansado não precisa ser especial, ela só precisa existir. Comi devagar. Olhando pela porta para a rua de Monte Alegre. Imaginar como seria a última noite antes de Arraias. Amanhã, o reencontro.

Sai do restaurante com tranquilidade. Faltava pouco para cumprir a meta do dia, chegar a Campos Belos. Uns 35 quilômetros de estrada plana e reta. Depois de tantas subidas, de tanto vento contra, de tanta luta com o joelho e com a febre, a planície era uma benção. As pernas agradeciam. O coração, esse, nem tanto.

Monte Alegre. Território quilombola. Ali, a minha tia Tonha, irmã do meu pai, morava há muitos anos. Mas eu não tinha muito contato com a família do meu pai. Na verdade, tinha quase nenhum. A história entre nós era feita de vazios, de silêncios, de ausências que ninguém nunca explicou direito.

Quando eu tinha por volta de 5 anos de idade, no barraco de lona ao pé da serra, um belo dia no final da tarde aconteceu algo que nunca saiu de mim. Minha mãe varreu e limpou o barraco. Varreu cada canto, cada fresta, com uma capricho que eu nunca tinha visto. Depois colocou algumas coisas na carroceria de uma caminhonete antiga. Mandou meus irmãos mais velhos irem a pé.

Colocou meu irmão mais novo, o papagaio e eu dentro do carro. E partimos. Deixamos o meu pai.

Minha mãe entrou no carro repetindo: "*Varri o barraco para não deixar nem os rastos para trás*". Eu não entendia bem o que aquilo significava. Mas guardei. Guardei a imagem dela varrendo o chão batido, o som da vassoura, o pó que se levantava e se dissipava. Ela não queria deixar rastos. Ela queria que a gente simplesmente desaparecesse dali, como se nunca tivéssemos estado. Como se fosse possível apagar uma história varrendo o chão.

Não sei bem a história da separação dos meus pais. Lembro vagamente de quando eles moravam juntos. pedaços soltos, imagens sem contexto. Mas sei que aos 5 anos de idade o meu pai sumiu das nossas vidas. Sumiu. Não houve despedida. Não houve carta. Não houve explicação. Houve apenas o vazio.

Só fui vê-lo novamente perto dos 10 ou 12 anos. Não lembro bem da ocasião. Lembro que foi estranho. Lembro que não soube o que dizer. Lembro que ele era quase um estranho. Depois disso, ele sumiu de novo. E assim foi.

Diziam que nesse período ele teria mudado para o povo Kalunga para dar aulas. Ou que tinha mudado para Monte Alegre. Eu não sei bem ao certo. A história do meu pai é uma história de pedaços, de boatos, de "*diz que disse*" que nunca se confirmaram. Mas sempre que passo por Monte Alegre, sempre que vejo aquelas terras, aquelas chapadas, aquelas estradas, alguma coisa se remexe dentro de mim. Monte Alegre me lembra da ausência. Do abandono. Do pai que não ficou.



Figura 34 – Placa de indicação de distância até Arraias a margem da rodovia GO 118

Fonte: Domingos Viramundo, 14/07/2025

Pedalei esse último trecho lembrando da minha mãe. Me aproximar de Campos Belos me aproximava das partes tristes e profundas da constituição da minha existência. Não era uma tristeza nova. Era antiga. Vinha daquele barraco de lona, daquela varrida no chão, daquela caminhonete que partiu levando a gente para algum lugar que não sabíamos qual era. Era a tristeza da primeira migração que me lembro. A que não foi escolha. A que foi sobrevivência.

O final de tarde estava lindo. O sol alaranjado pintava o horizonte como só ele sabe pintar no Cerrado. O cheiro da terra, aquela mistura de capim seco, flor silvestre, poeira, subia pelas narinas e me transportava para algum lugar que não era geográfico. O pedal era suave, plano, quase sem esforço. O corpo parecia flutuar sobre o asfalto. O vento soprava agora a meu favor.

Mas eu carregava uma tristeza. Um aperto no coração. Um desconforto que não vinha do joelho, nem da febre, nem do cansaço. Vinha de algum lugar mais fundo. De algum lugar que eu não sabia nomear. Continuei pedalando. O pensamento ia e voltava. Minha mãe varrendo o barraco. Meu pai sumindo. O rio Paranã levando a casa. A caminhonete partindo no final da tarde. Tudo isso se misturava, se embaralhava, se tornava uma coisa só. Uma coisa pesada. Uma coisa que eu carregava sem saber.

Foi então que as lágrimas começaram a cair. Lentamente. Primeiro uma. Depois outra. Depois um fio que não parava mais. Eu não sabia o motivo. Não sabia se estava alegre ou triste. Não sabia se chorava pelo meu pai, pelo vazio que ele deixou. Não sabia se chorava pelo sofrimento da minha mãe, pela força que ela teve de recomeçar sozinha com oito filhos. Não sabia se chorava pelo menino que fui, que não entendeu nada naquela época e que agora, adulto, na beira da estrada, finalmente começava a entender.

Tudo isso veio de uma vez. O corpo não conseguiu segurar. Foi nesse turbilhão emotivo que vi de longe as casas da cidade de Campos Belos. Elas apareceram no horizonte como uma miragem. Primeiro, um pontinho. Depois, vários pontinhos. Depois, as luzes que começavam a acender com o cair da tarde. Campos Belos. A cidade onde morei no barraco de lona. A cidade onde ouvia as bombas abrindo a estrada. A cidade onde minha mãe varreu o chão e não deixou rastros.

Não chorei porque estava triste. Não chorei porque estava alegre. Chorei porque estava vivo. Porque tinha pedalado centenas de quilômetros para chegar ali, naquele momento, naquela estrada, com aquelas lágrimas escorrendo pelo rosto sujo de poeira. Chorei porque, afinal, a gente volta. A gente sempre volta. Nem que seja para chorar no acostamento, olhando as casas surgirem no horizonte.

Era quase noite quando entrei em Campos Belos. As ruas estavam se preparando para ficar mais quietas. O movimento do fim da tarde já tinha passado, os trabalhadores voltando para casa, as crianças guardadas, os cachorros recolhidos. As luzes dos postes davam sinais de que iriam acender. Algumas já piscavam, indecisas. Outras permaneciam apagadas, esperando o escuro fechar por completo.

Estacionei a bicicleta perto do posto de combustível na entrada da cidade. Tirei o capacete. Tomei água. O vidro da garrafa ainda estava morno, mas não me importei. A água desceu devagar, como quem não tem pressa para terminar.

Eu queria retardar um pouco a entrada na cidade. Campos Belos ainda mexe muito comigo. Sempre mexeu. Talvez sempre vá mexer. Não é uma cidade grande, não tem nada de extraordinário aos olhos de quem passa. Mas para mim, ela guarda camadas que eu não sei bem como descrever. Camadas que doem. Camadas que curam. Camadas que se misturam e confundem.

Depois que deixamos o barraco de lona, depois que minha mãe varreu o chão para não deixar rastros, moramos em várias casas em Campos Belos. Em menos de três anos, mudamos tantas vezes que eu perdi a conta. Cada mudança era um recomeço. Cada recomeço era uma esperança. Cada esperança, quase sempre, era seguida de uma nova mudança.

Lembro da casa de uma banda só. Era uma casa cortada ao meio, como se alguém tivesse dividido uma casa maior em duas partes. Ficava em uma rua deserta, quase fora da cidade. O mato crescia ao redor. O vento entrava pelas frestas. O silêncio era tanto que a gente ouvia os próprios pensamentos. Não havia vizinhos. Não havia barulho. Apenas a casa, a rua de terra, e a gente tentando sobreviver.

Depois, a casa pequena. Uns seis metros quadrados. Um cômodo que era sala, quarto, cozinha, tudo ao mesmo tempo. Não cabia todo mundo direito. Tínhamos que nos organizar: metade dormia por cima da mesa, a outra metade dormia por baixo. O chão era de cimento grosso. O colchão era fino. O frio entrava pelas frestas da porta. Foi nessa casa que ouvimos a morte do Chacrinha no rádio. Eu não sabia bem quem era Chacrinha, mas lembro do locutor chorando. Nunca mais esqueci aquele momento. A casa pequena, a voz do locutor, os abraços da minha mãe.

Depois, a casa que tinha muitos pés de manga no quintal. Essa eu gostava. As mangas caíam maduras, e a gente corria para catava do chão, lambuzava a cara, ria à toa. A casa ficava perto da Casa de Saúde, onde minha mãe trabalhava. Ela podia ir a pé, sem gastar muito tempo. Mas quando chovia, a casa gotejava todo o canto. As panelas eram insuficientes para tanta água que entrava. A gente se molhava dentro de casa. Acordava com o barulho da chuva pingando ao lado da cama. Depois que a chuva passava, minha mãe dizia nada, mas transmitia que: *"É só água. Não mata ninguém"*. E a gente seguia.

Por último, a casa verde. A varanda era pequena, mas era a única casa até então que tinha varanda. No quintal, nasciam muitos tomates-cereja. Os pés cresciam sozinhos, como se a terra ali fosse mais generosa. Eu adorava colher os tomates direto do pé que se esparramava pela tela que dividia o quintal e comer ali mesmo, ainda quentes do sol. A casa verde foi a primeira que me deu a sensação de que a gente podia ficar. Mas não ficamos. Nunca ficávamos.

Foi quando morávamos na casa das mangueiras que eu lembro de uma história. Uma história que nunca saiu de mim. Meu pai tinha vendido o barraco onde vivíamos, o barraco de lona, o barraco que minha mãe varreu para não deixar rastros. Vendeu e ficou com o dinheiro. Abandonou o emprego no Banco do Brasil. E sumiu. Porque ele não queria pagar pensão. Porque não queria deixar nada para nós. Porque, para ele, talvez fosse mais fácil sumir do que ficar.

Não sei se é verdade. Não sei se a história foi aumentada, se faltam pedaços, se sobra algum exagero. Mas acredito. Porque a ausência do meu pai nunca teve uma explicação boa. Nunca teve um motivo que eu pudesse entender. Agora, naquela história, havia um motivo. Mesmo que "feio". Mesmo

que doesse. Havia um motivo. E acreditar nessa história era, de algum modo, dar nome ao vazio.

Fiquei ali parado no posto de combustível mais tempo do que precisava. A garrafa de água já estava vazia. A noite dava sinal que iria chegar. Olhei para os carros que entravam e saíam. Para os caminhoneiros que abasteciam e seguiam viagem. Para o frentista que me olhou curioso, mas não perguntou nada.

Respirei fundo. Coloquei o capacete de novo. Montei na bicicleta. Pedalei devagar. A cidade não era mais a mesma da minha infância. Mas a cidade nunca é a mesma. A gente é que muda. A gente é que carrega as casas dentro da gente, a casa de uma banda só, a casa pequena de seis metros quadrados, a casa das mangueiras, a casa que gotejava, a casa verde com tomates no quintal. A gente carrega tudo isso. E pedala. E chora. E segue.

Estava quase saindo do posto quando fui parado por um homem de uns trinta a quarenta anos. Ele estava dirigindo um pequeno caminhão baú, desses que fazem entrega em cidades pequenas. Parou o veículo ao meu lado, abaixou o vidro, e me perguntou: *“Você é o Viramundo? O andejo que tá vindo de Goiânia para Arraias?”*

Fiz o gesto com a cabeça que sim. Não precisei dizer nada. O cansaço estava no meu rosto, a poeira na minha roupa, a bicicleta ao meu lado. Ele não precisava de mais confirmação. Desceu do carro. Veio até mim. Me cumprimentou com uma alegria que eu não esperava naquela altura da noite. Apertou minha mão com força. Disse que queria tirar uma foto comigo. Que me acompanhou no Instagram a viagem toda. Que ficou sabendo pelo primo dele, que é de Arraias, dessa travessia. E que eu tinha realizado por ele um sonho. Não explicou direito qual sonho. Não precisei perguntar. Nos olhos dele, eu vi. O sonho de também estar na estrada. O sonho de também largar tudo e ir. O sonho que tantos homens guardam dentro do peito, quieto, esperando.

Ficamos ali papeando por um tempo. Ele encostado no caminhão, eu na bicicleta. Contei a ele as aventuras que tinha passado na viagem, as subidas, o vento, a febre, o joelho, as bicicletas brancas no acostamento, as pessoas boas que encontrei no caminho. Ele me ouviu atentamente, como quem ouve uma

história que precisa ser guardada. Tiramos fotos. Ele sorrindo. Eu tentando sorrir, mas o cansaço já não deixava. Nos despedimos com um abraço rápido. Ele voltou para o caminhão. Eu segui.

Continuei a viagem por dentro de Campos Belos. As ruas são velhas conhecidas minhas. Hospedamos em um hotel muito confortável. O objetivo era descansar. A cama era larga. Os lençóis eram brancos. Tinha um cobertor grosso. Tinha um abajur ao lado da cama. Tomei um longo banho quente. Um banho demorado, desses que a água vai caindo e o pensamento vai se dissolvendo. A água quente desceu pelas costas, pelos ombros, pelas pernas doloridas. A febre ainda estava ali, mas mais baixa. O joelho doía, mas a água quente aliviava um pouco. Tomei um remédio para gripe. Passei um aerossol para dores musculares no joelho. O líquido gelado esquentou a pele. Massageei devagar, sentindo o músculo ainda tenso, ainda cansado, ainda protestando. Depois, deitei.

Tomei um café da manhã reforçado. Os dois joelhos doíam muito. A dor não era nova, vinha se acumulando já a alguns dias, quando as subidas de São João D' Aliança par Teresina esgotaram as minhas pernas. Agora, depois de tantos quilômetros, depois da febre, depois do vento contra, depois de tudo, os joelhos gritavam. Usei novamente o aerossol. Passei devagar, massageando cada articulação, como quem pede desculpas a um amigo que foi exigido demais. Sai devagar.

O estado do Tocantins tinha acabado de ser criado. Eu era criança, não entendia bem o que significava uma linha no mapa se dividindo, um estado nascendo, uma capital nova sendo construída no meio do Cerrado. Mas minha mãe entendia. Ela estava tendo dupla jornada de trabalho, na Casa de Saúde em Campos Belos e em Arraias, em um posto de saúde. Ela ia de uma cidade a outra, cuidando da saúde dos outros, deixando a sua própria sempre para depois. Morávamos ainda na casa verde, a que tinha tomates no quintal.

Meu irmão mais velho tinha migrado para Brasília para servir o exército. Muitos dos meus irmãos, assim como muitos arraianos, aproveitam a oportunidade do serviço militar obrigatório para migrar. É uma porta que se abre. Um uniforme que se veste. Uma passagem que se paga com o corpo, mas que

leva para longe. Meu irmão foi. Depois outro. Depois outro. Aos poucos, as casas vão ficando mais vazias.

No mesmo ano em que meu irmão mais velho migrou para Brasília, minha mãe resolveu ficar trabalhando apenas em Arraias. Não dava mais para se dividir entre duas cidades, dois empregos, duas vidas. Ela escolheu Arraias. E assim migramos para Arraias.

Foi só depois de chegar em Arraias que passei a me entender como sujeito vivendo neste mundo. Não sei explicar bem. É como se antes eu fosse uma sombra, um corpo que se movia mas não sabia ainda o que significava estar vivo. Em Campos Belos, eu era um menino que mudava de casa, que dormia sobre a mesa, que ouvia a morte pelo rádio. Mas não me lembro de me sentir. Em Arraias, eu comecei a sentir. A sentir a terra, o vento, a rua, as outras crianças, a solidão, a vontade de ser aceito, a raiva de não ser. Foi ali que eu nasci de novo, não do ventre da minha mãe, mas do chão do Cerrado. É por isso que me considero arraiano.

Quando chegamos em Arraias, era final de 1989. Me lembro que este ano choveu muito. Chovia de manhã, chovia à tarde, chovia à noite. As nuvens não davam trégua, e a água caía como se o céu tivesse esquecido de fechar a torneira. As ruas viravam riachos. Os quintais viravam lamaçais. O cheiro de terra molhada ficava no ar o tempo todo.

Arraias era totalmente diferente de Campos Belos. Seus morros e seu relevo davam um charme à cidade que eu não sabia nomear, mas que sentia nos olhos. A cidade subia e descia, se escondia e se mostrava, como se tivesse sido desenhada por um arquiteto que gostava de mistérios. As ruas do centro eram calçadas com bloquetes, uma espécie de paralelepípedo feito de concreto, que fazia um barulho seco sob os pés. O restante da cidade era apenas ruas de terra mesmo. Quando chovia, formava pequenos riachos. Quando fazia sol, levantavam poeira.

A cidade era linda. Charmosa. De clima agradável. As tardes eram mornas, as noites eram frescas, e o vento que vinha dos morros trazia o cheiro do Cerrado, aquele cheiro que só quem nasceu ali sabe explicar. Eu gostava de Arraias desde o primeiro dia. Mas gostar não era suficiente para ser aceito.

Na época, a maioria das casas de Arraias eram construídas de adobe. O tijolo de barro cru, moldado à mão, seco no sol. As casas de adobe são frescas no verão, quentes no inverno, e têm uma beleza que o concreto não consegue imitar. Mas têm um defeito: não gostam de chuva. E naquele ano, choveu tanto, tanto, que diversas casas tinham caído totalmente ou em parte. As paredes de barro não aguentaram tanta água. As famílias acordavam com o barulho da casa desabando. Perdiam móveis, perdiam paredes, perdiam memórias.

Acho que a partir daquele ano, devido às diversas quedas das casas, a arquitetura de Arraias mudou. As casas novas passaram a ser feitas de tijolos furados e assados, mais resistentes, mais caros, mais duros. O adobe ficou para trás, como ficam tantas coisas que a chuva leva. Mas eu ainda me lembro das casas de barro. Das suas cores terrosas. Das suas paredes grossas. Do seu silêncio.

Apesar de achar a cidade agradável e me sentir bem em estar em Arraias, a adaptação à nova terra foi complicada e complexa. Arraias é o município das famílias. Fincadas na tradição secular da escravidão, do coronelismo, do mandonismo. Os sobrenomes pesam mais do que as pessoas. As linhagens são mais importantes do que os afetos. Quem não tem família, não tem vez. Quem não tem sobrenome, não tem lugar. E nós, ao chegarmos em Arraias, não éramos de família alguma. Não tínhamos sobrenome conhecido. Não tínhamos terras. Não tínhamos história naquele lugar. Éramos apenas uma mulher com sete filhos, vindos de Campos Belos, sem pai, sem nome, sem chão.

Logo fomos rejeitados por todos. Pela escola. Pelas ruas. Pelas festas. Pelas igrejas. A rejeição não era violenta, não havia gritos, não havia tapas. Era silenciosa. Era a porta que se fechava devagar. Era o olhar que desviava. Era a pergunta "*você é de qual família?*" e o silêncio que vinha depois, quando não sabíamos responder.

Deve ter demorado uns três a quatro anos para que a sociedade de Arraias sentisse que nós fazíamos parte dali. Não me lembro exatamente quando isso aconteceu. Foi gradual. Como uma porta que vai se abrindo sozinha, sem que a gente perceba. Aos poucos, fomos deixando de ser os recém-chegados para ser apenas os moradores do Buritizinho. Não sei se fomos aceitos. Ou se

apenas nos acostumamos. Ou se eles se acostumaram conosco. Talvez seja a mesma coisa.

Mas eu nunca esqueci a sensação de não pertencer. De estar em um lugar e ao mesmo tempo estar fora. De olhar as ruas, os bloquetes, os morros, e saber que aquilo era minha casa, mas que a casa não me reconhecia. Essa sensação, eu carrego até hoje. Ela está comigo na bicicleta, na estrada, nos quilômetros percorridos. Ela é a minha sombra. Ela é o que me faz migrar. Porque quando a gente não pertence, a gente se move. A gente pedala. A gente vai. A gente busca um lugar onde o *"de qual família você é?"* não seja uma pergunta que aperta o peito. Mas no fundo, no fundo, a gente sabe que esse lugar não existe. E que a busca, na verdade, é a própria viagem.

Encontrei dois amigos na saída de Campos Belos. Tínhamos combinado na noite anterior. Uma mensagem rápida. Eles sairiam mais cedo de Arraias, pedalariam até Campos Belos em suas bicicletas, e então nós três iríamos juntos até o Arraias. Não precisei pedir. Eles ofereceram. É assim que os amigos fazem. Eles aparecem. Eles pedalam. Eles vão até onde você está para que você não precise chegar sozinho. E fizeram dos vinte e cinco quilômetros que faltavam um caminho festivo.



Figura 35 – Saída de Campos Belos as margens da rodovia GO 118

Fonte: Domingos Viramundo, 15/07/2025

Os migrantes arraianos sempre encontram os amigos. Talvez seja a distância que ensina o valor do encontro. Talvez seja a saudade que aperta e não solta. Talvez seja apenas a alegria simples de olhar para o lado e ver um rosto conhecido dividindo o mesmo vento, a mesma estrada, o mesmo chão. Me senti acolhido por eles terem ido até Campos Belos. Eles não precisavam ir. Mas

foram. Pedalaram a contramão para me encontrar. Isso, pensei, é amizade. Isso é Arraias.

Na saída da cidade, passei próximo à rua onde ficava o nosso antigo barraco de lona. Não era mais o mesmo lugar. A cidade havia crescido, as casas haviam mudado, o tempo havia passado. Mas o chão, esse, continuava lá. Olhei de relance, não parei. Não precisava parar. O barraco já não existia, mas eu o carregava dentro de mim, com suas lonas balançando ao vento, suas bombas ao entardecer, sua mãe varrendo o chão para não deixar rastros.

O caminho até Arraias foi me fazendo sentir acolhido pelo território. Um território muito conhecido e familiar. Eu reconhecia cada curva, cada árvore, cada cheiro. O solo branco de Arraias, que parece deixar a cidade mais clara, refletindo a luz do sol como se a terra fosse feita de uma matéria mais suave. Os morros, meus conhecidos de infância, que se desenhavam no horizonte como silhuetas amigas. Tudo ali me reconhecia. E eu reconhecia tudo.

Na divisa de Goiás com o Tocantins não há uma placa muito grande. Mas há um monumento. O monumento à Coluna Preste. É uma estrutura alta, de concreto, com o formato do mapa do Tocantins na vertical. O lado onde fica Arraias está na parte de baixo, e o território do Bico do Papagaio está na parte de cima. No centro, um rebaixamento no concreto mostra o traçado do caminho percorrido pela Coluna Preste. A história gravada no concreto. O movimento inscrito na paisagem.



Figura 36 – Monumento a passagem da Coluna Preste, entrada no Estado do Tocantins pela TO 050

Fonte: Domingos Viramundo, 15/07/2025

Estávamos em julho. Em setembro, faria 100 anos da passagem da Coluna Preste por Arraias. Cem anos. Um século. Os mesmos caminhos que os

revoltosos percorreram, eu agora percorria de bicicleta. Eles fugiam. Eu voltava. Mas o movimento, esse, era o mesmo. A estrada que acolhe os que partem e os que chegam.

Paramos no monumento. Tiramos fotos. O vento me abraçava suavemente e delicado. Olhei para o mapa do Tocantins recortado no concreto, para o traçado da Coluna Preste, e pensei em como os territórios são feitos de passagens. De gentes que passam. De histórias que se cruzam. De pegadas que se apagam, mas deixam marcas.

Seguimos para Arraias pela TO 050. A estrada já não era mais a mesma dos dias anteriores. Era mais familiar. Mais caseira. As placas indicavam distâncias curtas, nomes conhecidos. Cada quilômetro era um passo mais perto. Mas tive que parar muitas vezes no caminho. A dor nos joelhos, que eu vinha empurrando com aerossol e força de vontade, agora se recusava a ser ignorada. A cada parada, descia da bicicleta, esticava as pernas, massageava os joelhos com o líquido gelado, esperava a dor diminuir.



Figura 37 – TO 050 em direção a Arraias
Fonte: Domingos Viramundo, 15/07/2025

Meus amigos, animados, pedalavam como atletas. A juventude que não sente o peso dos quilômetros. A alegria da chegada que faz esquecer o cansaço. Eles me esperavam a cada parada. Sorriam. Diziam que estava perto. Que faltava pouco. Que Arraias estava ali, logo adiante, atrás da próxima curva.

O caminho foi longo. Mas a chegada, quando veio, foi como um abraço que demora anos para acontecer.

A chegada em Arraias me fez revisitar as diversas fases da minha vida. A migração para Arraias, ainda menino, vindo de Campos Belos com minha mãe e meus irmãos, sem pai, sem sobrenome, sem família conhecida. A adaptação

difícil, a rejeição silenciosa, os anos até ser aceito, ou até que a gente se acostumassem a não ser.

A partida para Recife. O ônibus da Itapemirim, as 36 horas de viagem, o calor dentro do veículo, as famílias inteiras se deslocando. O Colégio Militar, o Recife Antigo, Ariano Suassuna, Manuel Bandeira, as ladeiras de Olinda, as favelas do Grande Recife. O menino do Tocantins aprendendo o que era o mundo.

O tempo e a vida que tive em Brasília. A UnB, o CEU, os dez reais no bolso, o sonho que cabia dentro do sonho. A casa do estudante, Restaurante Universitário, as noites de estudo, os amigos. O diploma. Os concursos. A casa.

Pensei nos meus irmãos. Cada um com sua história, cada um com sua migração. Cada um espalhado por este país imenso, carregando Arraias dentro de si. Pensei na minha mãe. Na sua força silenciosa, na sua fé inabalável, no seu corpo cansado de tanto trabalhar. Pensei em como ela varreu o barraco para não deixar rastros, mas os rastros, no fim, estavam todos dentro de nós.

Pensei nos meus amigos. Nos que ficaram. Nos que partiram. Nos que encontraram no caminho. Nos dois que pedalarão ao meu lado naqueles últimos 25 quilômetros, tornando a chegada menos solitária, mais festiva. Pensei nos meus filhos.

Pensei nas separações e nos encontros. Nos amores e desamores. Pensei nas partidas. Nas chegadas. Nos medos, medo do anseio, medo da estrada, medo de não conseguir, medo de conseguir e descobrir que não era o que esperava. Pensei na minha migração para Goiânia, no doutorado, nas aulas, na pesquisa, nas cartas de vida, nos migrantes arraianos anônimos que me confiaram suas histórias. Pensei no menino que sonhava em terminar o ensino médio, arrumar um emprego, construir uma casinha, ter uma vida tranquila em Arraias. Um sonho pequeno. Um sonho de quem ainda não sabia que o mundo era maior. E no homem que se lançou ao mundo, fez graduação, fez mestrado, e que agora estava na luta pelo doutorado. O mesmo menino. Apenas mais velho. Apenas mais cansado. Apenas mais certo de que o caminho é mais importante do que a chegada.

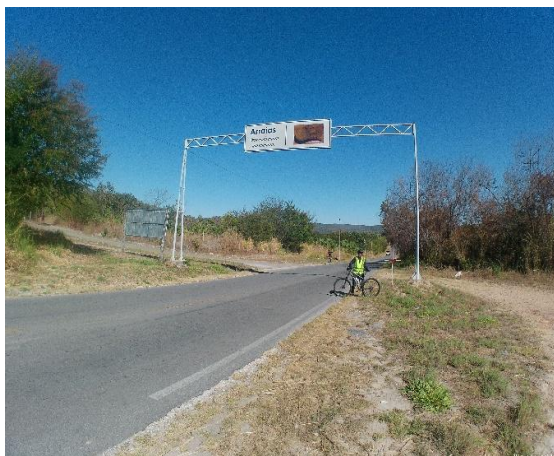


Figura 38 – Entrada de Arraias as margens da rodovia TO 050

Fonte: Domingos Viramundo, 15/07/2025

Entrei em Arraias com um misto de alegria e satisfação. Para o objetivo ser cumprido, tinha que ir pedalando até a Igreja da Matriz. A matriz de Nossa Senhora dos Remédios, a mesma dos festejos, a mesma dos encontros, a mesma que eu via das ruas quando menino. Mas antes disso, paramos no Cristo. O Cristo que fica no alto, de braços abertos, abençoando a cidade e todos os que chegam. Paramos ali para celebrar. Para tirar fotos. Para respirar o ar da cidade lá de cima, vendo as casas, as ruas, os morros, tudo ali, debaixo de nós.

Depois, descemos. Pedalamos as últimas quadras. As ruas de bloquete, os morros, o cheiro do Cerrado. E então, a praça da Matriz. O fim da estrada. Ficamos por ali. Tirando fotos. Rindo. Contando os dias da viagem como quem conta os capítulos de um livro que finalmente chegou ao fim. Admirando a cidade, a igreja, o coreto, as árvores antigas, os bancos onde tanta gente sentou para conversar, para namorar, para esperar. O sol estava alto. Arraias estava linda. Eu estava em casa.

Depois de um tempo, cada um seguiu seu caminho. Os amigos foram para suas casas. Meu apoio que me acompanhou desde Brasília me acolheu mais uma vez. Eu fiquei ali mais um pouco, na praça, olhando para a igreja, para os bloquetes, para os morros. A bicicleta finalmente parou. As pernas descansaram. Tirei o capacete. Guardei os alforjes. Respirei fundo. E me senti abraçado por Arraias.

O migrante nasce quando o pé
perde o costume do lugar.
Aprendendo a ser depois
do que nunca vai voltar.
Não é o berço que o define,
nem o nome que lhe deram.
É a estrada que o traduz
nas línguas que ele aprendeu.
A partida é sua pátria,
a saudade seu país.
Cada adeus que ele diz
é um mapa que se abriu.
Pode ser que ele floresça
num quintal desconhecido.
Mas o vento que ali passa
traz o nome do antigo ninho.
Migrantes não se despedem
eles partem sempre aos poucos.
Levam o chão dentro do osso
e o futuro entre os olhos.

Domingos Viramundo

SEÇÃO 5



SEÇÃO 5

NASCER PARA MIGRAR, VIVER PARA CONTAR: ANÁLISES DAS TRAVESSIAS ARRAIANAS.

Este capítulo se dedica à escuta sistemática dos migrantes arraianos. Após a imersão pessoal narrada no capítulo anterior, onde a travessia de bicicleta de Goiânia a Arraías revelou, no corpo e na memória, as marcas da migração, volta-se agora o olhar para o outro. Para aqueles que também partiram, mas cujas vozes, até aqui, estiveram ausentes.

A pesquisa foi autorizada pelo Conselho de Ética sob o número de registro 88111325.9.0000.5083, assegurando os procedimentos éticos necessários à coleta e ao tratamento dos dados sensíveis compartilhados pelos participantes. Dois instrumentos foram mobilizados. O primeiro, de natureza qualitativa e afetiva: as cartas de vida. Inicialmente, previa-se uma amostra de 12 migrantes arraianos, distribuídos igualmente entre Brasília, Goiânia e Palmas, quatro participantes de cada região. A seleção considerava critérios de gênero, raça e etariedade, visando uma composição diversa e representativa do fenômeno migratório. Contudo, apenas cinco participantes responderam ao envio das cartas. Foi com esses cinco relatos que as análises qualitativas foram realizadas.

Mais do que uma limitação amostral, a adesão parcial revela talvez a própria condição migrante: o tempo escasso, a vida corrida, a dificuldade de parar para contar. As cinco cartas recebidas foram tratadas como documentos vivos, cada uma delas carregada de história, de dor, de conquista e de pertencimento.

O segundo instrumento, de natureza quantitativa e complementar, foi um questionário composto por 22 perguntas, respondido por 140 participantes. O questionário permitiu ampliar o espectro da escuta, capturando tendências, perfis e regularidades que as cartas, por sua profundidade, não alcançariam sozinhas.

Assim, este capítulo se organiza em três momentos. No primeiro, analisam-se as cartas de vida, extraíndo delas os temas centrais que atravessam as experiências migratórias: as motivações da partida, o papel da família, as dificuldades no destino, as conquistas, os retornos e a saudade. No segundo,

apresentam-se os dados do questionário, sistematizados e discutidos à luz da tese proposta. No terceiro, as considerações finais retomam a pergunta inicial, por que os arraianos sempre migram? E avaliam em que medida a tese a migração é uma condição estrutural da existência arraiana encontra sustentação nas vozes escutadas e nos números analisados.

5.1 Escutas e memórias: as cartas de vida dos migrantes

Para extrair significância das cartas de vida, utilizou-se como referencial metodológico a análise de conteúdo proposta por Bardin (2016). Essa técnica se mostrou adequada ao tratamento de material narrativo sensível, permitindo ao pesquisador ir além da leitura superficial dos relatos para alcançar camadas mais profundas de significado.

Bardin organiza a análise de conteúdo em três fases. A primeira é a pré-análise, fase de organização do material. Nela, realizou-se a "leitura flutuante", ou seja, o primeiro contato com as cartas sem preocupação analítica imediata, apenas para deixar-se impregnar pelas narrativas. Nesse momento, também se definiu o corpus da pesquisa: as cinco cartas de vida efetivamente recebidas e validadas pelos participantes, que se tornaram o conjunto documental analisado.

A segunda fase é a exploração do material, considerada a mais longa e minuciosa. Aqui, os dados brutos (as cartas em sua forma original) foram transformados em unidades de registro. Buscou-se nas narrativas temas recorrentes, palavras-chave, expressões que se repetiam, silêncios que diziam. A partir dessa codificação, emergiram categorias de análise que organizaram o conteúdo das cartas em eixos de sentido: motivações da partida, papel da família, relação com Arraias, dificuldades no destino, conquistas, saudade e retorno.

A terceira e última fase é o tratamento dos resultados e interpretação. Nela, as informações foram condensadas e sistematizadas para que se pudesse realizar inferências. O objetivo, conforme Bardin (2016), foi ir além do que foi dito explicitamente, buscando desvendar significados ocultos, contradições, emoções latentes e causas profundas por trás das mensagens. A interpretação

não se limitou a descrever o que os migrantes escreveram, mas a compreender o que suas palavras revelam sobre a condição de ser arraiano e migrante.

5.1.1 Categorizando as Cartas de Vidas

Com base na leitura flutuante das cinco cartas, foram definidas as seguintes categorias de análise, organizadas de forma a contemplar os temas centrais que atravessam os relatos dos migrantes:

1. **Motivação da partida** – O que levou o migrante a sair de Arraias? (oportunidade, doença, estudo, incômodo, rede de amigos)
2. **Papel da família** – Quem aparece como figura central na narrativa? (mãe, pai, esposa, filhos, irmãos)
3. **Relação com Arraias** – Como o migrante se refere à cidade de origem? (acolhimento, saudade, casa que se pode voltar)
4. **Dificuldades no destino** – Que obstáculos foram enfrentados na cidade de chegada? (frieza, transporte, solidão, rejeição, ansiedade)
5. **Trabalho** – Qual o papel do trabalho na migração? Ele é motivação, sustento, âncora ou fonte de sofrimento? Como o migrante se insere no mercado de trabalho do destino?
6. **Conquistas** – Que realizações materiais, imobiliárias, familiares e educacionais a migração permitiu alcançar, para além do trabalho propriamente dito? (casa própria, formação acadêmica dos filhos, estabilidade familiar, mobilidade social)
7. **Saudade e retorno** – Como a saudade é vivida? O retorno a Arraias acontece? É desejado? Com que frequência?

As cinco cartas analisadas não são documentos homogêneos. Cada uma carrega uma cadência própria, uma dor particular, um jeito singular de narrar a travessia. No entanto, ao colocá-las em diálogo, umas com as outras, com a tese proposta e com a experiência do pesquisador narrada no capítulo anterior, emergem fios comuns que permitem tecer uma compreensão mais densa do fenômeno migratório arraiano.

A seguir, aprofundam-se as sete categorias transversais identificadas na leitura cruzada das cartas. Para preservar o anonimato dos migrantes que compartilharam suas histórias, cada carta foi identificada por um código alfanumérico, substituindo quaisquer referências diretas a nomes, endereços ou outras informações que pudessem expor a identidade dos participantes. Assim, P1, P2, P3, P4 e P5 são as designações adotadas ao longo desta análise, correspondendo, respectivamente, a cada uma das cinco cartas de vida recebidas e analisadas. Esses códigos não seguem uma ordenação hierárquica ou de importância; servem apenas como recurso metodológico para distinguir os relatos, garantindo o sigilo ético e o respeito às vozes que se fizeram presentes na pesquisa.

1. Motivação da partida: a inevitabilidade do movimento

Em todas as cinco cartas, a migração não é apresentada como uma escolha entre possibilidades equivalentes. É uma necessidade. Mesmo quando há agência, quando P1 decide buscar *"algo maior"*, quando P4 toma a *"decisão mais difícil da vida"*, o contexto que empurra a partida é estrutural: falta de oportunidades, salários baixos, ausência de serviços de saúde especializados, distância geográfica dos centros de economia mais dinâmicas.

P2 é explícita ao usar aspas, *"fui 'obrigada' a migrar"*. A doença da mãe, a necessidade de hemodiálise, a inexistência desse serviço em Arraias, tudo isso converte a migração em um imperativo. Não há escolha. Há apenas resposta. O mesmo ocorre com P5, que também migra pela saúde do pai. Em ambos os casos, a partida é uma extensão do cuidado familiar. Migra-se para que o outro viva. E quando a morte chega, a mãe de P2 após dez anos de tratamento, o pai de P5 seis meses após a mudança, o migrante fica. Não por escolha, mas porque agora há outros vínculos que o ancoram no novo lugar.

P1 e P4, por sua vez, migram por um incômodo menos dramático, mas igualmente estrutural, a percepção de que Arraias não oferece chão para crescer. P4 é quem melhor nomeia esse sentimento: *"os empregos que apareciam pagavam pouco, quase sempre sem chance de crescimento"*. Não é fome. É limitação. É a sensação de estar preso em uma rotina que não permite

sonhar mais alto. P1, em tom semelhante, relata que, mesmo depois de tantos anos e conquistas, *"nada veio de mão beijada"*. A conquista é fruto de insistência, não de sorte.

P3, o mais econômico na narrativa, também revela a inevitabilidade em sua forma mais discreta, *"eles conseguiram um serviço para mim"*. A oportunidade aparece. Ele estava pronto. A partida não é narrada como dilema, é consequência. Não há ponderação sobre ficar ou ir. Há apenas o movimento.

Em todos os casos, a ideia de que a migração é uma condição estrutural encontra eco. O arraiano não escolhe migrar como quem escolhe entre alternativas equivalentes; ele migra porque o lugar onde nasceu, com sua história de pobreza estrutural, ausência de serviços e distanciamento, não lhe oferece condições reais de permanência digna. Ou seja, é a dinâmica do território que impõe a migração como a estratégia mais racional e, em muitos casos, a única possível.

2. Papel da família: o centro afetivo e o motor invisível

A família, especialmente os pais, é o eixo em torno do qual giram quatro das cinco cartas. P1 fala da mãe solteira, doméstica, que *"dava o duro nas casas dos ricos"*. A casa de adobe, o chão sem piso, a fragilidade financeira, tudo isso é descrito sem autocomiseração. E, no desfecho, é a mãe quem mora com ele em Palmas, *"a querida e abençoada mãe mora comigo"*. A migração de P1 não termina com a partida. Termina com o acolhimento da mãe no destino. O movimento não foi apenas individual; foi, de alguma forma, uma preparação do território para receber quem ficou.

P2 e P5 migram por causa dos pais doentes. A hemodiálise reaparece como motivo central. P2 relata que acompanhou a mãe *"durante esse tempo em Brasília"* por quase dez anos. P5 diz, de forma direta, *"precisei me mudar para o Distrito Federal devido à saúde do meu pai"*. Aqui, a migração é um ato de amor. Não há perspectiva de crescimento profissional ou de ascensão social que se sobreponha à urgência de cuidar. Migra-se para acompanhar, para estar perto, para não deixar o outro morrer sozinho. A tragédia, no entanto, é que a morte chega mesmo assim. E o migrante fica, porque agora há outros vínculos, a filha,

no caso de P5, *"encontrei força na minha filha"*, o trabalho, o apartamento, a vida que se construiu.

P4 é a carta em que a família aparece de forma mais complexa. A mãe morre aos 45 anos, *"de repente"*, um choque que o filho carrega até hoje. O pai, é o destinatário da carta: *"Benção, Pai?!"*. É para ele que P4 escreve. É no pai que ele espelha sua força, *"Se meu pai conseguiu, eu também consigo!"*. E é a esposa, quem o ajuda a planejar a saída. Migra-se, aqui, por incômodo, mas o impulso vem de uma constelação familiar, a mãe que se foi, o pai que ficou, a esposa que apoia.

P3 é a exceção. A família aparece de forma diluída, *"saudades da minha família dos amigos"*, mas não é nomeada em sua especificidade. Talvez porque a carta de P3 não tenha sido escrita para familiar, mas para um amigo. A intimidade não se voltou para a família, mas para a rede de amigos que viabilizou a migração. Ainda assim, a saudade está lá. O vínculo, mesmo não nomeado, se faz presente.

A tese, aqui, se desdobra: o arraiano não migra sozinho. Ele está inserido em uma teia de afetos que o impulsionam, o acompanham e o esperam. Migrar é também, e sobretudo, um gesto familiar

3. Relação com Arraias: a casa que não se perde

Todas as cartas mantêm Arraias como referência. Nenhum dos cinco migrantes rompeu com a cidade de origem. Mas a relação com Arraias não é homogênea, ela oscila entre o acolhimento nostálgico e a constatação de que a cidade já não é a mesma.

P2 é quem elabora com mais força essa ambiguidade. Ela descreve Arraias como acolhedora, receptiva, em contraste com a *"frieza"* de Brasília. Mas, no fim da carta, admite: *"talvez não encontre na minha casa as mesmas pessoas que deixei, o mesmo acolhimento e aconchego"*. A casa mudou. Ou o olhar do migrante é que mudou. Arraias não é mais a mesma, e o migrante também não.

P4 afirma, *"carrego Arraias no coração"*. A cidade não está apenas lá, distante. Está dentro. É parte do que ele é. Migrar não significou abandonar Arraias, mas sim encontrar uma forma de carregá-la consigo.

P5 volta sempre que pode, *"Sempre que posso, volto a Arraias para encontrar meus amigos, especialmente o grupo da Luluzinha"*. Os feriados preferidos, Carnaval, Nossa Senhora dos Remédios, são os motores do retorno. Arraias, para ela, é o lugar da festa, do encontro, do calendário afetivo.

P1 não fala explicitamente em retorno, mas a mãe mora com ele. Arraias veio até Palmas. A casa, em certo sentido, foi transportada. P3 é o mais pragmático, *"sempre que da eu vou lá em Arraias"*. O retorno é periódico, quase doméstico. Não há drama. Há um fato.

A questão comum que emerge é, Arraias permanece como casa, mesmo quando não se volta a morar. O pertencimento não exige residência. Exige memória, afeto, reconhecimento. O arraiano não perde Arraias. Aprende a carregá-la.

4. Dificuldades no destino: o preço da travessia

As dificuldades relatadas variam em intensidade, mas estão presentes em todas as cartas. P2 descreve, com dor, a frieza de Brasília, a indiferença das pessoas, o desmaio da mãe na parada de ônibus sem que ninguém ajudasse. *"Ver tanta indiferença dói na alma"*, escreve ela, em um dos momentos mais agudos do corpus. P4 enfrenta o transporte público, a ansiedade, o trabalho no telemarketing, a frustração com a promoção que não veio. *"Foram mais de mil currículos enviados"*, até que a oportunidade certa chegasse. P5 tem a dificuldade inicial de adaptação, *"foi um desafio enorme, especialmente porque estava me adaptando a uma cidade grande e desconhecida"*. P1 não detalha as dificuldades, mas a frase *"nada veio de mão beijada"*, dita com a calma de quem já venceu, é, ela mesma, o registro de um esforço que não caberia em uma carta inteira. P3 é o que menos registra sofrimento. Mas sua carta é também a mais breve, a menos elaborada. O silêncio sobre a dor pode ser, ele próprio, uma forma de nomeá-la. As dificuldades não impedem a permanência. Mas marcam.

A migração não é um passeio. É um campo minado por onde o migrante aprende a andar.

5. Trabalho: o chão da migração

Em todas as cinco cartas, o trabalho é um eixo central, não apenas como meio de sobrevivência, mas como aquilo que dá sentido à partida, ancora a permanência e, muitas vezes, determina o território onde o migrante vai viver.

P1 é o exemplo mais clássico da progressão trabalhista. Aos 18 anos, consegue o primeiro emprego em Goiânia. Casa-se, tem filhas, termina o segundo grau. Dentro da empresa onde trabalha, começa a se destacar, *"os gerentes começaram a me ver com outros olhos"*. É promovido após passar três meses fora de casa, Belém e São Luís do Maranhão, fazendo auditoria. Gerencia uma filial em Gurupi. Conhece Palmas. O trabalho, aqui, é escada. Cada degrau é uma conquista. Mas ele nunca esquece, *"nada veio de mão beijada"*. A frase não é queixa. É constatação. O trabalho do migrante é dobrado, ele precisa provar mais, se destacar mais, insistir mais.

P2 migra por causa da doença da mãe, mas é o trabalho que a ancora em Brasília. Professora de educação infantil, começa a trabalhar apenas *"dois meses depois"* de chegar. Não houve tempo para parar. O trabalho, paradoxalmente, também foi lugar de acolhimento, na escola, teve *"professores excelentes"* que a ajudaram a entender o processo migratório. O trabalho, para ela, não é apenas sustento, é também formação, é rede, é um fio que a conecta ao novo lugar quando tudo ainda é estranho.

P3 é o migrante que veio pelo trabalho. *"eles conseguiram um serviço para mim"*. Sua cartografia de deslocamentos dentro do Distrito Federal e entorno é, na verdade, uma cartografia do trabalho, mora em Ceilândia porque trabalha no Cruzeiro; muda para Candangolândia porque fica mais perto; vai para Santa Maria porque o aluguel é mais barato; compra casa em Águas Lindas quando pode. O trabalho dita o território. E, mesmo depois de 25 anos, ele continua indo e vindo da chácara para a cidade, mantendo o vínculo com a terra que também é trabalho.

P4 enfrenta o trabalho mais duro no início da migração. Telemarketing. Algo que *"nunca imaginei"*. A frustração com a promoção que não veio, *"quando, depois de tanto esforço, achei que seria promovido e outra pessoa ficou no meu lugar"*, e os sintomas de ansiedade que se seguem. Mais de mil currículos enviados. A sensação de ter tomado a decisão errada. Mas ele persiste. Lembra do pai. *"Se meu pai conseguiu, eu também consigo!"* E quando o trabalho certo chega, *"um ambiente justo, com chances de crescer"* ele se agarra a ele como quem se agarra a uma tábua no meio do mar. O trabalho, para P4, é ao mesmo tempo a maior dificuldade e a maior conquista.

P5 trabalha há onze anos como professora de educação infantil. Não é o trabalho dos sonhos, ela ainda *"continua lutando para passar no concurso"* mas é o trabalho que a sustenta. Que lhe permitiu comprar apartamento, criar os filhos, recomeçar depois da morte do pai. O trabalho, aqui, é paciência. É espera. É a certeza de que, enquanto o concurso não vem, ela continua de pé. O trabalho não é apenas o que ela faz. É, em grande medida, o que ela é.

O que a categoria trabalho acrescenta à tese é decisivo. O arraiano não migra apenas por falta de oportunidades. Ele migra, muitas vezes, para trabalhar, e o trabalho, uma vez conquistado, torna-se a âncora que impede o retorno definitivo. O trabalho pode ser humilhante, P4 no telemarketing; cansativo, P2 na adaptação escolar; provisório, P5 na espera do concurso; ou bem-sucedido, P1 na progressão. Mas em todos os casos, ele é central. O trabalho, para o migrante, não é apenas atividade econômica. É, em muitos sentidos, a forma que ele encontra de se fazer reconhecer em um território que, de início, não o reconhece. E a tese central ganha mais uma camada: o arraiano não migra apenas por migrar; migra, muitas vezes, para trabalhar onde o trabalho existe. A ausência de trabalho em Arraias é, assim, uma das forças mais concretas que impulsiona a partida.

6. Conquistas: o que a migração permitiu alcançar

Todas as cartas registram conquistas materiais, educacionais ou familiares. P1 tem casa própria, filhas casadas, é avô. P2 concluiu Engenharia Civil e está terminando Física. P3 comprou casa em Águas Lindas. P4

conquistou um trabalho que o valoriza, tem filho, apartamento. P5 tem apartamento próprio, dois filhos, trabalha há onze anos como professora.

A migração, portanto, não é apenas perda. Ela produz. Ela permite. Ela abre portas que Arraias, com a sua dinâmica e com pouca oferta de serviços e trabalho qualificado, não poderia abrir. P2, mesmo tendo achado o ensino do DF inferior ao que estudou em Arraias, reconhece que teve *"aulas com professores excelentes"* que a ajudaram a entender o processo migratório. P4, depois de *"mais de mil currículos enviados"* e uma quase-desistência, chegou a um trabalho que o valoriza.

As conquistas, no entanto, não são apenas individuais. São também familiares. P1 acolhe a mãe. P2 realiza o sonho da mãe ao se formar. P5 cria os filhos sozinha no novo lugar. A migração, quando dá certo, não tira apenas o migrante da pobreza. Tira, indiretamente, aqueles que ficaram, ou os traz junto.

7. Saudade e retorno: a presença da ausência

A saudade aparece em todas as cartas. Ela é a companheira silenciosa do migrante. P3 a nomeia diretamente, *"o ruim foi a saudade"*. P4 vive com ela permanentemente, *"a saudade continua sendo minha maior dificuldade"*. P2 a transforma em combustível para escrever uma das frases mais belas do corpus, *"a melhor parte de ser migrante é ter uma casa para voltar"*.

Importante notar, a saudade não paralisa. Pelo contrário. Ela se torna, para alguns, motor de retorno. P3 vai a Arraias *"sempre que dá"*. P5 volta nos feriados. P4 pensa em voltar, *"se às vezes penso em largar tudo e voltar"*, mas o propósito o mantém. Para P2, a saudade é o que permite afirmar que Arraias sempre será sua casa, mesmo sem pretensão de retorno definitivo.

Os migrantes não superam a saudade. Eles aprendem a viver com ela. Como quem aprende a conviver com uma dor antiga, ela está ali, mas já não impede de andar. E, em alguns casos, ela até ensina, P2, ao longo da carta, revela que a migração lhe trouxe *"resiliência"*. A palavra não é dita à toa. A saudade, paradoxalmente, também forma.

5.1.2 Análise conclusiva das cartas de vida

As cinco cartas analisadas não permitem generalizações estatísticas. Não é essa sua função. Elas são documentos singulares, escritos por mãos e vozes distintas, endereçados a destinatários diferentes. Cada uma carrega uma verdade que não precisa ser multiplicada para ser válida. No entanto, quando colocadas em diálogo entre si e com a experiência do pesquisador narrada no capítulo 4, elas revelam estruturas de sentido que atravessam as experiências migratórias arraianas. Estas estruturas não são leis, são regularidades, modos recorrentes de sentir, de narrar, de se relacionar com a partida e com a origem.

Em todas as cartas, a migração é narrada como resposta a uma falta estrutural, não como realização de um projeto autônomo. A falta pode ser de trabalho, de serviços de saúde, de possibilidades de crescimento. Em nenhum caso a partida é apresentada como uma mera escolha entre equivalentes. Migra-se porque não se pode ficar, ou, quando se pode, fica-se sabendo que se estará pagando um preço alto demais, subemprego, estagnação, ausência de futuro. Essa inevitabilidade sustenta a tese de que a migração é uma condição estrutural da existência arraiana, mas acrescenta uma inflexão: o sujeito não carrega um destino migratório inscrito em si; ele nasce em um território que, devido à sua dinâmica econômica de empobrecimento e à falta de oportunidades, tem na migração a consequência lógica para a superação dos obstáculos impostos pelo lugar onde tradicionalmente habita.

A família, especialmente a figura materna, mas também paterna e conjugal, aparece como centro gravitacional das narrativas. P1 migra e depois traz a mãe. P2 e P5 migram por causa dos pais doentes. P4 migra com a esposa e escreve para o pai. Mesmo P3, o mais econômico na narrativa, nomeia a saudade da família como "*o ruim*" da migração. A tese, aqui, se desdobra: o arraiano não migra sozinho. Ele está inserido em uma teia de afetos que o impulsionam, o acompanham e o esperam. Migrar é um gesto familiar. E, muitas vezes, migrar é também cuidar, dos pais, dos filhos, da mãe que um dia trabalhou nas casas dos ricos.

Nenhuma das cartas rompeu com Arraiais. A cidade de origem permanece como referência de casa, mesmo quando o retorno definitivo não é planejado.

P2 afirma que Arraias *"sempre será a minha casa"*. P4 a carrega *"no coração"*. P5 volta nos feriados. P3 vai *"sempre que dá"*. P1 trouxe a mãe e, com ela, um pedaço de Arraias. O pertencimento não exige residência. Ele se sustenta na memória, no afeto, na periodicidade dos retornos, nos rituais festivos como o Carnaval e o dia de Nossa Senhora dos Remédios. O arraiano não perde Arraias. Aprende a carregá-la. E esse carregar, longe de ser um fardo, é o que lhe permite continuar migrante sem se desfazer de si mesmo.

O trabalho é o eixo que organiza a vida dos migrantes no destino. Ele é, ao mesmo tempo, a razão da partida, a âncora da permanência, a fonte da conquista e o lugar da humilhação. A tese incorpora essa dualidade. O trabalho é o que permite ao migrante se fazer reconhecer em um território hostil. Mas também é o espaço onde a precariedade, a ansiedade e a sensação de não pertencimento mais se manifestam. Sem trabalho, não há migração possível. Mas o trabalho, por si só, não cura a saudade nem apaga as dificuldades.

Todas as cartas registram conquistas. Casa própria, formação acadêmica, filhos criados, estabilidade profissional. A migração, para esses cinco migrantes, não foi um fracasso. Ela produziu mobilidade social ascendente, ainda que dentro de limites de classe, gênero e raça que a tese não pode ignorar. Mas as conquistas não apagam as dores. P2 ainda sente a indiferença da parada de ônibus. P4 ainda convive com a ansiedade e a saudade. P5 ainda aguarda o concurso que não vem. A migração não é uma linha reta do sofrimento à felicidade. É uma experiência contraditória, em que se ganha e se perde ao mesmo tempo, em que se avança e se carrega o que ficou.

A saudade não é um acessório emocional. É uma condição estrutural da experiência migrante. Ela aparece em todas as cartas, às vezes nomeada, às vezes inscrita nos retornos periódicos, às vezes transformada em combustível para a permanência. Os migrantes não superam a saudade. Eles aprendem a viver com ela. Aprendem a administrá-la por meio de viagens a Arraias, de telefonemas, de lembranças cultivadas. A saudade, longe de paralisar, torna-se motor, de retorno, de escrita, de memória. E, em alguns casos, ela se transforma no próprio sentido da migração, ter uma casa para voltar é o que faz valer a pena ter partido.

O pertencimento a Arraias, nos relatos desses cinco migrantes, não é um dado estável. É uma produção contínua, feita de retornos, de memórias cultivadas, de vínculos mantidos, de festas revisitadas. Mesmo P5, que não nasceu em Arraias, reivindica o pertencimento porque ali foi criada. Isso tensiona a tese central em um ponto delicado. O pertencimento não está no nascimento. Está na formação. Está no chão onde se aprendeu a andar, nas ruas que se percorreu, nas amizades que se fez. O arraiano não nasce arraiano; ele se torna arraiano no tempo vivido. E migrar, paradoxalmente, é o que torna esse tornar-se mais agudo, mais consciente, mais afirmado.

As cinco cartas de vida, tomadas em conjunto, sustentam a tese de que a migração é uma condição estrutural da existência arraiana. Mas a sustentam de um modo específico, contextualizado, contraditório. O arraiano não migra por um instinto ou por uma predestinação biológica; migra porque o território onde nasce não lhe oferece condições de permanência digna. A migração, para esses cinco migrantes, foi um caminho possível. Não foi fácil. Não foi isenta de dor, humilhação e saudade. Mas foi, no balanço de suas narrativas, um caminho que valeu a pena. E o que torna a migração suportável, o que a ressignifica, é exatamente a possibilidade de não romper com Arraias. A cidade de origem permanece como casa, como referência, como lugar de retorno periódico, como a certeza de que, mesmo partindo, não se perdeu o chão. As cartas não falam por todos os arraianos. Mas falam por si mesmas. E, nelas, ouve-se uma verdade que a tese incorpora, o arraiano migra, mas não abandona. Traz Arraias consigo. E é esse carregar, dolorido, complexo, contraditório, que o torna, ainda hoje, arraiano.

5.2 – Vozes em números: o perfil e as trajetórias dos migrantes arraianos

Se as cartas de vida permitiram uma escuta aprofundada de cinco trajetórias singulares, o questionário aplicado teve como objetivo ampliar o espectro da investigação, capturando tendências, perfis e regularidades em uma amostra mais ampla de migrantes arraianos.

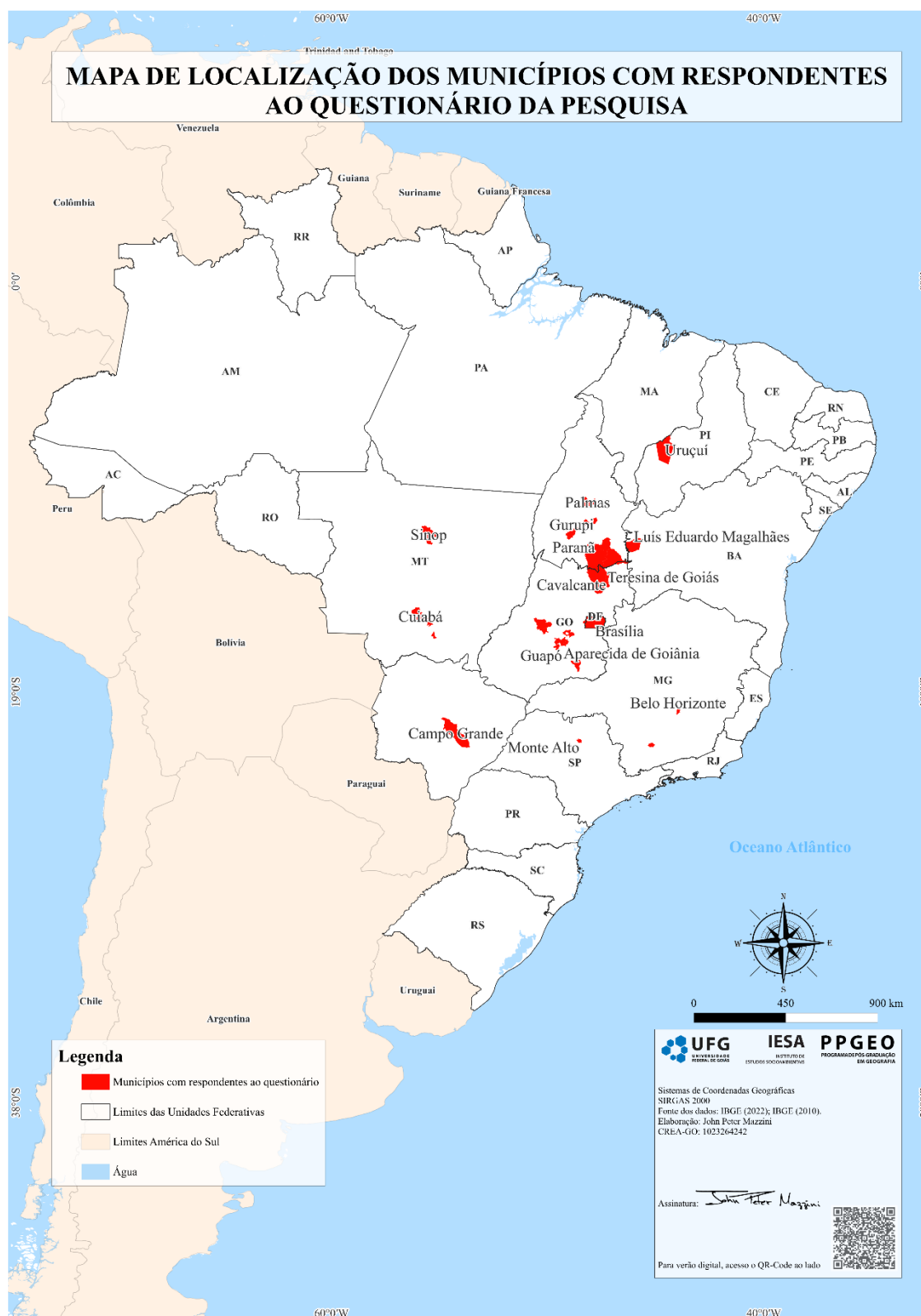
O questionário foi elaborado no Google Forms, composto por 22 perguntas que abordavam desde o perfil sociodemográfico dos respondentes

(idade, gênero, raça, escolaridade, renda) até aspectos específicos da experiência migratória (motivações da partida, destino, tempo de migração, dificuldades enfrentadas, inserção no mercado de trabalho, qualidade de vida no destino, vínculos mantidos com Arraias, frequência de retornos, desejo de voltar a morar na cidade de origem).

A divulgação do questionário ocorreu por meio de grupos de WhatsApp formados majoritariamente por arraianos migrantes, canais como "Galera Arraiana", "Amigos Sempre Amigos", "Paralelo 13" e outros, nos quais o pesquisador já estava inserido desde 2022 como parte da estratégia de aproximação e construção de confiança com a comunidade pesquisada. A escolha desses canais se mostrou adequada, uma vez que são espaços de sociabilidade e troca entre migrantes, nos quais o pesquisador já era conhecido ou havia sido referendado por participantes da rede socioafetiva.

Obtiveram-se 140 respostas válidas. Embora não se trate de uma amostra probabilística, foi uma amostra de conveniência, composta pelos migrantes que tiveram acesso ao link e voluntariamente decidiram responder, o número de respondentes é expressivo e permite identificar padrões significativos, especialmente quando comparados com os relatos qualitativos das cartas de vida.

Mapa 4 – Dispersão de arraianos conforme os respondentes do questionário.



Os dados coletados foram tabulados e analisados com o auxílio de planilhas eletrônicas, sendo organizados em gráficos e tabelas que subsidiam a

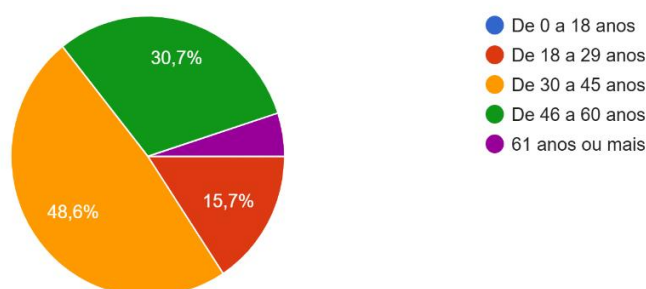
discussão a seguir. A análise buscou, sempre que possível, dialogar com as categorias emergentes das cartas de vida, como motivação da partida, papel da família, dificuldades no destino, trabalho, conquistas, saudade e retorno, de modo a integrar as duas etapas da pesquisa em uma interpretação coerente e densa do fenômeno migratório arraiano.

5.2.1 – Os rostos por trás dos números: análise descritiva das respostas

Pergunta 1 – Qual é a sua faixa etária?

Dos 140 respondentes, a maioria concentra-se nas faixas etárias de 30 a 45 anos (46,5%) e de 46 a 60 anos (30,7%). Somadas, essas duas categorias representam mais de três quartos da amostra (77,2%). Os jovens adultos de 18 a 29 anos correspondem a 15,7% dos respondentes, enquanto os migrantes com 61 anos ou mais somam 5%. Não houve registro de participantes na faixa de 0 a 18 anos. Conforme estabelecido no gráfico 2:

Qual é a sua faixa etária?
140 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, gráfico elaborado pelo Autor.

Os dados indicam que os sujeitos que responderam ao questionário são, predominantemente, migrantes na fase adulta madura, pessoas que deixaram Arraías há algum tempo, já estabelecidas em seus destinos, e que possuem trajetória consolidada para relatar. A baixa participação de migrantes muito jovens, 18 a 29 anos, pode refletir tanto um menor tempo de migração quanto uma menor adesão a pesquisas desse tipo. Já a presença minoritária da faixa etária acima de 61 anos, 5%, sugere que o fluxo migratório arraiano mais expressivo se concentra na população economicamente ativa, o que dialoga com

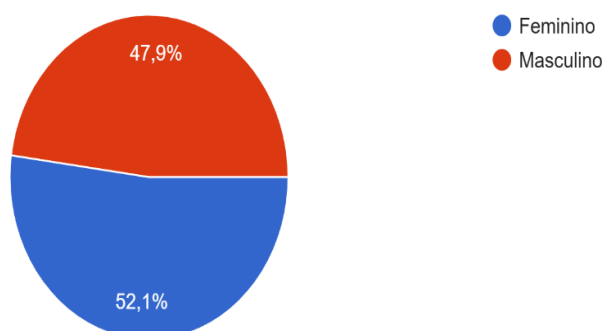
a tese de que a migração é impulsionada, prioritariamente, pela busca de trabalho e melhores condições de vida.

Pergunta 2 – Sexo?

Dos 140 respondentes, a distribuição entre os sexos foi equilibrada, com ligeira predominância do sexo feminino, 52,1% declararam-se do sexo feminino e 47,9% do sexo masculino. Conforme estabelecido no gráfico 3:

Sexo:

140 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, gráfico elaborado pelo Autor.

O equilíbrio entre homens e mulheres na amostra é significativo, pois indica que o fenômeno migratório arraiano não é exclusivamente masculino, como ocorreu em determinados períodos históricos da migração brasileira, em que os homens migravam primeiro para depois enviar recursos à família. Aqui, mulheres e homens migram em proporções muito próximas, sugerindo que a migração arraiana contemporânea é, majoritariamente, um movimento familiar ou individual sem distinção de gênero. Esse dado dialoga com as cartas de vida, nas quais tanto P1 (homem) quanto P2, P4 e P5 (mulheres, com exceção de P3, homem) tiveram suas trajetórias narradas com igual centralidade.

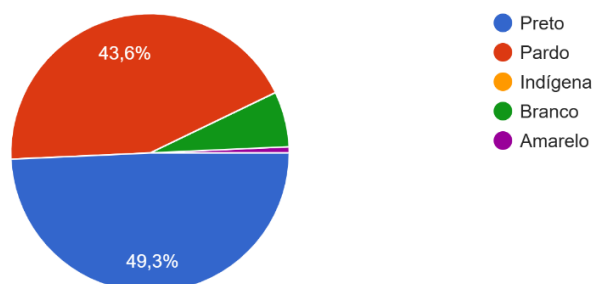
Pergunta 3 – Como você se identifica?

Dos 140 respondentes, a maioria declarou-se preta (49,3%) ou parda (43,6%). Somadas, essas duas categorias representam 92,9% da amostra.

Branco correspondem a 6,4%, amarelos a 0,7% e não houve registro de participantes indígenas. Conforme estabelecido no gráfico 4:

Como você se identifica?

140 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, gráfico elaborado pelo Autor.

Os dados confirmam o que a história do município já indicava, Arraias é uma cidade predominantemente negra. Fundada sobre a exploração do ouro com mão de obra escravizada, a região manteve ao longo dos séculos uma composição populacional majoritariamente formada por pretos e pardos. A migração, portanto, não altera essa característica, os sujeitos que deixam Arraias carregam consigo essa identidade racial, e os dados do questionário mostram que, mesmo no destino, os migrantes arraianos continuam se reconhecendo majoritariamente como pretos e pardos.

Esse dado também dialoga com a autoidentificação dos participantes das cartas de vida. Embora apenas P2 tenha mencionado explicitamente a cor em sua narrativa, "*sou uma mulher preta*", a composição racial da amostra reflete o perfil da comunidade arraiana migrante como um todo, negra, periférica, historicamente marcada pelo trabalho doméstico, pela construção civil e por ocupações de menor prestígio social. A tese não pode ignorar essa dimensão, o arraiano migra, mas migra sendo quem é, negro, pardo, filho do Cerrado.

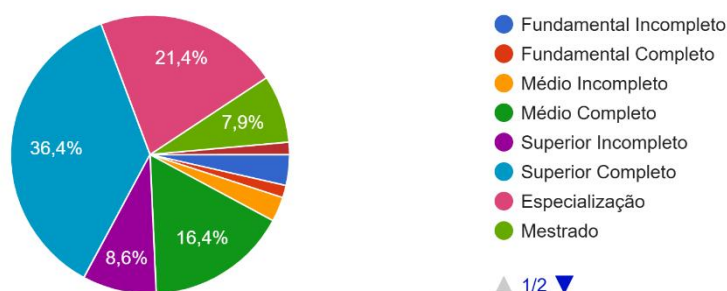
Pergunta 4 – Qual a sua escolaridade?

Dos 140 respondentes, a maioria possui formação em nível superior ou pós-graduação. O percentual mais expressivo é o de participantes com Superior Completo, 36,4%, seguido por Especialização, 21,4%, e Médio

Completo, 16,4%. Somados, os níveis Superior Completo, Especialização, Mestrado, 7,9% e doutorado, 1,4%, totalizam 67,1% da amostra. Os participantes com Ensino Médio Completo, 16,4%, e Superior Incompleto, 8,6%, completam o quadro de escolaridade mais elevada, enquanto os níveis Fundamental, Incompleto e Completo, e Médio Incompleto somam apenas 7,9% dos respondentes. Conforme estabelecido no gráfico 5:

Qual a sua escolaridade?

140 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, gráfico elaborado pelo Autor.

Os dados indicam que os migrantes arraianos que responderam ao questionário possuem, majoritariamente, escolaridade elevada, o que contrasta com a percepção comum de que o migrante do interior parte com baixa qualificação. É possível que a escolaridade mais alta esteja relacionada à maior disposição para responder a um questionário de pesquisa, mas também pode refletir uma mudança no perfil migratório ao longo das décadas, os arraianos que migraram a partir dos anos 2000 tinham, potencialmente, mais acesso à educação do que as gerações anteriores.

Ainda assim, é preciso considerar que a amostra pode não ser representativa da totalidade dos migrantes arraianos, uma vez que os questionários foram divulgados em grupos de WhatsApp compostos majoritariamente por pessoas com maior acesso à tecnologia e, possivelmente, maior escolaridade. Esse viés metodológico deve ser levado em conta na interpretação dos dados.

Comparativamente às cartas de vida, o perfil de escolaridade encontrado no questionário espelha as trajetórias de P2, que concluiu Engenharia e está

terminando física, e de P4 e P5, que também possuem formação superior. A tese, portanto, não tratar o migrante arraiano como um sujeito desqualificado, muitos migram justamente em busca de oportunidades compatíveis com sua formação, que Arraias não pode oferecer.

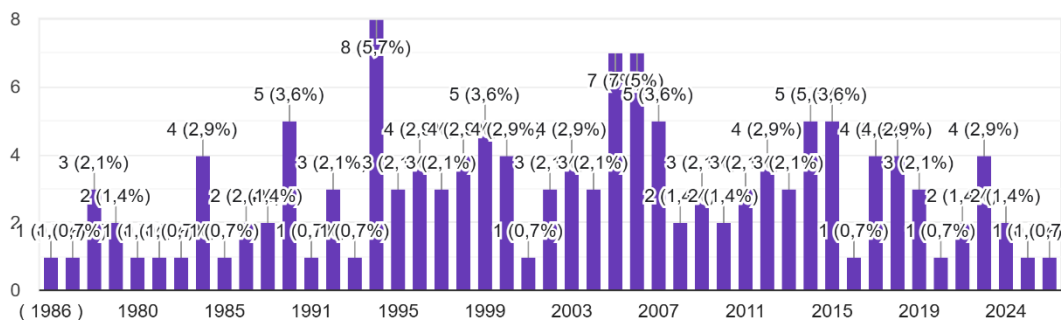
Pergunta 5 – Em que ano você migrou de Arraias?

Dos 140 respondentes, os anos de migração declarados variam entre 1972 e 2025, abrangendo mais de cinco décadas de deslocamentos populacionais. Os anos mais expressivos concentram-se, predominantemente, entre o final da década de 1980 e meados dos anos 2000.

Os percentuais mais elevados foram registrados em 1994, 5,7%, seguido por 2005 e 2006, ambos com 5%, e por 1989, 2004, 2005 e 2007, todos com 3,6%. Anos como 1984, 1999, 2017 e 2018 aparecem com 2,9% cada. Conforme estabelecido no gráfico 6:

Em que ano você migrou de Arraias (ex. 1982)?

140 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, gráfico elaborado pelo Autor.

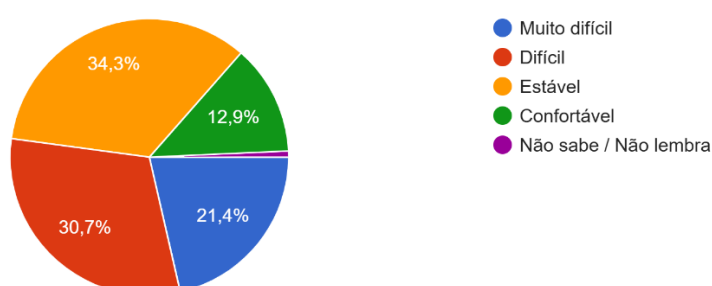
A dispersão dos anos de migração ao longo de cinco décadas indica que o fenômeno migratório arraiano não é recente nem pontual, trata-se de um processo contínuo, que se estende desde os anos 1970 até o momento atual. A maior concentração de respostas no período entre o final dos anos 1980 e meados dos anos 2000 coincide com dois movimentos históricos importantes, a criação do estado do Tocantins em 1988, que alterou as dinâmicas regionais, e a consolidação da GO-118, concluída em 1986, que pela primeira vez ligou Arraias a Brasília por asfalto.

É possível que a abertura da estrada asfaltada, aliada à emancipação do novo estado, tenha funcionado como um catalisador da migração, reduzindo o isolamento geográfico e facilitando o acesso aos centros urbanos, Brasília, Goiânia e, posteriormente, Palmas. Os dados também mostram que a migração continua ocorrendo em anos recentes, 2017, 2018, chegando a 2025, o que sugere que Arraias ainda não conseguiu reter sua população jovem e economicamente ativa.

Pergunta 6 – Pensando no ano em que você decidiu migrar de Arraias, como você classificaria a situação financeira da sua família?

Dos 140 respondentes, a maioria classificou a situação financeira da família no ano da migração como estável, 34,3%, ou difícil, 30,7%. Somadas, essas duas categorias representam 65% da amostra. A condição muito difícil foi apontada por 21,4% dos respondentes, enquanto 12,9% consideraram a situação como confortável e apenas 0,7% declararam não saber ou não lembrar. Conforme estabelecido no gráfico 7:

Pensando no ano em que você decidiu migrar de Arraias, como você classificaria a situação financeira da sua família?
140 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, gráfico elaborado pelo Autor.

Os dados indicam que a migração arraiana não é motivada exclusivamente pela extrema pobreza, embora 52,1% tenham classificado sua situação como difícil ou muito difícil, um percentual expressivo, 47,2%, a classificou como Estável ou Confortável. Isso sugere que a decisão de migrar não é tomada apenas em contextos de penúria absoluta, mas sim como uma estratégia de melhoria de vida. O migrante arraiano não parte apenas porque

está passando fome; parte porque percebe que, mesmo em situação estável, Arraias não lhe oferece horizontes de crescimento.

Este dado dialoga com o que P4 expressou em sua carta, *"os empregos que apareciam pagavam pouco, quase sempre sem chance de crescimento"*. Não era fome. Era limitação. Era a sensação de estar preso em uma rotina que não permitia sonhar mais alto, mesmo quando as necessidades básicas estavam supridas.

Pergunta 7 – Em qual município e estado você reside atualmente?

A análise das respostas abertas revelou que os migrantes arraianos se dispersaram por diversas localidades, mas com concentração notável em algumas regiões. O destino mais frequente foi Brasília e o Distrito Federal, citado repetidamente por sua proximidade com Arraias e por ser um polo de oportunidades de trabalho, estudo e serviços de saúde. Em seguida, destacam-se cidades do estado de Goiás, especialmente Goiânia e Valparaíso de Goiás, escolhidas por razões semelhantes, oferta de emprego, infraestrutura e rede de apoio.

Um dado particularmente relevante é que alguns respondentes ainda residem em Arraias ou em cidades vizinhas no Tocantins. Essa permanência pode indicar movimentos migratórios de curta distância, de Arraias para cidades próximas, como Paranã ou Campos Belos, ou, em alguns casos, migração de retorno, sujeitos que partiram e, após algum tempo, decidiram voltar à região de origem. Esse fenômeno, embora minoritário na amostra, merece atenção na tese, pois tensiona a ideia de que a migração é um movimento linear e definitivo.

Por fim, há uma dispersão por outros estados, Minas Gerais, Pará, Mato Grosso e São Paulo, mas em frequência significativamente menor. Esses destinos mais distantes tendem a estar associados a oportunidades específicas de trabalho ou a migração induzida por vínculos familiares.

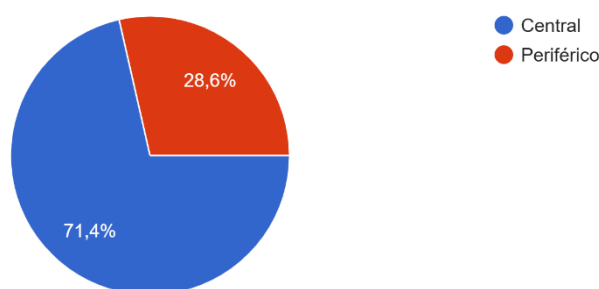
Os dados confirmam que Brasília e Goiânia funcionam como os principais polos de atração para os migrantes arraianos, o que dialoga com a localização geográfica de Arraias, equidistante dessas duas capitais e historicamente conectada a elas pela GO-118. A migração para Palmas, capital do Tocantins, aparece com menor frequência do que se poderia esperar, o que sugere que a

atração exercida pela nova capital ainda não supera os laços consolidados com o Distrito Federal e o estado de Goiás.

Pergunta 8 – Como você classificaria a localização do bairro onde vive atualmente em relação ao seu município?

Dos 140 respondentes, a maioria declarou residir em bairros centrais, 71,4%, enquanto 28,6% residem em bairros periféricos. Conforme estabelecido no gráfico 8:

Como você classificaria a localização do bairro onde vive atualmente em relação ao seu município?
140 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, gráfico elaborado pelo Autor.

O dado indicia que os migrantes arraianos, em sua maioria, conseguiram se estabelecer em áreas centrais de seus destinos, o que pode ser interpretado como um sinal de integração urbana e, possivelmente, de mobilidade social ascendente. Residir em bairros centrais geralmente implica maior acesso a infraestrutura, serviços, transporte e oportunidades de trabalho, fatores que contribuem para a percepção positiva da migração registrada em outras perguntas do questionário.

No entanto, é preciso considerar que a classificação "central" pode variar conforme o tamanho e a organização do município de destino. Em cidades pequenas, a distinção entre centro e periferia é menos marcada; já em grandes centros como Goiânia e Brasília, morar em bairro central pode ser um indicador mais robusto de estabilidade econômica.

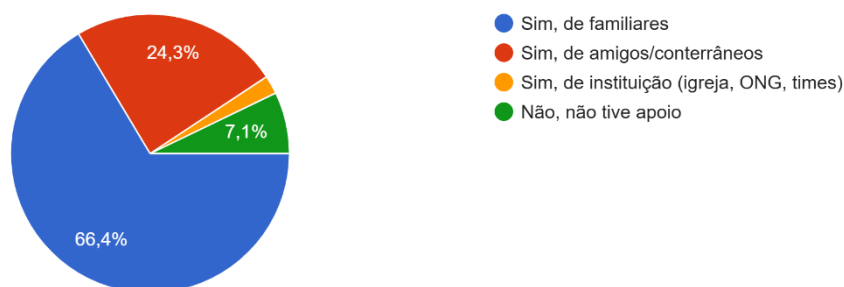
Os 28,6% que residem em bairros periféricos, percentual não desprezível, podem enfrentar maiores desafios de deslocamento, acesso a serviços e qualidade de vida. Esse dado encontra eco nas cartas de vida, P3, por exemplo,

percorreu uma trajetória de deslocamentos internos no Distrito Federal (Ceilândia, Candangolândia, Santa Maria) antes de comprar casa em Águas Lindas, cidade do entorno que, para muitos, é considerada periférica em relação ao Plano Piloto. A migração, mesmo quando bem-sucedida, nem sempre garante ao migrante o acesso imediato ao centro urbanos.

Pergunta 9 – Ao chegar ao seu primeiro destino e aos seguintes, você teve o apoio de alguém?

Dos 140 respondentes, a grande maioria declarou ter recebido algum tipo de apoio no destino. O apoio mais frequente veio de familiares, 66,4%, seguido por amigos ou conterrâneos, 24,3%. Apenas 7,1% dos respondentes afirmaram não ter tido apoio, enquanto 2,1% mencionaram o apoio de instituições como igrejas, ONGs ou times esportivos. Conforme estabelecido no gráfico 9:

Ao chegar ao seu primeiro destino e aos seguintes, você teve o apoio de alguém?
140 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, gráfico elaborado pelo Autor.

Os dados são expressivos, 90,7% dos migrantes tiveram algum tipo de apoio ao chegar. Esse percentual valida a importância do capital social no processo migratório arraiano, dificilmente se migra sozinho. A presença de familiares, dois terços dos casos, reforça o caráter familiar da migração: parte-se para onde já há um parente estabelecido, que oferece acolhida inicial, informação sobre trabalho e suporte emocional.

Os 24,3% que receberam apoio de amigos ou conterrâneos, percentual considerável, revelam a força das redes socioafetivas entre os arraianos. É o

caso de P3, que migrou porque *"eles conseguiram um serviço para mim"*. A comunidade de arraianos no destino não é apenas um ponto de encontro para matar a saudade; é, antes mesmo da partida, uma estrutura concreta de viabilização da migração.

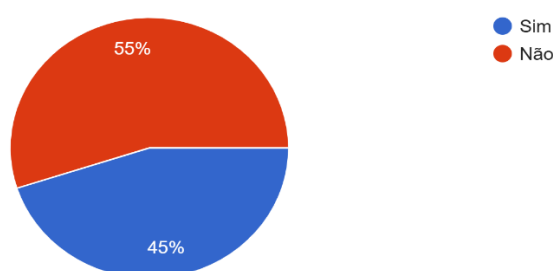
O reduzido percentual de migrantes que não tiveram apoio, 7,1%, pode estar associado a trajetórias mais difíceis, como a de P2, que enfrentou a frieza de Brasília e a indiferença das pessoas na parada de ônibus. A ausência de apoio inicial não inviabiliza a migração, mas a torna mais penosa, e a resiliência necessária para superar essa falta talvez seja uma das marcas mais profundas do migrante arraiano.

Pergunta 10 – A existência de uma comunidade de Arraianos ou conterrâneos no local de destino influenciou sua escolha sobre para onde migrar?

Dos 140 respondentes, 55% afirmaram que a existência de uma comunidade de arraianos ou conterrâneos não influenciou sua escolha, enquanto 45% declararam que sim, essa presença teve peso na decisão. Conforme estabelecido no gráfico 10:

A existência de uma comunidade de Arraianos ou conterrâneos no local de destino influenciou sua escolha sobre para onde migrar?

140 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, gráfico elaborado pelo Autor.

Embora a maioria tenha respondido negativamente, o percentual de 45% é expressivo e não pode ser ignorado. Quase metade dos migrantes considerou, ao escolher o destino, o fato de já haver ali conterrâneos ou familiares. Esse dado confirma a importância da rede de afetos como fator de atração migratória,

saber que há pessoas conhecidas no destino reduz a incerteza, oferece acolhida inicial e facilita o acesso a informações sobre trabalho e moradia.

Os 55% que responderam "não" sugerem que a decisão de migrar também pode ser autônoma ou orientada por outros fatores, como a busca por oportunidades específicas em centros maiores, Brasília, Goiânia, sem necessariamente contar com a presença prévia de conterrâneos. No entanto, é possível que, mesmo entre aqueles que disseram "não", a presença de uma comunidade arraiana no destino tenha atuado como um fator indireto, por exemplo, ao tornar a cidade conhecida por meio de relatos de outros migrantes, sem que isso fosse explicitamente reconhecido como influência.

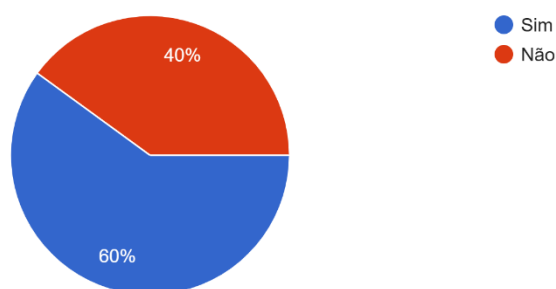
Comparativamente às cartas de vida, o dado dialoga com P3, que foi chamado por amigos, e com P1, que tinha parentes em Goiânia e Palmas. A migração arraiana, mesmo quando não explicitamente influenciada pela comunidade, frequentemente ocorre por meio de redes que já conectam Arraias aos destinos, redes essas que tornam certas cidades mais "familiares" do que outras.

Pergunta 11 – A existência de uma comunidade de Arraianos ou conterrâneos no local de destino facilitou sua adaptação no lugar para onde migrou?

Dos 140 respondentes, 60% afirmaram que a existência de uma comunidade de arraianos ou conterrâneos facilitou sua adaptação no destino, enquanto 40% responderam que não. Conforme estabelecido no gráfico 11:

A existência de uma comunidade de Arraianos ou conterrâneos no local de destino facilitou sua adaptação no lugar para onde migrou?

140 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, gráfico elaborado pelo Autor.

Este dado revela uma inversão significativa em relação à pergunta anterior. Enquanto na Pergunta 10 a maioria, 55%, disse que a presença de conterrâneos não influenciou a escolha do destino, agora 60% reconhecem que essa mesma presença facilitou a adaptação depois que chegaram.

A diferença entre as duas perguntas é reveladora, o migrante pode não escolher um lugar *por causa* da comunidade arraiana, mas, uma vez lá, a existência dessa comunidade torna o processo de adaptação mais suave. A presença de conterrâneos atua como um amortecedor cultural, reduz o choque inicial, oferece referências familiares (sotaque, costumes, comidas), e proporciona uma rede de apoio emocional e prático nos primeiros meses ou anos.

O percentual de 60% confirma a importância das redes socioafetivas não apenas como atrativo, mas como fator de permanência e bem-estar. Ter alguém próximo que entende a saudade, que veio do mesmo lugar, que fala a mesma língua, isso faz diferença na experiência migratória.

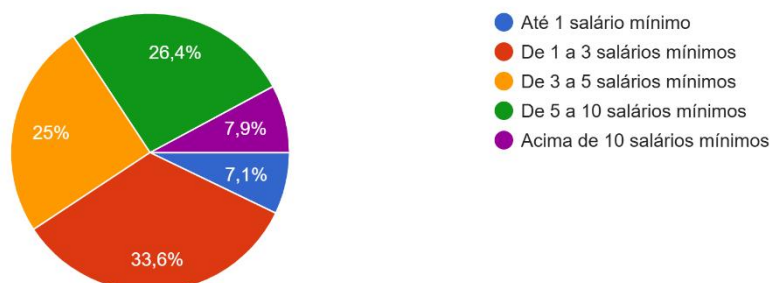
Os 40% que responderam "não" podem ter migrado para destinos com menor concentração de arraianos, ou podem ter perfis de adaptação mais autônomos, ou ainda podem ter encontrado outras formas de apoio (familiares não arraianos, instituições, redes de vizinhança).

Pergunta 12 – Qual é a sua faixa de renda mensal atual?

Dos 140 respondentes, a maioria concentra-se nas faixas intermediárias de renda, de 1 a 3 salários-mínimos, 33,6%, de 5 a 10 salários-mínimos, 26,4%, e de 3 a 5 salários-mínimos, 25%. Somadas, essas três categorias representam 85% da amostra. Nas extremidades, 7,9% declararam renda acima de 10 salários-mínimos e 7,1% até 1 salário-mínimo. Conforme estabelecido no gráfico 12:

Qual é a sua faixa de renda mensal atual?

140 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, gráfico elaborado pelo Autor

Os dados indicam que a migração, para a maioria dos respondentes, resultou em inserção nas faixas de renda que vão do baixo-médio ao médio-alto. Apenas 7,1% permanecem na faixa de até um salário-mínimo, percentual relativamente baixo, considerando que mais da metade dos migrantes classificou sua situação financeira no ano da partida como Difícil ou Muito Difícil, 52,1%. Há, portanto, um movimento ascendente, a migração não garante riqueza, mas parece reduzir significativamente a pobreza extrema.

O percentual de 7,9% com renda acima de 10 salários-mínimos, embora pequeno, indica que há migrantes arraianos que alcançaram estratos de renda elevados, possivelmente associados a trajetórias de maior escolaridade, como as de P2, Engenharia e Física, ou de respondentes com pós-graduação.

No entanto, é preciso considerar que os dados de renda podem estar subestimados ou superestimados dependendo do perfil da amostra. Grupos de WhatsApp tendem a reunir pessoas com maior acesso à tecnologia e, potencialmente, maior renda. Ainda assim, a distribuição sugere que a migração, para o arraiano, é uma estratégia que em geral resulta em melhoria financeira, ainda que a saúde e os custos emocionais permaneçam como contrapartida.

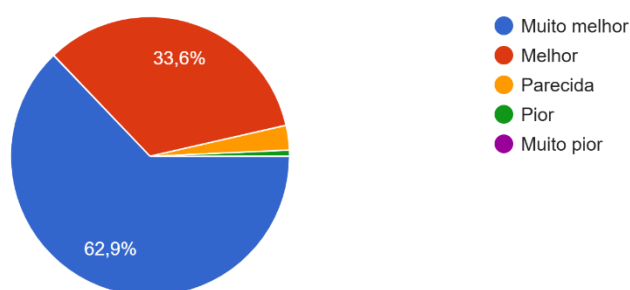
Pergunta 13 – Em comparação com as oportunidades que existiam em Arraiais na época de sua saída, como você avalia sua situação profissional e econômica atual?

Dos 140 respondentes, a maioria absoluta avaliou sua situação

profissional e econômica atual como muito melhor, 62,9%, ou melhor, 33,6%, em comparação com as oportunidades que existiam em Arraias no momento da partida. Somadas, essas duas categorias representam 96,5% da amostra. Apenas 2,9% consideram a situação parecida e 0,7% pior. Nenhum respondente assinalou a opção "muito pior". Conforme estabelecido no gráfico 13:

Em comparação com as oportunidades que existiam em Arraias na época de sua saída, como você avalia sua situação profissional e econômica atual?

140 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, gráfico elaborado pelo Autor

Os dados são inequívocos, para a quase totalidade dos migrantes que responderam ao questionário, a saída de Arraias representou uma melhoria significativa em termos profissionais e econômicos. O percentual de 96,5% de avaliação positiva é um dos mais expressivos de toda a pesquisa e sustenta, com força empírica, a tese de que a migração é uma estratégia eficaz de mobilidade social ascendente para o arraiano.

Este dado dialoga diretamente com as cartas de vida. P1 narra sua progressão profissional até gerenciar uma filial e comprar casa própria. P2 concluiu duas graduações. P3 comprou casa em Águas Lindas após 25 anos de trabalho. P4, após mais de mil currículos, encontrou um trabalho que o valoriza. P5 tem apartamento próprio, dois filhos e trabalha há onze anos como professora. Em todos os casos, a avaliação implícita é a mesma, sair de Arraias valeu a pena.

O diminuto percentual de migrantes que avaliam a situação como parecida, 2,9% ou pior, 0,7%, indica que a migração não é um sucesso universal, há casos em que as oportunidades no destino não corresponderam às

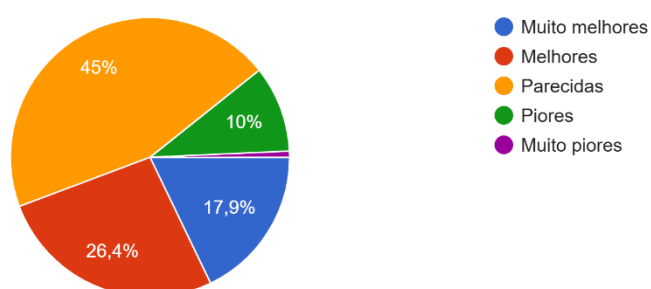
expectativas. No entanto, esses casos são marginais na amostra. A tese reconhece essa exceção, mas não pode deixar de afirmar o padrão, para o arraiano, migrar é, em esmagadora maioria dos casos, um caminho de melhoria profissional e econômica.

Pergunta 14 – Como você avalia a qualidade das suas relações sociais e de amizade no local atual em comparação com Arraias?

Dos 140 respondentes, a maioria declarou que as relações sociais e de amizade no local atual são parecidas, 45%, ou melhores, 26,4% em comparação com Arraias. Somadas, essas duas categorias representam 71,4% da amostra. As avaliações mais positivas, muito melhores, foram assinaladas por 17,9% dos respondentes. Por outro lado, 10% consideram suas relações piores e 0,7% muito piores. Conforme estabelecido no gráfico 14:

Como você avalia a qualidade das suas relações sociais e de amizade no local atual em comparação com Arraias?

140 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, gráfico elaborado pelo Autor

Os dados revelam um padrão interessante, diferentemente da avaliação profissional e econômica, Pergunta 13, que foi maciçamente positiva, 96,5% entre muito melhor e melhor, as relações sociais apresentam um quadro mais matizado. Embora a maioria dos migrantes consiga reconstruir vínculos de qualidade no destino, seja mantendo um padrão parecido ou melhorando em relação a Arraias, há um percentual não desprezível, 10,7%, que avalia suas relações como piores ou muito piores.

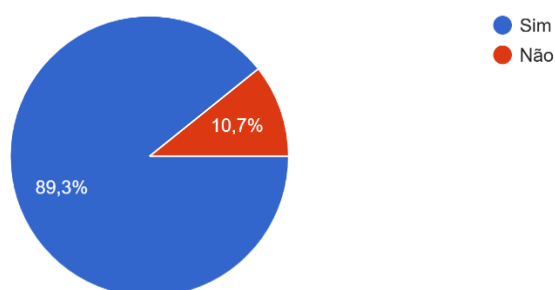
Comparativamente às cartas de vida, o dado reflete experiências distintas. P3 teve facilidade em se adaptar e fez amizades. P2, por outro lado, descreveu a frieza de Brasília e a indiferença das pessoas como algo que "dói na alma". A migração não garante automaticamente a reconstrução de uma rede social afetiva; ela depende do destino, das circunstâncias da chegada e da própria disposição do migrante e da receptividade do lugar.

O fato de 45% dos respondentes avaliarem as relações como "parecidas" sugere que muitos migrantes conseguem manter um padrão de sociabilidade semelhante ao que tinham em Arraias, o que, considerando a distância e a mudança de ambiente, já é um indicador positivo de adaptação.

Pergunta 15 – Você conseguiu reconstruir uma rede de apoio (amigos, vizinhos, comunidade) no local atual?

Dos 140 respondentes, a grande maioria afirmou ter conseguido reconstruir uma rede de apoio no destino, 89,3% responderam "sim", enquanto apenas 10,7% responderam "não". Conforme estabelecido no gráfico 15:

Você conseguiu reconstruir uma rede de apoio (amigos, vizinhos, comunidade) no local atual?
140 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, gráfico elaborado pelo Autor

Os dados são expressivos e reforçam um dos achados centrais da pesquisa, a capacidade de reconstruir laços sociais no novo território é uma marca da migração arraiana. Apesar da distância, das dificuldades iniciais, da saudade e, em alguns casos, da frieza do destino, nove em cada dez migrantes conseguiram, ao longo do tempo, estabelecer novas relações de confiança,

amizade e suporte mútuo.

Esse percentual dialoga diretamente com os dados da Pergunta 9, na qual 90,7% dos respondentes declararam ter recebido apoio ao chegar ao destino. A rede de apoio não se restringe, no entanto, ao momento da chegada, ela é reconstruída continuamente ao longo da trajetória migratória. Amigos do trabalho, vizinhos, colegas de faculdade, membros de igrejas ou times de futebol, como o Paralelo 13, vão gradualmente compondo um novo tecido relacional que, para muitos, pode chegar a ser tão significativo quanto o deixado em Arraias.

Os 10,7% que não conseguiram reconstruir uma rede de apoio merecem atenção. Esse percentual, embora minoritário, não é desprezível. Ele pode estar associado a destinos particularmente hostis, como Brasília foi para P2, a perfis de migração mais solitária, ou a condições objetivas de vida, trabalho excessivo, isolamento residencial, barreiras linguísticas ou culturais, que dificultam a sociabilidade.

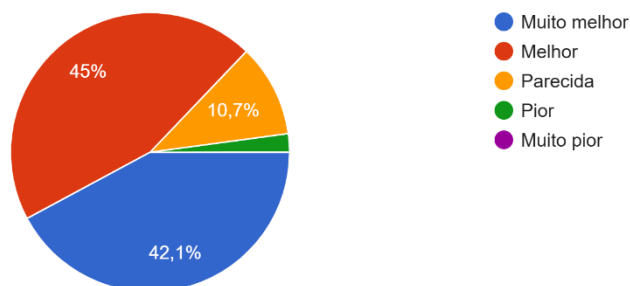
A capacidade de reconstruir rede de apoio é um dos fatores que diferencia as trajetórias bem-sucedidas das mais difíceis. E os dados mostram que, para a esmagadora maioria dos arraianos, essa reconstrução é não apenas possível, mas efetivamente realizada.

Pergunta 16 – Como você percebe sua qualidade de vida atual (acesso a saúde, educação, segurança, lazer) em comparação com a que teria em Arraias?

Dos 140 respondentes, a maioria absoluta avaliou sua qualidade de vida atual como melhor, 45%, ou muito melhor, 42,1%. Somadas, essas duas categorias representam 87,1% da amostra. Outros 10% consideram a qualidade de vida parecida com a que teriam em Arraias, enquanto apenas 2,1% a avaliam como pior. Nenhum respondente assinalou a opção "muito pior". Conforme estabelecido no gráfico 16:

Como você percebe sua qualidade de vida atual (acesso a saúde, educação, segurança, lazer) em comparação com a que teria em Arraias?

140 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, gráfico elaborado pelo Autor

Os dados são inequívocos, para a esmagadora maioria dos migrantes, a saída de Arraias significou uma melhoria significativa no acesso a serviços essenciais, saúde, educação, segurança, lazer. O percentual de 87,1% de avaliação positiva, entre "melhor" e "muito melhor", confirma que a migração não é percebida apenas como uma estratégia econômica, mas como uma efetiva conquista de bem-estar multidimensional.

Este dado dialoga diretamente com a Pergunta 13, situação profissional e econômica, onde 96,5% avaliaram sua situação como melhor ou muito melhor. A correlação entre melhoria econômica e melhoria da qualidade de vida é evidente.

No entanto, o percentual de 10% que considera a qualidade de vida "parecida" e os 2,1% que a consideram "pior" indicam que a migração não é uma promessa de melhoria automática para todos. Há migrantes que, mesmo após anos no destino, avaliam que o acesso a saúde, educação, segurança e lazer não difere significativamente do que teriam em Arraias, ou piorou. Esses casos, embora minoritários, merecem ser estudados com mais profundidade em pesquisas futuras.

Comparativamente às cartas de vida, o dado reflete as trajetórias bem-sucedidas da maioria dos participantes. P1, P2, P3, P4 e P5 todos, de diferentes maneiras, tiveram acesso no destino a serviços e oportunidades que Arraias não poderia oferecer, seja saúde especializada (P2 e P5), formação acadêmica (P2,

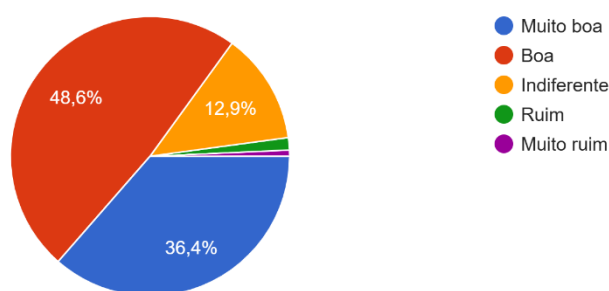
P4, P5), estabilidade profissional (P1, P3, P4) ou lazer e sociabilidade (P5).

Pergunta 17 – Como foi sua recepção e aceitação por parte dos habitantes locais da cidade para onde você migrou?

Dos 140 respondentes, a maioria avaliou a recepção e aceitação por parte dos habitantes locais como boa, 48,6%, ou muito boa, 36,4%. Somadas, essas duas categorias representam 85% da amostra. Outros 12,9% consideraram a recepção indiferente, enquanto apenas 1,4% a avaliaram como ruim e 0,7% como muito ruim. Conforme estabelecido no gráfico 17:

Como foi sua recepção e aceitação por parte dos habitantes locais da cidade para onde você migrou?

140 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, gráfico elaborado pelo Autor

Os dados indicam que a experiência de acolhimento no destino é majoritariamente positiva. Oito em cada dez migrantes sentiram-se bem ou muito bem recebidos pelos habitantes locais, o que contrasta com a imagem frequentemente associada aos grandes centros urbanos de que "ninguém se importa". Embora haja relatos de frieza (como o de P2, que descreveu a indiferença das pessoas em Brasília), a percepção geral dos 140 respondentes é de que a recepção foi favorável.

O percentual de 12,9% de "indiferente" sugere que uma parcela dos migrantes não experimentou nem acolhimento caloroso nem rejeição explícita; houve, sobretudo, ausência de interação significativa com os habitantes locais. Esse dado pode refletir a dinâmica típica das grandes cidades, onde a vida social

tende a ser mais anônima e as relações de vizinhança, menos intensas do que em pequenos municípios como Arraias.

Os percentuais de avaliação negativa, ruim + muito ruim, são muito baixos, 2,1%, o que indica que a rejeição explícita é rara na experiência migratória dos arraianos. Ainda assim, esses casos existem, e, para quem os viveu, a dor da não aceitação pode ter sido tão marcante quanto a frieza que P2 descreveu em sua carta.

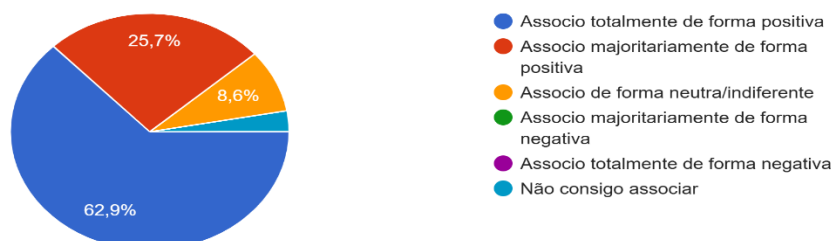
Comparativamente às cartas de vida, o dado qualifica a experiência de P2. Embora ela tenha vivido um episódio de grande indiferença, a mãe desmaiada na parada de ônibus sem que ninguém ajudasse, sua avaliação global da recepção dos habitantes locais, respondida no questionário, não foi necessariamente negativa, ou, se foi, está entre os 2,1%. A experiência migratória é contraditória, pode-se vivenciar situações pontuais de grande hostilidade e, ainda assim, perceber a recepção geral como positiva.

Pergunta 18 – Hoje, em que medida você associa a decisão de ter migrado de Arraias à sua condição de vida atual?

Dos 140 respondentes, a maioria absoluta associou a decisão de migrar à sua condição de vida atual de forma positiva. 62,9% declararam associar totalmente de forma positiva, e 25,7% associam majoritariamente de forma positiva. Somadas, essas duas categorias representam 88,6% da amostra. Outros 8,6% associam de forma neutra ou indiferente, e 2,9% afirmaram não conseguir associar. Nenhum respondente assinalou as opções "majoritariamente de forma negativa" ou "totalmente de forma negativa". Conforme estabelecido no gráfico 18:

Hoje, em que medida você associa a decisão de ter migrado de Arraias à sua condição de vida atual?

140 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, gráfico elaborado pelo Autor

Os dados são taxativos, para quase 90% dos migrantes, a decisão de deixar Arraias é percebida como um divisor de águas positivo em suas vidas. Não se trata apenas de avaliar que as condições melhoraram (como nas perguntas anteriores), mas de atribuir causalidade direta à migração. O migrante não diz apenas "estou melhor"; ele diz "estou melhor *porque migrei*".

Este percentual de 88,6% de associação positiva é um dos mais altos de toda a pesquisa e constitui um dos principais achados empíricos da tese. Ele confirma, com a força dos números, que a migração arraiana não é apenas um movimento de resposta à falta, é, para a esmagadora maioria, uma estratégia bem-sucedida de transformação de vida.

O pequeno percentual de respostas neutras, 8,6, e de não associação, 2,9%, indica que há migrantes para quem a relação entre partida e condição de vida atual não é clara ou não é diretamente causal, possivelmente porque outros fatores, casamento, herança, acaso, tenham pesado tanto quanto a migração. No entanto, a ausência total de respostas nas categorias negativas é reveladora, nenhum dos 140 respondentes afirmou associar a migração de forma negativa à sua condição de vida atual.

Comparativamente às cartas de vida, este dado confirma o tom geral dos relatos. P1 fala em "conquistas", P2 em "oportunidades", P3 em "25 anos" de permanência, P4 em "propósito", P5 em "realizações". Nenhum deles, em suas cartas, manifesta arrependimento pela decisão de migrar. A saudade pesa, as dificuldades marcam, mas o balanço final é inequivocamente positivo.

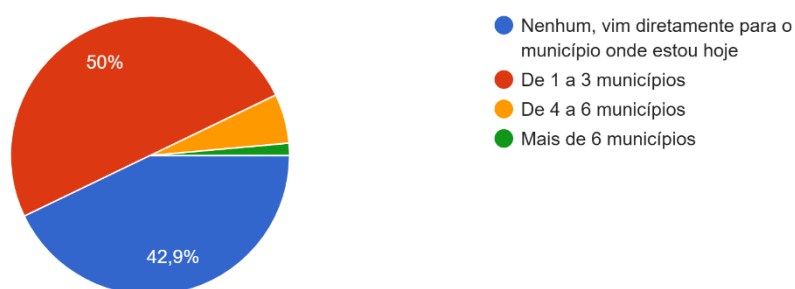
Este achado sustenta a tese com força: a migração é uma condição estrutural da existência arraiana e, migrando, na grande maioria dos casos, o arraiano avalia que fez a escolha certa.

Pergunta 19 – Antes de se estabelecer onde você mora hoje, em quantos outros municípios você já residiu?

Dos 140 respondentes, a maioria declarou ter residido em de 1 a 3 municípios antes do estabelecimento atual, 50%, seguida por aqueles que vieram diretamente para o município onde vivem hoje, 42,9%. Percentuais menores residiram em de 4 a 6 municípios, 5,7%, ou em mais de 6 municípios, 1,4%. Conforme estabelecido no gráfico 19:

Antes de se estabelecer onde você mora hoje, em quantos outros municípios você já residiu?

140 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, gráfico elaborado pelo Autor

Os dados revelam um padrão importante, embora a migração direta, um único deslocamento, da cidade de origem para o destino final, seja expressiva, 42,9%, a maioria dos migrantes, 57,1%, experimentou pelo menos um movimento intermediário. Isso significa que a trajetória migratória do arraiano não é, necessariamente, linear. Muitos se deslocaram de Arraias para uma primeira cidade, depois para outra, e eventualmente se fixaram onde estão hoje.

Este dado dialoga com a experiência de P3, que residiu em Ceilândia, Candangolândia, Santa Maria e depois comprou casa em Águas Lindas, quatro territórios diferentes dentro do Distrito Federal e mais um no entorno Distrito Federal. P1 também passou por Goiânia, Gurupi e depois Palmas. A migração

em etapas, descrita por Ravenstein (1885) como "migração por etapas", ainda é um fenômeno presente entre os arraianos.

A migração direta, 42,9%, indica que muitos migrantes conseguiram, com o apoio de familiares ou amigos, se estabelecer diretamente no destino final, o que pode ser um indicador de redes de apoio mais estruturadas e de melhor planejamento da partida. A migração indireta, por sua vez, sugere um processo de tentativa e erro, o migrante experimenta um primeiro destino, não se adapta plenamente, e se desloca novamente até encontrar um lugar onde consiga se fixar.

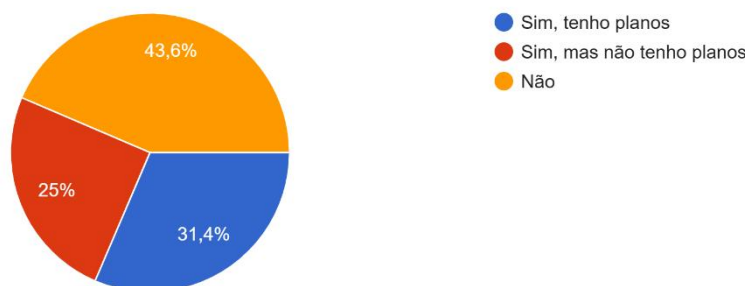
O pequeno percentual de migrantes que residiram em 4 a 6 municípios, 5,7%, ou mais de 6 municípios, 1,4%, indica trajetórias mais instáveis, possivelmente associadas a condições de trabalho precárias, dificuldades de adaptação ou escolhas profissionais que exigiram múltiplos deslocamentos. Embora minoritários, esses casos mostram que a migração nem sempre é um movimento único e definitivo.

Pergunta 20 – Você tem vontade ou planos concretos de voltar a morar em Arraias no futuro?

Dos 140 respondentes, 43,6% afirmaram que não têm vontade de voltar a morar em Arraias. Outros 31,4% responderam que sim, têm planos de retorno, e 25% declararam que sim, mas não têm planos concretos, ou seja, manifestam desejo ou consideram a possibilidade, mas não articularam um projeto efetivo de retorno. Conforme estabelecido no gráfico 20:

Você tem vontade ou planos concretos de voltar a morar em Arraias no futuro?

140 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, gráfico elaborado pelo Autor

Os dados revelam um cenário dividido, mas com uma tendência importante, a maioria, 56,4%, ainda alimenta alguma forma de desejo ou possibilidade de retorno, seja com planos, 31,4%, seja sem planos concretos, 25%. Isso significa que, mesmo tendo migrado e, na maioria dos casos, avaliado positivamente a migração (Pergunta 18), mais da metade dos respondentes ainda considera Arraias um destino possível para o futuro.

O percentual de 43,6% que respondeu "não" indica que uma parcela significativa dos migrantes rompeu, ou está em processo de rompimento, com a possibilidade de retorno definitivo. São aqueles que, por razões profissionais, familiares ou afetivas, construíram suas vidas no destino a ponto de não vislumbrarem mais um futuro em Arraias.

Os 31,4% que têm planos concretos de voltar merecem atenção especial. Esse percentual não é desprezível e sugere que o retorno, tema pouco explorado nos estudos migratórios tradicionais, é um fenômeno real entre os arraianos. Seja por aposentadoria, herança familiar, saudade ou oportunidade profissional, um em cada três migrantes planeja, de fato, voltar.

Os 25% que responderam "sim, mas não tenho planos" ocupam uma posição ambivalente, o desejo existe, mas ainda não se traduziu em ação ou projeto. Esse grupo pode ser composto por migrantes que sonham com o retorno, mas sentem que as condições objetivas, emprego, estudo dos filhos, acesso a serviços, ainda não estão garantidas em Arraias.

Comparativamente às cartas de vida, o dado dialoga com P2, que afirmou

que Arraias "sempre será a minha casa", mas não manifestou planos concretos de retorno. P4, por outro lado, admite que "às vezes penso em largar tudo e voltar", mas o propósito o mantém. Já P3 e P5 retornam periodicamente, sem planos de morar novamente em Arraias.

A tese incorpora essa ambiguidade, o arraiano migra, melhora de vida, raramente se arrepende, mas uma parcela significativa ainda sonha, ou até planeja, voltar. A partida não apaga a origem. E o chão, mesmo distante, ainda chama.

Pergunta 21 – Faça um balanço da sua experiência de migração. Na sua opinião, quais foram os TRÊS principais pontos POSITIVOS e os TRÊS principais pontos NEGATIVOS ou difíceis de ter migrado de Arraias?

Esta pergunta, de natureza aberta, foi respondida por 113 participantes. Suas respostas foram submetidas à Análise de Conteúdo de Bardin (2016), seguindo as três etapas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados. A partir desse procedimento, foi possível identificar categorias temáticas tanto para os aspectos positivos quanto para os negativos da migração, bem como uma síntese da experiência geral declarada pelos migrantes.

Pontos positivos da vida fora de Arraias

Os migrantes destacaram principalmente as oportunidades e o crescimento pessoal como os maiores benefícios de se mudar. As respostas foram categorizadas na tabela 2:

Categoria	Descrição e Exemplos de Respostas	Frequência
Oportunidades Profissionais e Financeiras	Acesso a melhores empregos, salários mais altos, mais opções de trabalho e chance de crescimento na carreira. Exemplos: <i>"Melhores oportunidades de trabalho."</i> , <i>"Emprego fixo e mais salário."</i> , <i>"Crescimento profissional."</i>	55%

Qualidade de Vida e Infraestrutura	Acesso a serviços de saúde, educação, lazer e transporte de melhor qualidade. Exemplos: <i>"Melhor educação para os filhos."</i> , <i>"Opções de lazer e cultura."</i> , <i>"Qualidade de vida."</i>	25%
Crescimento Pessoal	Amadurecimento, autonomia e independência. Exemplos: <i>"Amadurecimento e independência."</i> , <i>"Conhecer novas pessoas e lugares."</i> , <i>"Autoconhecimento."</i>	15%
Outros	Variações como maior segurança pública, clima ou estrutura familiar.	5%

Fonte: Dados da pesquisa, tabela elaborada pelo Autor

Os migrantes destacaram, predominantemente, as oportunidades profissionais e financeiras como o principal benefício da migração. A categoria Oportunidades Profissionais e Financeiras concentrou 55% das respostas, com menções a *"melhores oportunidades de trabalho"*, *"emprego fixo e mais salário"* e *"crescimento profissional"*. Esse dado confirma o que as perguntas fechadas já indicavam, a busca por melhores condições econômicas é o motor central da migração arraiana.

Em seguida, 25% das respostas referiram-se à Qualidade de Vida e Infraestrutura, com destaque para acesso a serviços de saúde, educação, lazer e transporte, itens que, em Arraias, são escassos ou de qualidade inferior. O percentual de 15% atribuído ao Crescimento Pessoal revela uma dimensão frequentemente negligenciada nas análises quantitativas, a migração também é percebida como um amadurecimento, uma conquista de autonomia e independência. Exemplos como *"amadurecimento e independência"*, *"conhecer novas pessoas e lugares"* e *"autoconhecimento"* indicam que a experiência migratória tem um impacto formativo que transcende o aspecto material.

Outros benefícios, como maior segurança pública ou melhor estrutura familiar, aparecem com 5% das respostas.

Pontos negativos da vida fora de Arraias

Apesar dos benefícios, a migração traz um custo emocional e social significativo, que foi capturado claramente nas respostas que foram categorizadas na tabela 3:

Categoria	Descrição e Exemplos de Respostas	Frequência
Saudade e Distância Familiar	A dor da distância dos pais, irmãos, amigos e da cidade natal. Este é, de longe, o ponto negativo mais citado. Exemplos: " <i>Saudade da família.</i> ", " <i>Ficar longe dos pais.</i> ", " <i>Falta de convívio social com amigos.</i> "	65%
Adaptação e Isolamento Social	Dificuldade de adaptação ao novo ambiente e a falta de uma rede de apoio inicial. Exemplos: " <i>Solidão.</i> ", " <i>Falta da 'vida de interior'.</i> ", " <i>Dificuldade em fazer novas amizades.</i> "	15%
Custo de Vida e Problemas Urbanos	O alto custo de vida, trânsito e insegurança em grandes centros urbanos. Exemplos: " <i>Custo de vida elevado.</i> ", " <i>A violência urbana.</i> ", " <i>Trânsito e poluição.</i> "	10%
Outros	Variações como clima, falta de tempo ou ritmo acelerado da vida urbana.	10%

Fonte: Dados da pesquisa, tabela elaborada pelo Autor

A despeito dos ganhos tangíveis, a migração impõe custos emocionais profundos. A Saudade e a distância familiar foram, de longe, o ponto negativo mais citado, concentrando 65% das respostas. Frases como "*saudade da família*", "*ficar longe dos pais*" e "*falta de convívio social com amigos*" revelam que o preço da partida é medido em afeto, não apenas em dinheiro.

A Adaptação e o Isolamento Social aparecem em 15% das respostas, com menções a "*solidão*", "*falta da vida de interior*" e "*dificuldade em fazer novas amizades*". O dado dialoga com a qualidade das relações sociais como o fator de maior impacto na qualidade de vida do migrante. Migrar não é apenas trocar de endereço; é reconstruir, do zero, uma vida social.

O Custo de Vida e Problemas Urbanos foram citados por 10% dos respondentes, com referências ao custo elevado, à violência, ao trânsito e à poluição dos grandes centros. Esses aspectos, embora menos frequentes que a saudade, também pesam na avaliação negativa da experiência migratória.

Outras menções, como clima ou ritmo acelerado da vida urbana, somam 10% das respostas.

Pergunta 22 - Por fim, gostaria que você avaliasse, de forma geral, a sua experiência de vida fora de Arraias. O que essa trajetória significou para você e quais foram as maiores transformações em sua vida?

Síntese da experiência de vida fora de Arraias

Esta variável sintetiza a experiência geral. As respostas foram agrupadas para entender a percepção final do migrante sobre sua jornada e foram categorizadas na tabela 4:

Categoria	Descrição e Exemplos de Respostas	Frequência
Positiva/Satisfatória	A migração é vista como um sucesso total, com a superação das dificuldades iniciais. Exemplos: <i>"Minha experiência é ótima.", "Muito satisfatória, cresci muito.", "Uma experiência de muito sucesso."</i>	60%
Desafiadora, mas Positiva	A jornada é vista como difícil e cheia de obstáculos, mas resultou em crescimento e aprendizado. Exemplos: <i>"Desafiadora no início, mas gratificante.", "Difícil, mas de muito aprendizado.", "Foi uma luta, mas me fez amadurecer."</i>	30%
Negativa/Mista	A experiência é vista como decepcionante, com a ausência de benefícios esperados ou o peso da saudade.	10%

Fonte: Dados da pesquisa, tabela elaborada pelo Autor

Quando convidados a avaliar globalmente sua jornada, 60% dos

respondentes classificaram a experiência como Positiva ou Satisfatória, *"minha experiência é ótima"*, *"muito satisfatória, cresci muito"*, *"uma experiência de muito sucesso"*. Outros 30% a classificaram como Desafiadora, mas Positiva, *"desafiadora no início, mas gratificante"*, *"difícil, mas de muito aprendizado"*, *"foi uma luta, mas me fez amadurecer"*. Apenas 10% avaliaram a experiência como Negativa ou Mista.

Esses dados são reveladores, 90% dos respondentes que elaboraram suas respostas abertas avaliaram a migração como positiva, 60%, ou desafiadora porém positiva, 30%. O sofrimento não apaga o balanço favorável. Pelo contrário, ele parece fazer parte do processo de amadurecimento e crescimento.

A análise qualitativa das respostas abertas robustece e humaniza os resultados estatísticos, trazendo as vozes dos migrantes para o centro do estudo. A dicotomia da migração fica evidente, a vida fora de Arraias é percebida como uma jornada de ganhos tangíveis (economia, carreira) e perdas emocionais (distância, saudade). Essa ambiguidade é o cerne da experiência do migrante. A importância do capital social é reforçada, o ponto negativo mais citado, a saudade da família e dos amigos, confirma que a rede de apoio é um fator crucial. O peso emocional da distância explica por que a comunidade de arraianos no destino é tão importante para a adaptação e para a qualidade de vida. O triunfo da resiliência emerge da categoria "Desafiadora, mas Positiva". A maioria dos migrantes percebe sua jornada como vitoriosa, mesmo com as dificuldades iniciais. Isso se alinha à tese de que a reconstrução da vida é um processo de amadurecimento e superação.

Em suma, a análise qualitativa revela que a migração dos sujeitos arraianos é uma jornada complexa, onde a busca por prosperidade econômica e social é indissociável da luta contra o custo emocional e a saudade de casa. O sucesso é medido não apenas por conquistas financeiras, mas também pela capacidade de superar as perdas e construir uma nova vida, mantendo, sempre, Arraias como referência de casa.

5.2.2 Análise conclusiva do questionário

Os dados coletados por meio do questionário aplicado a 140 migrantes arraianos permitem, agora, uma síntese interpretativa que articula os achados quantitativos e qualitativos à tese central desta pesquisa. A análise descritiva das 22 perguntas, combinada com a categorização das respostas abertas à luz da Análise de Conteúdo de Bardin (2016), revelou padrões consistentes que tanto confirmam quanto complexificam a tese de que a migração é uma condição estrutural da existência arraiana.

A seguir, apresentam-se as principais conclusões extraídas do questionário, organizadas em torno dos eixos que estruturam a experiência migratória arraiana.

1) O perfil do migrante: quem parte

Os dados sociodemográficos traçam o retrato de um migrante majoritariamente adulto, na faixa dos 30 aos 60 anos, 77,2%, com equilíbrio entre os sexos. 52,1% feminino; 47,9% masculino, e forte predominância de autodeclaração preta ou parda, 92,9%. Trata-se, portanto, de uma migração de adultos em idade produtiva, majoritariamente negra, que não privilegia um gênero sobre o outro, diferentemente de momentos históricos anteriores em que a migração interna brasileira era predominantemente masculina.

A escolaridade do migrante arraiano surpreende, 67,1% possuem ensino superior completo ou pós-graduação, especialização, mestrado ou doutorado. Embora esse dado possa refletir um viés amostral, migrantes com maior escolaridade tendem a aderir mais a pesquisas acadêmicas, ele também indica um fenômeno relevante, a migração arraiana contemporânea não é um movimento de mão de obra desqualificada. Pelo contrário, muitos migrantes partem justamente porque Arraias, com sua limitada oferta de empregos qualificados, não consegue absorver sua formação. A educação, nesse contexto, não retém; expulsa.

2) As razões da partida: entre necessidade e estratégia

Os anos de migração mais expressivos concentram-se entre o final dos

anos 1980 e meados dos anos 2000, período que coincide com dois eventos estruturais, a criação do estado do Tocantins, 1988, e a consolidação da rodovia GO-118, concluída em 1986, que pela primeira vez ligou Arraias a Brasília por asfalto. A abertura da estrada, ao reduzir o isolamento geográfico, funcionou como um catalisador da migração. O arraiano não migrava porque queria; migrava, agora, porque “podia”, e porque, ao poder, verificou que lá fora as oportunidades eram maiores.

A classificação da situação financeira familiar no ano da partida revela um quadro diverso, 52,1% dos respondentes a classificaram como "Difícil" ou "Muito difícil", mas 47,2% a classificaram como "Estável" ou "Confortável". A migração, portanto, não é motivada exclusivamente pela pobreza extrema. Ela é também uma estratégia de melhoria, uma aposta no futuro, mesmo quando o presente não é de penúria absoluta. Como expressou P4 em sua carta: *"os empregos que apareciam pagavam pouco, quase sempre sem chance de crescimento"*. Não era fome. Era limitação.

3) O destino e o papel das redes

Os destinos predominantes são Brasília/Distrito Federal e as cidades do estado de Goiás, especialmente Goiânia e Valparaíso. A migração para Palmas, capital do Tocantins, aparece com menor frequência do que se poderia esperar, indicando que os laços históricos consolidados com o eixo Brasília-Goiânia ainda prevalecem sobre a atração exercida pela nova capital.

A presença de redes de apoio é massiva, 90,7% dos respondentes declararam ter recebido apoio ao chegar ao destino, predominantemente de familiares, 66,4%, ou de amigos/conterrâneos, 24,3%. A migração arraiana não é um ato solitário; é, antes, um movimento de rede. Parte-se para onde já há alguém conhecido, um irmão, um primo, um amigo que migrou antes. Esse dado valida a importância das redes de afeto como fator viabilizador da migração.

Curiosamente, a existência de uma comunidade de arraianos no destino influenciou a escolha do local para 45% dos respondentes, mas 60% reconheceram que essa mesma comunidade facilitou sua adaptação depois que chegaram. A diferença entre as duas perguntas é reveladora, o migrante pode

não escolher o destino por causa dos conterrâneos, mas, uma vez lá, a presença deles torna a adaptação mais suave. A comunidade de arraianos atua como um amortecedor cultural, reduz o choque inicial, oferece referências familiares (sotaque, costumes, comidas) e proporciona uma rede de apoio emocional e prático.

4) Balanço da migração: ganhos e perdas

A avaliação global da migração é inequivocamente positiva. **96,5%** dos respondentes consideram sua situação profissional e econômica atual como "Melhor" ou "Muito melhor" do que as oportunidades que existiam em Arraias. **87,1%** avaliam sua qualidade de vida (acesso a saúde, educação, segurança, lazer) como "Melhor" ou "Muito melhor". **88,6%** associam a decisão de ter migrado à sua condição de vida atual de forma "totalmente positiva" ou "majoritariamente positiva". Nenhum respondente associou a migração de forma negativa.

Esses números são taxativos, para a esmagadora maioria dos migrantes que responderam ao questionário, a saída de Arraias foi um movimento bem-sucedido, não apenas em termos econômicos, mas também em termos de bem-estar multidimensional. A tese de que a migração é uma condição estrutural da existência arraiana encontra aqui sua confirmação empírica mais robusta.

No entanto, os dados também revelam o preço dessa melhoria. Nas respostas abertas, **65%** dos migrantes apontaram a "saudades e a distância familiar" como o principal ponto negativo da migração. Frases como *"saudades da família"*, *"ficar longe dos pais"* e *"falta de convívio social com amigos"* reiteram o que as cartas de vida já haviam anunciado, o migrante ganha, mas também perde. O sucesso econômico não elimina a dor da ausência. A migração é, por definição, uma experiência contraditória, de ganhos tangíveis e perdas emocionais.

A avaliação geral da experiência, quando sintetizada, revela que 60% dos respondentes a classificaram como "Positiva/Satisfatória" e outros 30% como "Desafiadora, mas Positiva". Apenas 10% a classificaram como "Negativa/Mista". Esses números indicam que a resiliência é uma marca central

da migração arraiana, mesmo diante da saudade, das dificuldades iniciais e do custo emocional, a grande maioria avalia que valeu a pena.

5) O retorno como horizonte

Um dos achados mais instigantes do questionário diz respeito à vontade de retorno. Embora 43,6% dos respondentes tenham afirmado que não pretendem voltar a morar em Arraias, 56,4% ainda manifestam alguma forma de desejo ou possibilidade de retorno, seja com planos concretos, 31,4%, ou sem planos, 25%.

Esse dado tensiona a ideia de que a migração é um movimento linear e definitivo. Para mais da metade dos migrantes, Arraias permanece como um horizonte possível, um lugar para onde se pode, um dia, voltar. A partida não apaga a origem. E o chão, mesmo distante, ainda chama.

O retorno, quando pensado ou planejado, não é necessariamente um indicador de fracasso da migração. Pelo contrário, muitos dos que planejam voltar o fazem em condições de maior estabilidade, aposentadoria, recursos acumulados, patrimônio construído. Voltar, nesse contexto, é um privilégio. É o luxo de quem pode escolher, ao fim da vida laboral, retornar ao lugar onde nasceu.

Em síntese, a tese de que a migração é uma condição estrutural da existência arraiana encontra, portanto, no questionário sua confirmação empírica. Mas os dados acrescentam uma inflexão crucial: o arraiano não apenas migra; ele, na grande maioria dos casos, “migra bem”, ou seja, a migração é, para o arraiano, uma estratégia de vida que resulta em ganhos reais, embora nunca isenta de perdas

5.2.3 – Diálogo entre os dados e a teoria: sínteses necessárias

Os dados apresentados ao longo deste capítulo não falam por si mesmos. Eles ganham sentido quando confrontados com as teorias que mobilizamos nos capítulos anteriores, especialmente as contribuições de Milton Santos, os debates sobre redes socioafetivas e as formulações acerca da contradição entre

ganhos materiais e perdas emocionais na migração. Cabe, neste momento, explicitar esse diálogo.

a) Desigualdades regionais e migração: a confirmação de Santos

Os dados confirmam as afirmações miltoniana de que as desigualdades regionais são o motor estrutural da migração. A avaliação de 96,5% dos respondentes, que consideram sua situação profissional e econômica atual como melhor ou muito melhor do que as oportunidades existentes em Arraias, evidencia que a migração é, antes de tudo, uma resposta às assimetrias territoriais. Como argumenta Santos (1996), o espaço não é homogêneo; ele é produzido de forma desigual, e a concentração de técnicas, capitais e serviços em certos pontos do território atrai populações de áreas periféricas historicamente desassistidas. Arraias, com seu distanciamento histórico, sua pobreza estrutural e sua distância dos centros de dinamismo econômico, Goiânia, Brasília e Palmas, exemplifica bem essa dinâmica. A rodovia GO-118, concluída em 1986, ao reduzir o distanciamento geográfico, funcionou como um vetor material dessa atração, tornando concreta a possibilidade de migrar.

b) Redes socioafetivas como capital social: o diálogo com Santos (2000) e com os estudos de redes

Os dados revelam a centralidade das redes socioafetivas como fator de adaptação e permanência. A presença massiva de apoio declarado pelos migrantes, 90,7% receberam auxílio de familiares ou conterrâneos ao chegar ao destino, e o fato de que 60% reconhecem que a existência de uma comunidade de arraianos facilitou sua adaptação confirmam que o capital social é tão importante quanto o capital econômico no processo migratório. Santos (2000), ao valorizar o cotidiano e as relações de vizinhança como categorias geográficas, já pressentia essa dimensão, o território não se reduz a fluxos de capital e técnicas; ele é também tecido por laços de confiança, solidariedade e reciprocidade. Autores como Fagiolo e Santoni (2014), ao estudarem o papel das

redes sociais como determinantes dos fluxos migratórios, reforçam essa perspectiva, a existência de contatos prévios no destino reduz a incerteza e os custos da migração. A comunidade de arraianos no destino, exemplificada pelo time de futebol Paralelo 13 e pelos grupos de WhatsApp mobilizados nesta pesquisa, atua como um amortecedor cultural, reduzindo o choque inicial e oferecendo referências familiares (sotaque, costumes, comidas) que tornam a adaptação menos dolorosa.

c) Ganhos materiais e perdas emocionais: a contradição que a teoria estrutural não captura plenamente

Os dados evidenciam uma contradição que a teoria estrutural, por sua escala, nem sempre captura com suficiente densidade. Se, por um lado, a avaliação econômica e profissional da migração é esmagadoramente positiva, 96,5%, por outro lado, 65% dos respondentes apontaram a saudade e a distância familiar como o principal ponto negativo da experiência migratória. Essa dualidade, ganhos materiais versus perdas emocionais, tensiona a narrativa do sucesso migratório puro e simples. Marandola Júnior (2010), ao abordar a migração, já chamava atenção para a experiência subjetiva do migrante, para o sentido de deslocamento e a busca de significado. Santos (2002), ao falar em "dupla experiência de alienação" do migrante, também tangencia essa contradição, mas não lhe dá o mesmo peso que dá aos fatores estruturais. O migrante arraiano não troca sua cidade de origem apenas por melhores salários; ele também perde o convívio cotidiano com os seus, a familiaridade das ruas, o calor das relações interpessoais. Essa contradição, longe de ser um desvio ou um fracasso, é constitutiva da experiência migrante. Como escreveu P2 em sua carta de vida, *"a melhor parte de ser migrante é ter uma casa para voltar"*. A saudade, paradoxalmente, é o que mantém viva a relação com Arraias.

d) O retorno como horizonte: tensionando a ideia de migração linear

Os dados tensionam a ideia clássica de que a migração é um movimento

linear e definitivo, presente em algumas formulações teóricas que enfatizam o deslocamento de origem para destino sem considerar a circularidade. A descoberta de que 56,4% dos migrantes ainda manifestam alguma forma de desejo ou possibilidade de retorno a Arraias, seja com planos concretos, 31,4% ou sem planos, 25%, aponta para o retorno como um horizonte permanente. Essa circularidade dialoga com as formulações de Patarra e Pacheco (1997), que já identificavam, nos movimentos migratórios brasileiros, o aumento das migrações de retorno e a circularidade dos movimentos. Arraias não é abandonada; ela é carregada, revisitada, sonhada. Os retornos periódicos nos feriados (Carnaval, Nossa Senhora dos Remédios) e a frequência com que os migrantes visitam a cidade de origem revelam que a migração não apaga a origem; antes, a ressignifica. O sujeito arraiano migra, mas não se desarraiga. Ele aprende a viver com a saudade e a manter os vínculos, cultivando uma dupla pertença: está no destino, mas carrega Arraias consigo.

e) A tese reafirmada: a migração como condição estrutural, à luz de Santos e da migração contemporânea

Por fim, os dados do questionário reforçam a tese central desta pesquisa: a migração é uma condição estrutural da existência arraiana. Não por um destino biológico ou uma predestinação metafísica, mas porque o território onde nasce, historicamente distante, empobrecido, desassistido, não lhe oferece condições de permanência digna. Essa formulação está em diálogo direto com a obra de Milton Santos (1996, 2012), para quem as desigualdades regionais e a fluidez seletiva do capital técnico-científico produzem territórios de exclusão que empurram populações para fora. A migração, para a esmagadora maioria, foi uma estratégia bem-sucedida de mobilidade social ascendente. Mas essa estratégia tem um preço, que os dados quantitativos e qualitativos revelaram com clareza: a saudade, a adaptação forçada, a ansiedade, a indiferença que por vezes se encontra no destino. A tese, portanto, não romantiza a migração nem a transforma em tragédia pura. Ela a apresenta em sua complexidade contraditória, ganhos e perdas, conquistas e saudades, partidas e retornos,

mostrando que o arraiano, onde quer que esteja, continua sendo arraiano. E que, como escreveu P2, "*a melhor parte de ser migrante é ter uma casa para voltar*"

5.3 – Ser para migrar, voltar para escrever: conclusões e considerações finais

Chegou-se, neste momento, ao ponto de fechamento da tese. Percorreu-se um longo caminho, teórico, metodológico, existencial. Partiu-se de uma pergunta que emergiu do cotidiano vivido em Arraías: *por que os arraianos sempre migram?* Para respondê-la, foi necessário reconstituir a história do território, capítulo 1, dialogar com as teorias da geografia e da migração, capítulo 2, definir instrumentos de escuta sensíveis à complexidade do fenômeno, capítulo 3, narrar em primeira pessoa, autoetnografia, a travessia de bicicleta que colocou o corpo em movimento, capítulo 4 e, finalmente, analisar as cartas de vida de cinco migrantes e os dados do questionário aplicado a 140 respondentes, capítulo 5.

A tese não tratou o fenômeno migratório arraiano como um dado abstrato. Tratou-o como experiência encarnada, sentida na pele do pesquisador, narrada na voz dos migrantes, inscrita nos números que revelam padrões. Cada instrumento metodológico mobilizado (a pesquisa-ação, a análise de conteúdo de Bardin, as cartas de vida, o questionário, a travessia de bicicleta) foi escolhido não por acaso, mas por sua capacidade de capturar o que a simples estatística ou a pura teoria ocultariam, a contradição, a saudade, a resiliência, o pertencimento que resiste à distância.

A seguir, apresentam-se as conclusões da tese, 5.3.1, nas quais se retoma a pergunta inicial, reafirma-se a tese de que a migração é uma condição estrutural da existência arraiana à luz das evidências empíricas coletadas, e se avaliam os cumprimentos dos objetivos propostos. Em seguida, nas considerações finais, 5.3.2, reconhecem-se os limites da pesquisa, apontam-se contribuições originais, sugerem-se perguntas para estudos futuros e se encerra a tese com um último gesto, que não é de fechamento definitivo, mas de abertura.

5.3.2 – Conclusões: uma resposta à tese

A pergunta que inaugurou esta tese, *por que os arraianos sempre migram?* Não nasceu nos livros. Nasceu na infância, nas janelas de Arraias, quando o menino observava os andejos passarem e se perguntava, com a curiosidade mesclada ao medo, para onde iam, de onde vinham, o que os movia. Anos depois, já pesquisador, a pergunta se transformou em problema de tese, e a resposta que se construiu ao longo destes capítulos não é uma fórmula abstrata, mas uma compreensão densa, tecida com fios teóricos, históricos, metodológicos, afetivos e empíricos.

A tese proposta foi a seguinte: a migração é uma condição estrutural da existência arraiana, não no sentido biológico ou determinista, como se houvesse um gene da migração inscrito no corpo, mas no sentido territorial e histórico. Ao se vincular o processo migratório do arraiano à constituição histórica do município, considerando sua posição geográfica marcada pela distância dos centros de pujança econômica do Centro-Oeste (Goiânia, Brasília e, mais recentemente, Palmas) e sua localização numa região de pouco dinamismo econômico, evidencia-se que a migração se apresenta como a resposta estrutural às condições do território. A tese, agora, pode ser reafirmada à luz das evidências coletadas.

O cumprimento do objetivo geral

O objetivo geral da pesquisa era *evidenciar o fenômeno da migração no sudeste do Tocantins, tendo como recorte geográfico a cidade de Arraias, após a criação do estado, em 1989, caracterizando os sujeitos, seus motivos, suas trajetórias, seus sonhos e suas realidades*. Este objetivo foi cumprido em múltiplas frentes.

No capítulo 1, evidenciou-se o fenômeno migratório por meio da análise histórica e socioeconômica do município. Os dados demográficos do IBGE mostram uma queda populacional sistemática nas últimas quatro décadas (de 12.884 habitantes em 1991 para 10.287 em 2022), fenômeno sintomático que aponta a migração como fator preponderante. A análise da pobreza estrutural,

81,1% das famílias em situação de vulnerabilidade social, 62,8% da renda concentrada nos 20% mais ricos, revelou as condições materiais que empurram o arraiano para fora. A reconstituição histórica da mineração do ouro, do distanciamento geográfico, do coronelismo, do mandonismo e da criação tardia do estado do Tocantins demonstrou que o território arraiano foi, ao longo de séculos, mantido à margem dos centros de pujança e de dinamismo econômico.

No capítulo 4, a travessia de bicicleta de Goiânia a Arraias, 639 quilômetros percorridos ao longo de sete dias, evidenciou o fenômeno migratório de outra ordem, não mais como dado estatístico, mas como experiência encarnada. O corpo que pedala, que sente o vento contra, a febre, o joelho que dói, a solidão da estrada, o susto diante das bicicletas brancas no acostamento, tudo isso é migração. A travessia não foi um apêndice narrativo da tese; foi o próprio método de imersão na condição de anejo, que permitiu ao pesquisador sentir na pele o que os migrantes narravam nas cartas.

No capítulo 5, evidenciou-se o fenômeno por meio de dois instrumentos complementares. As cartas de vida de cinco migrantes (P1 a P5) trouxeram a voz singular de cada um, suas motivações, suas dores, suas conquistas, suas saudades. O questionário aplicado a 140 respondentes ampliou a escuta e permitiu identificar padrões: a faixa etária predominante (30 a 60 anos), o equilíbrio entre gêneros (52,1% mulheres; 47,9% homens), a predominância negra (92,9% pretos e pardos), a alta escolaridade (67,1% com superior completo ou pós-graduação), a concentração dos destinos em Brasília e Goiânia, e a avaliação majoritariamente positiva da migração, 96,5% consideraram sua situação profissional e econômica melhor do que as oportunidades em Arraias.

Esses números não são meramente descritivos. Eles contêm implicações diretas para a tese de que a migração é uma condição estrutural da existência arraiana. A alta escolaridade da amostra (67,1% com superior completo ou pós-graduação) indica que não se trata de uma migração de mão de obra desqualificada, muitos arraianos partem justamente porque Arraias, com sua limitada oferta de empregos qualificados, não consegue absorver sua formação. A educação, nesse contexto, não retém; expulsa. A predominância negra

(92,9%) revela que a migração arraiana é majoritariamente negra, o que tensiona as narrativas tradicionais que associam migração interna brasileira predominantemente à pobreza sem recorte racial, e aponta para a necessidade de investigar como as questões de raça se manifestam e se estruturam em Arraias. O equilíbrio entre gêneros (52,1% mulheres; 47,9% homens) demonstra que a migração arraiana contemporânea não reproduz o padrão histórico de migração predominantemente masculina; mulheres e homens migram em proporções equivalentes, o que sugere um movimento familiar ou individual sem distinção de gênero. Por fim, a concentração dos destinos em Brasília e Goiânia confirma a hipótese geográfica da tese: a posição de Arraias, distante dos centros de pujança econômica do Centro-Oeste, faz com que seus migrantes se dirijam prioritariamente aos polos regionais mais próximos (GO-118). Esses achados, em conjunto, não apenas descrevem quem migra, mas também ajudam a explicar por que migra e para onde vai, elementos centrais da tese.

O cumprimento dos objetivos específicos

1. Identificar a ocorrência do processo migratório no município de Arraias.

A ocorrência foi identificada em três níveis: pelos dados demográficos (capítulo 1), pelos relatos das cartas de vida (todos os cinco migrantes migraram entre 1981 e 2014) e pelas respostas do questionário (anos de migração variam entre 1972 e 2025, com concentração entre 1989 e 2007). A travessia do pesquisador, em 2025, atualizou a ocorrência do fenômeno para o presente.

2. Compreender as causas/motivações desse processo migratório.

As causas são multifatoriais. As cartas de vida revelaram motivações econômicas (busca por trabalho e melhores condições em P1, P3 e P4), sanitárias (hemodiálise dos pais em P2 e P5), educacionais (acesso a cursos superiores não ofertados em Arraias em P2 e P5) e de rede de amigos (P3). O questionário confirmou que 55% das respostas abertas sobre pontos positivos

da migração referem-se a oportunidades profissionais e financeiras. A análise histórica do capítulo 1 identificou causas estruturais: isolamento geográfico (atenuado apenas com a GO-118 em 1986), pobreza histórica, concentração de renda, ausência de serviços especializados de saúde e educação superior insuficiente.

3. Caracterizar os sujeitos ativos desse processo migratório.

Os migrantes arraianos foram caracterizados em profundidade. As cartas de vida descreveram trajetórias singulares: P1 (homem, progressão profissional, mãe acolhida em Palmas); P2 (mulher preta, migração forçada pela doença da mãe, formação superior); P3 (homem, migração por rede de amigos, adaptação positiva); P4 (homem, migração com esposa, ansiedade e quase-desistência); P5 (mulher, migração por doença do pai, professora, retornos periódicos). O questionário traçou o perfil sociodemográfico do migrante arraiano: adulto (77,2% entre 30 e 60 anos), majoritariamente negro, 92,9%, com alta escolaridade (67,1% superior completo ou pós-graduação), residente predominantemente em bairros centrais no destino, 71,4% e com renda entre 1 e 10 salários-mínimos, 85%.

4. Identificar as consequências desse processo migratório para os sujeitos e para as regiões de influxo.

As consequências foram identificadas em sua dualidade. Para os sujeitos, a migração trouxe consequências positivas: mobilidade social ascendente, 96,5% avaliam situação profissional/econômica como melhor ou muito melhor; melhoria da qualidade de vida, 87,1%; conquistas materiais e educacionais (casa própria, formação acadêmica, estabilidade). Mas também consequências negativas: saudade e distância familiar, 65% das respostas abertas; dificuldades de adaptação e isolamento social, 15%; ansiedade, noites mal dormidas e quase-desistência, P4; frieza e indiferença no destino, P2. Para as regiões de influxo, Brasília, Goiânia e entorno, os migrantes contribuem com sua força de

trabalho qualificada e com a formação de redes socioafetivas que acolhem novos migrantes, como o Paralelo 13. Para Arraias, a consequência mais visível é a diminuição populacional sistemática, com a consequente saída da população economicamente ativa e, possivelmente, o envelhecimento da população residente.

A tese reafirmada

A tese de que a migração é uma condição estrutural da existência arraiana encontra, portanto, confirmação empírica robusta. Mas é preciso reafirmar o que essa formulação significa, e o que não significa.

Não significa que o arraiano tenha um destino biológico inscrito no corpo. Não significa que migrar seja uma escolha livre entre equivalentes. Não significa que Arraias seja uma cidade de onde todos querem sair por desamor ou desprezo. Significa, ao contrário, que o território onde o arraiano nasce, Arraias foi historicamente constituído à margem dos centros de dinamismo econômico nacional e regional. Sua economia, baseada no setor público e na agropecuária de baixa produtividade, não gera empregos qualificados em quantidade suficiente para absorver sua população jovem e escolarizada. Seus serviços de saúde não oferecem tratamentos especializados, como a hemodiálise que obrigou P2 e P5 a migrarem. Sua oferta de educação superior é limitada aos cursos da UFT, que não contemplam todas as formações desejadas pelos migrantes. Sua distância geográfica, mesmo após o asfalto da GO-118, ainda se traduz em distância percebida, em tempo de deslocamento, em isolamento relativo.

O arraiano migra porque o território onde nasce, com sua história de distanciamento, pobreza estrutural e exclusão dos circuitos dinâmicos da economia, não lhe oferece condições de permanência digna. A migração, para a esmagadora maioria dos que responderam ao questionário, foi uma estratégia bem-sucedida de mobilidade social ascendente. Mas essa estratégia tem um preço: a saudade, a distância, a adaptação forçada, a ansiedade, a indiferença que às vezes se encontra no destino.

Antes, porém, de reafirmar a tese à luz dos achados empíricos, é necessário também situá-la em diálogo com aquele que foi o principal referencial teórico desta pesquisa, Milton Santos. Ao longo dos capítulos 1 e 2, sua obra forneceu as categorias fundamentais para compreender a migração arraiana como um fenômeno indissociável da história do território, das desigualdades regionais e da fluidez seletiva do capital técnico-científico. Agora, no momento de fechar a tese, cabe perguntar: os achados da pesquisa confirmam as intuições miltonianas? Tensionam-nas? Acrescentam-lhes algo? A resposta, como se verá, é múltipla: sim, confirmam a dimensão estrutural da migração; sim, tensionam a abordagem ao trazerem à luz o peso do capital social e afetivo; sim, acrescentam ao mostrar que o retorno, mesmo como horizonte, é parte constitutiva da experiência migrante arraiana.

A tese de que a migração é uma condição estrutural da existência arraiana encontra, portanto, confirmação empírica, e essa confirmação dialoga com a teoria miltoniana de forma produtiva. Santos (1996, 2000) nos fornece as ferramentas para compreender a dimensão estrutural da migração, as desigualdades regionais, o papel das técnicas (como a GO-118), a pobreza como condição de expulsão, a fluidez seletiva do capital técnico-científico que beneficia alguns territórios enquanto condena outros à estagnação.

Mas os achados desta tese acrescentam camadas que a abordagem estrutural, por sua escala, não alcança. A migração arraiana é também feita de afetos, de mães que acompanham os filhos doentes (P2, P5), de pais que se tornam espelhos para os filhos que migram (P4), de amigos que conseguem trabalho uns para os outros (P3), de filhos que preparam o destino para receber a mãe (P1). A migração arraiana é também feita de contradição: ganha-se, mas perde-se. A saudade não é um detalhe emocional acessório; é uma condição estrutural da experiência migrante, e os dados mostraram que ela pesa tanto quanto a falta de trabalho na motivação da partida.

A tese, portanto, não se opõe a Milton Santos. Ela o toma como base, como o chão teórico sobre o qual se caminha, e avança, iluminando com a luz da autoetnografia e das narrativas migrantes o que a análise estrutural, por sua própria natureza, tende a escurecer, o preço emocional da migração, a

centralidade das redes de afeto, o retorno como horizonte incontornável.

Este trabalho afirma que o arraiano migra, mas não migra para esquecer. Migra e retorna, se possível. Migra e carrega Arraias consigo. Migra e, como P2 escreveu, afirma que 'a melhor parte de ser migrante é ter uma casa para voltar'. A tese, ao final, confirma o que Milton Santos já pressentia: que o espaço é social, que o território é vivido, que o lugar é afetivo. E que migrar, no fundo, é sempre uma questão de chão, do chão que se perde, do chão que se ganha, do chão que se carrega e do chão que, mesmo após quilômetros de distância, ainda nos espera.

5.3.2 – Considerações finais: limites, contribuições e perguntas que ficam

Ao final desta travessia, que foi teórica, metodológica, empírica e existencial, impõe-se um gesto de honestidade. Nenhuma pesquisa esgota seu objeto. Nenhuma tese é a palavra final sobre o fenômeno que investiga. A migração arraiana, com suas múltiplas causas, suas contradições, suas dores e suas conquistas, continuará a ocorrer e a se transformar, e novas perguntas seguirão emergindo. Cabe, portanto, reconhecer os limites do trabalho realizado, explicitar as contribuições que se acredita ter oferecido e apontar os horizontes que permanecem abertos para investigações futuras.

Limites da pesquisa

O primeiro limite diz respeito à amostra das cartas de vida. Inicialmente, previa-se a coleta de 12 cartas, distribuídas igualmente entre Brasília, Goiânia e Palmas. Apenas cinco migrantes responderam ao envio. Mais do que uma limitação metodológica, essa adesão parcial revela a própria condição migrante: o tempo escasso, a vida corrida, a dificuldade de parar para contar. As cinco cartas recebidas, no entanto, foram tratadas como documentos vivos, cada uma delas carregada de história, de dor, de conquista e de pertencimento. A análise qualitativa não sofreu com o número reduzido; pelo contrário, a profundidade de cada relato permitiu extrair categorias de sentido que se mostraram consistentes quando confrontadas com os dados do questionário. Ainda assim, pesquisas

futuras podem ampliar o número de cartas para capturar maior diversidade de perfis migratórios, especialmente entre migrantes mais jovens e entre aqueles que retornaram definitivamente a Arraias.

O segundo limite diz respeito ao viés da amostra do questionário. Os 140 respondentes foram alcançados por meio de grupos de WhatsApp formados majoritariamente por arraianos migrantes com acesso à tecnologia e, possivelmente, com maior escolaridade e renda. Os dados mostraram que 67,1% dos respondentes possuem ensino superior completo ou pós-graduação, percentual que certamente não reflete a totalidade dos migrantes arraianos, muitos dos quais podem ter menor escolaridade e não participar desses grupos virtuais. O questionário, portanto, capturou mais intensamente a voz dos migrantes com maior capital educacional e digital. Pesquisas futuras podem ampliar a coleta por meio de outras estratégias (entrevistas presenciais, aplicação em contextos comunitários, parceria com sindicatos ou associações de moradores) para alcançar migrantes com menor escolaridade e renda.

O terceiro limite diz respeito ao recorte temporal e espacial. A pesquisa concentrou-se no período posterior à emancipação do Tocantins (1989) e nos destinos prioritários Brasília, Goiânia e Palmas. Migrações ocorridas antes de 1989 e destinos menos frequentes (São Paulo, Minas Gerais, Pará, Mato Grosso) foram mencionados, mas não foram objeto de análise aprofundada. O fenômeno do retorno, embora tenhamos identificado que 56,4% dos respondentes manifestam desejo ou possibilidade de voltar, não foi investigado em sua dinâmica concreta: quantos efetivamente retornam? Em que condições? Com que frequência? Esse é um campo fértil para pesquisas futuras.

Contribuições originais da tese

Apesar dos limites, a tese oferece contribuições que se acredita serem originais e relevantes para os estudos migratórios no âmbito da geografia brasileira, especialmente para a compreensão dos movimentos populacionais no Cerrado e no sudeste do Tocantins.

Primeira contribuição: a demonstração empírica de que a migração

arraiana é impulsionada por múltiplos fatores, econômicos, sanitários, educacionais e afetivos, mas que todos eles se enraízam na história territorial do município. O arraiano não migra por acaso, nem por um gene da migração. Migra porque o território onde nasceu foi historicamente constituído à margem dos centros de dinamismo econômico, com pobreza estrutural, ausência de serviços especializados, isolamento geográfico, e porque, quando o asfalto chegou (GO-118 em 1986), a comparação com os centros urbanos se tornou inevitável.

Segunda contribuição: a identificação da centralidade das redes socioafetivas como fator de atração, adaptação e permanência. Os dados mostraram que 90,7% dos migrantes receberam apoio ao chegar ao destino (família ou amigos/conterrâneos); 60% reconheceram que a comunidade de arraianos no destino facilitou sua adaptação; e a qualidade das relações sociais foi o fator de maior impacto na percepção de qualidade de vida do migrante. A migração arraiana não é um fenômeno individual; é um fenômeno de rede. E as redes não são apenas estruturas de transporte (as estradas), mas estruturas de afeto (os laços que se mantêm e se reconstroem).

Terceira contribuição: a revelação da contradição constitutiva da experiência migratória, ganhos materiais e perdas emocionais. Os dados quantitativos mostraram que 96,5% dos migrantes avaliam sua situação profissional/econômica como melhor ou muito melhor; 96,5% dos respondentes consideram sua situação profissional e econômica atual melhor ou muito melhor do que as oportunidades em Arraias. Mas as respostas abertas revelaram que 65% apontam a saudade e a distância familiar como o principal ponto negativo. O migrante arraiano ganha, mas também perde. A tese não romantiza a migração nem a transforma em tragédia pura. Ela a apresenta em sua complexidade contraditória.

Quarta contribuição: a descoberta de que o retorno permanece como horizonte para a maioria dos migrantes. Embora 43,6% tenham afirmado que não pretendem voltar a morar em Arraias, 56,4% ainda manifestam alguma forma de desejo ou possibilidade de retorno, seja com planos concretos, 31,4%, ou sem planos, 25%. O retorno, mesmo como horizonte, tensiona a imagem da migração como movimento linear e definitivo. Arraias não é abandonada. Ela é

carregada, revisitada, sonhada.

Quinta contribuição: o tensionamento da teoria miltoniana pela dimensão subjetiva e afetiva da migração. A tese tomou Milton Santos como base, especialmente suas análises sobre desigualdades regionais, fluidez seletiva do capital técnico-científico e papel das técnicas (como a GO-118) na reconfiguração do território. Os achados confirmam a validade dessas análises para compreender a migração arraiana. Mas acrescentam, ou explicitam, o que a abordagem estrutural, por sua escala e foco, tende a obscurecer: o peso do capital social e afetivo, a centralidade da saudade como condição permanente, a importância do retorno como horizonte, a capacidade do migrante de carregar o lugar consigo. A tese não se opõe a Milton Santos; ela o toma como chão e avança.

Sexta contribuição: o uso da travessia de bicicleta como método de imersão na condição migrante. O capítulo 4 não é um apêndice literário da tese. É, ele mesmo, um procedimento metodológico. Colocar o corpo em movimento, sentir na pele a distância, o cansaço, o vento contra, a febre, o joelho que dói, tudo isso produziu um tipo de conhecimento que os números e as entrevistas, por si sós, não alcançariam. A travessia de bicicleta permitiu ao pesquisador se tornar, por alguns dias, andejo. E foi dessa posição, de dentro da experiência, não de fora dela, que as perguntas finais da tese ganharam densidade.

Perguntas que ficam e horizontes para pesquisas futuras

Toda pesquisa, quando termina, descobre que poderia ter começado. As perguntas que emergiram ao longo da tese e que não puderam ser respondidas, ou que foram respondidas apenas parcialmente, constituem o horizonte para futuras investigações.

Primeira pergunta: o que acontece com os que ficam? Esta tese concentrou-se no migrante, em quem parte, em suas motivações, trajetórias, dificuldades e conquistas. Mas Arraias não é feita apenas de migrantes; é feita também daqueles que não migram, ou que ainda não migraram, ou que migraram e voltaram. Como a migração afeta a subjetividade, a economia

doméstica, as relações familiares e as dinâmicas comunitárias de quem permanece? Esse é um campo pouco explorado e que merece investigação específica.

Segunda pergunta: como se dá o retorno definitivo dos migrantes? Identificamos que 31,4% dos respondentes têm planos concretos de voltar a morar em Arraias. Mas quem são esses migrantes do retorno? Em que condições retornam (aposentados, com recursos acumulados, para cuidar de familiares idosos)? Como a cidade os recebe? Que transformações eles trazem consigo, em termos de saberes, práticas, investimentos, reivindicações? O retorno migratório é um fenômeno ainda pouco estudado na geografia brasileira, e Arraias oferece um laboratório privilegiado para sua investigação.

Terceira pergunta: por que Palmas atrai menos migrantes arraianos do que Brasília e Goiânia? Embora Palmas seja a capital do Tocantins e esteja mais próxima de Arraias, os dados do questionário mostraram que a migração para a nova capital é menos frequente do que para Brasília e Goiânia. As razões para esse fenômeno podem ser investigadas: seria a juventude de Palmas (fundada em 1990), que ainda não consolidou as redes de atração que Brasília e Goiânia construíram ao longo de décadas? Seria a distância percebida? Seria a falta de vínculos familiares e comunitários? A comparação entre os três destinos pode render estudos aprofundados.

Quarta pergunta: como a migração afeta as dinâmicas de gênero e geração em Arraias? Os dados mostraram equilíbrio entre homens e mulheres migrantes (52,1% mulheres; 47,9% homens). Mas isso não significa que as experiências migratórias sejam idênticas. As mulheres enfrentam desafios específicos: dupla jornada, discriminação de gênero no mercado de trabalho, maior responsabilidade pelo cuidado de filhos e parentes idosos. Os jovens migrantes (18 a 29 anos), que representaram 15,7% da amostra, também podem ter trajetórias distintas dos migrantes mais velhos. Uma análise interseccional, gênero, raça, classe, geração, pode aprofundar a compreensão da migração arraiana.

Quinta pergunta: como ficam os territórios e populações quilombolas de Arraias neste processo migratório? Os dados do censo IBGE 2022 indicam que

aproximadamente 15,3% da população de Arraias se autodeclara quilombola. A tese de Mestre Fumaça, de que toda Arraias deveria ser declarada território quilombola, ecoa a história de resistência dos negros na região. No entanto, esta pesquisa não teve como foco específico as populações quilombolas, seus padrões migratórios, suas especificidades territoriais e culturais. Estudos futuros devem se debruçar sobre a migração quilombola em Arraias e nos municípios vizinhos (Paranã, Cavalcante, Monte Alegre, Teresina), investigando: os quilombolas migram em padrões distintos dos não quilombolas? Quais territórios são preservados e quais são abandonados? Como a migração afeta a reprodução social e cultural das comunidades quilombolas? Há retorno? Essas perguntas são urgentes e ainda aguardam pesquisa aprofundada.

Sexta pergunta: como a migração arraiana se compara à migração de outros municípios do sudeste do Tocantins? Arraias não é um caso isolado. Uma pesquisa comparativa entre municípios do sudeste do Tocantins pode identificar especificidades e regularidades, contribuindo para políticas públicas de desenvolvimento regional que não tratem a migração como um "problema" a ser resolvido, mas como um fenômeno a ser compreendido e, quando possível, acolhido.

Fechamento: a tese como passagem

Ao final desta travessia, que começou na infância, nas janelas de Arraias, e chegou ao doutorado em Geografia, o pesquisador não pode oferecer soluções mágicas para o fenômeno da migração. Não pode prometer que Arraias vai reter seus jovens, nem que a saudade deixará de doer, nem que o retorno será possível para todos.

O que pode oferecer é uma compreensão mais densa, mais humana, mais contraditória. O arraiano migra, não porque queira, mas porque o território onde nasce não lhe oferece condições de permanência digna. E porque, nas últimas décadas, a estrada asfaltada lhe mostrou que lá fora há trabalho, saúde, educação, oportunidades que aqui não há.

Mas o arraiano, ao migrar, não perde Arraias. Carrega Arraias consigo.

Revisita Arraias nos retornos periódicos. Mantém Arraias viva nos grupos de WhatsApp, nos encontros da comunidade, no time de futebol, nas conversas em que um pergunta ao outro: "você é de qual família?".

A tese, ao final, é uma passagem. O pesquisador que partiu menino, atravessou o Brasil, estudou, trabalhou, construiu uma vida, volta. Volta de bicicleta, escrevendo a tese com o corpo. Volta para reencontrar Arraias. Volta para reencontrar o menino que um dia partiu. Volta para saber se, afinal, a viagem valeu a pena.

As cartas de vida, os 140 questionários, os 639 quilômetros percorridos, as lágrimas no acostamento, os abraços dos amigos no fim da estrada, tudo isso diz: valeu.

O arraiano migra. Mas o arraiano também volta. Nem que seja para escrever. Nem que seja para abraçar. Nem que seja para sentir que o chão, mesmo depois de tudo, ainda está lá. E que, como escreveu P2, *"a melhor parte de ser migrante é ter uma casa para voltar"*. Arraias, 1989 – 2025. Migrantes. Andejos. Gente do Cerrado seco e duro. Sementes do futuro. A manhã dos anos dois mil continua amanhecendo. E os arraianos, onde quer que estejam, continuam sendo arraianos.

Como ficou evidenciado ao longo desta tese, o trabalho de pesquisa não encerra as respostas às perguntas iniciais. Ao contrário, novas perguntas surgem a partir das quais outras investigações poderão ser efetivadas. Há que se considerar que o tema em questão, a migração do sujeito arraiano, se conecta, como foi demonstrado por nosso arcabouço teórico e metodológico, a outros temas igualmente urgentes: a mudança estrutural do trabalho, a intercedência da vida urbana acelerada e concentrada, os dispositivos sociais simbólicos e afetivos que atravessam a experiência migrante. A migração arraiana, portanto, não é um fenômeno isolado; ela é expressão local de transformações globais.

Por isso, autores como Milton Santos (2000), Rogério Haesbaert (2004) e Ruy Moreira (2012) e, certamente, outros tantos, dirão que o fenômeno migratório, incluso, intercedido e implicado pela sociedade mundializada, tende a aumentar e a se complexificar. Trata-se de um modo pelo qual o território se

situa diante do modelo de acumulação financeirizada e da lógica da desterritorialização global do trabalho. O migrante arraiano, ao deixar sua cidade natal e inserir-se nos polos urbanos de Goiânia, Brasília e Palmas, não está apenas buscando melhores condições de vida; ele está respondendo, com seu corpo e sua história, a reestruturações produtivas que ultrapassam em muito sua vontade individual. A financeirização da economia, a precarização do trabalho e a concentração de riquezas em poucos centros produzem territórios de exclusão, como Arraias, e territórios de atração, como as capitais do Centro-Oeste. Nesse jogo geopolítico, o migrante é ao mesmo tempo peça e jogador, sujeito e objeto, vítima e agente.

Além disso, autores como Byung-Chul Han (2015) e Eugênio Bucci (2021), apenas para citar esses dois, sustentam que se vive, agora, uma metamorfose tão drástica quanto a causada pela revolução industrial ou pela invenção da imprensa. A mudança de uma vida analógica para uma vida digital, ou o que Alistair Fraser (2021) chama de colonialismo de dados e dataísmo, impõe novos contornos ao fenômeno migratório. O processo migratório, investido pelos autores com quem dialogamos, tende a ser refeito, a ser reconstituído a cada nova fase histórica. Mas, como fenômeno antigo e reconstituído, ele também mantém traços, como foi visto na pesquisa realizada e como foi apresentado pelos autores de nossa interlocução. Um desses traços é o efeito causado na cidade de onde o migrante saiu e outro na cidade onde o migrante chega. Mas, além disso, há um efeito no corpo e na alma do sujeito migrante. Nem sempre, como a pesquisa demonstrou, esse efeito é negativo. O fato é que o processo migratório não deixa o sujeito incólume, sem sofrer alteração. Eu mesmo, como narrei na versão autoetnográfica deste trabalho, sofri e sofro esses efeitos, mas por disposição a caminhar na vida e na pesquisa.

REFERÊNCIAS

Adey P. 2010. **Mobility**. Routledge: London.

ALMEIDA, Maria Geralda de. **Territórios de quilombolas: pelos vãos e serras dos Kalunga de Goiás – patrimônio e biodiversidade de sujeitos do Cerrado**. Ateliê Geográfico, Goiânia, v. 4, n. 1, p. 36-63, 2010.

ÂNTICO, Claudia. **Por que migrar?** In: PATARRA, Neide et al. Migrações, condições de vida e dinâmica urbana. Campinas: Instituto de Economia Unicamp/Fapesp, 1997.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas: Papirus, 1995.

BARBOSA, Y. M. **Conflitos sociais na fronteira amazônica: Projeto Rio Formoso**. São Paulo: Papirus, Goiânia; Elegê, 1996.

BARBOSA, Y. M. **As políticas territoriais e a criação do Estado do Tocantins. 1998**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras, Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

Beine, M; Parsons, C. 2017. **Climatic factors as determinants of international migration: Redux**. CESifo Economic Studies, 2017, p. 386–402. doi:10.1093/cesifo/ifx017

BERTRAN, P. **Formação econômica de Goiás**. Goiânia: Oriente, 1978.

BONNEMAISON, Joel; CAMBRÉZY, Luc. **Le lien territorial: entre frontières e identités. Géographies et cultures**, Paris: L'Harmattan CNRS, 20, 1996.

Boyle P, Halfacree K, Robinson V. 1998. **Exploring Contemporary Migration**. Longman: Harlow.

Blunt A. 2007. **Cultural geographies of migration: mobility, transnationality and diaspora**. Progress in Human Geography 31: 684–694.

BRANDER, P. et al. COMPASS - **Manual de educación en los derechos humanos con jóvenes. ed. revisada y actualizada**. Murcia, Consejo de Europa, Asociación EUROACCIÓN Murcia, Instituto de la Juventud, 2015.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)**. Cidades. Brasília-DF, 2020.

BUCCI, Eugênio. **A superindústria do imaginário: como o capital transformou o olhar em trabalho e o espectador em mercadoria**. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CARDOSO, R. **A Aventura Antropológica – teoria e pesquisa**. 2. ed. Rio de

Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CARLOS, Ana F. A. **A ilusão da transparência do espaço e a fé cega no planejamento urbano: os desafios de uma geografia urbana crítica.** In: Cidades, v. 6, n. 10, 2009.

Cavalcanti, L; Oliveira, T.; Araujo, D., Tonhati, T., **A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro. Relatório Anual 2017.** Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2017. ISSN: 2448-1076

Cavalcanti, L; Oliveira, T.; Macedo, M., **Migrações e Mercado de Trabalho no Brasil. Relatório Anual 2018.** Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2018. ISSN: 2448-1076.

CAVALCANTE, M. E. S. R. **Tocantins: o movimento separatista do Norte de Goiás – 1821- 1998.** São Paulo: A. Garibalde: Ed. UCG, 1999.

CAVALCANTE. **O discurso autonomista do Tocantins: primeiras manifestações.** In: GIRALDIN, O. (Org.). A (trans) formação histórica do Tocantins. Goiânia: Ed. UFG; Palmas: Unitins, 2002.

CASTRO, Iná E. de. **O problema da escala.** In: CASTRO, Iná E. de; GOMES, Paulo C. da C.; CORRÊA, Roberto L. (Orgs.). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CERQUEIRA, Alessandra Tenório. **O guia de turismo em Pirenópolis (GO): a construção de uma identidade.** 2009. Dissertação (Mestrado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

CHAVEIRO, E. F.; VASCONCELLOS, L. C. F. **Uma ponte ao mundo. Cartografias existenciais da pessoa com deficiência e o trabalho.** Goiânia: Kelps, 2018.

CLEMENTE, C. M. **El arte contemporáneo para la comprensión crítica del Centro Comercial: dispositivos educativos para la ESO.** Tesis Doctoral. Universidad Complutense de Madrid Facultad de Bellas Artes. Departamento de Didáctica de la Expresión Plástica. Madrid, 2016.

Cresswell T. 2006. **On the Move: Mobility in the Modern Western World.** Routledge: London.

DAMIANI, Amélia Luísa. **A cidade (des)ordenada e o cotidiano.** In: SILVA, José B. da; COSTA, Maria C. L.; e DANTAS, Eutógio W. C. (Org.). A cidade e o urbano. Fortaleza: EUFC, 1997.

DOLLFUS, Olivier. **O espaço geográfico**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

EVARISTO, C. **Ponciá Vicêncio**. Rio de Janeiro. Pallas; 3ª edição. 2017

ESTEVAM, L. A. **O tempo da transformação: estrutura e dinâmica na formação econômica de Goiás**. 1997. 180f. Tese (Doutorado em Economia) – Instituto de Economia, UNICAMP, Campinas, 1997.

Fagiolo, G; Santoni, G. 2014. **Revisiting the role of social networks as determinants of international migration flows**: a note. JEL Classification: F22; O15. 13p.

Farooq et. al. 2014. **Determinants of international migration in Pakistan**. Mediterranean Journal of Social Sciences. Vol 5 No 20. p. 2028-2032. Doi:10.5901/mjss.2014.v5n20p2028

FEITOSA, C. O. **Do antigo norte de Goiás ao Estado do Tocantins: elementos de uma economia em formação**. 217f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Econômico) – Instituto de Economia, UNICAMP, Campinas, 2011.

FÍGOLI, L. H. G. **Identidad Étnica y Regional: Trayecto constitutivo de una Identidad Social**. Brasília, 1982.

FUNES, E. A. **Goiás 1800-1850: um período de transição da mineração à agropecuária**. Goiânia: Ed. UFG, 1986.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999. GOMES, O. A nova matriz espacial do território goiano. In: GOMES, H. (Org.). Universo do Cerrado. Goiânia: Ed. da UCG, 2008. Vol.2. p.353-376.

Glick Schiller N, Basch L, Szanton Blanc C (eds). 1992. **Towards a Transnational Perspective on Migration**. New York Academy of Sciences: New York.

Glick Schiller N, Basch L, Szanton Blanc C. 1995. **From immigrant to transmigrant: theorizing transnational migration**. Anthropological Quarterly 68: 48–63.

GONÇALVES, Ricardo. **No horizonte, a Exaustão: Disputas Pelo Subsolo e Efeitos Socioespaciais dos Grandes Projetos de Extrativismo Mineral em Goiás**. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, 2016.

GUATARI, Félix. **Espaço e poder: a criação de territórios na cidade**. In: Espaço & Debates, ano V, n. 16, São Paulo, 1985.

King, R. 2012. **Geography and Migration Studies: Retrospect and Prospect. Population, Space and Place** 18 (2): 134–153.

KOGA, Dirce. **Medidas de cidades: entre territórios de vida e territórios vividos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 4. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

HAESBAERT, Rogério. **Concepções de território para entender a desterritorialização**. In: SANTOS, Milton et al. *Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006

HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos**. São Paulo: Contexto, 2002.

HAMMERSLEY, M.; ATKINSON, P. **Ethnography: principles in practice**. 4º. ed. London: Routledge, 2019.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.

MAIA, V. E. **Desenvolvimento Econômico de Goiás**. Goiânia: Kelps, 2005.

MARANDOLA JÚNIOR, Eduardo. **Entre muros e rodovias: os riscos do espaço e do lugar**. In: *Antropolítica*, n. 24. 2008.

MARANDOLA JÚNIOR; GALLO, Priscila M.; D. **Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração**. *Revista Brasileira de Estudos Populares*, v. 27 n. 2 São Paulo July/Dec. 2010.

MARTINS, J. S. **Fronteira: A degradação do Outro Nos Confins do Humano**. São Paulo: Contexto, 2009.

MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (orgs.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: UFPR, 2002.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia de espaço geográfico**. São Paulo: Contexto, 2007.

MOREIRA, Ruy. **Geografia e práxis: a presença do espaço na teoria e na prática geográfica**. São Paulo: Contexto, 2012.

Mihi-Ramírez, A; Kumpikaitė-Valiūnienė, V; Cuenca-García, E. 2017. **An inclusive analysis of determinants of international migration. The case of European rich and poor countries**. *Technological and economic development of economy*. Volume 23(4): 608-626. doi:10.3846/20294913.2017.1306726.

OLIVEIRA, R. **A “invenção” do Tocantins**. In: GIRALDIN, O. (Org.). **A (trans)formação histórica do Tocantins**. Goiânia, Ed. UFG, 2002.

OLIVEIRA, J. M. M. **Estratégias separatistas e ordenamento territorial: a criação de Palmas na consolidação do estado do Tocantins**. 2012. 295f. Tese (Doutorado em Geografia), Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Uberlândia, 2012.

PALACIN, L.; MORAES, M.A.S. **História de Goiás**, 5. ed. Goiânia: Ed. UCG, 1989.

PALACÍN, L. **Coronelismo no extremo norte de Goiás: o padre João e as três revoluções de Boa Vista**. São Paulo: Loyola, 1990.

PARENTE, T.G. **Fundamentos históricos do estado do Tocantins colonial**. Goiânia: ed. UFG, 2003.

PATARRA, Neide L. et al. (Org.). **Migração, condições de vida e dinâmica urbana**. Campinas, SP: Unicamp/Fapesp, 1997.

PATARRA, Neide L.; PACHECO, Carlos A. **Movimentos migratórios anos 80. Novos padrões?** 1997. Disponível em <http://www.abep.nepo.unicamp.br>.

PAULA, F. M. de A. **Jovens migrantes na metrópole de Goiânia: práticas espaciais, (re)territorializações e redes de sociabilidade**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

Prytula, Y; Pohorila, N. 2012. **Thematic articles – challenges of migration: Who migrates, Why and with What effects?** Socio-Economic Determinants of International Migration. Journal of Identity and Migration Studies. Vol. 6. Nº 1. p. 3- 26

Ribeiro, Djamila. **O que é: lugar de fala?** Belo Horizonte (MG). Letramento Justificando, 2017.

RELPH, Edward C. **As bases fenomenológicas da geografia**. In: Revista de Geografia, v.4, n. 7, Rio Claro. 1979.

SANTOS, J. S. **A Cenog no discurso dos seus integrantes**. In: GIRALDIN, O. (Org.). A (trans) formação histórica do Tocantins. Goiânia: Ed. UFG; Palmas: Omitis, 2002.

SANTOS, Mauro Augusto dos. et al. **Migração: uma revisão sobre algumas das principais teorias**. Belo Horizonte: UFMG/ Cedeplar, 2010.

SANTOS, Maria Luiza Silva. **Migração e pobreza no sul da Bahia: A relação com a teoria da privação das capacidades**, 2015.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985

SANTOS, Milton. **Pobreza urbana**. São Paulo: Editora Hucitec. 2. ed. 1977.

SANTOS, Milton. **Território e sociedade**. Entrevista com Milton Santos. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

SANTOS, Milton. **Economia espacial: críticas e alternativas**. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: EDUSP, 2012.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4. ed., 2. Reimpressão - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SARMENTO, Walney M. Nordeste – **a urbanização do subdesenvolvimento**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

SERPA, Ângela. **Lugar e mídia**. São Paulo: Contexto: 2011.

SINGER, Paul. **Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estado**. In: MOURA, H. A. (Org.) Migração interna, textos selecionados. Fortaleza, BNB/ENTENE, 1980.

SILVA, D. S. da.; CHAVEIRO, E. F.; MARTINS, F. S. **Narrativas de jovens urbanos da periferia de Goiânia (GO): desafios contemporâneos da escola pública**. Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais ISSN 2238-3565 v.9, n.1, p.28-44 (2020) Número Especial - Rede de Pesquisa em Geografia, Turismo e Literatura (REDE ENTREMEIO).

SILVEIRA, Maria Laura. **O espaço geográfico: da perspectiva geométrica à perspectiva existencial**. GEOUSP: Espaço e Tempo, n. 19, p. 81-91, 2006.

Silvey, R. 2004. Power, **difference and mobility: feminist advances in migration studies**. Progress in Human Geography 28: 490–506.

SOARES, Fernando Uhlmann. **Mãos que escrevem o território, escrevem a vida: o trabalhador migrante nordestino em Rio Verde, Goiás**. 2020. 236 f. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Goiás, Jataí, 2020.

SOUZA, Marcelo José L de. **O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento**. In: CORRÊA, Roberto L. (Org.). Geografia: conceitos e temas. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

SOUZA, M. L. de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013

Urry J. 2007. **Mobilities**. Polity: Cambridge. Vertovec S, Cohen R. 1999. Introduction. In Migration, Diasporas and Transnationalism, Vertovec S, Cohen R (eds). Edward Elgar: Cheltenham; xiii–xxviii.

VALVERDE, O.; DIAS, C. V. **A rodovia Belém-Brasília: estudo de geografia regional**. Rio de Janeiro: IBGE, 1967.

TOCANTINS (Estado). **Secretaria de Planejamento e Orçamento**. Perfil socioeconômico dos municípios 2017. Diretoria de Pesquisa e Informações Econômicas. Palmas (TO), 2017.

APÊNDICE A – ROTEIRO DA CARTA DE VIDA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS- UFG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - PPGeo

CARTA DE VIDA

Prezado(a) Arraiano(a),

É com imensa satisfação e gratidão que lhe convido a fazer parte da minha jornada de doutorado, cujo tema é: **“Migrantes do Cerrado: Trajetórias Espaciais dos Sujeitos Arraianos – 1989 a 2024”**.

Para contribuir com esta pesquisa, gostaria de pedir a sua colaboração na forma da escrita de uma **Carta de Vida** destinada a um parente ou amigo(a) residente em Arraias. Nesta carta, você pode compartilhar sua trajetória de vida após deixar o município, contando sobre os momentos bons ou difíceis que enfrentou durante essa jornada. Sinta-se à vontade para utilizar o roteiro a seguir como auxílio e para expressar tanto as impressões boas quanto as ruins que marcaram a sua experiência de migração.

Sua carta e as histórias nela contidas serão parte integrante da minha tese. Quero assegurar que seu nome e os nomes das pessoas mencionadas serão mantidos em sigilo, caso assim deseje. O conteúdo da sua Carta de Vida será essencial para discutir as trajetórias espaciais dos sujeitos arraianos e enriquecerá a compreensão deste fenômeno.

ROTEIRO

além das situações enumeradas abaixo, você pode acrescentar outros assuntos ou histórias de vida para contar sobre você, sua família e sua vida após deixar Arraias.

1. Faça uma saudação ao parente ou amigo(a) escolhido contando de qual cidade e estado que você está. Relembre quem lhe trouxe ou convidou e quanto tempo faz que saiu de Arraias.
2. Escreva ao parente ou amigo(a) quais os motivos que lhe fizeram migrar de Arraias.
3. Conte sobre as cidades que morou antes de chegar no atual lugar de sua moradia.
4. Quais os tipos de serviço ou trabalho você já realizou e qual sua atividade hoje?
5. Como você foi recebido nos lugares em que morou e como foi a sua adaptação nestes locais?
6. Cite quais as alegrias e as angústias de morar longe de Arraias?
7. Apresente com quem e qual o setor (bairro) em que reside atualmente.
8. Como você vê a cidade que mora (economia, política, sociedade, cultura e infraestrutura)? Cite aspectos bons ou ruins para sua vida.
9. Explique para o destinatário(a) da sua carta quais os prós e contras de ter saído de Arraias?
10. Por fim, deixe sua mensagem de despedida de forma livre.

Muito obrigado amigo(a) arraiano(a) pela sua colaboração. Em breve serão apresentados os resultados da sua participação.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO Trajetórias Espaciais dos Sujeitos Arraianos



Trajetórias Espaciais dos Sujeitos Arraianos

Prezado(a) Arraiano(a),

É com imensa satisfação e gratidão que lhe convido a fazer parte da minha jornada de doutorado, cujo tema é: **“Migrantes do Cerrado: Trajetórias Espaciais dos Sujeitos Arraianos – 1989 a 2024”**. Com este questionário, busco entender melhor qual a sua trajetória ao migrar do município de Arraias. Sua participação é fundamental para compreender as experiências migratórias dos Arraianos e enriquecerá a compreensão deste fenômeno.

Informamos que o seu nome e qualquer dados aqui que possa lhe identificar serão mantidos em total sigilo.

Agradeço por sua colaboração!

* Indica uma pergunta obrigatória

1.Nome?

2.Sexo *

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino

3.Como você se identifica? *

- ☐ Preto
- ☐ Pardo
- ☐ Indígena
- ☐ Branco
- ☐ Amarelo

4.Em qual ano você saiu de Arraias? *

5.Em qual município você está residindo atualmente? *

6.Há quanto tempo você mora na cidade atual? *

7.Em quantas cidades você já residiu após sua saída de Arraias? *

8.Qual é a sua atividade profissional atual? *

9.Qual é a sua faixa salarial?

- ☐ Até 1 salário mínimo
- ☐ 1 a 3 salários mínimos
- ☐ 3 a 5 salários mínimos
- ☐ 5 a 10 salários mínimos Acima de 10 salários mínimos

10.Quais tipos de serviço ou trabalho você já realizou Após a sua saída de Arraias?*

11.Como você foi recebido nos lugares em que morou? *

- ☐ Muito bem
- ☐ Bem
- ☐ Indiferente
- ☐ Mal
- ☐ Muito mal

12.Como você percebe a sua situação de vida atual? *

- ☐ Muito boa
- ☐ Boa
- ☐ Indiferente
- ☐ Mal
- ☐ Muito mal

13.Você associa a sua condição de vida atual com ter deixado Arraias? *

- ☐ Sim
- ☐ Não

14.Quais são os prós de deixado Arraias?

15.Quais são os contras de deixado Arraias?

16.Você tem vontade de voltar a morar em Arraias? *

- ☐ Sim
- ☐ Não